



**Universidade de Aveiro**  
**Ano 2011**

Departamento de Línguas e Culturas

**MARGARIDA  
FREIRE SIMÕES  
MOLEIRO**

**Contributos para a história da edição  
em Torres Novas**  
**(de meados do século XIX até ao ano 2010)**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e do Professor Doutor Rui Grácio, Assistente Convidado do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro



## **o júri**

presidente                      Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais                          Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, Professor Catedrático da Universidade Fernando Pessoa (arguente)

Professora Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da da Universidade de Aveiro (orientadora

Professor Doutor Rui Alexandre Lalandia Martins Grácio, Assistente Convidado do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (coorientador)

## **agradecimentos**

Apesar do processo solitário a que qualquer investigador está sujeito, este trabalho reúne contributos de várias pessoas, sem as quais esta investigação não teria sido possível. Agradeço, em primeiro lugar, ao João Carlos Lopes que me “emprestou” o seu saber e me envolveu, de coração aberto, nos assuntos da história e da vida locais. Uma palavra de agradecimento devo-a, também, à Ana Marques, companheira nos dramas e alegrias das horas passadas entre revisões, provas e autores. A ambos agradeço as longas conversas sobre estes assuntos, as dicas e as correcções. Agradeço ao Jorge Palinhos pela paciência e o tempo que dedicou à revisão ortográfica e sintáctica deste trabalho e pelos e-mails de incentivo. Ao Professor Doutor Rui Grácio e à Professora Doutora Maria Manuel Baptista, orientadores deste trabalho, agradeço o estímulo intelectual. Agradeço aos meus pais o incentivo e o apoio. Ao Saulo por estar ao meu lado nos momentos de desânimo e nos de euforia.

**palavras-chave**

Edição local, edição institucional, edição de autor, imprensa local, Torres Novas

**resumo**

A partir de um corpus documental de cerca de 150 títulos composto por todas as obras (livro) publicadas em Torres Novas, do início do século XX até ao final do ano 2010, e de um esboço da história da imprensa local torrejana (desde 1853) desenham-se as primeiras linhas para uma história da edição em Torres Novas, com o objectivo de compreender a actividade editorial neste concelho, desde meados do século XIX até à primeira década do século XXI: os temas, os autores, as práticas editoriais, etc. Definem-se conceitos pouco explorados como o de «edição local» e clarificam-se as suas tipologias editoriais: a imprensa local, as edições institucionais, a edição de autor e as pequenas editoras. A par da pesquisa, desenvolve-se uma reflexão sobre a importância das edições locais enquanto espaço de desenvolvimento das identidades numa determinada comunidade que se sente pertença de um mesmo grupo que habita, física e simbolicamente (também através das suas memórias e do seu imaginário), um determinado território.

**keywords**

Local Edition, Institutionalized Edition, Author's Edition, Local Press, Torres Novas

**abstract**

Based on a documental Corpus containing about 150 titles composed by all the books published in Torres Novas from the beginning of the 20th century until the end of the year 2010, and also on a sketch of the history of the local press (since 1853), the first lines of the history of the press in Torres Novas are drawn with the aim of understanding the editorial activity in the town council, from the mid 19th century until the first decade of the 21st century: the topics, the authors, editorial practices... Concepts which have not been well/fully analysed get defined, such as "local edition" and their editorial typologies are clarified like the local press, the institutionalized editions, the author's edition and small publishing house. During the research, some questions arose about global/local dialogue, advantages and disadvantages of the digital technologies of edition and the use of Internet for the local edition activity. A reflection has also made about the importance of local editions for the development of identities of a community, which feel part of a group that lives, physically and symbolically, (also through their memories and their imaginary) in a defined territory.



## ÍNDICE

Introdução .....	11
1. A actividade editorial em Portugal: percurso histórico e o caso de Torres Novas .....	15
1.1. Um olhar sobre a edição nos dias de hoje.....	16
1.2. A edição de livro em Portugal (dos finais do século XIX ao dealbar do século XXI).....	16
1.3. A edição de jornais em Portugal (finais do século XIX-início do século XXI).....	20
1.4. A edição pública em Portugal .....	21
1.5. A edição pública em Espanha e em França.....	25
1.6. Da edição de livros, revistas e jornais em Torres Novas .....	25
2. Edição local.....	27
2.1 Uma definição .....	28
2.2 Tipologias da edição local.....	29
2.2.1 A imprensa local .....	29
2.2.2 A edição institucional .....	31
2.2.3 A edição de autor e as pequenas editoras locais .....	31
3. Editar em Torres Novas (de meados do século XIX ao dealbar do século XXI).....	33
3.1 A edição de jornais: a imprensa regional/local em Torres Novas .....	34
3.2 <i>Nova Augusta</i> , revista de cultura do município de Torres Novas.....	36
a) O primeiro número da revista <i>Nova Augusta</i>	
b) Directores: linhas de continuidade e de ruptura	
c) Periodicidade	
d) Dos colaboradores	
e) Dos temas	
f) Distribuição e divulgação	
3.3 A edição institucional de livro .....	48
3.3.1 A edição municipal de livro.....	48
a) Os livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas	
b) O Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial do município de Torres Novas	
c) Temas e locais	
d) Autores	
e) Divulgação e distribuição	
3.3.2 Outros editores institucionais: escolas, associações e outras instituições .....	63
3.4 Edição de autor e pequenas editoras locais.....	64
a) Temas	
b) Autores	
c) Distribuição	
4. Discussão de resultados e considerações gerais.....	69
5. Conclusões .....	73

Referências bibliográficas .....	79
Apêndices.....	91
Apêndice I – Revistas de cultura municipais: a <i>Nova Augusta</i> .....	93
Tabela 1 – Revista municipal de cultura <i>Nova Augusta</i> (1962-2010)	
Tabela 2 – Artigos e temas da revista <i>Nova Augusta</i> (1962-2010)	
Tabela 3 – Número de participações dos colaboradores da revista <i>Nova Augusta</i> (1962-2010)	
Biografias breves dos directores da revista <i>Nova Augusta</i>	
Apêndice II – Edição institucional .....	159
Tabela 1 – Livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas (1933-2010)	
Tabela 2 – Livros publicados por editores institucionais (1984-2010)	
Apêndice III – Edição de autor e pequenas editoras .....	203
Tabela 1 – Listagem dos livros editados, no concelho de Torres Novas – pequenas editoras e edição de autor	
Apêndice IV – Autores locais .....	211
Tabela 1 – Autores-editores/Autores municipais/colaboradores de jornais	
Tabela 2 – Notas biográficas dos autores torrejanos e daqueles que mais contribuíram para a edição de livros em Torres Novas	
Anexo (álbum de imagens) .....	223
Capas dos jornais publicados no concelho de Torres Novas desde 1853	
Capas das revistas <i>Nova Augusta</i> (do número 1 ao número 22 + número comemorativo da implantação da República)	
Capas dos livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas (de 1933 a 2010)	

## Índice de gráficos

<b>Gráfico 1</b> Colaboradores – caracterização socioprofissional .....	45
<b>Gráfico 2</b> Predominância de temas na <i>Nova Augusta</i> do primeiro número (1962) ao último (2010, incluindo o número especial sobre a República) - [tema/n.º de artigos] .....	47
<b>Gráfico 3</b> Incidência de publicações por ano/décadas .....	49
<b>Gráfico 4</b> Predominância de temas na edição municipal de livro (1933-2010) [temas/n.º de livros publicados] .....	59
<b>Gráfico 5</b> Freguesias e zonas do concelho mais trabalhadas pelas edições municipais [freguesias/n.º de livros publicados] .....	60
<b>Gráfico 6</b> Autores com maior número de livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas (desde 1933 até 2010) .....	61
<b>Gráfico 7</b> Editores institucionais existentes em Torres Novas .....	63
<b>Gráfico 8</b> Predominância de temas publicados pelas pequenas editoras locais e pelos autores-editores .....	65





## INTRODUÇÃO

«É sempre necessário ter consciência donde se partiu para fazer o indispensável reconhecimento do ponto em que se está e lançar correctamente o olhar para a frente.»<sup>1</sup>

Nos últimos dois anos temo-nos dedicado a aprofundar conhecimentos do mundo editorial e, concretamente, a estudar os comportamentos específicos da edição ao nível local. O gosto pelo enfoque local enquanto campo de estudos decorre do facto de, há cerca de 6 anos, nos encontrarmos profissionalmente num espaço muito especial dedicado ao estudo e à edição de livros e periódicos, inteiramente vocacionado para os temas da história local, em Torres Novas. Esta ligação pessoal, afectiva e profissional a Torres Novas conduziu-nos rapidamente a encontrar o tema sobre o qual se focaria a nossa pesquisa, no sentido, em última instância, de defender a validade e a importância da existência de pólos editores a nível local, seja de cariz público ou privado.

A relevância desta pesquisa justifica-se também pela reduzida quantidade de estudos sobre a edição local. A bibliografia específica sobre este assunto é insignificante, quase inexistente, o que dificulta o acesso à informação do que acontece nesta área. O estudo das edições locais em Torres Novas poderá vir a colmatar a carência de estudos e pesquisas acerca da edição institucional, especificamente ao nível local.

A edição em Torres Novas, à data, apresenta já um volume considerável de publicações (entre imprensa e livros) e verifica-se, da parte da edilidade torrejana, uma política editorial consistente e regular, o que nos pareceu um caso de estudo de interesse pela sua originalidade e permanência. Até hoje, só a edição de jornais estava estudada e inventariada. Ao nível da edição de livros ainda nada havia sido escrito. Empreendemos, então, esta pesquisa com o objectivo de compreender a actividade editorial (de livro) em Torres Novas, ao longo do século XX e durante a primeira década do século XXI, construindo aquelas que serão as primeiras linhas para uma história da edição em Torres Novas, traçadas a partir de um *corpus* documental (de 150 títulos) composto por todas as obras publicadas em Torres Novas do início do século XX até ao final do ano 2010. Incluímos um breve esboço da imprensa local, por considerarmos que neste sector se situa a génese da edição ao nível local (território, temas, autores, práticas editoriais, etc.).

Iniciámos o trabalho pela leitura de bibliografia relacionada com a edição e a actividade editorial em Portugal, pela pesquisa e análise de dados estatísticos do sector do livro em Portugal, Espanha e França e pela comparação dos números referentes à edição pública.

Posteriormente, sentimos necessidade de ver esclarecidos alguns conceitos relacionados com a edição, como o próprio conceito de edição, editor, edição de autor, edição institucional, etc. Para definição de conceitos relacionados com o livro recorremos ao *Dicionário do Livro*<sup>2</sup> como obra de referência. Para o estudo da edição local de livro, recolhemos, a partir do catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, todas as publicações editadas em Torres Novas. Procedemos, posteriormente, à sua enumeração e sistematização (edição institucional, de autor e pequenas editoras) em tabelas simples, em formato *Word*. Para a análise e contextualização dos temas e das obras editadas em Torres Novas foi necessário recorrer às fontes locais no arquivo histórico municipal (por exemplo as actas da Câmara Municipal de Torres Novas e os periódicos locais), na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto

<sup>1</sup> Manuel Pereira de Medeiros, livreiro de Setúbal, é pai de Nuno Medeiros, reputado investigador do ICS, que se tem especializado nas áreas da sociologia, da história da edição, da livraria, da leitura e do livro. Esta citação recolhemo-la, muito respeitosamente, do posfácio que escreveu para encerrar o último livro de Nuno Medeiros (*Edição e editores. O mundo do livro em Portugal. 1940-1970*. Lisboa: ICS, 2010).

<sup>2</sup> Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão – *Dicionário do livro – da escrita ao livro electrónico*. Lisboa: Edições Almedina, 2008.

Lopes (os exemplares publicados), e no Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial (documentação dos arquivos intermédio e corrente). Fizemos ainda algumas entrevistas, meramente exploratórias, para a construção do capítulo dedicado à revista *Nova Augusta*. A leitura de bibliografia específica sobre Torres Novas foi também essencial para construirmos estas primeiras linhas da história da edição em Torres Novas, numa reflexão acerca dos temas e da forma como estes são tratados, tendo em conta o editor e os momentos históricos em que se enquadram. A par da pesquisa fomos levantando algumas questões dentro do debate global-local e das vantagens e desvantagens das tecnologias digitais de edição e da internet para a actividade editorial local, e fomos delineando uma tese acerca da relevância das edições locais como espaço de desenvolvimento das identidades dentro de determinado território. Para esta nossa reflexão, recorremos a bibliografia específica dos estudos culturais, da sociologia, da antropologia e da história.

Ao nível da estrutura formal do trabalho, seguimos a arrumação clássica dos elementos, em capítulos e subcapítulos (numerados), que principiam com uma revisão (bibliográfica) do mundo da edição hoje, a história da edição em Portugal (imprensa e livros) e a edição especificamente em Torres Novas. No capítulo 3 dedicamo-nos a definir o conceito de edição local e a perceber quais as tipologias editoriais existentes neste espaço: imprensa local, edições institucionais, edição de autor e pequenas editoras. No capítulo 4 debruçamo-nos sobre a actividade editorial em Torres Novas, detalhada em três subcapítulos: o primeiro intitula-se «O peso da imprensa local» e contém um resumo da história da edição de jornais em Torres Novas e da sua importância para o arranque editorial no concelho; o segundo refere-se exclusivamente à revista de cultura do município de Torres Novas, a *Nova Augusta*, abordando a sua história (dando especial atenção ao primeiro número), os temas mais publicados, os colaboradores, a periodicidade e a distribuição; o terceiro subcapítulo, intitulado «Edição institucional de livro», debruça-se, num primeiro ponto, sobre a edição municipal e, depois, sobre o trabalho de outros editores de cariz institucional (escolas, associações, etc.); por fim, no quarto subcapítulo abre-se espaço para as pequenas editoras locais e para a edição de autor (temas, autores e suas motivações). No quinto capítulo apresenta-se uma súmula dos resultados apurados e das considerações gerais sobre o sector editorial em Torres Novas, dos inícios do século XX até aos nossos dias.

O capítulo sexto encerra este nosso trabalho, questionando a importância das edições locais, a sua permanência perante o mundo da comunicação e da economia global e o seu papel enquanto espaço de construção de identidade.

Por fim, apresenta-se, como apêndice, os seguintes documentos por nós elaborados: uma listagem das edições da revista municipal de cultura *Nova Augusta*; biografias breves dos directores da revista *Nova Augusta*; uma lista dos livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas; um rol de livros editados, no concelho de Torres Novas, por pequenas editoras locais e em regime de edição de autor; uma tabela da relação entre autores-editores e autores das edições municipais e colaboradores de jornais; notas biográficas dos autores que mais contribuíram para a edição de livros no concelho de Torres Novas. Em anexo, junta-se um álbum de imagens das capas dos jornais publicados no concelho de Torres Novas (desde 1853), das capas da revista *Nova Augusta* (do número 1 ao número 22 + número comemorativo dos 100 anos da implantação da República Portuguesa) e das capas dos livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas (de 1933 a 2010).



**1.**

**A ACTIVIDADE EDITORIAL EM PORTUGAL:  
PERCURSO HISTÓRICO E O CASO DE TORRES NOVAS**

## 1.1 Um olhar sobre a edição nos dias de hoje

Escrevemos muito mais do que lemos ou do que poderemos vir a ler, «vendem-se milhares de exemplares de quase todos os livros»<sup>3</sup> e os países “ricos” dão-se ao luxo de editar uma variedade infinita de títulos com baixas tiragens. É a «era da abundância», diz Gabriel Zaid<sup>4</sup>, descrevendo e dissecando amplamente as evidências desta época em que se verificam mutações nas formas de ler, de escrever, de comunicar e, conseqüentemente ou não, de editar. Além das evidências dos grandes números das tiragens, observemos, também, o crescimento das novas plataformas de comunicação e multimédia, digitais e cibernéticas, que emergem e se impõem no mundo actual. Neste novo desenho do universo da comunicação, também o mundo da edição se começa a transformar e a exigir dos profissionais do sector respostas adequadas à velocidade da comunicação, às vivências e aos gostos da contemporaneidade. Impõe-se, então, uma reflexão sobre o papel do editor nos dias de hoje e no futuro, que se adivinha altamente competitivo, comercial e tecnológico, paradoxalmente oposto ao lirismo dos profissionais da área da edição que prevalecia há 100, 50, 30 ou até há pouco mais de 20 anos.

Segundo a Federação dos Editores Europeus, que representa 26 associações nacionais de editores da União Europeia e dos Estados-Membros do Espaço Económico Europeu, em 2009 os maiores mercados editoriais em termos de facturação foram a Alemanha, seguida pelo Reino Unido, a França, a Espanha e a Itália. Foram publicados cerca de 515 mil novos títulos. Houve um aumento estimado em 1% em relação aos últimos números conhecidos. Os países que apresentaram a maior produção de novos títulos foram o Reino Unido (133 224), a Alemanha (81 793), a Espanha (41 917), a França (38 445) e a Itália (37 845). Os editores europeus têm em *stock* cerca de 6,5 milhões de títulos disponíveis, dos quais o Reino Unido conta com 2,4 milhões, a Alemanha cerca de 1,2 milhões, a Itália quase 700 000, a França 600 000 e Espanha mais de 400 000).<sup>5</sup> A indústria editorial europeia é mais importante que a dos Estados Unidos e, na sua esmagadora maioria, os principais grupos editoriais no mundo são europeus. A edição é a principal indústria cultural europeia, com um volume de negócios na ordem dos 40 milhões de euros.<sup>6</sup>

## 1.2 A edição de livro em Portugal (dos finais do século XIX ao dealbar do século XXI)

Na segunda metade do século XIX português, a literatura e a imprensa foram utilizadas como elementos de organização da sociedade. Nesta época, jornalistas e escritores, formadores da opinião pública, eram «profetas incumbidos de guiar o povo para um novo mundo»<sup>7</sup>. No final do século XIX, as letras eram requisito para ter sucesso na política: a oratória no parlamento e a aptidão para a escrita eram de grande utilidade para os jornais partidários. Quase todos os políticos publicavam os seus discursos e artigos em jornais e pertencer à Academia Real das Ciências ou à Sociedade de Geografia era sinónimo de grande prestígio.

A escrita era, de facto, considerada e prestigiada, mas os escritores não se sentiam reconhecidos. Eça de Queirós, por exemplo, receberia cerca de 200 mil réis pela edição de um livro na Lello Editores,

<sup>3</sup> Gabriel Zaid – *Livros de mais. Ler e publicar na era da abundância*. Lisboa: Temas e debates, 2008, p. 51

<sup>4</sup> Gabriel Zaid, *idem*

<sup>5</sup> Dados recolhidos através do site da APEL, em 20 de Fevereiro de 2011

<sup>6</sup> Em «Durão Barroso recebe os editores portugueses» publicado em <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=660&langid=1> [acedido a 20 de Fevereiro de 2011]

<sup>7</sup> Rui Ramos, «A nação intelectual», in José Mattoso (coord.), *História de Portugal*, vol. 6, p. 43 [D.L. 1994]

embora as vendas das suas obras chegassem aos dois mil exemplares. Mas este era um comércio que em muito dependia do sucesso do autor e o tamanho do mercado português condicionava o volume de vendas<sup>8</sup>. Assim, aos escritores era exigido terem livros prontos com grande regularidade (como era o caso de Camilo Castelo Branco) ou terem outras fontes de rendimentos (vários empregos ou riquezas de família).

No final do século XIX, a edição era controlada pelos editores, que, muitas vezes, se assumiam como co-editores. Diz o historiador Rui Ramos<sup>9</sup>: «Ser editor era um pouco fazer mercadoria da literatura. Vendendo tudo.» romances e poesia, «literatura para o povo» (contos, autos, farsas) e literatura «útil e recreativa» (receitas de cozinha, magia, cartas amorosas). Além destes géneros, havia ainda os livros religiosos e os de crítica religiosa<sup>10</sup>. Das editoras de maior renome no final do século XIX, destacasse a Parceria António Maria Pereira<sup>11</sup> (em Lisboa) e a Livraria Chardon<sup>12</sup> (no Porto, propriedade dos irmãos Lello desde o fim do século XIX).

Aos editores cabia, além da selecção dos textos, a promoção dos autores através de prospectos enviados pelos correios, e a distribuição dos livros, pela venda em fascículos, a entrega porta a porta e nas livrarias<sup>13</sup>. Outra forma de promoção era os almanaques: livros baratos, que garantiam ao editor muita publicidade da sua casa, graças à popularidade do género e do formato.

A tipografia era levada a sério e os livros (de “literatura séria”) tinham acabamentos de grande qualidade. Ter livros constituía parte da ostentação social.

Já no século XX, entre 1919 e 1930, em Portugal publicaram-se 1000 títulos por ano, tendo-se chegado aos 1500 em 1923.<sup>14</sup>

A edição era geralmente completada pelo comércio em livraria, exportação e importação de livros. Os lucros da edição rondavam os 20-30%, diz Rui Ramos<sup>15</sup> que o mercado português não era popular, sendo as edições mais caras as que se vendiam melhor<sup>16</sup>.

Entre 1940 e 1970<sup>17</sup>, em Portugal o mercado editorial era pequeno e agrilhado à inércia, permanecendo ainda muito artesanal (baixa segmentação, personalização da gestão e fraca especialização), preso a uma panóplia de entidades de pequena e muito pequena dimensão. Os editores adoptavam em relação ao Estado Novo uma certa distanciação e, por vezes, uma postura de oposição, numa «espécie de consciência de missão adstrita ao ofício de editar»<sup>18</sup>. A censura, imposta pelo regime, fazia-se sentir quer ao nível dos autores, quer dos editores, responsáveis pela difusão dos seus textos. O reduzido meio editorial promovia «um funcionamento paroquial» e o «carácter familiar de muitas empresas, comportando esquemas sucessórios de tipo dinástico ou mudando de mãos entre associados e

<sup>8</sup> Émile Zola, em consideração ao curto mercado português, pediu, em 1892, apenas 1000 réis pelos direitos de tradução para português do romance *Débêcle*, enquanto em Espanha havia pedido 4000. *Vd. Rui Ramos, ibidem*, p. 45

<sup>9</sup> «A nação intelectual», in José Mattoso (coord.) – *História de Portugal*, vol. 6, p. 46

<sup>10</sup> Publicados em Portugal pela editora portuguesa de Ernest Renan e David Strauss

<sup>11</sup> Fundada em 1848

<sup>12</sup> Fundada em 1868

<sup>13</sup> Em Lisboa, entre 1900 e 1919, existiam 35 livrarias.

<sup>14</sup> Rui Ramos, «A nação intelectual», in José Mattoso (coord.), *História de Portugal*, vol. 6, p. 47 [D.L. 1994]. Embora o autor nos diga que são 1000 livros/ano (1919-1930), julgamos que quer dizer que serão 1000 títulos, pois só as edições de Eça representavam tiragens de mil ou dois mil livros.

<sup>15</sup> *Op. cit.*

<sup>16</sup> Uma obra vulgar de Ferreira de Castro vendia cerca de 2000 exemplares por ano, mas a edição de luxo do seu livro *A volta ao mundo*, vendida em fascículos, colocou 25 000 exemplares no ano de 1941. *Vd. Rui Ramos, ibidem*, p. 47 [D.L. 1994].

<sup>17</sup> Para o estudo da edição em Portugal entre 1940 e 1970 é essencial ter em conta a obra de Nuno Medeiros, publicada em 2010 pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Veja-se Nuno Medeiros *Edição e Editores. O mundo do livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa: ICS, 2010.

<sup>18</sup> Nuno Medeiros, *ibidem*, p. 266; diz Samuel Fischer: «Obligar al público a aceptar nuevos valores, que no desea, es la misión más importante y hermosa del editor.» (*Ecritos y dichos sobre el libro*, 2000, p. 114).



colaboradores próximos»<sup>19</sup>. O facto de a população portuguesa apresentar uma elevada taxa de analfabetização e o grupo de alfabetizados cultivados para o gosto da leitura ser muito raro, a par da existência imutável do eixo dos «eleitos para o comércio do livro» (Braga-Porto-Coimbra-Lisboa) potenciavam uma certa desigualdade no contacto com o livro.<sup>20</sup> O sector editorial destas décadas era bastante heterogéneo e ia-se deixando levar pelas mutações económicas e sociais do país e ao nível internacional, «protelando para os decénios seguintes a explosão multiplicativa pós-revolucionária»<sup>21</sup>.

A edição em Portugal no último quartel do século XX, segundo Rui Beja<sup>22</sup>, ex-presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), caracteriza-se pela prevalência de editores independentes, pelo aumento do investimento estrangeiro na área do livro, pelo despontar dos clubes do livro e pela relação de cumplicidade e fidelidade entre autor e editor<sup>23</sup>.

Com o fim do Estado Novo, a democracia portuguesa acabou com a censura nos materiais impressos e revelou uma alteração nas preferências dos leitores, o que levou a uma intensificação no lançamento de colecções e obras de referência. No entanto, sendo o sector das edições (de livros) ainda recente em Portugal, a gestão editorial e livreira do último quartel do século XX é ainda incipiente, mas os editores e livreiros têm-se esforçado por caminhar em passos largos e atingirem metas de sucesso empresarial consideráveis. É nesta data que surgem, em Portugal, os hipermercados, e, com eles, a venda de livros nesses espaços, a preços muito competitivos, e a FNAC. E se, até então, os livreiros trabalhavam de forma independente e sem grandes pressões ao nível económico, no último quartel do século XX dá-se início ao processo de concentração na rede livreira e surgem medidas económicas de protecção da concorrência com a introdução da Lei do Preço Fixo<sup>24</sup>.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 272

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, pp. 273-274

<sup>21</sup> Nuno Medeiros, p. 281

<sup>22</sup> Para a redacção da revisão sobre o estado da edição em Portugal no último quartel do século XX – primeira década do século XXI, baseámo-nos na comunicação do Dr. Rui Beja apresentada no seminário «Encruzilhadas da edição em Portugal», decorrido no âmbito do mestrado em Estudos Editoriais, na Universidade de Aveiro, 5 de Novembro de 2010.

<sup>23</sup> Em Portugal não fazemos qualquer distinção entre aquele que publica livros – que designamos de editor ou casa editora – e aquele que tem a seu cargo a selecção, preparação e edição dos textos – a quem chamamos, igualmente, editor. Em inglês, é mais fácil distinguir os cargos: o primeiro é o *publisher* e o segundo é o *editor*. A terminologia inglesa facilita a arrumação dos cargos, mas, em Portugal, o *publisher* e o *editor*, na prática, confundem-se na maioria dos casos, sendo, quase sempre, a mesma pessoa a exercer ambas as tarefas, à excepção dos grandes grupos empresariais, onde existem estruturas montadas com diversos editores (directores editoriais, assistentes, etc.) de acordo com as tipologias de edição (ficção, não-ficção, técnico, etc.). Há uma panóplia de editores consagrados no *Dicionário do livro*: científico, comercial, crítico, cultural, de arte, de obras gerais, de texto, electrónico, escolar, especializado, financeiro, humanístico, intelectual, literário, mercenário, original, privado, responsável, tradicional. A tipologia de editores é muito vasta. Ao lermos o significado de editor mercenário não podemos deixar de esboçar um sorriso, principalmente quando percebemos que este existe em oposição ao editor cultural! Bizarrras significâncias num mundo em que o editor é, e tem de ser, cada vez mais, um gestor. A dicotomia apresentada é, actualmente, completamente inadequada à realidade editorial. Não sabemos se no meio ainda se utilizam estas expressões, por força da manutenção da tradição, mas, pelo que temos observado, a realidade não se coaduna com este tipo de radicalismos. O editor é também um gestor, procura o lucro da sua empresa mas não deixa de ter interesse pelo livro enquanto bem cultural. O editor não pode ser visto como um mercenário sem escrúpulos mas também já não é, bem sabemos, o lírico editor que publica “textos que ninguém lê”. [«Editor mercenário – aquele que trabalha exclusivamente a troco de lucro, em dinheiro ou outro; usa-se esta expressão por oposição a editor cultural.»/«Editor cultural – aquele que não tem como primeira finalidade do seu trabalho o lucro que ele poderá proporcionar-lhe, mas sim motivações respeitantes a um ou a diferentes domínios científicos, literários ou artísticos; usa-se por oposição a editor mercenário.». *Vd. Maria Isabel Faria e Maria Graça Pericão – Dicionário do Livro. Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina, 2008, p. 438 (Almedina, 2008)].

<sup>24</sup> A Lei do Preço Fixo do Livro foi instituída pelo Decreto-Lei n.º 176/96, de 21 de Setembro, e posteriormente retocada pelo Decreto-Lei n.º 216/2000, de 2 de Setembro. «A sua introdução seguiu as boas práticas então em vigor nalguns países da Europa Ocidental e uma recomendação nesse sentido feita pelo Parlamento Europeu, em 1994. Outros motivos menos prosaicos motivaram a sua introdução, nomeadamente a necessidade de regulamentar o mercado face a agentes de comercialização geral com grande força e que utilizavam o factor preço como vantagem competitiva, em particular os hipermercados (surgidos então), o que levou alguns livreiros a dizerem que lhes ficava mais barato comprar os livros no Continente do que aos distribuidores ou aos editores.» [Vd. Nuno Seabra Lopes, blogue *Extratexto* em <http://extratexto.weblog.com.pt/arquivo/2007/01/index.html>]

Os últimos anos do século XX são caracterizados por uma presença de peso na área da comunicação, sobretudo graças à internet, que entra fortemente na vida económica e social do país e traz consigo as primeiras livrarias virtuais. O final do século XX é marcado pela cisão no movimento associativo editorial e livreiro.

No dealbar do século XXI, a vertente económica do negócio é o seu forte. Hoje, com a presença de grandes grupos no mercado editorial, debatem-se as diferenças entre a gestão do editor tradicional e a gestão “profissional” dos grupos económicos e marcas<sup>25</sup>: diferentes políticas editoriais, caminhos diversos para o sucesso da editora, ambos com confiança e risco nas escolhas de um projecto editorial. Seja uma pequena editora ou um grande grupo, trate-se de um livro ou de um produto digital, «o objectivo das actividades do editor é gerar lucro, criando valor que exceda o custo de fornecer um produto ao consumidor»<sup>26</sup>. A gestão editorial ganha novos contornos, tornando-se mais profissional (o mesmo se passa em todas as áreas da cadeia de produção, incluindo na distribuição), e assume estratégias diferentes: forte concentração no domínio editorial, um crescimento no número de títulos editados em confronto com uma redução de tiragens por livro; concentração das vendas num reduzido número de autores. Gestão e *marketing* não deverão ser descuradas do vocabulário do editor actual, é importante saber comunicar os seus livros, fazê-los chegar aos seus leitores, para os poder vender.<sup>27</sup> Os clubes do livro, com grande expressão no último quartel de Novecentos, perdem agora expressão. Passa-se a olhar de forma mais gulosa para os modelos digitais de edição de livro e para a consulta on-line dos fundos bibliográficos. A primeira década do século XXI é marcada pela reconversão do processo de edição para o modelo electrónico pela digitalização massiva do acervo bibliotecário. A cópia e a disponibilização livre de conteúdos através da internet trouxeram problemas vários no que respeita aos direitos de autor e alterações significativas nos modelos de distribuição.

Segundo um estudo do jornal *The Guardian*<sup>28</sup>, de Setembro de 2009, hoje os clientes estão na *net*. A internet oferece múltiplas oportunidades para a criação de valor, sobretudo na fase do *marketing* e das vendas: comunicação rápida; acesso a um mercado global; conhecimento do cliente final (identificação individual dos consumidores)<sup>29</sup>. De facto, é a emergência das novas tecnologias e da *web*, especificamente, que obriga a repensar a cadeia de valor da edição. Se é fácil desagregar a cadeia editorial no que diz respeito ao seu formato tradicional, quando entramos no campo digital ou *on-line* é difícil decompor os seus elementos-chave<sup>30</sup> devido à especificidade dos produtos e às novas competências requeridas ao editor. No livro digital o conteúdo é o activo (fundamental), o que obrigará a novos modelos de gestão focados, precisamente, no conteúdo. Isto transformará o modelo financeiro da edição, onde não caberão as despesas da impressão, de armazém e de acabamentos.

<sup>25</sup> Em debate sobre este tema estiveram Bárbara Bulhosa – edições Tinta-da-China; Guilherme Valente – edições Gradiva; Paulo Samuel – edições Caixotim – e Paulo Teixeira Pinto – grupo Babel [Colóquio Gestão Editorial, 15 de Abril de 2010 (Universidade de Coimbra/Universidade de Aveiro), painel 1: «Partilha de experiências: casos de gestão editorial de sucesso»].

<sup>26</sup> José Afonso Furtado – *A edição de livros e a gestão estratégica*. Lisboa: Booktailors, 2009, p.115

<sup>27</sup> «Mas o que é um livro excelente quando ninguém sabe onde está ou ninguém o solicita? Fora do lugar e do instante em que se produzirá o feliz encontro com o seu leitor, um livro não vale sequer o preço do papel em que foi impresso: é um dejecto espalhado pelas ruas ou flutuando no mar...» *Vd.* Gabriel Zaid, 2008, p. 156

<sup>28</sup> Mark Sweney – «Internet overtakes television to become biggest advertising sector in the UK», *The Guardian*, 30/09/2009, edição on-line em <http://www.guardian.co.uk/media/2009/sep/30/internet-biggest-uk-advertising-sector> [acedido a 10/05/2010]

<sup>29</sup> Victoria Barnsley – «We’ve got to embrace the fact we’re becoming a direct consumer business. We have a website and we can have a direct dialogue with our readers. We can capture your name and ultimately sell you something. That’s a complete change (*Independent*, 19-11-2007) *Apud* Giles Clark e Phillips Angus *Inside book publishing*. New York: Routledge, 4<sup>th</sup> ed, 2008, p. 71.

<sup>30</sup> Angus Phillips (2008) define os elementos-chave desta cadeia: aquisição da propriedade intelectual, actividade editorial, design, produção, marketing, venda + armazenamento, encomendas e distribuição.

O crescimento fraco do livro tradicional e forte do *e-book*<sup>31</sup> levanta imensas questões no mundo editorial e, talvez por isso, tenha conduzido à reunificação do movimento associativo editorial e livreiro: nestas novas formas de ler e de adquirir livros, questiona-se o papel do editor. Em nosso entender, o papel do editor será sempre o de acrescentar valor – no caso digital, ao conteúdo como acesso, “escalabilidade”, possibilidade de actualização, intertextualidade/hipertextualidade, multimédia e distribuição. A era digital obrigará a uma mudança dos processos e do comportamento da actividade editorial<sup>32</sup>, pois a actualidade do sector transcenderá os limites tradicionais, trazendo ao editor, principalmente, dois pontos críticos: por um lado, compreender que os seus activos podem ser explorados de diversos modos, múltiplos formatos e conteúdos diferentes; por outro, as questões da propriedade intelectual e do direito de autor, que passarão a estar no centro do mundo da edição. Resumindo, passaremos de uma realidade em que o centro da edição era a impressão, para centrar a actividade no conteúdo: um conteúdo digital ágil, fluido e perene, ao contrário do livro impresso que é imutável (desde que sai da editora até às mãos dos leitores não há alterações naquele conteúdo) e duradouro. Os *audiobooks*, a proliferação dos *e-books readers*, o projecto Gutenberg (gutenberg.org), os livros digitalizados disponíveis gratuitamente em *sites* piratas, a biblioteca Google<sup>33</sup>, o advento da internet e do *e-publishing* realmente afectam todas as dimensões do negócio da edição<sup>34</sup>.

Quando se traça o estado da edição em Portugal, raras vezes se conta com as questões provenientes do sector da edição «de autor» e pública (e institucional, não-pública), talvez pela sua reduzida dimensão e expressão no sector editorial. Em nosso entender, o seu esquecimento justifica-se também porque, quer as publicações de autor, quer as públicas, nomeadamente as que são emanadas dos municípios (ou por outros órgãos locais/regionais) – objecto do nosso estudo têm maior expressão junto de populações específicas, fenómeno explicável pela fraca universalização dos temas e dos autores e pela identificação entre conteúdo-editor-autor-comunidade local.

### 1.3 A edição de jornais em Portugal (finais do século XIX-início do século XXI)

Os jornais representavam o grosso do mundo editorial no final do século XIX-inícios do século XX. Em 1900 a imprensa portuguesa contava com 416 títulos de publicações periódicas de todo o género, em 1910 eram 543 e, em 1930, chegavam aos 662. Curiosamente, nos finais do século XIX, Portugal tinha mais títulos por habitante do que a França ou a Espanha.<sup>35</sup>

<sup>31</sup> O *e-book* é um objecto digital que agrega o texto codificado e que tem de ser decodificado através de um *software* de leitura. As vantagens serão mais em alguns segmentos editoriais do que noutros. Certamente que o livro técnico e a não-ficção ficarão a ganhar nesta corrida, pois, além da clara vantagem de «evitar o “insustentável peso” do papel» em Carlos Fiolhais, blogue *De Rerum Natura* [em <http://dererummundi.blogspot.com/>], Abril de 2010 – há ainda a possibilidade de buscas rápidas e infinitas por palavra ou da leitura *multitask Notebooks, netbooks* ou, preferencialmente, *ipads* – ou similares – são plataformas muito interessantes para diversos tipos de leituras que se revelam ideais sobretudo para os leitores médios (que leiam pouco mais de meia dúzia de livros/ano. *Vd.* «Uma década de livros electrónicos em Portugal», *DN Artes* – edição on-line, 23/04/2010.

<sup>32</sup> *Vd.* esquemas sobre as relações autor-ficheiro-copyediting on screen-composição e paginação-arquivo em José Afonso Furtado, op. cit., pp. 240 e 243

<sup>33</sup> Desde Dez. 2004, a *book search tool*

<sup>34</sup> Mercados, canais, preços, formatos, métodos de produção e de exploração e o controlo dos direitos. (Clark, 2008, p. 31); «o novo suporte da escrita não significa o fim do livro ou a morte do leitor. Talvez pelo contrário. Mas impõe a redistribuição de papéis na “economia da escrita”, a concorrência (ou complementaridade) entre diversos suportes do discurso e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos.» Roger Chartier (2002) citado por J. M. Martins (2005, p. 207).

<sup>35</sup> Em Portugal eram 1 para 6500 e a França e a Espanha 1 para 23 000. *Vd.* Rui Ramos, «A nação intelectual», in José Mattoso (coord.) *História de Portugal*, vol. 6, p. 48 [D.L. 1994].

No princípio do século XX predominavam os jornais semanais de índole política. Os jornais eram uma referência quotidiana: «A imprensa era o espaço público em que a sociedade e o Estado existiam, e, estava para a vida política como a bolsa para a vida económica»<sup>36</sup>. A imprensa era cada vez mais poderosa, era a «nova medida das coisas»<sup>37</sup>, e a grande imprensa tornava-se um investimento atractivo. Durante o Estado Novo, a imprensa passou a ser rotulada como neutral ou desafecta ao regime, mediante o crivo da censura. Rui Ramos<sup>38</sup> refere que, na província, 25% dos jornais eram situacionistas, 22% anti-situacionistas, 35% simpatizantes, 17% neutros. Em 1988 existiam 1205 jornais e revistas em Portugal, número que aumentou até ao início do século XX. No entanto, entre 1995 e 2004 a circulação de jornais caiu cerca de 13% na Europa, todavia, o número de leitores em Portugal, para o mesmo período, aumentava. Mesmo assim, a tiragem dos jornais portugueses mais lidos (como o *Jornal de Notícias* e o *Correio da Manhã*, entre outros) acabou também por decrescer significativamente desde 2004 em Portugal. As causas, aparentemente, estão no aparecimento dos jornais gratuitos e na explosão dos jornais on-line, através da internet, a juntar a novos hábitos de vida que não se coaduna com a calma leitura do longo jornal em papel.<sup>39</sup>

#### 1.4 A edição pública em Portugal

Carlos Abreu<sup>40</sup>, em 1995, traçou o panorama geral da edição institucional em Portugal (de 1989-1994). Embora, hoje, o seu estudo possa já não ter actualidade no que respeita aos números, acreditamos que, em relação à definição de conceitos e no seu sentido global, permanece actual. Em 1995, Abreu questionava-se abertamente: «onde está a edição científica e técnica portuguesa»<sup>41</sup>, onde estão os números (estatísticas) da edição institucional? Hoje, os números vão aparecendo, timidamente, aqui e ali, em relatórios específicos da observação das actividades culturais mas continuam muito pouco acessíveis.

Mas do que falamos quando falamos de edição institucional? Em Portugal, segundo Carlos Abreu, o termo «edição institucional» é preterido em função de «publicação oficial». Confrontámos, então, os dois conceitos, de acordo com o que diz o *Dicionário do Livro*<sup>42</sup>:

«Edição institucional – Aquela que tem origem em organismos oficiais: ministérios, autarquias, empresas públicas, etc., escolas e universidades, fundações e instituições sem fins lucrativos. Publicação oficial.»

«Publicação oficial – Qualquer texto publicado sob a forma de volume, brochura ou publicação periódica emanado de um governo, de uma sociedade estatal ou de um organismo internacional, isto é, editado por pessoa colectiva de direito público ou entidade equiparada, por imposição legal. São publicações oficiais aquelas

<sup>36</sup> Rui Ramos, *ibidem*, p. 53

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*, p. 52

<sup>38</sup> *Vd. História de Portugal*, 2010, p. 654

<sup>39</sup> Recolhemos estes dados em «O futuro dos jornais», mesa redonda promovida pela hemeroteca municipal de Lisboa [PDF acessível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/HIPP/FuturoJornais.pdf>]

<sup>40</sup> Carlos Abreu «A edição institucional em Portugal. Uma análise estrutural 1989-1994.» *Páginas. Arquivos e bibliotecas*. [s.l.]: Gabinete de Estudos a&b, 2002.

<sup>41</sup> Idem, *Ibidem*, p. 22.

<sup>42</sup> Maria Isabel Faria e Maria Graça Pericão – *Dicionário do Livro*, 2008, entradas «edição institucional», p. 432, e «publicação oficial», p. 1021.

que são editadas por governos nacionais, estaduais, provinciais, municipais, etc. e por administrações particulares, militares, jurídicas, eclesiásticas, etc. Publicação estatal.»

São de facto conceitos aparentemente sinónimos, embora «publicação oficial» seja menos abrangente, uma vez que se aplica apenas a publicações obrigatórias tecnicamente formatadas do tipo dos editais, regulamentos, etc. Neste trabalho, apesar de sabermos que edição e publicação são vocábulos genericamente sinónimos, optaremos por usar o termo “edição institucional”, entendendo que a palavra “edição” vai mais ao coração da concepção/produção do que a “publicação”, que nos sugere um produto acabado, já impresso.<sup>43</sup>

Assim, globalmente, podemos dizer que as editoras se dividem em dois sectores: público/institucional e privado/comercial. Na edição institucional temos de considerar quatro tipos de editor: organismos oficiais da administração central do Estado; organismos oficiais da administração local; universidades, academias e escolas; instituições sem fins lucrativos (nas quais se deve incluir a edição religiosa). Segundo Carlos Abreu, à data do seu estudo (1995), podiam-se contar 69,74% de editores institucionais, contra apenas 30,25% editores privados. No entanto, o número de títulos publicados era inversamente proporcional: 22,70% para a edição institucional, 77,29% para os editores privados.<sup>44</sup> Desconhecemos as estatísticas actuais, mas acreditamos que não devem ser muito diferentes, tendo em conta que os editores institucionais ainda mantêm uma actividade muito desorganizada, pouco sistemática, esporádica e pouco profissional.

Dentro das publicações editadas por instituições, inscrevem-se, sobretudo, obras de cariz comemorativo (relativas a efemérides nacionais ou locais) e as revistas culturais.

As revistas culturais, segundo o estudo de Vital Moreira (1982<sup>45</sup>), estão vocacionadas para a cultura de um certo município, um distrito ou uma região, e são publicadas, na sua maioria, por entidades públicas: câmaras, bibliotecas, arquivos, ou pelo menos são patrocinadas/apoiadas pelas autarquias locais.

A primeira revista de história regional foi a *Revista de Guimarães*<sup>46</sup>, cuja primeira edição data de 1884<sup>47</sup>. A publicação da *Revista de Guimarães* vem na sequência do cumprimento de uma portaria do Governo, publicada em Novembro de 1847<sup>48</sup>, em que se determinava que cada Câmara deveria tomar a iniciativa de preparar um livro especial de anais do município<sup>49</sup>. Isabel Drumond Braga (2003) refere alguns dos nomes das publicações que se seguiram nas primeiras décadas do século XX: *Arquivo Coimbrão* (1923); *Gil Vicente* (1925); *Anuário do Distrito de Viana do Castelo* (1932); *Boletim de Trabalhos Históricos* (1933, Guimarães); *Arquivo de Viana do Castelo* (1934); *Arquivo do Distrito de Aveiro* (1935); *Anais do Município de Coimbra* (1937); *Olisipo* (1938, Lisboa); *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto* (1938); *Revista Municipal de Lisboa* (1939); *Altitude* (1941, Guarda);

<sup>43</sup> Vd. *Dicionário do Livro*, 2008, pp. 425 (edição) e 1018 (publicação).

<sup>44</sup> Carlos Abreu, op. cit., pp. 36-37.

<sup>45</sup> Vital Moreira – *Revistas culturais regionais. Vértice*. Março/Abril, 1982.

<sup>46</sup> Propriedade da Sociedade Martins Sarmiento, que ainda hoje é publicada.

<sup>47</sup> Isabel Mendes Drumond Braga – *Revistas portuguesas de história regional: estudos*. Cascais: Patrimonia, 2003, p.12.

<sup>48</sup> Portaria de 8 de Novembro de 1847, assinada pelo ministro do reino, António de Azevedo Mello e Carvalho, dirigida aos governadores civis. O texto desta portaria é referido por Isabel Drumond Braga (em «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais.» *Colóquio O poder local em tempo de globalização. Uma História e um futuro*. Coimbra, 2004, pp. 676-677) e já foi publicado por Eduardo da Rocha Dias, *Monographias e outras Obras Referentes a variadas Localidades e Monumentos do Continente de Portugal. Breve Indicação*. Lisboa: [s.n.], 1908 *Apud* Isabel Drumond Braga, op. cit., p.677.

<sup>49</sup> Em Torres Novas, publicou-se em 1939 os *Anais de Torres Novas*, da autoria de Artur Gonçalves [Cf. Tabela «Livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas» – apêndice II, tabela I].



*Beira Alta* (1942, Viseu); *A Cidade de Évora* (1942); *Arquivo de Beja* (1944); *Bracara Augusta* (1949); *Cetobriga* (1964, Setúbal); *Anais do Município de Faro* (1969).<sup>50</sup>

Se os primeiros números das revistas de cultura surgem nos primórdios do impulso da história local e regional, nos inícios do século XX, com o afã dado pela *Revista de História* (1912) da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos<sup>51</sup>, muitas outras inserem-se no espírito do Estado Novo, entre uma espécie de aura de enaltecimento da cultura da terra e a divulgação dos temas da «boa cultura, da sã leitura». Verdade é que muitos são os casos em que esse fervor cedo se desvanece e só nos anos 80 se reavivará com a explosão do interesse pela histórica local e regional, desta vez, realmente, como disciplina científica<sup>52</sup>. Nas primeiras décadas do século XX não são apenas os historiadores que se preocupam em desenvolver esta disciplina, mas também os geógrafos, os juristas e os investigadores e professores universitários destas áreas estudo: em 1913, Manuel Silva apresenta na *Revista História* o seu «Schema d'Historia Local», apelando à reunião de elementos de geologia, etnografia, filologia, arte, etc.; em 1923, a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra prepara um inquérito destinado à recolha do direito consuetudinário e de esforços vários no sentido de se publicar uma bibliografia da história local portuguesa [só 10 anos mais tarde, António Mesquita Figueiredo viria a publicar esta tão desejada obra intitulada *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*<sup>53</sup>, hoje, pela sua importância, foi digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal<sup>54</sup>]; em 1926, Laranjo Coelho apresenta as *Vantagens do Estudo das Monografias Locais*<sup>55</sup> e, em 1935, é Marcelo Caetano, mais uma vez pela faculdade de Direito (mas desta vez de Lisboa), quem elabora o guia *Monografias sobre os Concelhos Portugueses*<sup>56</sup>.

Apesar destes anos de trabalho em torno dos temas regionais, foi apenas durante as décadas de 50 e 60 que a disciplina de história regional surgiu nas universidades<sup>57</sup>.

Mas será após a revolução de Abril de 1974 que mais crescerão os trabalhos dedicados a temas da história regional e local, e apenas nos anos 80 que se criarão, nas universidades, disciplinas e cursos de história local e regional, vocacionados inteiramente para as metodologias e os temas desta área<sup>58</sup>. É de grande importância referir o aparecimento do Instituto Alexandre Herculano de Estudos Regionais e do Municipalismo (em 1990), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um órgão académico dedicado exclusivamente à investigação e à colaboração com as autarquias. Acerca desta colaboração entre municípios e universidades, Isabel Drumond Braga, à data da publicação do seu estudo «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais», havia contabilizado 180 títulos de teses universitárias (mestrados e doutoramentos) dedicados à história regional, dos quais 35% haviam sido

<sup>50</sup> Curiosamente esquece, ou omite, a *Nova Augusta*, talvez fosse interessante perceber porquê. *Vd.* Isabel Mendes Drumond Braga – *Revistas portuguesas de história regional: estudos*. Cascais: Patrimonia, 2003, p.12.

<sup>51</sup> Criada em 1911.

<sup>52</sup> «...uma história feita com recurso a metodologias actuais, apelando a uma temática diversificada, fontes de natureza díspar e bibliografia actualizada, nacional e estrangeira, para permitir as pertinentes comparações.» Isabel Drumond Braga – «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais.» *Brigantia*, vol. 26. Bragança: [Assembleia Municipal], 2006, pp. 675

<sup>53</sup> Manuel Silva – «Schema d'Historia Local». *Revista de História*, vol. 7, Lisboa: [s.n.], 1913, pp. 182-183 *Apud* Isabel Drumond Braga, *ibidem*, p. 678.

<sup>54</sup> António Mesquita de Figueiredo – *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933. Disponível em [http://purl.pt/249/3/b-11047-v\\_PDF/b-11047-v\\_PDF\\_24-C-R0100/b-11047-v\\_0000\\_capa-425\\_t24-C-R0100.pdf](http://purl.pt/249/3/b-11047-v_PDF/b-11047-v_PDF_24-C-R0100/b-11047-v_0000_capa-425_t24-C-R0100.pdf) [consultado em 28/12/2009]

<sup>55</sup> Laranjo Coelho – *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da História Geral Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926. *Apud* Isabel Drumond Braga, *op.cit.*, p. 678.

<sup>56</sup> Lisboa: Universidade de Lisboa, 1935. *Apud* Isabel Drumond Braga, *op. cit.*, p. 678.

<sup>57</sup> Graças a trabalhos de geografia, como os de Orlando Ribeiro, e de história, como os de Romero de Magalhães.

<sup>58</sup> A. H. de Oliveira Marques – história medieval urbana; Armando Silva – história regional desde o século XVI; Jorge Borges Macedo – poder e regiões... Ver mais em Isabel Drumond Braga – «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais.» *Brigantia*, vol. 26. Bragança: [Assembleia Municipal], 2006, pp. 675-691.

publicadas maioritariamente com o apoio, ou mesmo pelas edilidades, sendo ainda uma pequena parte publicada por editoras universitárias (centros de estudos, institutos, etc.).<sup>59</sup>

«Meio universitário e poder local, de forma directa e indirecta, acabam por não estar de costas voltadas, como, por vezes, parece. O apoio à edição de livros e actas de colóquios, a publicação ou patrocínio de revistas, a par da existência de protocolos entre Câmaras e institutos diversos [...] revelam as relações bilaterais entre as Universidades e o poder local, consubstanciado, sobretudo, nas edilidades. Os primeiros passos estão dados, há algum tempo, espera-se que prossigam e se consolidem cada vez mais.»<sup>60</sup>

Prova deste impulso do pós-25 de Abril, e sobretudo da década de 80, são os títulos apresentados no quadro do aparecimento das revistas regionais entre 1974 e 2000, publicado por Drumond Braga<sup>61</sup>. A partir deste quadro podemos analisar quais as revistas de cultura do distrito de Santarém que, para além da *Nova Augusta – Revista de Cultura do Município de Torres Novas*<sup>62</sup>, emergem no panorama cultural distrital: *Abrantes. Cadernos para a História do Município* (Abrantes, 1982); *Cadernos Municipais* (Almeirim, 1994); *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Santarém* (Santarém, 1988); *Boletim Cultural Informativo* (Tomar, 1981).

Em Portugal, na actual lei das autarquias (Lei 169/99, de 18 de Setembro), no artigo 164.º, referente às competências das câmaras municipais, a alínea t) refere que à câmara municipal compete «Promover a publicação de documentos, anais ou boletins que interessem à história do município». Assim, fica legitimada e consagrada a importância reconhecida ao estudo e divulgação da história local e regional através de publicações sustentadas pelas autarquias.

No entanto, podemos olhar para os montantes dispensados pelos municípios (em 2005, dados do Observatório das Actividades Culturais<sup>63</sup>) para a edição e aquisição de livros e perceber a sua insignificância nos orçamentos anuais municipais: em 2005, os municípios gastaram apenas 5 milhões de euros neste sector, isto é, cerca de 1% do total da despesa com a cultura. Infelizmente, o Observatório das Actividades Culturais não explicita qual o valor exacto reservado apenas para a edição e deixa-nos sem perceber os valores totais em relação aos números da edição pública (da administração central e local) em Portugal. Não conhecemos outros dados, nem do Instituto Nacional de Estatística (INE), nem da APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, que nos permitam analisar este segmento. Os números que existem são pouco exaustivos, ao contrário do que acontece nos casos espanhol e francês, que a seguir se descrevem, a título de exemplo.

Sobre a edição municipal, em concreto, o debate foi inaugurado em 2008, pelo município de Mafra, numa iniciativa que recebeu o nome de I Encontro Nacional do Livro Municipal, realizada em 20 de Setembro de 2008. Não se chegou a realizar um segundo encontro, mas, dois anos mais tarde, o

<sup>59</sup> Drumond Braga conta 35 teses de doutoramento e 145 de mestrado, sobre temáticas regionais balizadas entre os séculos XII e XVIII, publicadas até ao ano 2000. Dos autores referem-se os primeiros a apresentar teses de doutoramento na área regional, como Hermenegildo Fernandes, João Cosme, Manuel Sílvio Conde, Maria de Fátima Reis, entre muitos outros.

<sup>60</sup> Isabel Drumond Braga – «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais.» *Brigantia*, vol. 26. Bragança: [Assembleia Municipal], 2006, pp. 675-691

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, p. 687

<sup>62</sup> Por engano, no quadro de Isabel Drumond Braga, op. cit., p. 688, foi grafado Torres Vedras em vez de Torres Novas. Além disto, no dito quadro, *Nova Augusta* é tida como nascida em 1991, não havendo qualquer referência aos números dos anos 80 (1981, 1982 e 1984) nem aos primórdios, nos anos 60.

<sup>63</sup> Observatório das Actividades Culturais (Portugal), a partir do acesso on-line em [www.oac.pt/menuobservatorio.htm](http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm) [acedido em 10 de Fevereiro de 2011]

município de Vila Nova de Famalicão voltava a juntar os especialistas e técnicos desta área para discutir os papéis dos departamentos da cultura municipais na construção dos novos rumos para a história local<sup>64</sup>. Hoje, talvez fosse interessante a realização de um segundo «Encontro do livro municipal», discutindo a sua importância para a história regional e local, na preservação do património cultural e enquanto agente e garante da memória e das identidades locais.

## 1.5 A edição pública em Espanha e em França

Segundo Sanchez Vigil<sup>65</sup>, a edição institucional é aquela que é editada sob a responsabilidade de entidades públicas com a subvenção estatal (boletins oficiais de Estado; revistas de leis e notícias emanadas dos organismos estatais; publicações de entidades públicas: municípios, províncias, distritos, ministérios, etc.). Em Espanha a lei do livro estabelece os limites para que este tipo de edição não possa nunca vir a ser concorrencial para a edição privada. Em 2009<sup>66</sup>, a edição pública situou-se nos 8,6% de livros inscritos no ISBN, o que significa um ligeiro decréscimo na cota de participação da produção editorial pública do ano anterior (situada perto dos 10%). Desde o ano 2000, que os números têm descido constantemente, a par da subida dos títulos publicados pelo sector privado<sup>67</sup>, mesmo no que respeita à auto-edição e às pequenas editoras. Em termos territoriais, a edição pública tem maior número de obras inscritas no sistema ISBN em Ciudad de Ceuta, Région de Murcia, Ciudad de Melilla e Castela-La Mancha, provenientes sobretudo de instituições de educação, da administração das regiões autónomas e dos governos locais.

Em França, a política de Estado sobre edição pública está explicitada na circular de 20 de Março de 1998 e na de 9 de Dezembro de 1999<sup>68</sup>. Neste documento dá-se a determinados sectores do estado o poder de editar obras e encoraja-se a co-edição de trabalhos entre o sector público e o privado.<sup>69</sup> No sector público, em França, contavam-se, em 2008, de acordo com os dados avançados pelo ministério da cultura francês<sup>70</sup>, 55 editores de livros, um editor de mapas e 5 editores de livros e mapas, com um total de 4 504 títulos publicados (livros e mapas). A edição pública francesa representa no total editorial nacional 6% do número de títulos publicados, 1,5% do número de exemplares produzidos, 1,3% do número de exemplares vendidos e 1,8% do volume de negócios do sector.

## 1.6 Da edição de livros, revistas e jornais em Torres Novas

No que diz respeito à actividade editorial no concelho de Torres Novas, apenas a imprensa local está inventariada e estudada. Artur Gonçalves foi o primeiro a escrever sobre este assunto, tendo dedicado um capítulo ao «jornalismo», na sua obra *Mosaico torrejano. Miscelânea de retalhos do passado e do presente de Torres Novas para memorização no futuro*, em 1936<sup>71</sup>. Nos anos 80, António Mário Lopes

<sup>64</sup> «Colóquio História local e regional, os novos caminhos.», Vila Nova de Famalicão, 24 de Setembro de 2010

<sup>65</sup> Juan Miguel Sanchez Vigil – *La edición en España. Industria cultural por excelência. Historia, proceso, gestión, documentación*. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, S.L., 2009, p. 170.

<sup>66</sup> Segundo dados recolhidos em Ministério de Cultura – *Panorámica de la edición española de libros 2009*. Madrid: Ministerio de Cultura/Secretaría General Técnica (Subdirección General de Publicaciones, Información y Documentación), 2009

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*, p. 50

<sup>68</sup> Em <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000197052&dateTexte> = [acedido a 20 de Fevereiro de 2011]

<sup>69</sup> Em [http://www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Guide\\_coedition\\_2008.pdf](http://www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Guide_coedition_2008.pdf) [acedido a 20 de Fevereiro de 2011]

<sup>70</sup> Em [http://www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Rapport\\_editionpublique\\_2008.pdf](http://www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Rapport_editionpublique_2008.pdf) [acedido a 20 de Fevereiro de 2011]

<sup>71</sup> Edição da Câmara Municipal de Torres Novas, pp. 195-204 («O jornalismo torrejano»)



dos Santos publicava o artigo «Ideário Republicano na Imprensa Regional do Concelho de Torres Novas (1907-1910)», na revista *Nova Augusta* (n.º 2, 1982), observando a forma como os jornais torrejanos noticiam aquele período de grandes combates políticos, apesar das restrições à liberdade de imprensa impostas pela ditadura de João Franco. Em 1994, o mesmo autor publica *Torres Novas no final do século XIX*, obra que contém um importante capítulo sobre a imprensa regional<sup>72</sup>, abordando, sobretudo, a sua génese e inventariando as publicações existentes de 1853 a 1926 no concelho de Torres Novas.<sup>73</sup> Mais recentemente, a revista *Nova Augusta*, no número comemorativo da implantação da República Portuguesa editado em 2010, trouxe a público dois artigos referentes à imprensa local: «A propaganda republicana em Torres Novas»<sup>74</sup>, de João Carlos Lopes, e «A última fase da imprensa republicana em Torres Novas no período da ditadura militar (1926-1932)»<sup>75</sup>, de António Mário Lopes dos Santos. No mesmo ano, no número regular da revista, António Mário Lopes dos Santos publicara também «A imprensa anarquista torrejana»<sup>76</sup>. Quanto à edição de livro, não existe ainda nenhum trabalho publicado sobre o assunto.

---

<sup>72</sup> *Torres Novas nos finais do séc. XIX. Subsídios históricos*, (edição da Câmara Municipal de Torres Novas), pp.65-109.

<sup>73</sup> Antes da publicação do livro, António Mário Lopes dos Santos havia publicado um artigo intitulado «A imprensa regional no concelho de torres Novas (1853-1926)», na revista *Nova Augusta*, n.º 5, 1991, pp. 68-84

<sup>74</sup> pp. 131-164

<sup>75</sup> pp. 165-190

<sup>76</sup> pp. 111

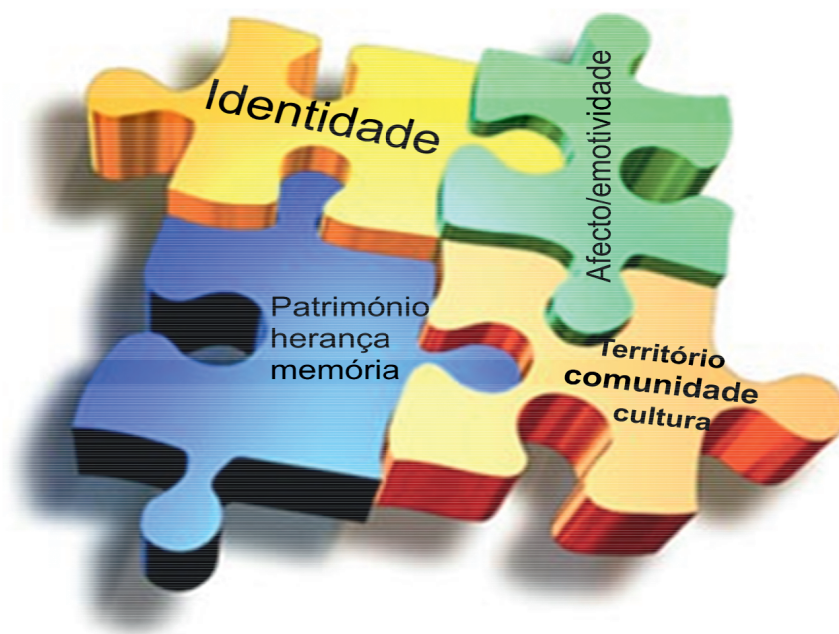
## **2. EDIÇÃO LOCAL**

## 2.1 Uma definição

Por edição entendemos a impressão de uma obra ou texto para publicação, bem como o conjunto de operações e passos prévios à publicação de qualquer obra.<sup>77</sup>

Aquilo a que chamámos, neste trabalho, “edição local”<sup>78</sup> refere-se às publicações dadas à estampa em lugar fora dos centros editoriais comerciais e fora das rotas editoriais ditas convencionais, que apresentam características muito próprias que verdadeiramente definem o conceito: a edição de cariz local dedica-se a temas respeitantes a um determinado território ou a autores provenientes ou intervenientes nessa zona, que podem até não escrever sobre temas da terra, mas que são «produto» desta. Caracterizam estas publicações o grande sentido de proximidade entre estas e a comunidade, numa relação de afecto entre os locais e o seu património cultural. As edições locais são agentes da preservação da identidade<sup>79</sup> e da memória<sup>80</sup> sociais (colectivas) de determinado território, tornando-se participantes activos na construção das identidades locais.

**Fig.1 Características da edição local**



<sup>77</sup> Vd. *Dicionário do Livro*, 2008, pp. 425 (edição)

<sup>78</sup> Na bibliografia consultada não encontramos qualquer definição para «edição local». Assim, tentámos construir um caminho para esclarecer o que é a edição local. Da nossa observação das características deste segmento editorial tão específico resultou o puzzle das características da edição local (fig. 1).

<sup>79</sup> «A identidade social de um indivíduo está ligada ao reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença.» Henri Tajfel, *Apud Rosa Cabecinhas, Lima, & Chaves*, 2006, «Identities nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história», in Miranda, J. & João, M. I. (Eds.) *Identities Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta, 2006, pp. 67-92.

<sup>80</sup> É através do sentido de pertença a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar, evocar e preservar as suas memórias: «toda recordação tem o outro como referência». Reconhecer-se inserido num grupo ou com ele se identificar, portanto, é um pré-requisito para que uma memória social possa ser partilhada. Halbwachs, 1990 *Apud* Laécio Rodrigues, «Estado, mídia e nacionalidade...» Diz Paul Connerton (1999, 2.ª ed.), sobre o papel da memória social no legado que permanece de geração em geração: «a consciência individual do tempo é, em grande medida, uma percepção da continuidade da sociedade ou, mais exactamente, da imagem dessa continuidade que a sociedade cria.» (p.13). Sobre o conceito «memória social» Vd. James Fentress – *Memória social, novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

## 2.2 Tipologias da edição local

Dividimos a edição local em três tipos diferentes:

- Imprensa local
- Edições institucionais
- Edições de autor (e pequenas editoras)

Embora, genericamente, “edição” designe a indústria e o comércio do livro<sup>81</sup>, não podemos deixar de dedicar algumas páginas deste trabalho a outras formas de publicação ao nível local, como os jornais (a imprensa local) e as revistas culturais, devido ao seu espaço enquanto palco para o debate público de ideias (no caso dos jornais) e às suas funções no âmbito da construção das identidades locais.

A história da edição em Torres Novas, ou seja, das publicações que se deram à estampa neste concelho, ficaria incompleta se ocultássemos a importância quer dos jornais, pioneiros na difusão e fixação do quotidiano da comunidade local, quer da revista cultural do município de Torres Novas, a *Nova Augusta*, que abriu caminho para a criação de um projecto editorial municipal de referência e que tem desempenhado um importante papel na divulgação do património e da cultura torresjanos, através de estudos e artigos sobre Torres Novas e o seu termo (concelhos limítrofes que estavam ligados historicamente a si) e na fixação da memória e identidade locais.

### 2.2.1 A imprensa local

A imprensa local (e regional) desempenha um importante papel ao nível da informação de âmbito territorial e, sobretudo, como contributo para a manutenção dos laços de familiaridade entre os locais e os emigrantes da terra. O universo da imprensa local é composto por todas as publicações periódicas de informação geral (conformes às leis da imprensa<sup>82</sup>) destinadas às respectivas comunidades locais. São funções específicas da imprensa regional: promover informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas; contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regionais através do conhecimento e compreensão do ambiente social, político e económico das regiões e localidades, bem como para a promoção das suas potencialidades de desenvolvimento; assegurar às comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação; contribuir para o enriquecimento cultural e informativo das comunidades regionais e locais, bem como para a ocupação dos seus tempos livres; proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respectivas localidades e regiões; e favorecer uma visão da problemática regional, integrada no todo nacional e internacional<sup>83</sup>. Para uma publicação periódica ser considerada regional é preciso que esta dedique mais de metade do seu conteúdo redactorial a factos/assuntos da região/local que representa. Dos assuntos da imprensa local destacam-se os religiosos, os culturais e os autárquicos, trabalhados sempre através de uma linguagem de proximidade, no fundo o factor diferenciador destas publicações e que as torna num facto social relevante, na medida em que a imprensa local/regional participa na mudança das sociedades em que se insere. Neste sentido, podemos dizer que a imprensa local participa na construção das identidades locais, funcionando como o espaço de debate dos temas da comunidade e

<sup>81</sup> *Vd. Dicionário do Livro*, 2008, pp. 425 verbete «edição»

<sup>82</sup> Lei n.º 2/99 de 13 de Janeiro

<sup>83</sup> Estatuto da Imprensa Regional Decreto-Lei n.º 106/88 (artigo 2.º)

veículo daquilo que determinada comunidade é ou deseja ser.<sup>84</sup> A imprensa regional/local é a voz (ou as vozes) da comunidade local. Este sentido democrático (plurivocal<sup>85</sup>) da imprensa local/regional só surge, obviamente, após o 25 de Abril de 1974. Até então, a imprensa local era, em grande medida, um instrumento dos regimes, difundindo a ideologia nacional salazarista (durante o Estado Novo) e o programa republicano (durante a I República). Mas a imprensa regional/local foi também um laboratório para experiências revolucionárias. Falamos, por exemplo, dos pasquins de crítica ao sistema político vigente dos finais do século XIX, dos jornais republicanos do início do século XX ou dos jornais e folhetos operários (finais de Oitocentos-inícios de Novecentos)<sup>86</sup>.

Nos dias de hoje, apesar da liberdade de imprensa e da regulação da comunicação social, as características de proximidade e familiaridade da imprensa regional/local podem significar intrusão e promiscuidade entre imprensa e poderes locais, como a Igreja (proprietária de boa parte do sector), os autarcas ou os grandes proprietários locais: a imprensa local vive enfeudada a interesses locais, embora o estatuto da imprensa regional defina e consagre as liberdades de criação e acesso como direitos dos jornalistas da imprensa regional: «a) a liberdade de criação, expressão e divulgação; b) a liberdade de acesso às fontes de informação; c) a garantia de sigilo; d) a garantia de independência»<sup>87</sup>. Além do “enfeudamento” do sector, este caracteriza-se também pelas baixas tiragens e pelo amadorismo daqueles que dirigem e colaboram nos jornais, como jornalistas, colunistas e outros.

Apesar dos problemas que subjazem à imprensa local/regional, o seu peso na cultura local é demasiado importante para que não fosse referida neste trabalho. A edição de jornais de cariz local/regional representa uma preocupação em manter os laços de afinidade entre os locais e a sua terra, preservando através do seu discurso e dos conteúdos divulgados os traços identitários locais [pela memória (em crónicas memorialistas, por exemplo), pela tradição (ex.: as notícias das festas religiosas e populares), pelo orgulho de pertença a um grupo (muitas vezes as notícias são laudatórias da terra ou dos seus atletas ou de outras personalidades locais: ex. «Parabéns Virgílio Dias / Virgílio Dias, presidente da Junta de Freguesia de Matas, Ourém, completa hoje, 12 de Fevereiro, 48 anos. Empresário na área da construção civil, desempenhou ao longo da vida vários cargos ligados ao associativismo na freguesia. Foi presidente do Grupo Desportivo e Cultural das Matas e chegou a jogar na sua equipa de futebol. »<sup>88</sup>) e pela proximidade e reconhecimento com os temas tratados].

<sup>84</sup> Veja-se, por exemplo, o editorial do jornal *O Riachense*: foca-se na oposição Torres Novas-Riachos, na crítica à gestão dos dinheiros comunitários de forma a promover a cidade e “apagar” as vilas e aldeias do concelho, na dicotomia câmara-freguesias e no enaltecimento do clube local (o Atlético Riachense) No fundo, debates e temas que enformam as “identidades” riachenses. Vd. [http://www.oriachense.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=535:editorial-12-maio-2010&catid=60:editorial&Itemid=203](http://www.oriachense.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=535:editorial-12-maio-2010&catid=60:editorial&Itemid=203) [acedido em 5 de Março de 2011] Além dos editoriais, as colunas de opinião são também espaço de reflexão sobre a identidade regional/local: «Quem somos nós, que nos definimos facilmente e espontaneamente como ribatejanos, desde que não tenhamos que explicar o que isso é? O que é que contribui para a construção dessa ideia de nós próprios? Que elementos singulares ajudam a definir uma região, internamente diferenciada e contrastante mas suficientemente distinta das que a rodeiam? E que continuidades, sobreposições e misturas temos com esses territórios vizinhos?» Vd. Carlos Simões Nuno – «Quem somos?», *O Riachense*, 23 de Dezembro de 2010 [em [http://www.oriachense.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=602:carlos-simoes-nuno&catid=50:opinioao&Itemid=162](http://www.oriachense.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=602:carlos-simoes-nuno&catid=50:opinioao&Itemid=162) (acedido em 4 de Março de 2011)]

<sup>85</sup> Veja-se a este respeito Xosé Lopes, Fermín Galindo e Manuel Villar – «El valor social de la información de proximidade», em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/68xose.htm> e Paulo Ferreira – «O lugar da imprensa local e regional nas políticas da comunicação», PDF disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/ferreira-paulo-lugar-imprensa-local-regional-politicas-comunicacao.pdf> [acedido em 8 de Fevereiro de 2011]

<sup>86</sup> Por exemplo o jornal *Era Nova* (1908), o *Alerta* (1910) ou o *A Forja* (1974). Leia-se, a título de exemplo o que se escrevia no jornal *Alerta*, em 20 de Março de 1910: «Neste concelho, como, aliás, por todo o país, o clero, obedecendo certamente a ordem superior, prega a guerra-santa aos republicanos.» Sobre o combate ideológico e a propaganda feita a partir da imprensa local, veja-se o artigo de João Carlos Lopes, «A propaganda republicana em Torres Novas», publicado na revista *Nova Augusta*, edição comemorativa dos 100 anos da República Portuguesa (2010, pp. 164).

<sup>87</sup> Estatuto da Imprensa Regional Decreto-Lei n.º 106/88 (artigo 7º)

<sup>88</sup> *O Mirante*, 13 de Fevereiro de 2011

Pelas suas características, funções e implicações sociais, a imprensa regional (e local) foi considerada, pelo Estatuto da Imprensa Regional (em 1988), um sector de interesse público.

### 2.2.2 A edição institucional

De um modo geral, o objectivo das edições institucionais é publicar obras que resultem num melhor e maior conhecimento do património cultural, em vários aspectos. Normalmente publica-se, através da edição pública, obras que não teriam outra via para entrar no mercado cultural. São geralmente obras de importância social ou científica.

Dentro das publicações editadas por instituições, inscrevem-se sobretudo obras de cariz comemorativo (relativas a efemérides nacionais ou locais) e as revistas culturais.

Algumas das publicações periódicas municipais são, de facto, revistas de cultura, mas outras são apenas boletins informativos do tipo “agenda cultural do concelho” ou de propaganda política. Há municípios que ainda hoje apenas garantem a edição de um boletim, outros em que as revistas de cultura coexistem com estes formatos propagandísticos. Nas revistas de cultura que se mantêm<sup>89</sup>, verifica-se uma estreita ligação com as universidades, pelo menos ao nível das colaborações.

### 2.2.3 A edição de autor e as pequenas editoras locais

A etimologia da palavra «editor» remete para a palavra latina homónima *editor*, cujo significado é «o autor, aquele que produz»<sup>90</sup>. A figura do autor-editor terá surgido por volta do século XVII, 1630, quando Mateus Pinheiro fez imprimir «a sua custa e a fizera emendar de muitos erros»<sup>91</sup>. O autor-editor é um autor que assume a responsabilidade de uma obra produzida por ele, suportando os encargos<sup>92</sup>; é um auto-editor, aquele que edita as obras que escreve.<sup>93</sup> Na realidade o editor independente das tipografias, dos livreiros e dos autores só aparece no século XX.<sup>94</sup>

Em Portugal chamamos genericamente “edição de autor” à edição de livro que é paga totalmente pelo seu autor. No fundo o autor edita-se a si próprio (*auto-edition* ou *self-publishing*) assumindo as despesas feitas com a publicação, com a sua distribuição e garantia de qualidade. Este tipo de edições assume características muito específicas: o autor que edita o seu livro pagará a sua publicação; é o autor que faz o tratamento gráfico, revisões, trata da impressão e do marketing; a distribuição é feita pelo próprio autor. Os títulos editados nesta modalidade não são apelativos para os livreiros e estes não demonstram grande interesse por eles. Por isso mesmo surgem, cada vez mais, editores especializados em comercializar este tipo de livros e, com a explosão da internet e da “edição a pedido” (*print-on-demand*), são inúmeras as empresas *on-line* de apoio aos autores-editores (a nível técnico). De um modo geral, neste tipo de edição o autor não recupera o investimento realizado. No entanto, esta é a

<sup>89</sup> Utilizámos a expressão “que se mantêm” porque em Portugal «as (escassas) publicações culturais têm vida curta e atribulada».

Vd. Joaquim Furtado «No cinquentenário do Boletim Cultural da Póvoa de Varzim». *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*. Póvoa do Varzim: Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 2008 (n.º 42, p. 99).

<sup>90</sup> *Dicionário do Livro* (2008), p. 338

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 437

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 119-120

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 117

<sup>94</sup> A edição de autor, a edição por conta do autor e a edição por subscrição constituíam os principais modos de editar antes de 1920 no Canadá – Vd. Jacques Michon (dir.) «L’auteur-editeur». In *Histoire de l’édition littéraire...*, pp. 41-74

forma de muitos romancistas e poetas verem os seus trabalhos chegar ao público, embora a núcleos muito restritos. Aliás, foi assim que alguns autores-editores conseguiram sucesso através da edição dos seus próprios livros – ex.: Jane Austen, *Orgulho e preconceito*.

Conceito análogo é o de «edição por conta do autor» (*édition à compte d’auteur*), isto é, quando um autor edita os seus trabalhos através de um editor que lhe garante a parte técnica e a difusão da obra, sendo, todavia, o autor a suportar todos os custos. Foi através desta modalidade de edição que autores como Proust ou Rimbaud puderam publicar as suas primeiras obras.

A edição de autor pode ser uma opção do autor que decide ser independente dos fluxos editoriais correntes, mas normalmente não é isso que acontece. A edição de autor surge associada a um certo amadorismo, a meios mais pequenos (ao nível territorial), a temas muito específicos (como a poesia, a história local, certos domínios científicos, etc.) e, conseqüentemente, a tiragens de pequena dimensão para um mercado, na maior parte dos casos, conhecido do autor. A edição de autor permite maior controlo na produção e garantia de uma divulgação fiel ao conteúdo, à maneira do autor, sem cedências a outros interesses.

Neste trabalho, no capítulo dedicado à edição de autor juntámos as publicações provenientes de pequenas editoras locais<sup>95</sup>, pois as suas características de amadorismo, reduzida implementação no mercado e identificação aos temas e às gentes locais em tudo se assemelham às da edição de autor. A única diferença consiste em quem paga o produto.<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> As pequenas editoras locais são muitas vezes livrarias, tipografias ou chancelas dos autores.

<sup>96</sup> Na edição de autor é este quem subvenciona a produção/publicação do seu trabalho. Na edição por parte das pequenas editoras locais, por vezes o autor paga parte da edição ou a totalidade ao editor, a quem cabe apenas fazer o trabalho de produção e divulgação da obra.

**3.**

**EDITAR EM TORRES NOVAS**

**(de meados do século XIX ao dealbar do século XXI)**



### 3.1 A edição de jornais: a imprensa regional/local em Torres Novas

Em Torres Novas a publicação de periódicos de características locais/regionais regista-se desde 1853, totalizando mais de uma vintena de títulos, entre esta data e as primeiras décadas do século XXI, o que demonstra uma forte dinâmica sociocultural para uma terra da dimensão de Torres Novas, sobretudo nas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX em que a imprensa explodiu por todo o país.

Entre 1853 e 1890 os semanários locais bebiam da doutrina setembrista e cartista e do romantismo português; entre 1890 e 1910, os conteúdos da imprensa reflectem os primeiros confrontos monarquia-república; entre 1910 e 1926, os periódicos locais reflectem as crises republicanas, o radicalismo anticatólico e as queixas dos movimentos operários; entre 1926 e 1932 surge a censura a par de tentativas de criação de jornais anarquistas; de 1932 a 1974, a informação torrejana reduziu-se a um único órgão, o jornal *O Almonda*: instrumento do poder instituído e da moral católica. No pós-25 de Abril surgiram (ou reapareceram) periódicos que haviam sido “apagados” pelo salazarismo. No entanto, quarenta anos de *O Almonda* foram suficientes para agarrar os torrejanos àquele que é considerado o jornal de Torres Novas, embora exista (desde os anos 90) um outro, denominado *Jornal Torrejano*, que não é o preferido dos torrejanos. *O Almonda*, por hábito, memória e tradição, tornou-se o jornal mais lido pelos torrejanos e aquele que é automaticamente identificado pelos habitantes/naturais de Torres Novas como sendo «o jornal da terra».

Além do espírito político dos primeiros jornais locais, estes sempre deram (e dão) conta dos acontecimentos da terra: festas populares e religiosas, eventos e efemérides, visitas de estado, *fait-divers* da sociedade (mortes, casamentos, aniversários, idas a banhos, etc.), já para não falar da publicidade, através da qual podemos perceber o dinamismo económico e comercial torrejano. A imprensa local reproduz as “modas” nacionais, mas destaca a diferença local. Pelas suas particularidades, a imprensa local/regional é, hoje, uma importante fonte para o estudo da história local dos últimos 150 anos.<sup>97</sup>

Ao tentarmos traçar uma história da edição em Torres Novas, não poderíamos deixar de passar os olhos pela edição de periódicos, mesmo que fosse desta forma sumária, por ser a mais antiga, a mais regular e aquela que, efectivamente, conseguiu criar laços de proximidade com os torrejanos, participando activamente na construção identitária da comunidade torrejana, pelas especificidades que lhe são intrínsecas.

<sup>97</sup> Sobre a imprensa local em Torres Novas veja-se Artur Gonçalves – *Mosaico Torrejano. Miscelânea de retalhos do passado e do presente de Torres Novas para memoração no futuro*. Torres Novas: ed. O Almonda, 1999 (3.ª ed.). [1.ª ed., C.M.T.N., 1936], pp. 195-204; António Mário Lopes dos Santos *Torres Novas nos finais do século XIX. Subsídios históricos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1994, pp. 67-109; João Carlos Lopes «A propaganda republicana em Torres Novas». *Nova Augusta* (edição comemorativa dos 100 anos da implantação da República), 2010, pp. 131-164.

Abaixo publicamos o quadro-síntese dos jornais editados em Torres Novas, desde meados do século XIX até aos nossos dias.

**Quadro 1. Imprensa local (1853-2010)**

<b>Título</b>	<b>Data de início (n.º1)</b>	<b>Data do último número</b>
Janota Almondino	27-02-1853	10-04-1853
Ecco Torrejano	12-01-1868	29-03-1868
A Monarquia	12-1882	02-1887
<b>Jornal Torrejano*</b>	09-10-1884 <b>1994**</b>	16-05-1915
Serpa Pinto	09-02-1890	[Data de desconhecida] (Número único ?)
A Renascença	20-07-1893 23-06-1929	29-04-1894 05-04-1931
O Imparcial/O Realista	24-11-1899	14-07-1901
O Jornal de Torres Novas	1904	[Data de desconhecida]
O Povo de Alcanena	22-04-1906 (série I) 30-05-1908 (série II)	13-02-1908(série I) 13-12-1908 (série II)
O Comércio de Torres Novas	15-11-1907	03-03-1909
<b>O Almonda*</b>	06-02-1907 (série I) <b>24-11-1918 (série II)</b>	04-1908 (série I)
<b>O Riachense*</b>	01-01-1908 <b>16-03-1978</b>	16-12-1909
A Era Nova	05-04-1908	17-10-1908
Alerta	27-01-1910	25-11-1910
O Operário	03-1911	21-05-1911
O Futuro d'Alcanena	05-01-1912	1914 (?)
O Foco	13-10-1913	11-12-1915
O Binóculo	02-04-1914	30-06-1914
O Torrejano	26-12-1915	10-02-1918
O Resgate	03-1926	1927
Vontade	29-10-1925	20-11-1925
Alma Torrejana	19-02-1928	05-03-1928
A Mocidade	09-03-1930	22-06-1930
A Forja	26-04-1976	1982

\*Jornais existente hoje | \*\* Retomou-se o título, não a mesma linha editorial

### 3.2 *Nova Augusta*, revista de cultura do município de Torres Novas

A edição da *Nova Augusta* (N.A.) é indissociável da actividade editorial municipal: esta revista é “a mãe” do fulgor editorial ao nível municipal e o seu dinamismo é o espelho da actividade editorial do município – sempre que a revista atravessa momentos mais difíceis, denota-se um decréscimo nas preocupações editoriais e vice-versa. Além disto, os directores da N.A. são sempre os coordenadores e estratégias da edição municipal de livro. A importância da *Nova Augusta* é reconhecida e o seu papel como motor da actividade editorial municipal é basilar, tanto que a produção anual da revista é atribuição prioritária dos serviços, posteriormente criados, de planeamento e produção editorial. A *Nova Augusta* é o garante da vida e da regularidade editorial do município de Torres Novas.

As páginas que se seguem contam um pouco do historial da N.A., desde o ano da sua criação até à actualidade: o primeiro número (motivações e expectativas, características técnicas/tipográficas, temas e número de exemplares); os directores (linhas de continuidade e de ruptura); os colaboradores; os temas e a divulgação da revista.

#### a) O primeiro número da revista *Nova Augusta*

##### Motivações e expectativas

O primeiro número da revista *Nova Augusta*<sup>98</sup> saiu a público em Dezembro de 1962, integrado nas comemorações do 25.º aniversário da Biblioteca-Museu Municipal de Torres Novas. Na altura, o director destas instituições, Alberto Borges dos Santos, decidiu abrir caminho para a construção de uma revista de cultura.

Nasceu assim a N. A., envolta em festa, esperança e entusiasmo pela cultura em geral e, em particular, pelo desenvolvimento de um espírito de cultura e educação que o grupo Pró-Torres Novas<sup>99</sup> desejava incutir na sociedade torrejana. Digamos que a N.A. decorre de três factores: do impulso do grupo Pró-Torres Novas (decisivo para o romper do marasmo cultural que a vila vivia<sup>100</sup>), do seu director, A. Borges dos Santos, e do presidente da Câmara Municipal, Fernando Cunha.

O primeiro número da revista *Nova Augusta* mereceu uma abertura especial do governador civil de Santarém. O texto do governador civil revela o entendimento do Estado Novo em relação a este tipo

<sup>98</sup> O título *Nova Augusta* é uma evocação à história e antiguidade de Torres Novas, uma vez que este seria o nome romano da vila, pelas suas parecenças com Bracara Augusta (Braga).

<sup>99</sup> Em 1959, a Comissão Pró-Torres Novas, criada em 1955 sob a presidência do Eng. João Pedro Neves Clara, constituiu-se em Grupo Pró-Torres Novas, com os seguintes corpos sociais: Assembleia Geral – Presidente: Dr. Carlos de Azevedo Mendes; Vice-Presidente: Dr. João Mexia Silveira de Serpa (S. Gião); 1.º Secretário: Arlindo Pessoa de Amorim; 2.º Secretário: Pedro Gorjão Maia; Conselho Fiscal – Presidente: Dr. Filipe Mendes Sentieiro; Secretário: Pedro Gorjão Maia. Direcção – Presidente: Eng. João Pedro Neves Clara; Vice-Presidente: Dr. José Marques; Secretário: José da Silva Neves Duque; Tesoureiro: Hermenegildo Abílio Salles Belo Catarino. Substitutos – Dr. Augusto Guimarães, Valentim da Silva Neves Duque e Fernando Nuno Martins da Cunha. Dentro do grupo foram criadas as subcomissões de Desporto e Educação Física, Cultura, Interesses Económicos, Assistência, Turismo e Propaganda. Em 1962, o grupo havia-se alargado e dele faziam parte também: Afonso da Costa Saraiva, Dr. Alberto Borges dos Santos, Américo Neto da Costa Nery, Dr. António Alves Vieira, António de Sousa e Faro, Arlindo Pessoa de Amorim, Dr. Augusto Guimarães Amora, Dr. Carlos Pinheiro Saramago, Eng. David Lopes Reis, Dr. Evaristo de Matos Branco, Fernando Nuno Martins da Cunha, Dr. Filipe Mendes Sentieiro, Hermenegildo Abílio Salles Belo Catarino, P.º Joaquim José Búzio, Dr. João Mexia Silveira Serpa, João Ribeiro de Carvalho, José Lopes dos Santos, José Luís Trincão Clara, Luís Marques Galamba, Dr. Manuel Carvalho Pontes, Pedro Gorjão Maia, Dr. Renato Simões Gameiro e Valentim da Silva Neves Duque. A vida do grupo Pró-Torres Novas descreve-se em 3 fases: primeira, 1955-1959 – os primeiros passos enquanto Comissão Pró-Torres Novas, grande dinâmica na realização de actividades culturais em Torres Novas; segunda, 1959-1962 – a acção do grupo ultrapassa a dinâmica cultural, aventurando-se na construção/fundação do Jardim-Escola João de Deus, o monumento aos Heróis de Diu e o busto de Gustavo Pinto Lopes; terceiro, 1962-1964 – fase de declínio.

<sup>100</sup> Até ao aparecimento da Comissão Pró-Torres Novas, Torres Novas vivia num autêntico marasmo cultural, numa letargia económica e política. Nas palavras de Joaquim Rodrigues Bicho (n. 1926, Torres Novas), «havia uma morte latente em Torres Novas». Entrevista a Joaquim Rodrigues Bicho 07/01/2010, Torres Novas.

de publicações: uma edição de valores da cultura e da erudição, dentro da mentalidade salazarista da moral e dos bons costumes «uma boa e sã leitura», segundo as palavras do governador civil na sua nota de abertura da *Nova Augusta* n.º 1, da série I, em 1962:

«Pórtico

Em comemoração das Bodas de Prata da Biblioteca e Museu Municipal de Torres Novas, vê a luz da publicidade o número inicial da revista «Nova Augusta», sob a direcção do sr. Professor dr. Borges dos Santos.

Apesar de vinte e cinco anos já passados sobre a data da inauguração da Biblioteca e Museu, mantém-se ainda bem viva na memória de todos a figura distinta do dedicado torrejano Gustavo de Bivar Pinto Lopes<sup>101</sup> cujo nome, por todos os títulos respeitável, surge espontaneamente, numa natural associação de ideias, num preito de bem merecida gratidão por alguém que foi cidadão exemplar na sua terra, pelos muitos serviços que lhe prestou já no último quartel da vida, trocando um bem merecido repouso por uma notável actividade, posta desinteressadamente ao serviço da Grei.

Já ouvi afirmar que as localidades valem o que valerem o seu comércio, indústria e agricultura, numa palavra, as suas actividades económicas.

Creio, porém, que aos padrões com que assim se pretende aferir do seu valor, se deve acrescentar, para uma mais justa medida, a cultura média e o grau de educação cívica das suas populações.

“Nova Augusta” apresenta-se como uma revista de carácter cultural, numa vila que tem as suas tradições nas letras e nas artes.

Proporcionar à sua população boa e sã leitura é contribuir para a elevação da sua cultura e do nível da sua educação cívica de que tanto precisamos na hora difícil que vivemos.

Por isso, “Nova Augusta” vem em boa hora e, ao desejar-lhe longa vida, felicito o seu director e colaboradores, esperando que de todos os torrejanos a revista tenha a merecida aceitação, como louvável empreendimento que bem merece o seu carinhoso amparo.

Santarém, 21 de Agosto de 1962.

Brigadeiro Lino Valente

Governador Civil de Santarém»<sup>102</sup>

<sup>101</sup> n. 8 de Abril de 1864 (Torres Novas) –† 23 de Abril de 1944 (Torres Novas); filho do conceituado Rafael Pinto Lopes (presidente da Câmara e juiz de direito) e de Maria Teresa de Bivar Salgado Pinto Lopes [Vd. Artur Gonçalves, *Torrejanos ilustres*, 1993 (2.ª ed.)]. Gustavo Pinto Lopes fez estudos superiores em zootecnia e topografia, no Instituto Geral de Agricultura. Foi presidente nomeado da Câmara Municipal de Torres Novas (1884), mas em 1886 foi nomeado escrivão e tabelião da comarca de Moçambique. Esteve em África, ao serviço do Estado português, durante cerca de 40 anos. Neste período, recebeu várias condecorações pelos seus préstimos ao Estado e elaborou vários artigos para revistas e jornais de assuntos coloniais. É já aposentado que regressa a Torres Novas, voltando à vida pública em 21 de Janeiro de 1933, aquando da sua nomeação para presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Torres Novas. Empenhou-se, então, na organização da biblioteca e do museu municipais, que a Câmara deliberou criar em 11 de Maio de 1933. A Biblioteca-Museu foi inaugurada a 20 de Junho de 1937, quando Gustavo Pinto Lopes tinha já 73 anos. Sobre a biografia de Gustavo Pinto Lopes Vd. Município de Torres Novas - «Gustavo de Bivar Pinto Lopes – o fundador». *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008, pp. 33-44; Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de vulto*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1999, pp.15-19.

<sup>102</sup> Governador Civil de Santarém – «Pórtico». *Nova Augusta*, n.º 1, série I. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1962, p. 3.

Mas a intenção do director Borges dos Santos não era, certamente, criar uma publicação árida e desprovida de ideias, presa, simplesmente, à «sã leitura». Pelo contrário, a primeira *N.A.* reflecte, desde logo, um certo rasgo no ambiente cultural da vila. Numa só publicação reúne-se gente de vários segmentos intelectuais/ideológicos, insulares<sup>103</sup> e continentais. Assim, aos estudos e aos autores torrejanos juntaram-se ensaios e autores açorianos, criando a primeira grande vaga de cultura e de intercâmbio cultural na vila, através da *N.A.*.

Em foco estava a intenção de valorizar a cultura e as artes (incluindo os seus autores) em diversas actividades na vila de Torres Novas. O Grupo Pró-Torres Novas, forte apoiante e motivador da publicação da *N.A.*, embora constituído pela elite política e económica da vila, e ainda que da cor do regime, pugnava por esse fim: a valorização e a divulgação dos temas da cultura e das artes, trazendo alguma erudição e abertura aos torrejanos, através da realização de torneios desportivos, festivais de *ballet*, conferências, teatros, exposições, entre outras actividades de cariz cultural<sup>104</sup>.

Não é por acaso que a *Nova Augusta* aparece no seio da biblioteca. Esta instituição é uma espécie de casa da cultura de Torres Novas (assim o entendiam os torrejanos)<sup>105</sup> e a *N.A.* nasce dentro deste ninho de cultura e conhecimento, numa época em que o desejo era exaltar estes valores. Isso é notório com as grandes comemorações que se arquitectaram em torno do 25.º aniversário da Biblioteca-Museu Municipal, que incluíam a trasladação da biblioteca para um novo edifício devidamente adaptado e dedicado, exclusivamente, a albergar os livros e os utilizadores da B.M.T.N.<sup>106</sup>

A *N.A.* surge neste espírito, neste turbilhão de entusiasmo cultural. As palavras do presidente da Câmara, Fernando Cunha, publicadas nas primeiras páginas da *N.A.* n.º 1, deixam perceber esse afã pelo desenvolvimento cultural da vila e o apreço pelo trabalho do Grupo Pró-Torres Novas. O título do texto traduz, imediatamente, o quadro emocional e intelectual que se vivia:

#### «Palavras de Saudação e de Júbilo

Após um ciclo de adormecimento, natural do choque proveniente do processo de evolução das coisas, parece regressar Torres Novas às suas tradicionais preocupações culturais e artísticas, umas e outras alcançadas a elevado nível, em épocas não muito afastadas.

Da existência de tais preocupações, nasceu o Grupo Pró-Torres Novas que, com o seu incentivo e estímulo, fez aparecer boas vontades, manifestar valores e que, em conjugação de esforços, criou condições que nos conduzem

<sup>103</sup> Borges dos Santos era natural dos Açores.

<sup>104</sup> Na segunda metade da década de 50 e inícios de 60 (século XX), épocas em que o acesso à cultura era difícil e restrito, reservado apenas a determinados grupos sociais, o Grupo Pró-Torres Novas teve um importante papel na difusão e na promoção do gosto pelas artes e pela cultura em Torres Novas. Actividades promovidas pelo Grupo Pró-Torres Novas: bailados de Margarida de Abreu; exposição de pintura do torrejano José Abreu; conferências (conferência «Ética e estética», pelo Pe. Dr. João Mendes S. J.; conferência «Pintura Moderna», pelo Dr. Flávio Ferreira; conferência do Prof. Vieira Natividade; conferência do coronel Afonso do Paço; «Semana do Ultramar»); exposições (de pintura - do torrejano Júlio Tuna, de Pinto Barbosa, de João António Gomes Antunes - e de fotografia); polifonia dirigida pelo cantor-mor Mário Sampayo Ribeiro; representação «Gil Vicente», pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra; festas de Torres Novas (de 1956-1959); concursos de pesca no rio Almonda); I Festival de Música de Concerto; espectáculos musicais (como o do Orfeão de Coimbra); jogos florais (1.ª edição); promoção da construção do monumento aos heróis de Diu e ao Infante D. Henrique; apoio à inauguração do Jardim-escola João de Deus. Sobre o grupo Pró-Torres Novas *Vd. Nova Augusta*, n.º 1, p. 93.

<sup>105</sup> Entenda-se a elite económica/social e cultural torrejana. *Vd. Município de Torres Novas - Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008, p. 19 [a biblioteca como instituição de educação] e pp. 20-22 [sobre a biblioteca nos anos 1962-74].

<sup>106</sup> BMTN = Biblioteca Municipal de Torres Novas, designada Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (BMGPL) desde 1944 [*Vd. «Livro de Actas da Câmara Municipal de Torres Novas – Sessão ordinária de 10 de Maio de 1944», fl. 148*]

o pensamento a procurar a realização de uma obra em profundidade, para uma maior valorização cultural e artística do meio.

Dentro deste pensamento diligenciou-se dar às comemorações do XXV aniversário da Biblioteca e Museu uma projecção, não só digna do vulto do seu fundador e daqueles que contribuíram para a sua manutenção e eficiência, mas também chamar a atenção de todos, em especial dos torrejanos, que acompanharam o movimento que se esboça no sentido de aumentar o mérito de tal obra cultural.

Servindo esta dualidade, o dedicado Director da Biblioteca e Museu Municipal, Dr. Borges dos Santos, a quem Torres Novas já tanto deve neste campo, teve a ideia, a todos os títulos feliz, de incluir no programa das comemorações, a edição do 1.º número duma revista de carácter cultural.

Não é necessário encarecer esta iniciativa que, além do seu significado especial, vem preencher uma lacuna que muito se fazia sentir.

Nela, na sua acção futura, pomos todos nós as maiores esperanças.

Por isso, o Presidente da Câmara, consciente de que a sua actuação transcende em muito a já de si difícil missão de administrar os bens materiais do Município e assim lhe cumpre também defender e fomentar a sua valorização cultural, como garantia do futuro, saúda o aparecimento da Revista «Nova Augusta» com verdadeiro júbilo e faz votos para que a sua publicação se torne frequente e tão regular quanto possível, recordando que o seu título se deve ao topónimo que pelos romanos foi dado à actual Torres Novas cerca de 164 anos A.C.

Numa época em que o materialismo tudo parece dominar e ameaçar, sabe bem verificarmos que em Torres Novas continuam a existir pessoas que se prendem com os problemas do Espírito.

Fica-nos assim a certeza de que o Concelho, enquadrado no concerto do País, continuará a desempenhar de forma elevada a missão decorrente do seu destino histórico.

Pela nossa parte tudo faremos para que este movimento se desenvolva, abrangendo progressivamente o maior número de pessoas, procurando assim contribuir para a valorização do património espiritual do Concelho.

[...]

“Nova Augusta” será, sem dúvida, mais um elemento precioso a colaborar nessa consagração<sup>107</sup>.

Desejamos e esperamos a colaboração de todos, confiamos inteiramente na acção do Grupo Pró-Torres Novas, aguardando, no entanto, alvoroçados a presença dos novos. Ela será para além do valor do contributo do momento a garantia da continuação do futuro. Como sempre e em todos os campos da aproximação das duas gerações, a que dirige e a que continuará, da fusão e conjugação da sua acção e das suas ideias só poderá resultar a garantia do futuro que Portugal espera e merece.

<sup>107</sup> Refere-se à consagração do pintor Carlos Reis, de que falou no discurso que optámos por omitir por nada acrescentar ao nosso estudo. A alusão ao centenário do pintor Carlos Reis pode ser confrontada no texto original em Fernando Cunha «Palavras de Saudação e de Júbilo». *Nova Augusta*, n.º 1, série I. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1962, p. 6 e pp. 94-95 (onde se desenvolve o anteprojecto das comemorações).



A concluir, auguramos que a “Nova Augusta” alcance o fim que lhe ambicionamos: servir a cultura de Torres Novas, que o mesmo é que servir a cultura de Portugal.

Fernando Nunes Martins da Cunha

Presidente da Câmara Municipal de Torres Novas [1962]»<sup>108</sup>

Neste ambiente, as expectativas em relação ao desenvolvimento do projecto *N.A.* são altas e estimulantes e, em 1962, o desejo é de vida longa. No entanto, verificar-se-á que, com a saída de Borges dos Santos (em 1963), e depois com o declínio do Grupo Pró-Torres Novas (1964), o projecto *N.A.* esmorece e cairá no esquecimento dos torrejanos durante quase 20 anos.

### Características técnicas da *N.A.* n.º 1 (1962)

O primeiro número da revista *Nova Augusta* custava dez escudos. Não sabemos quantos exemplares terão sido impressos, mas foram muitos mais do que era preciso, com certeza, pois ainda existem dezenas de exemplares dessa primeira edição.

A revista foi impressa na Gráfica Almondina (de Torres Novas), que ainda hoje assegura a impressão deste periódico. Desconhecemos o montante do orçamento mas sabemos que foi custeada com o apoio do Grupo Pró-Torres Novas e da Fábrica de Papel do Almonda, Ld.<sup>a</sup> – Renova (empresa torrejana que forneceu gratuitamente o papel para a impressão da revista).

É curioso que no interior da contracapa se possam ler alguns detalhes preciosos para reconstituir a história da revista *N.A.*, a saber: a oferta do papel; os agentes e a morada da redacção e secretariado da revista; a empresa responsável pela composição e impressão; o aviso de que se dará conta de obras de autores torrejanos (desde que a redacção recebesse dois exemplares); o programa para o próximo número da *N.A.*; o pedido de permuta (em três línguas – português, francês e inglês, por esta ordem. Este pedido de permutas indicia que a revista seria enviada para bibliotecas e/ou personalidades portuguesas e estrangeiras<sup>109</sup>); preço da revista. Não sabemos se este registo é fruto de uma intenção deliberada de legar para memória futura estes dados ou se terá sido, apenas, um acto comum da edição da época. Todavia, note-se que são pormenores da máxima relevância, tendo em conta a inexistência de outra documentação. Falo, por exemplo, de arquivos correntes da direcção da biblioteca ou dos arquivos da gráfica Almondina, que reportem a esta época e que permitam reconstituir a história dos primeiros tempos da *N.A.*.

### Nova Augusta, n.º 1 (série I) – 1962

Formato: 17 (alt.) x 24 (larg.)

N.º de páginas: 108 (+ 4 por engano)

Impressão miolo: cores – texto e imagens a preto; abertura de secções contém barra lateral verde ou amarela (as cores do município)

Impressão da capa: 2 cores (preto e castanho)

Direcção literária: Alberto Borges dos Santos

Ilustrações: Artur Bual e Manuel Gonçalves

<sup>108</sup>Fernando Cunha «Palavras de Saudação e de Júbilo». *Nova Augusta*, n.º 1, série I. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1962, pp. 5-6.

<sup>109</sup> Não temos, no entanto, fontes que comprovem esta nossa reflexão.

Arranjo da capa<sup>110</sup>: Luís Filipe Abreu  
Composição e impressão: Gráfica Almondina  
Preço: 10 escudos<sup>111</sup>

### **Temas e organização de conteúdos<sup>112</sup>**

A primeira edição da revista *Nova Augusta* abre com uma fotografia do fundador da Biblioteca-Museu, Gustavo Pinto Lopes, na primeira página (ímpar). Antes da foto apenas se alinham o índice e a ficha técnica, exactamente no verso da capa.

Sendo o primeiro número, e inserindo-se a publicação da *N.A.* nas celebrações do aniversário da B.M.T.N., era obrigatória a existência de palavras prévias de saudação à publicação recém-nascida. Inicia-se, então, na página 3, a secção «Pórtico e Palavras de Saudação e Júbilo». Desta secção constam os textos<sup>113</sup> do governador civil de Santarém e do presidente da Câmara Municipal de Torres Novas. A numeração das páginas surge apenas na página 5<sup>114</sup>, onde se encontra o texto de Fernando Cunha (pp. 5-6).

Na página 7, inaugura-se a secção «Estudos e Ensaios». Desta constam os trabalhos de Maria Augusta Serra, Manuel Simões Pinho<sup>115</sup>, Augusto Mendes<sup>116</sup>, Maria Noémia Leitão, Frederico Lopes Júnior (Açores), Luís Machado Drumond (Açores), Reis Brasil (Açores), Ruy Galvão de Carvalho (Açores). Segue-se a secção «Poesia», com abertura na página 63. Aqui as participações são muito heterógeneas. Faustino Bretes<sup>117</sup>, José Lopes dos Santos<sup>118</sup>, António Borge<sup>119</sup>, Eduíno de Jesus e uma colaboração do próprio director, Borges dos Santos, ilustrada com uma gravura de Artur Bual<sup>120</sup>.

<sup>110</sup> A capa, uma vez mais, reflecte a cumplicidade entre Biblioteca, Museu e *Nova Augusta*. O símbolo escolhido foi uma peça do Museu Municipal Carlos Reis, proveniente do núcleo de arqueologia, uma lucerna romana. O título da revista posa no topo (centrado, de acordo com o enquadramento visual da óptica do leitor) e, em baixo, surgem as indicações do número, mês e ano de publicação. Usaram-se cores sóbrias, em tons de castanho, tirando proveito do amarelo do papel. Na contra capa, exhibe-se, ao centro, o símbolo heráldico da vila de Torres Novas (igualmente a castanho). São usadas, apenas, duas cores na impressão da capa: preto e castanho.

<sup>111</sup> Segundo testemunhos orais sobre a vida da época, 10 escudos era um preço bastante elevado para uma publicação deste género, pelo que os compradores terão sido poucos e, por certo, apenas os membros da elite torrejana que constituía o Grupo Pró-Torres Novas.

<sup>112</sup> Cf. apêndice I, tabela 1.

<sup>113</sup> Transcritos neste trabalho nas páginas 11-12 e 13-15, respectivamente.

<sup>114</sup> Que, na realidade, é a página 7. No entanto, para que não haja confusões, utilizaremos daqui em diante, a numeração assumida na revista.

<sup>115</sup> N. 7 de Novembro de 1900 (Torres Novas) - † 18 de Outubro de 1962 (Torres Novas). Filho de Carlota Ferreira e de Gregório dos Santos Pinho, dedicou-se ao estudo da *Revolta de Torres Novas* (publicado pela C.M.T.N em 1986). Foi funcionário da Câmara Municipal e colaborador assíduo do jornal *O Almonda*. *Vd.* biografia em Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 85-87.

<sup>116</sup> N. 27 de Maio de 1891 (Soudos, Torres Novas) - † 20 de Março de 1969 (Torres Novas). Filho de Manuel Marcos Mendes e de Teresa de Jesus Gonçalves de Azevedo Mendes. Contribuiu para a fundação do Colégio João de Deus (1926) e foi um dos fundadores do Colégio de Andrade Corvo. Foi médico, educador e pedagogo. *Vd.* biografia em Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 65-68.

<sup>117</sup> N. 11 de Outubro de 1902 (Torres Novas) - † 6 de Outubro de 1986 (Torres Novas). Autodidacta dedicado às coisas de Torres Novas, foi colaborador de jornais, revistas e livros, e cidadão participativo na vida associativa e política. *Vd.* biografia e bibliografia em: Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 89-92; *Vd.* Joaquim Rodrigues Bicho - *Colecânea de textos de autores torrejanos*, pp. 385-389.

<sup>118</sup> N. 19 de Abril de 1889 (Torres Novas) - † 25 de Novembro de 1972 (Torres Novas). Comerciante, autodidacta e cidadão participativo na vida cultural, associativa e política. Foi também poeta e escritor. *Vd.* Biografia e bibliografia em: Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 51-54; Joaquim Rodrigues Bicho *Colecânea de textos de autores torrejanos*, pp. 343-346.

<sup>119</sup> N. 29 de Março de 1905 (Lapas, Torres Novas) - † 14 de Maio de 1974 (Torres Novas). Aos 53 anos revela-se como escritor, tendo trabalhado até então em profissões tão diversas como operário têxtil, marinheiro e director do jornal *A Renascença*. Inseria-se no ciclo cultural da sua época, mantendo amizades fortes com escritores como Manuel da Fonseca. Foi também colaborador de vários jornais nacionais e em periódicos regionais. Activista político, combateu o regime de Salazar, tendo sido preso e obrigado a viver na clandestinidade. *Vd.* Biografia e bibliografia em: Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 97-100; *Vd.* Joaquim Rodrigues Bicho - *Colecânea de textos de autores torrejanos*, pp. 391-401.

<sup>120</sup> Este artista do modernismo português tinha raízes torrejanas, daí a sua presença na revista. O seu pai era torrejano e Bual chegou a viver com ele alguns anos em Torres Novas, embora tenha nascido em Lisboa (1927).



A página 71 traz o capítulo «Ficção» que conta com textos de reputados escritores torrejanos: Judith Navarro<sup>121</sup>, Maria Lúcia Namorado<sup>122</sup> e António Borgia.

No final da revista, há lugar ainda para deixar o registo das comemorações do 25.º aniversário da Biblioteca-Museu Municipal: relato da sessão de abertura das comemorações; a inauguração das conferências; registo do trabalho do grupo Pró-Torres Novas; alusão ao centenário do nascimento do pintor Carlos Reis e o anteprojecto das comemorações da efeméride; registo da visita do Círculo de Estudos Arqueológicos a Torres Novas; memorial a Manuel Simões Pinho, falecido em Outubro de 1962. As últimas páginas foram reservadas para o registo das imagens, com a secção «Documentário pela imagem», onde se perfilam as seguintes fotografias: a cerimónia do descerramento do retrato do antigo director da Biblioteca-Museu; a conferência «Correia de Oliveira, cantor dos mais altos valores da Grei»; o presidente da câmara a agradecer aos conferencistas no encerramento da sessão inaugural do ciclo de conferências; um aspecto da audiência das conferências; João Reis (na legenda da fotografia pode ler-se uma pequena biografia); Artur Bual; o director da Biblioteca (Borges dos Santos) proferindo uma conferência na sua terra natal, no Salão Nobre da Junta Geral de Angra do Heroísmo; visita das alunas da Escola Técnica de Torres Novas à biblioteca municipal (vê-se a antiga sala de leitura, ainda no edifício do Largo dos Combatentes, a primeira casa da biblioteca). Por lapso, no fim, repetem-se as páginas “Bual”, “conferência nos Açores” e “visita das alunas”. Seguem-se as anotações na contracapa, referidas acima.

#### **b) Directores: linhas de continuidade e de ruptura**

Os directores da revista *Nova Augusta* são, desde a criação da revista, os directores da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes<sup>123</sup> (e do Museu Carlos Reis<sup>124</sup>). O facto de a *N.A.* ter nascido acoplada à biblioteca municipal explica esta simbiose e era natural que o dirigente da biblioteca tomasse as rédeas da edição da revista.

Apresenta-se, em anexo (apêndice I), uma breve biografia de cada um dos directores da *N.A.*, baseada no trabalho «Directores da Biblioteca Municipal de Torres Novas»<sup>125</sup> ao qual acrescentámos a análise da sua influência na revista *Nova Augusta*.

<sup>121</sup> Judite Vitória Gomes da Silva, n. 24 de Outubro de 1908 (Torres Novas) - † 11 de Novembro de 1987 (Vale de Janelas). Filha de Augusto José da Silva e de Maria Leonor Gomes da Silva, distinguiu-se nas letras como escritora de romances. *Vd.* Biografia e bibliografia em: Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de Vulto*, pp. 51-54; *Vd.* Joaquim Rodrigues Bicho *Colecção de textos de autores torrejanos*, pp. 415-430.

<sup>122</sup> n. 1 de Junho de 1909 (Torres Novas) - † 9 de Fevereiro de 2000 (Lisboa). Foi ela quem sugeriu a construção do Jardim-Escola João de Deus de Torres Novas, foi colaboradora de revistas e de jornais, sobretudo de temáticas relacionadas com o mundo feminino e das crianças. Escreveu alguns contos. *Vd.* Biografia e bibliografia em: Joaquim Rodrigues Bicho *Colecção de textos de autores torrejanos*, pp. 449-456.

<sup>123</sup> É de referir que até 1981 este cargo era exercido sem qualquer remuneração aos seus detentores.

<sup>124</sup> O director da biblioteca foi o mesmo do museu até ao ano 2007. Até 1962, estas instituições estavam de tal modo arregadas que partilhavam as mesmas instalações e nome: Biblioteca-Museu Municipal de Torres Novas. Só em 1993, o museu foi transferido para a casa Mogo de Melo. Actualmente, o museu mantém-se na Casa Mogo de Melo e a Biblioteca foi trasladada para um novo edifício no Largo da Fontinha. A Biblioteca assume o nome do fundador da biblioteca-museu (Gustavo Pinto Lopes) e o museu o do mestre-pintor torrejano mais reputado, Carlos Reis.

<sup>125</sup> Município de Torres Novas [Ana Maria Marques] - «Directores da Biblioteca Municipal de Torres Novas». *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008, pp. 45-52.

### c) Periodicidade<sup>126</sup>

A publicação da *Nova Augusta* foi, desde o início, tomada como periódica, regular. No entanto, diversas contrariedades obrigaram, por três vezes, a sustentar a edição da revista. Desde 1999 que a *N.A.* se publica ininterruptamente, com uma periodicidade anual.

Na década de 1960, publicam-se apenas dois números, o número inaugural em 1962 [já estudado no ponto 1 deste trabalho] e um segundo número em 1963. Esta parelha constitui a primeira série da *Nova Augusta* terminada com a saída do director A. Borges dos Santos e com a extinção do Grupo Pró-Torres Novas.

Passados 18 anos, é Carraça da Silva quem reanima a *Nova Augusta*, num contexto completamente diferente do da fundação da *N.A.*, quer devido à emergência dos temas regionais a um nível científico e do gosto pelos temas da história local e da etnografia, quer graças à “autonomização” das regiões e à maior atenção dada aos temas “da terra”, através dos poderes da democracia (no caso, o maior peso das câmaras municipais). No livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas, de 1981, encontramos a deliberação da reedição da segunda série da *Nova Augusta*. Nesta entrada podemos ler o ofício que Carraça da Silva remeteu à Câmara com o pedido de autorização para a reedição da revista, onde explica as suas razões e apresenta a orçamentação para a impressão de 1000 exemplares.

«Biblioteca Municipal:

Presente ofício da Biblioteca Municipal número cinquenta e oito de dezasseis de Março de mil novecentos e oitenta e um do seguinte teor: “Em mil novecentos e sessenta e dois e mil novecentos e sessenta e três a Câmara Municipal, através da Biblioteca, publicou dois exemplares da Revista “Nova Augusta”, que juntamos em anexo, que constituíram assinalável êxito editorial e que tiveram um importante papel no lançamento de novos valores bem como na divulgação de aspectos variados sobre a vila e a cultura no concelho. Embora discordando de um certo ar propagandístico assumido pela revista, consideramos a ideia muito válida e lamentamos que a publicação tenha sido interrompida. Assim [fl.21v] vimos propor autorização para a edição do número três da referida revista a publicar-se em Junho, coincidindo com o aniversário da fundação da Biblioteca e Museu, e onde seriam publicados trabalhos de índole cultural ou outros que pela sua finalidade e interesse merecessem ser dados à estampa. Propomos ainda que a revista possa inserir publicidade, embora limitada, o que tornará a sua edição menos dispendiosa. Em anexo, enviamos dois orçamentos, definindo a publicação de mil revistas que seriam vendidas ao público e oferecidas às autarquias, bibliotecas e outras instituições culturais. A Câmara deliberou por unanimidade mandar entregar à Gráfica Almondina a execução do trabalho de mil revistas nas condições propostas que importa na quantia de vinte mil cento e cinquenta e sete escudos<sup>127</sup>.»<sup>128</sup>

<sup>126</sup> Cf. apêndice I, tabela 1

<sup>127</sup> As impressões dos números seguintes, 2,3/4, terão custado um pouco mais, a julgar pelas minutas de pagamentos a autorizar pela Câmara Municipal: 1982 – cerca de 24 mil escudos; Em 1984, há vários pagamentos à Gráfica Almondina, não sabemos qual corresponde ao pagamento da *Nova Augusta* (39 659 escudos ou 20 641 escudos)...

<sup>128</sup> Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas, 24 de Fevereiro de 1981 – 3 de Novembro de 1981, fl. 21-21v. [AHMTN- n.º 2069]

Embora envoltas em grande esperança, as edições de Carraça da Silva não surtiram o efeito por si desejado: «Manter no futuro uma publicação regular, pelo menos anual, é um imperativo.»<sup>129</sup> Com a saída deste director, até aos anos 90, mais nenhum outro se voltará a interessar pela revista de cultura do município. Só em 1991 se assiste à reedição da *N.A.*, mas sem pretensões de vir a ser uma publicação regular, talvez uma edição comemorativa, aqui e ali, quando a ocasião o merecesse. A *N.A.* ressurgiu no âmbito das comemorações do VIII Centenário do Foral de Torres Novas<sup>130</sup> (1190-1990), com a intenção de se publicar as conferências que se realizaram nesse ano (no número 5, 1991<sup>131</sup>), e fixar a memória das comemorações (fotografias e afins), em 1992. Todavia, os colaboradores iam aparecendo e parecia que começava a criar-se uma prática habitual: 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996... Todos estes anos se publicou uma *Nova Augusta* à custa do esforço e da organização do seu director. Em 1997 e em 1998, a *N.A.* não viu a luz do dia. Interrogámos o director da época sobre este hiato e registámos as suas explicações:

«A não publicação nos anos de 97 e 98 deveu-se a duas razões:

1. Em 1996 eu tinha sido nomeado chefe da divisão que abarcava o trabalho das actuais de bibliotecas e museus e ainda a dos serviços culturais, que acumulava. Em 1993 tinha chegado a Dra. Ana Marques para este último sector, mas eu, para além do cargo, tinha a gestão e direcção da biblioteca, do museu (pelo meio houve a mudança e reestruturação inicial do museu), o programa editorial, muito trabalho no âmbito dos serviços culturais e das colectividades e assegurava, como foi dito, a *Nova Augusta*. Neste contexto, comecei a ter alguma falta de tempo e de meios para acorrer a todas as situações.
2. Mas a segunda razão e determinante deve-se ao facto de ter delegado em terceiros a reunião dos artigos e a planificação mínima da *N.A.*, porque se tratava de uma edição especial dedicada à arqueologia... Não se publicou em 1997, como previsto, também não se conseguiu que saísse em 1998 e, não fora encontrar uma pessoa que viesse dedicar-se exclusivamente à *N.A.* e à edição de livros, em 1999, não tinha saído ainda nesse ano. Na realidade, houve alguns atrasos na entrega de artigos, situação que se ampliou por se tratar de uma edição monotemática e que se foi arrastando.»

João Carlos Lopes<sup>132</sup>

Lançado, então o número 11, «especial Arqueologia», e encontradas «as pessoas certas» para agarrar este projecto, a *Nova Augusta* pôde finalmente cumprir as expectativas dos seus primeiros directores e tornar-se uma revista científica reconhecida, de periodicidade regular, anual.

#### **d) Dos colaboradores**

Pode dizer-se que a revista *Nova Augusta* vive, sobretudo, de duas fontes: o impulso dos directores e a participação dos colaboradores. De certo modo, a primeira fonte influencia a segunda, bons

<sup>129</sup> *Nova Augusta*, n.º 1, série II, p. 2.

<sup>130</sup> Iniciativa da Associação de Defesa do Património e do município de Torres Novas, para a qual foi constituída uma comissão própria.

<sup>131</sup> Editada em Julho de 1991 – *Vd. Nova Augusta*, n.º 5, 1991, p. 26.

<sup>132</sup> Entrevista em Dezembro de 2009, Torres Novas.

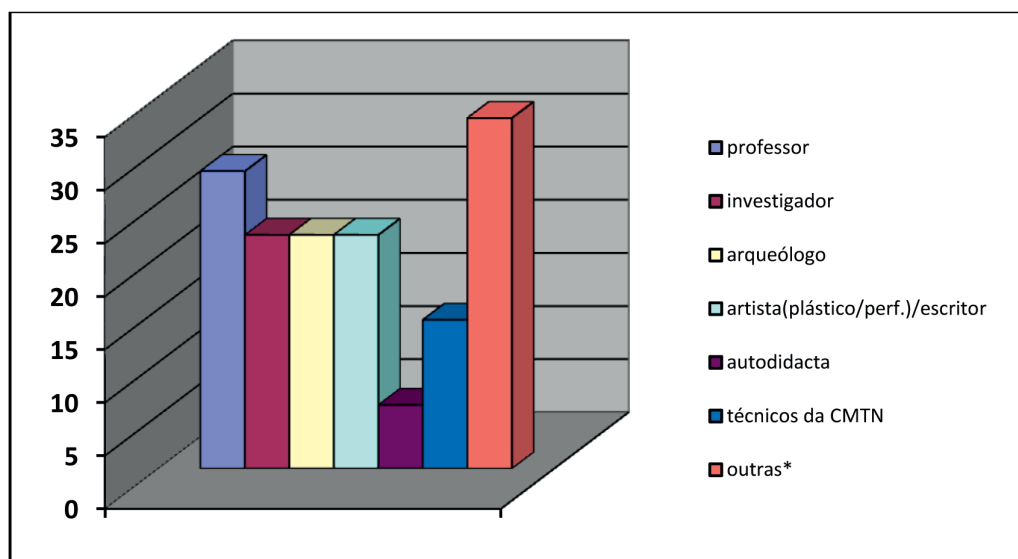
directores editoriais ou boas equipas editoriais cativam bons colaboradores. Chamamos bons colaboradores àqueles que contribuíram com o seu talento e trabalho, mas também àqueles que somam participações e que se notabilizam pela assiduidade com que aparecem na *N.A.*. Dos colaboradores mais assíduos, destacam-se os nomes de Joaquim Rodrigues Bicho (23 participações, desde 1982, dedicadas ao património torrejano), António Mário Lopes dos Santos (desde 1963, 19 participações, cujo denominador comum é a investigação da história local – à excepção da primeira colaboração em que apresentou um poema, em 1963) e Carlos Ribeiro (10 participações, desde 1982, sempre em torno dos temas do folclore).

Os colaboradores da *Nova Augusta* provêm de áreas de formação diversas. Todavia, regista-se uma tendência para os profissionais das ciências sociais e humanas e das artes, nomeadamente da história, da história da arte, da arqueologia e das letras. Nos primeiros números da revista é elevado o número de colaborações de autodidactas ou de pessoas que faziam da investigação, das letras ou das artes plásticas, um *hobby*.

Sempre foi marcante a presença de professores, técnicos de cultura (da autarquia) e de estudantes universitários. Nos últimos números, a maioria dos colaboradores são, realmente, investigadores (muitos deles com provas dadas a nível académico), notando-se um crescente qualitativo nas metodologias dos artigos e, obviamente, no produto final.

**Gráfico 1**

**Colaboradores – caracterização socioprofissional**



\*o item “outras” engloba todo o tipo de profissões. O número é elevado pois a maioria dos colaboradores tem uma profissão à qual juntam o trabalho de investigador.

O sucesso da *Nova Augusta* deve-se à pluralidade das participações e à qualidade dos seus colaboradores. Os textos de abertura de cada *N.A.* reflectem esse eclectismo:

«O primeiro número da revista Nova Augusta foi publicado há 45 anos.  
Provavelmente, não se terá sequer imaginado que esta perdurasse tanto tempo

e que ganhasse tantos colaboradores e amigos. São estes, hoje aqui presentes, que fazem da Nova Augusta uma revista de referência para os investigadores da história e disciplinas afins, de âmbito regional e local. E é aos digníssimos colaboradores que agradecemos e apelamos para que mantenham viva esta que já é uma referência da cultura de Torres Novas: a revista Nova Augusta.»

Discurso do lançamento público da *N.A.* n.º 19, 15 de Dezembro de 2007

«No alinhamento da NA 20 convivem académicos, profissionais das áreas da história, da museologia, do ensino. Convivem investigadores de profissão e outros que não o são. Convivem discursos académicos e discursos fluidos de escrita menos complexa, escolas e vivências diferentes. Convivem a dedicação e erudição dos seus colaboradores. É com esta matéria-prima que se produz a NA, uma revista com 46 anos de existência e periodicidade anual praticamente ininterrupta desde 1990.»

In «Nota de Abertura», *Nova Augusta*, n.º 20/série II, 2008

«E é assim que a revista *Nova Augusta* se constrói: com colaborações de diversas proveniências geográficas e académicas, todas em torno da história (e das histórias) de Torres Novas e do seu termo. É de salientar o crescimento das participações de investigadores de reconhecido grau académico, das universidades do Minho, do Porto, de Lisboa, de Coimbra e de Évora, e a persistência das colaborações de investigadores locais. Há a registar, ainda, a abertura da “NA” à primeira participação internacional, proveniente da Universidade da Florida, pela pena do conceituado historiador, fundador e director do Institute on Napoleon and the French Revolution, professor doutor Donald D. Horward. O crescimento da “NA” tem sido uma realidade. Essa evolução define-se pela quantidade de artigos apresentados, mas também e sobretudo, pela qualidade científica dos estudos e pelo reconhecido mérito dos seus autores.»

In «Nota de Abertura», *Nova Augusta*, n.º 21/série II, 2009

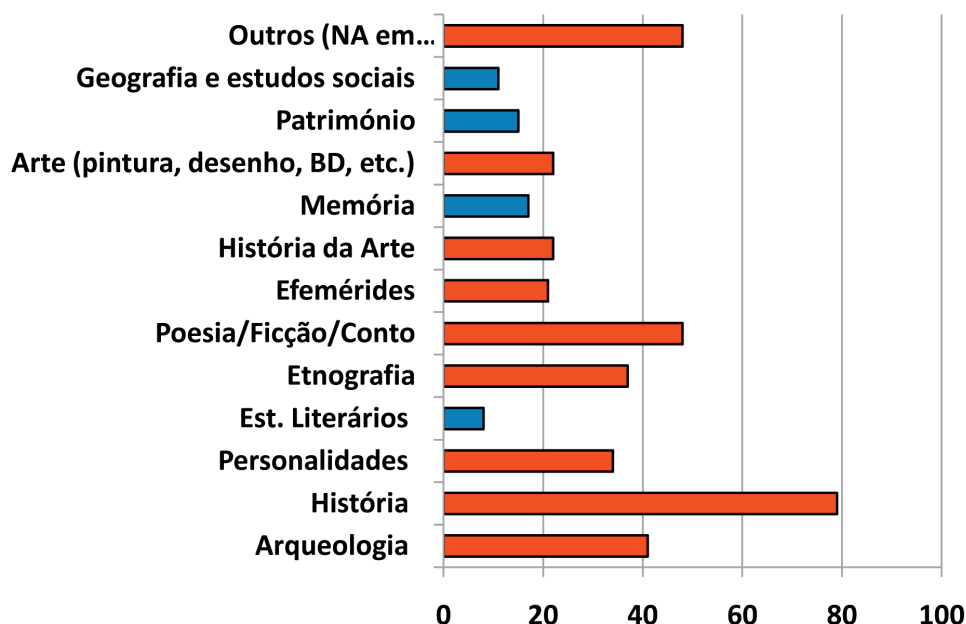
#### **e) Dos temas**

Para analisar os temas tratados na revista *Nova Augusta*, desde a sua primeira publicação até ao número 22, editado em 2010, analisámos todas as revistas [incluindo o número comemorativo dos cem anos da implantação da República Portuguesa (publicado em 2010)], uma a uma, e procedemos à sistematização dos dados numa tabela, ordenada por título do artigo, tema e número em que se inscreve. Era imperiosa a elaboração desta [Vd. apêndice I, tabela 2], de modo a termos um instrumento mais fácil de manusear e de ler do que a consulta revista a revista. Só assim foi possível obtermos uma visão global destes 23 anos de edições e contabilizar os temas abordados ao longo dos 25 números publicados.

A partir da sistematização da informação foi interessante perceber o pendor para o ecletismo das primeiras revistas, onde se misturam textos de cariz mais científico com mostras de artes plásticas e poesia; o interesse por determinadas disciplinas em épocas específicas, por exemplo, o grande *boom* de textos sobre o folclore e a etnografia, sobretudo nos números 2/II e 3-4/II, respectivamente, em 1982 e 1984; o domínio dos artigos de arqueologia nos anos 90 e as tendências actuais - os números mais

recentes, após a reforma do *layout* da *N.A.* (n.º 19, 2007), revelam o domínio dos temas da história, história da arte, arqueologia, personalidades e estudos sociais.

**Gráfico 2**  
**Predominância de temas na *Nova Augusta* do primeiro número (1962) ao último (2010,**  
**incluindo o número especial sobre a República)**  
 [tema/n.º de artigos]



FONTES: revista *Nova Augusta*, n.º 1 (série I) – n.º 22 (série II) + *Nova Augusta* especial República [Cf. apêndice I, tabela 2]

Da seriação dos dados podemos concluir que predominam os artigos que versam sobre os temas da história (dedicados à história local e regional), cerca de 20%; segue-se a poesia e a ficção, devido aos números editados até meados dos anos 80 em que se dava muito espaço a este tipo de participações (12%); em terceiro lugar segue-se a fatia que intitulámos de «Outros», onde englobámos todos os textos diversos que incluíssem notícias, anais, índices, etc. Quase todas as revistas têm uma nota de abertura e muitas delas apresentam a rubrica de índices; em quarto lugar, estão os artigos de arqueologia. Na realidade, e “esquecendo” o item «Outros», o *ranking* final é: 1.º História (20%); 2.º Poesia/Ficção (12%); 3.º Arqueologia (10%).

#### f) Distribuição e divulgação

Sabemos que os primeiros exemplares da revista *Nova Augusta* terão sido vendidos a dez escudos cada, a julgar pelo preço de capa. Sabemos ainda que a revista estava aberta a permutas com outras instituições, sendo esta, desde logo, uma forma de divulgar o trabalho da *N.A.* e de distribuí-la fora de Torres Novas. Não sabemos, todavia, quais terão sido os locais de venda. Provavelmente a Biblioteca-Museu e a livraria Nun’ Álvares<sup>133</sup>.

<sup>133</sup> Segundo as palavras de Joaquim Rodrigues Bicho, natural e residente em Torres Novas (n. 1926).

Das primeiras edições da segunda série, no que respeitava ao número 1 (1981), as «revistas que seriam vendidas ao público e oferecidas às autarquias, bibliotecas e outras instituições culturais»<sup>134</sup>. Estavam à venda ao público na recepção da Biblioteca Municipal pelo preço aproximado de 20 escudos/exemplar<sup>135</sup>.

Actualmente, todos os livros do Município de Torres Novas, incluindo a *Nova Augusta*, são vendidos nas livrarias locais (comércio tradicional e grandes espaços comerciais, como a Bookit) e na recepção da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. O balcão do Arquivo Histórico Municipal vende alguns títulos, mais ligados à sua área de trabalho, e o Museu Municipal Carlos Reis tem também à venda algumas publicações.

Em Torres Novas, actualmente, a revista de cultura *Nova Augusta* coexiste com o formato propagandístico do *Boletim Municipal*. Tratando-se de publicações de cariz diferente desde a sua matriz, são produzidas por gabinetes diferentes, com funções dissemelhantes: a *N.A.* é produzida por um gabinete de estudos, de cariz científico, e o *Boletim* por um gabinete de imagem e comunicação, vocacionado para o *marketing* institucional. Origens diferentes, caminhos diversos, periodicidade e públicos distintos. Não há comparação entre as publicações, nem interferência entre os conteúdos de uma e os da outra.

«O desenvolvimento e a divulgação da “NA” são possíveis graças a uma sustentada rede de permutas que inclui grande parte das bibliotecas municipais do país, e ainda as bibliotecas, institutos e centros de investigação universitários. Mas devem-se, igualmente, a um projecto editorial de paixão, empenho e compromisso do Município de Torres Novas e de todos quantos se envolvem no processo de concepção, planeamento e produção de cada uma das edições da *Nova Augusta*.»

In «Nota de Abertura», *N.A.* n.º 21, 2009

### 3.3 A edição institucional de livro

#### 3.3.1 A edição municipal de livro

«Não se deu neste concelho cumprimento à portaria do Ministério do Reino, de 8 de Novembro de 1847<sup>136</sup>, cujo teor segue: “Sua Majestade a Rainha há por bem ordenar, que em cada uma das Câmaras Municipais dos Concelhos do Reino e Ilhas Adjacentes haja um livro especial com a denominação de “Anais do Município” no qual anualmente se consignem os acontecimentos e os factos mais importantes que ocorrem e cuja memória seja digna de conservar-se (...)”. Passam-se os anos até (...) a câmara Municipal nomear uma comissão (...) para organizar o registo dos factos mais notáveis, que se tivessem dado ou continuassem a dar neste concelho, nos Anais do Município.

Nada fizeram os quatro doutores [da comissão], não constando mesmo que a comissão chegasse a constituir-se. (...)»

Artur Gonçalves, *Anais torrejanos*, pp. 9-10

<sup>134</sup> Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas, 24 de Fevereiro de 1981 – 3 de Novembro de 1981, fl. 21-21v. [AHMTN - n.º 2069]

<sup>135</sup> A julgar pelo orçamento apresentado pela Gráfica Almondina e acreditando que estaria a ser vendida a preço de custo como o é hoje.

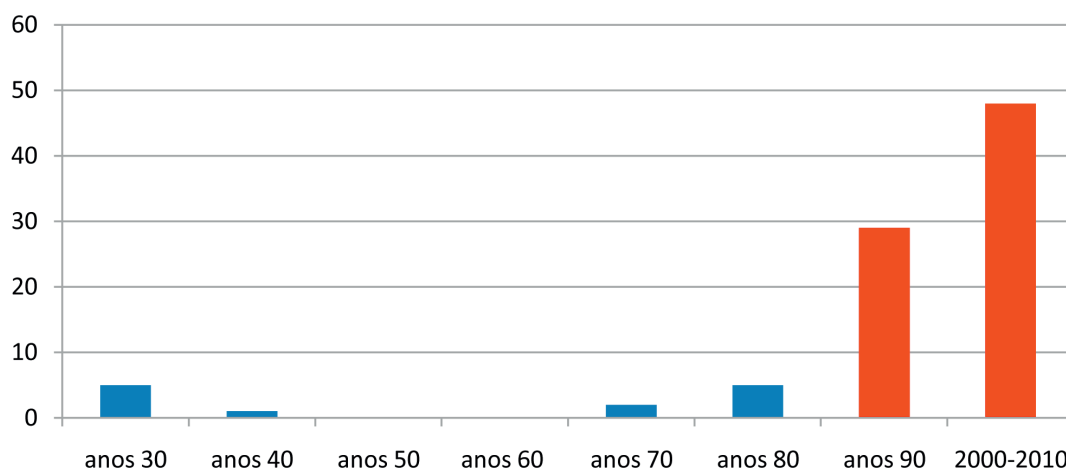
<sup>136</sup> Referida neste trabalho no ponto 3 (revisão bibliográfica) – a edição pública em Portugal.



De facto, apesar das directrizes da rainha, o «Livro dos Anais do Município»<sup>137</sup> só começaria a ser escrito em 1909, a propósito da visita do rei D. Manuel II a Torres Novas. Este livro dos anais é, à excepção do manuscrito de Francisco Arês e Vasconcelos (século XVIII), a única sistematização conhecida, ao nível da documentação local (produzida em Torres Novas), dos acontecimentos/história de Torres Novas. No entanto, nenhuma destas obras foi impressa. O prelo ficaria para as obras de Artur Gonçalves<sup>138</sup>, durante a terceira década do século XX.

#### a) Os livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas

**Gráfico 3**  
**Incidência de publicações por ano/décadas**



A actividade editorial do município de Torres Novas remonta a meados dos anos 30 (século XX), com uma série de edições de cariz historiográfico da autoria de Artur Gonçalves. Nesta série incluem-se quatro títulos que são, ainda hoje, referências imprescindíveis para os estudos locais (*Torrejanos Ilustres em letras, ciências, armas, religião, etc.*<sup>139</sup>, 1933; *Torres Novas. Subsídios para a sua história*, 1935; *Mosaico torrejano. Miscelânea de retalhos do passado e do presente de Torres Novas para memoração no futuro*, 1936; *Memórias de Torres Novas. Novos subsídios para a sua história*, 1937; *Torres Novas na Exposição Feira de Santarém*, 1937)<sup>140</sup> e o livro dos *Anais de Torres Novas* (1939), obra póstuma, elaborada com o intuito de completar o livro dos anais, exigido por D. Maria II em meados do século XIX, e que lhe valeu as seguintes palavras, de alívio e de humor, na nota de abertura deste seu livro:

«Desta maneira fica satisfeita, em parte, a ordem de Sua Majestade a Rainha D. Maria II e o meu desejo de proporcionar aos torrejanos o conhecimento de feitos da sua terra que lhes devam talvez interessar, mas que continuariam a ser ignorados da maior parte,

<sup>137</sup> Actualmente à guarda do Gabinete de Apoio à Presidência da Câmara Municipal de Torres Novas.

<sup>138</sup> 14 de Agosto de 1869-†11 de Agosto de 1938. A sua biografia pode ler-se em Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de vulto*, pp. 25-27 e no artigo, do mesmo autor, «Em memória de Artur Gonçalves», *Nova Augusta*, n.º 20, 2008, pp. 221-232. Neste trabalho, na tabela 2 do apêndice IV – Autores locais, fizemos uma nota breve da sua biografia.

<sup>139</sup> Artur Gonçalves já havia publicado no semanário *O Torrejano* (por ele fundado) na secção «Torrejanos ilustres» algumas notas sobre indivíduos notáveis nascidos em Torres Novas. Na altura do encerramento de *O Torrejano*, passou a escrever esta secção no jornal *O Almonda*.

<sup>140</sup> Ver sinopses no apêndice II, tabela 1



se não fora a qualidade que me arroguei de... cabouqueiro do passado e, já agora, do presente de Tôres (sic) Novas.»

Artur Gonçalves, *Anais torrejanos*, p. 11

O primeiro livro editado pela Câmara Municipal de Torres Novas foi a obra *Torrejanos ilustres em letras, ciências, armas, religião, etc.*, de Artur Gonçalves, em 1933, graças ao trabalho de «cabouqueiro» de Gonçalves, mas também à acção de Gustavo Pinto Lopes<sup>141</sup>, à época presidente da Comissão Administrativa Municipal, fundador da biblioteca-museu, homem atento à preservação da memória da vila através da conservação do seu património, da divulgação e fixação da sua história (pelos livros) e da divulgação cultural entre os torrejanos.

«Aprovada esta [edição] por unânime, decorre o lapso de sete anos sem que se lhe dê cumprimento, até que, tomando posse das cadeiras da edilidade a Comissão Administrativa da presidência do sr. Gustavo de Bivar Pinto Lopes, propôs este em sessão de 6 de Maio de 1933 [que] se efectivasse aquela malfadada proposta.»<sup>142</sup>

Na década de 30, Torres Novas viveu um impulso cultural fulgurante, graças a figuras como Gustavo Pinto Lopes, Artur Gonçalves e o mestre Carlos Reis. Os dois primeiros, sobretudo, pugnaram pelo desenvolvimento cultural da vila e pelo reconhecimento da sua importância histórica, Gustavo Pinto Lopes na sua senda pela construção de uma biblioteca e de um museu municipais, recolhendo milhares de livros e peças de valor patrimonial entre as famílias torrejanas, e Artur Gonçalves na construção de obras de cariz historiográfico sobre a história da vila, dos primórdios aos anos 30 do século XX, desvincilhando-se com Pinto Lopes nas coisas da arqueologia, nos anos em que se vislumbravam os primeiros vestígios da vila romana de Cardílio.

Pela sua dedicação a Torres Novas e reconhecendo o trabalho único que Gonçalves fazia, todas as propostas de futuras edições obtiveram constantemente aprovação da câmara municipal, desde 1935, sob a presidência de Carlos Azevedo Mendes<sup>143</sup>, tendo o autor recebido sempre os devidos emolumentos (pelo trabalho e direitos de autor). Além disto, ficava também estabelecido onde é que se venderiam os livros e a percentagem que cabia aos livreiros. Só a edição de *Anais torrejanos* aconteceu após a morte do autor<sup>144</sup>, e esta (e os direitos autorais) foi, por isso, comprada a Artur Virgílio de Arês e Vasconcelos, parente de Artur Gonçalves.

Observem-se as notas que recolhemos nos livros de actas da Câmara Municipal de Torres Novas a respeito das primeiras obras editadas pela edilidade torrejana:

«**”Subsídios para a História de Torres Novas”** – Por proposta do senhor presidente, aprovada por unanimidade, deliberou a Comissão tomar a seu cargo as despesas a fazer com o novo livro do

<sup>141</sup> Sobre Gustavo Pinto Lopes leia-se (neste trabalho) a nota de rodapé 93

<sup>142</sup> Artur Gonçalves *Torrejanos ilustres*, pp.11-12.

<sup>143</sup> Carlos de Azevedo Mendes (1888-1962) esteve à frente da Câmara Municipal de Torres Novas entre 1935 e 1950. Durante esta época inaugurou-se a biblioteca-museu municipal, ajardinou-se a beira do rio Almonda e pavimentou-se a Avenida Marginal, reconstruiu-se o castelo, trasladaram-se os corpos do cemitério no interior do castelo para local próprio, entre outras obras de importância para o desenvolvimento da vila. Veja-se a biografia de Carlos Azevedo Mendes em Joaquim Rodrigues Bicho - *Torrejanos de vulto*, pp. 47-50.

<sup>144</sup> Pela sua dedicação a Torres Novas, a câmara municipal deliberou homenageá-lo (Livro de Actas da CMTN, cota 252, Sessão de 16 de Agosto de 1938) e, alguns anos mais tarde (em 1954), conceder o seu nome a uma das ruas do centro da vila (Rua Artur Gonçalves, entre o Largo Coronel António Baptista e o Largo do Paço) – *Vide* Joaquim Rodrigues Bicho – *Toponímia da cidade de Torres Novas*, p. 27.

senhor Artur Gonçalves, intitulado “Subsídios para a História de Torres Novas”.»<sup>145</sup> [Desta edição, o autor recebeu 20 exemplares e 2 mil escudos (referentes à compra e aos direitos de autor) e à Câmara Municipal de Torres Novas coube a receita da venda dos livros.]<sup>146</sup>

«**”Mosaico torrejano”** – resolveu a Comissão mandar imprimir um terceiro livro do Senhor Artur Gonçalves, intitulado “Mosaico torrejano”.»<sup>147</sup> «**”Mosaico torrejano” e “Torrejanos ilustres”** – Carta de dezasseis do corrente, do gerente da Companhia Editora do Minho, remetendo uma guia do caminho-de-ferro respeitante à remessa da terceira obra do Senhor Artur Gonçalves, intitulada “Mosaico torrejano”. Inteirada a Comissão deliberou: Primeiro – comprar ao Senhor Artur Gonçalves a edição desta obra e os seus direitos de autor pela quantia de dois mil escudos, entregando-lhe, também, vinte exemplares; segundo – foi a mesma [posta] à venda pelo preço de 15 escudos por cada exemplar, ficando os vendedores desta vila com a percentagem de vinte por cento e o depositário com a de trinta por cento, que deverá ser a livraria Sá da Costa, de Lisboa, se assim o desejar; Terceiro – Comprar ao mesmo Senhor a edição dos “Torrejanos Ilustres” e os seus direitos de autor pela quantia de mil duzentos e cinquenta [sic] escudos, ficando excluídas desta verba as percentagens que já recebeu pela venda dos exemplares (cincoenta [sic] por cento). A propósito e para evitar quaisquer dúvidas no futuro, a quantia de dois mil escudos para pagamento do livro “Torres Novas”, estabelecida em sessão de vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e trinta e seis, refere-se não só à compra da edição, mas também aos respectivos direitos de autor.»<sup>148</sup>

«**”Memória de Torres Novas”** – resolveu a Comissão mandar imprimir um quarto livro do Senhor Artur Gonçalves, intitulado “Memórias de Torres Novas”, e solicitou à Companhia Editora do Minho, de Barcelos, o orçamento de impressão, devendo-lhe ser remetido para este fim o original da obra.»<sup>149</sup>

«**”Memórias de Torres Novas”** – Sobre esta obra, deliberou a Câmara: a) Comprar a edição e os direitos de autor ao senhor Artur Gonçalves, pela quantia de dois mil escudos, a inscrever no próximo orçamento; Fixar em dez escudos o preço de venda de cada exemplar; c) Conceder aos vendedores a percentagem de vinte por cento sobre o preço de cada exemplar vendido. Mais deliberou a Comissão não remeter exemplares da mesma para a livraria Sá da Costa, de Lisboa, depositária dos restantes livros do Senhor Artur Gonçalves, e bem assim acabar com este depósito.»<sup>150</sup>

«**”Memórias de Torres Novas”** – Carta desta data, do Senhor Artur Gonçalves, informando que concorda plenamente com as condições exaradas em acta da sessão antecedente, a respeito dos direitos das “Memórias de Torres Novas”.»<sup>151</sup> [Recebimento do comprovativo de pagamento da obra Memórias de Torres Novas (não contém o valor) - Sessão de câmara de 1 de Fevereiro de 1938]<sup>152</sup>

«**”Torres Novas na Exposição Feira de Santarém”** – Para efeitos de impressão, deliberou a comissão remeter à Companhia Editora do Minho, de Barcelos, o novo trabalho do Senhor Artur Gonçalves, intitulado “Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém”, e bem assim como solicitar à mesma respectivo orçamento.»<sup>153</sup>

<sup>145</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 249, sessão de 7 de Fevereiro de 1935

<sup>146</sup> Livro de Actas da CMTN cota 250, sessão de 28 de Janeiro de 1936

<sup>147</sup> Livro de Actas da CMTN cota 250, sessão de 21 de Janeiro de 1936

<sup>148</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251, sessão do dia 23 de Fevereiro de 1937

<sup>149</sup> Livro de Actas da CMTN cota 251, sessão de 25 de Maio de 1937

<sup>150</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251, sessão de 30 de Novembro de 1937

<sup>151</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251, sessão de 7 de Dezembro de 1937

<sup>152</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 252

<sup>153</sup> Livro de Actas da CMTN cota 251, sessão de 27 de Julho de 1937

«**”Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém”** – Carta de seis do corrente, do gerente da Companhia Editora do Minho, remetendo uma senha de despacho de uma encomenda com a publicação “Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém, da autoria do Senhor Artur Gonçalves, e a factura das respectivas despesas no montante de quatro mil duzentos e cinquenta [sic] e oito escudos. Deliberou a Camara [sic] liquidar esta importância e pagar ao Senhor Artur Gonçalves a quantia de mil escudos, como remuneração pelo trabalho que despendeu com aquela obra.»<sup>154</sup>

«Preço de venda de uma publicação Resolveu a Câmara fixar em quinze escudos o preço de venda de cada exemplar da publicação **“Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém”**, bem como conceder a percentagem de vinte por cento aos vendedores.»<sup>155</sup> [Recebimento do comprovativo de pagamento da obra Memórias de Torres Novas (não contém o valor) Sessão de 22 de Fevereiro de 1938]<sup>156</sup>.

«**”Anais torrejanos”** – deliberou a Câmara comprar ao Senhor Artur Virgílio Arez de Vasconcelos e pela importância de dois mil escudos, a inscrever no próximo orçamento, a edição e os direitos de autor da obra “Anais torrejanos”, da autoria do Senhor Artur Gonçalves, e bem assim mandar imprimir quatrocentos exemplares da mesma, pedindo-se para tanto o respectivo orçamento à Companhia Editora do Minho.»<sup>157</sup>

«Companhia Editora do Minho – Carta de dezassete do corrente, referente desta Companhia, remetendo dois caixotes com trezentos e noventa e nove volumes dos **“Anais torrejanos”** (...).»<sup>158</sup>

Embora houvesse a noção de que os livros de Artur Gonçalves seriam lidos por poucos, talvez uma elite intelectual, estes eram considerados de grande valia para a fixação da memória torrejana e para a divulgação da história do concelho, garante da sua antiguidade e importância histórica:

«Embora seja deminuto [sic] o número dos que lerem este livro, credores se tornam do meu agradecimento (...). Deliberou a Comissão Administrativa da Câmara Municipal fazer desta obra, na ilusiva [sic] persuasão de que prestava um serviço ao concelho.»

Artur Gonçalves, *Memórias de Torres Novas*, p. 9<sup>159</sup>

«...devem lembrar-se que eu escrevo para os que não sabem, vindoiros principalmente, por isso anoto agora o que amanhã talvez seja interessante...»

Artur Gonçalves, *Mosaico torrejano*, p. 10

Após esta vaga de publicações, o lançamento de livros publicados pela Câmara Municipal de Torres Novas acontecerá apenas em 1942:

uma biografia do pintor Carlos Reis, realizada por Gustavo Pinto Lopes e Artur Gonçalves. Na realidade, Gustavo Pinto Lopes concluiu o trabalho que Artur Gonçalves havia iniciado e que à data da sua morte deixara suspenso. Gonçalves preparara a biografia do amigo Carlos Reis até 1933, mas à data da morte do pintor, 1940, resolveu a câmara municipal publicar esta biografia, pedindo então a Gustavo Pinto Lopes que a completasse.<sup>160</sup>

<sup>154</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251, sessão de 15 de Fevereiro de 1938

<sup>155</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251, sessão de 15 de Fevereiro de 1938

<sup>156</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 251

<sup>157</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 252, sessão de 6 de Dezembro de 1938

<sup>158</sup> Livro de Actas da CMTN, cota 252, sessão de 23 de Maio de 1939

<sup>159</sup> 2.ª edição, jornal *O Almonda*, 1990.

<sup>160</sup> Vide Artur Gonçalves e Gustavo Pinto Lopes – *Carlos Reis*, p. 5: «Tendo esta Câmara resolvido editar também a biografia do nosso conterrâneo ilustre Carlos Reis, encarregou de a actualizar e completar, o mais velho dos seus amigos, que disso se desempenhou o melhor que soube e pôde.»

e um livro genérico sobre Torres Nova (história, etnografia, cultura e locais de interesse turístico), da autoria do P.<sup>e</sup> Augusto Durão Alves<sup>161</sup>, que viria a ser director da biblioteca e do museu municipais entre 1944 e 1957.

Decorrem 20 anos até em 1962 se reiniciar uma nova fase editorial impulsionada pelo lançamento da revista *Nova Augusta*<sup>162</sup> (amplamente estudada no ponto 3.2 deste trabalho). Todavia, o fulgor da iniciativa durou apenas dois anos, sem se verificar a edição de livros.

A difusão cultural em Torres Novas, entre os finais dos anos 30 e os inícios dos anos 70, fazia-se, sobretudo, através da biblioteca-museu (tida como «casa de cultura») e, entre 1955 e 1964, pela acção do grupo Pró-Torres Novas (já referido no ponto 3.2)<sup>163</sup>, mas não passava pelo lançamento regular de livros. O grupo Pró-Torres Novas organizava exposições, palestras e festas várias, como as Festas do Almonda, realizadas no interior do castelo e apoiava as associações de cultura e recreio que se desenvolviam com o incentivo da FNAT. Aliás, na segunda metade dos anos 50 surgiram os ranchos folclóricos, apoiados pelo Grupo Pró-Torres Novas, a par de outras associações que, durante estas décadas, era o garante e o motor da actividade lúdico-cultural da vila.

Nos anos 40 houve na vila (como por todo o país) uma certa euforia a propósito do bicentenário da nação, marcado com eventos diversos, como foi a inauguração do painel de Gil Paes, em 1939, do artista Jorge Colaço.<sup>164</sup> A inserção da inauguração do painel nestas comemorações, a par de outras obras, como o fontanário ou a Casa da Propaganda e, mesmo, a insistência da Câmara em ter concluída em 1940 a restauração do castelo, de modo a poder integrá-la nas comemorações, demonstra a interligação entre estes elementos enquanto símbolos de uma portugalidade que se pretendia constituir como expressão de um povo de história e tradição. Além destes eventos, eram as festas (católicas) e os grandes acontecimentos religiosos que marcavam o calendário da vila.<sup>165</sup>

A praticamente inexistente publicação de livros<sup>166</sup> entre os anos 40 e 70<sup>167</sup> percebe-se pelo contexto nacional de amorfismo cultural decorrente da mentalidade salazarista que “pulverizava” Portugal:

<sup>161</sup> O P.<sup>e</sup> Augusto Durão Alves (n. 1891-†1957) escreveu várias obras de carácter didáctico e apostólico e era colaborador assíduo do jornal *O Almonda*. Sobre o P.<sup>e</sup> Durão Alves Vd. *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes*, 2008, p.47

<sup>162</sup> A edição desta revista é indissociável do dinamismo editorial municipal, sendo a N.A. a mãe do fulgor editorial ao nível municipal, como aliás sustentámos no ponto 3.2 deste trabalho.

<sup>163</sup> Sobre o grupo, veja-se o que se diz nas notas de rodapé 99 e 100.

<sup>164</sup> Com a obra de Colaço, Torres Novas ganhava a oportunidade de dar-se a conhecer ao país pelo que supostamente teria de melhor: o castelo, as lendas heróicas, as comemorações apoteóticas da sua devoção à Pátria e aos seus heróis e mártires. Que melhor se poderia ter, na viragem dos anos 30 para 40, em Portugal, que o patriotismo em grandes doses e um amor cego pela História de Portugal contada em lendas e estórias que exaltavam o heroísmo nacional? Que melhor que um castelo a materializar a memória dessas estórias? Que melhor que um artista pintar a lenda da cidade e dá-la a conhecer à sua população? De facto, a euforia nacionalista/patriótica que Torres Novas viveu com o *Painel de Gil Pais* não era um sintoma isolado, o país vivia nesta atmosfera e, com as comemorações do duplo centenário da independência de Portugal, agudizavam-se os comportamentos deste tipo.

<sup>165</sup> Vd. Joaquim Bicho, *A Igreja em Torres Novas no século XX*, 2008.

<sup>166</sup> Apesar dos trabalhos existentes (escassos), a nível nacional, do início do século XX em torno dos temas regionais, de facto, foi apenas durante as décadas de cinquenta e sessenta com os trabalhos de Orlando Ribeiro e Romero de Magalhães que a disciplina (referimo-nos à geografia e história locais) começou a ganhar forma nas universidades. Mas o ambiente político e cultural nacional não era propício ao desenvolvimento cultural/científico e, por isso, será após a revolução de Abril de 1974 que mais crescerão os trabalhos dedicados a temas da história regional e local. Como já observámos, no ponto 3 deste trabalho, até aos 80, a história local não era respeitada cientificamente. Só o reconhecimento nas universidades (com a criação de cursos e disciplinas de história local e regional) e a criação de gente com capacidades científicas para desenvolverem trabalhos com metodologias de investigação “sérias” é que a publicação ao nível local de monografias históricas e/ou de recolhas etnográficas pôde crescer. Foi graças ao aparecimento do Instituto Alexandre Herculano de Estudo Regionais e Municipalismo, e outros semelhantes, que se iniciou um processo de colaboração estreita entre universidades e autarquias, potencializando os estudos e as publicações de cariz local e regional.

<sup>167</sup> Neste intervalo de tempo, publicou a Câmara Municipal apenas uma separata da revista *Nova Augusta* dedicada a Carlos Reis, ilustre pintor torrejano, a propósito do centenário do seu nascimento – António Manuel Gonçalves, *Carlos Reis. Director de Museus Nacionais*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1963 (24 pp.)

o momento político e cultural nacional não era profícuo à edição de livros e os que se faziam respeitavam, naturalmente, o quadro mental da época. Na base doutrinária do Salazarismo juntavam-se o Tradicionalismo, o Nacionalismo e uma leitura conservadora da doutrina católica. Esta atmosfera, criada pela junção destes elementos doutrinários, originava uma mentalidade de regime oscilante entre o paternalismo (em relação ao chefe de Estado) e a noção cristã de chefia e obediência<sup>168</sup>, a humildade e pobreza<sup>169</sup> de uma sociedade que deveria ser marcada por uma ruralidade, de certa forma, neomedieval; uma sociedade antiprogressista e, marcadamente, tradicionalista e arcaizante. Uma sociedade que se queria imóvel, religiosa e conservadora onde “Deus, Pátria e Família” era a trilogia da educação nacional.<sup>170</sup> Salazar, o pacato professor catedrático, revelava nos seus discursos a ideia de paz, ordem, tranquilidade, silêncio e moderação.<sup>171</sup> A euforia, se assim se pode chamar, do Salazarismo estava no furor patrimonialista: «uma paixão restauracionista do passado patrimonial português<sup>172</sup>». Fazer renascer o património artístico e histórico de Portugal, sobretudo no que respeitava a elementos medievais, como os castelos e lendas, que marcavam todo um imaginário de heroicidade fervorosa.<sup>173</sup>

Já na década de 70, publicam-se dois títulos: um de poesia (*Poesias*, de José Lopes dos Santos) e um roteiro do concelho de Torres Novas, onde se pretende dar relevo aos aspectos mais marcantes da história de Torres Novas, suas lendas, património, locais de interesse turístico, usos e costumes, festejos tradicionais, paisagem, folclore, etc., à luz da época em que foi escrito (*Torres Novas. História, arte e turismo*, da autoria de Manuel Inez Soares<sup>174</sup>). Curiosamente, em *Poesias*, a Câmara Municipal de Torres Novas assume-se com a chancela editorial Nova Augusta, lê-se na folha de rosto: «Edições “Nova Augusta” – Torres Novas – 1972», o que nos levou, em primeira instância, a pensar que seria uma edição do autor. Só a contracapa desfaz o equívoco, pois lá pode ler-se: «Propriedade e edição da Câmara Municipal de Torres Novas». Quanto à obra de Manuel Inez Soares, foi feita, ao que parece, por encomenda da câmara ao repórter do jornal *O Século*, pois havia necessidade de um roteiro da vila, segundo as palavras de Manuel Inez Soares no prólogo do seu livro:

«Essa amizade [a Torres Novas] e o reconhecimento da necessidade de uma obra que servisse a um só tempo de guia-roteiro e repositório das mais importantes notícias sobre a vila de Torres Novas é que me levaram a abalançar-me nesta iniciativa. Aos que em mim confiaram, espero não os desiludir...»<sup>175</sup>

<sup>168</sup> A verdade salazarista diz-nos «pela ficção, citação e recitação, dá-nos a ver aquilo em que é necessário acreditar e a ouvir aquilo a que é necessário obedecer. Ou seja, ela diz-nos os “bons” objectos da fé, os objectos a que devemos obediência.» (Vd. Moisés Martins

– *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto: Autor/Edições Afrontamento, 1990. *Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do Nascimento de Jorge Colaço*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1968, p. 124)

<sup>169</sup> «Ela [a estratégia eugénica do salazarismo] compreende assim o heroísmo de uma pobreza bem administrada, a santidade de um lar indissolúvel e harmonioso (...) uma mística de um dever a cumprir até ao sofrimento, pela obediência e pela fé no destino da pátria.» (Moisés Martins, *ibidem*, p. 95)

<sup>170</sup> Uma educação em que «os valores regeneradores da alma nacional são no discurso salazarista um património e uma herança» (Moisés Martins, 1990, p. 93)

<sup>171</sup> É notória a diferença entre o regime português, a sua ideologia e mentalidade, e os regimes italiano e alemão, marcados pelo apelo à modernidade e progresso, a evocação da violência-espectáculo.

<sup>172</sup> João Medina – Deus, Pátria, Família: ideologia e mentalidade do Salazarismo. In *História de Portugal: dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol.12, p.34.

<sup>173</sup> Através da mitologia (patriótico-clerical) e da fantasia de um país sem problemas, pacato, onde o trabalho, a ordem e a autoridade se harmonizavam para o perfeito desenvolvimento da sociedade: «Vivíamos numa Disneyland qualquer» [Eduardo Lourenço, *O Labirinto...*, 2009 (6.ª edição), p.33].

<sup>174</sup> À data da publicação do livro *Torres Novas – história, arte, turismo*, pelo município de Torres Novas, era repórter do jornal *O Século*, local onde iniciou a sua carreira como jornalista profissional em 1967. Já em 1952 havia participado como colaborador desportivo no jornal *República*. No jornal *O Século* desempenhava funções como redactor regional.

<sup>175</sup> Manuel Inez Soares, *Torres Novas...*, pp. 9-10



Só após o fim da ditadura salazarista e com o impulso da vaga cultural e académica dos anos 80 é que a actividade editorial do município foi retomada no início da década<sup>176</sup>, com a reedição da revista de cultura, a *Nova Augusta*, sob a direcção de Carraça da Silva.

Conforme se pode observar no gráfico 3, nos anos 80 do século XX a Câmara Municipal de Torres Novas publicou apenas 5 títulos (4 livros e uma brochura). O que, tendo em conta o deserto das décadas anteriores, poderemos considerar um número que revela expectativa no futuro. Até 1985, a direcção (da biblioteca e da *Nova Augusta*) de Carraça da Silva, embora esperançosa (como se lia nas suas palavras na abertura do número 1, série II, da *N.A.*) e desejosa de manter uma luz editorial para o futuro, não conseguiu fazer valer esses ensejos. Aliás quanto à edição de livros, à data da sua direcção, publicaram-se apenas 2 títulos, da autoria de Faustino Bretes<sup>177</sup>, sendo o primeiro uma brochura de 21 páginas e não um livro: *Tributo a Artur Gonçalves*, 1981 (é o discurso de louvor a Artur Gonçalves lido por Faustino Bretes na inauguração da loisa que cobre a sepultura de Artur Gonçalves, em 11 de Agosto de 1981), e *Lira íntima*, 1982 – poesia.

O director que se seguiu, Jorge Marques de Abreu<sup>178</sup>, mantém o esforço dos primeiros anos da década e faz publicar mais três títulos: *A centenária filarmónica torrejana (elementos para a sua história)* (de Faustino Bretes, 1986), *Património artístico do concelho de Torres Novas* (de Joaquim Rodrigues Bicho<sup>179</sup>, 1987) e *Roteiro do concelho de Torres Novas* (de João Carlos Lopes<sup>180</sup>, 1987). No entanto, durante estes anos, não houve publicação de qualquer número da revista de cultura *Nova Augusta*.

A edição do livro *Património artístico do concelho de Torres Novas*, em 1987, ocorre a propósito do 50.º aniversário da fundação da biblioteca e do museu municipais. Este é o primeiro trabalho de inventariação do património do concelho: o autor faz um périplo por todas as freguesias e recolhe fotografias da arte sacra existente nas igrejas e capelas, publicando-as a par de textos-resumos de análise das peças e dos templos. A intenção do autor foi lutar contra a ignorância dos munícipes em relação ao seu património e, assim, chamar a atenção para a degradação deste, como se pode ler na «Nota introdutória» do seu *Património artístico*, da qual abaixo transcrevemos um excerto. Pela importância do seu trabalho, viria a dar à estampa uma segunda edição, revista e aumentada, em 2002.

«Vamos pelos recantos deste nosso Concelho e tanto podemos ainda ver e admirar, bem digno de apreço e de melhor atenção. Mas que nós desconhecemos (...) e nem somos solicitados a descobrir, tão pouco cuidado e carinho tem merecido o nosso património, por incúria que nos toca ou por sensibilidade que nos falta. (...) É que na ignorância absoluta do seu valor, deixámos ruir edificações, demolimos templos, adulterámos construções e pusemos peças preciosas nas mãos de antiquários, empobrecendo grandemente o

<sup>176</sup> Diz Artur Sá da Costa que «uma política editorial municipal está sobretudo associada à autonomia do poder local, o que equivale a dizer, que ela só existe onde e quando o poder local democrático estiver plenamente consagrado». *Vd. «O livro municipal, o mal-amado das políticas culturais»*. *Boletim Cultural*, II série, n.º 3/4. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2009, p. 555.

<sup>177</sup> 11 de Outubro de 1902-†6 de Outubro de 1986. A biografia de Faustino Bretes pode ler-se em Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de vulto*, pp. 89-92. Também António Mário Lopes dos Santos, no artigo «A imprensa anarquista torrejana.» (*Nova Augusta*, n.º 22. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2010, pp. 111-144) se dedica à obra de Faustino Bretes (sobretudo à sua actividade política). Neste nosso trabalho, na tabela 2 do apêndice IV – Autores locais – encontra-se uma breve nota biográfica sobre Faustino Bretes.

<sup>178</sup> Director da biblioteca municipal de Torres Novas entre 1985 e 1989. Ver a sua biografia em «Directores da Biblioteca Municipal de Torres Novas», in *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes – 1937-2008*, p. 50

<sup>179</sup> Veja-se breve nota biográfica deste autor na tabela 2 do apêndice IV – Autores locais – deste nosso trabalho.

<sup>180</sup> Director da BMTN entre 1990 e 1996; chefe da Divisão de Bibliotecas e Museus entre 1996 e 2007; director do departamento de cultura entre 1999 e 2004. Sobre João Carlos Lopes pode ler-se mais, neste trabalho, no apêndice I, na parte intitulada «Biografias breves dos directores da revista *Nova Augusta*».

património do nosso Concelho. (...) tentaremos descrever o que ainda há de precioso nas terras do nosso Concelho (...) Sem pretensões de avaliação artística (...) mas tão-só com a intenção de despertar interesse pelas nossas coisas, a fim de que surjam outros, sabedores da história da arte, que estudem o que está esquecido e classifiquem o que é digno de o ser.»

J. Rodrigues Bicho, *Património do concelho de Torres Novas*, pp.7-9 [1.<sup>a</sup> edição, 1987]

Mas a dinâmica das publicações municipais torrejanas é verdadeiramente conquistada e assumida como política nos anos 90 (gráfico 3)<sup>181</sup>, tendo-se mantido, até aos dias de hoje, apoiada (há cerca de dez anos) num serviço exclusivamente dedicado à produção e edição de conteúdos sobre Torres Novas: o Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial.

Em 1990, as comemorações do VIII centenário do foral de Torres Novas foram pretexto para uma série de eventos culturais. João Carlos Lopes era o director da biblioteca municipal e foi o precursor da edição regular de livros dedicados aos estudos sobre o concelho de Torres Novas, numa perspectiva de estudo e divulgação dos temas torrejanos. No ano das comemorações do foral (1990) verificaram-se quase tantas publicações quantas as que se fizeram na década de 80. Em 1990 publicaram-se 4 títulos, dedicados às fontes para a história do concelho (*Foral de Torres Novas 1190*, org. pela Comissão das Comemorações, e *Foros de Torres Novas*, de Armando Pereira da Silva), à espeleologia e património natural (*Gruta do Almonda: dois anos de escavações*, de João Zilhão), à divulgação do património e à memória da Torres Novas de outros tempos, através de um livro de fotografias antigas (*Torres Novas Ontem*).

Sob a direcção de João Carlos Lopes, a biblioteca/departamento de Cultura do município de Torres Novas nunca deixou de se preocupar com a publicação de livros.<sup>182</sup> Enquanto director, João Carlos Lopes garantiu a publicação regular e planeada de obras de tipologia diversa, que têm em comum Torres Novas e a prossecução da defesa do seu património cultural e a divulgação dos temas torrejanos: monografias sobre a história do concelho; publicação de fontes para o estudo da história de Torres Novas, livros de fotografias antigas da vila e das freguesias do concelho (exercícios de memória e jogos de proximidade entre a comunidade e o seu património); trabalhos diversos sobre as freguesias (da história à etnografia); catálogos de exposições; instrumentos de pesquisa para investigadores dos temas locais (catálogo de periódicos, bibliografia analítica de Torres Novas, pequena brochura sobre a organização do arquivo histórico municipal); biografias e alguns livros de cariz infantil-juvenil. [Cf. apêndice II, tabela 1] Em 2008, João Carlos Lopes deixara de ser director da biblioteca, mas foi nomeado coordenador do serviço de investigação local e de edições, que havia criado nos finais dos 90, o Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial. Assim, durante a primeira década do século XXI, assegurou-se a publicação regular de livros e com garantia de cada vez maior qualidade, dada a profissionalização da equipa nas áreas editoriais e a maior qualidade científica dos autores.

<sup>181</sup> De 1990 a 1999 foram publicados 29 títulos; de 2001 a 2010 foram editados 48 títulos.

<sup>182</sup> «...se a política editorial é tributária do desenvolvimento cultural, este não deixa também de receber a sua contrapartida, beneficiando do impulso daquela, em particular da criação das “instituições da memória” de que fala Jacques Le Goff. Em boa verdade, cria-se um sistema de vasos comunicantes, que se alimentam mutuamente. Falta saber quem mais beneficia. O que é irrelevante. O importante é ter consciência que vivem para se encontrarem e frutificarem.» *Vd. Artur Sá da Costa, op.cit., p. 562*

## **b) O Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial do município de Torres Novas**

O Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial (GEPE) é uma estrutura orgânica do organograma do município de Torres Novas. Em termos regulamentares, até ao final do ano 2010 (data limite do nosso estudo), o GEPE dependeu sempre da Divisão de Bibliotecas e Museus (do Departamento de Cultura) e, fisicamente, está situado no piso 0 do edifício da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. Os objectivos e atribuições deste gabinete estão descritos no *Regulamento Orgânico da CMTN e Respectivo Organograma*<sup>183</sup>. Distribuem-se estes em duas grandes categorias: por um lado, os estudos e investigação e, por outro, o planeamento editorial. O GEPE assume-se assim como um centro de estudos que é também editor. Ao nível dos estudos e investigação cabe ao GEPE promover a produção própria de programas de pesquisa, dentro dos temas da história e cultura torrejanas, assegurar a prospecção de fontes e fundos documentais (estudo e divulgação) e produzir conteúdos destinados a configurar suportes de natureza didáctica (áreas das ciências sociais e património). Na área do planeamento editorial, o GEPE assegura o planeamento de programas e iniciativas editoriais, dos quais obrigatoriamente faz parte a publicação anual da revista de cultura do município – a *Nova Augusta*. Cabe também ao GEPE fomentar a publicação de fontes documentais primárias da história torrejana. O programa editorial do GEPE divide-se nas seguintes tipologias: periódicos (revista *Nova Augusta* e gazeta do AHMTN – *Fontinha*<sup>184</sup>); estudos e monografias (avulso ou segmentados por colecções); fotografia (col. Imagens e memória); folhetos/brochuras (col. Imagens e memória); infantil/juvenil. [Analisaremos, mais em pormenor, cada uma destas áreas de trabalho na alínea c) Temas e locais]

Se no início da actividade editorial a Câmara Municipal de Torres Novas contava apenas com uma pessoa que assumia, entre muitas outras funções, o papel, de quando em vez, “publicar uns livrinhos sobre a terra”, hoje o município conta com uma estrutura própria com técnicos especializados em edição e formados nas áreas das ciências sociais e humanas. Desde 2006 que a equipa é constituída por um técnico superior de história e dois técnicos superiores de antropologia, todos com conhecimentos e formação nos domínios da história local, ciências sociais, edição/ técnicas editoriais e línguas. O GEPE, pela sua dupla qualidade de gabinete de estudos e editor, trabalha em cooperação com outros serviços do Município. Assim, dentro da CMTN, desenvolve projectos e parcerias com os seguintes serviços: Arquivo Histórico Municipal<sup>185</sup>, Biblioteca Municipal<sup>186</sup>, Gabinete de Comunicação e Imagem<sup>187</sup>. O GEPE é um serviço aberto à comunidade: estabelece relações com os investigadores locais, os investigadores do meio académico nacional/internacional (universidades, centros de estudos, institutos,

<sup>183</sup> *Regulamento Orgânico da CMTN e Respectivo Organograma*, p. 28 (2004). Objectivos/atribuições ao nível do planeamento editorial: a) Promover a produção própria de conteúdos nas áreas das ciências sociais e humanas e do património histórico, cultural e documental; b) Promover a identificação, estudo e divulgação de conteúdos e fundos documentais; c) Assegurar o planeamento de programas e iniciativas editoriais; d) Promover a criação de suportes e projectos, de diversa natureza, destinados à divulgação dos conteúdos produzidos. Objectivos/atribuições ao nível da coordenação e produção editorial: a) Assegurar a prospecção e identificação de fontes e fundos documentais relativos à história de Torres Novas, existentes em arquivos nacionais, regionais ou de instituições que possuem acervos próprios; b) Realizar o inventário e a classificação de núcleos documentais pertencentes a instituições torrejanas e a publicação dos respectivos catálogos, em acções de parceria com essas entidades; c) Fomentar a publicação de fontes documentais primárias da história torrejana, numa perspectiva do enriquecimento da historiografia relativa a Torres Novas; d) Assegurar a publicação assídua da *Nova Augusta*, revista de cultura; e) Planificar e executar os programas editoriais da Câmara Municipal de Torres Novas; f) Assegurar a produção própria de estudos ou programas de investigação referentes a temas da história e da cultura torrejanas; g) Produzir conteúdos destinados a configurar suportes vocacionados para o apoio pedagógico aos estabelecimentos de ensino do concelho.

<sup>184</sup> AHMTN = Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas

<sup>185</sup> Prospecção e estudo de fontes e fundos documentais, coordenação da edição da *Fontinha* (gazeta do AHM)

<sup>186</sup> Consulta de bibliografia, apoio às actividades da BMGPL, serviço de vendas das edições municipais na recepção.

<sup>187</sup> Grafismo e paginação.



etc.), com os estabelecimentos de ensino locais (sobretudo 3.º ciclo e ensino secundário, ao nível das bibliotecas escolares), com as associações e as juntas das freguesias do concelho. A equipa do GEPE mantém com os investigadores relações muito próximas de confiança e cumplicidade intelectual, tendo consciência de que a sua colaboração é valiosa para que a *N.A.* e as colecções do município possam continuar a ser uma referência no âmbito das edições municipais.

### c) Temas e locais

Actualmente, a edição municipal de livro em Torres Novas, a cargo do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial, distribui-se pelas seguintes tipologias/formatos/conteúdos:

#### Periódicos

*Nova Augusta* – é a revista de cultura do município de Torres Novas (veja-se o ponto 4.2 deste trabalho) – e *Fontinha* – projecto editorial criado em parceria com o Arquivo Histórico Municipal. Esta última foi publicada apenas uma vez, por razões que se desconhecem. A *Fontinha* surgiu, no ano 2009, como uma publicação de periodicidade anual, que dava conta do trabalho do AHMTN e da gestão e conteúdos do seu espólio. Era um boletim informativo e uma ferramenta de trabalho para investigadores e técnicos da área. O nome desta publicação seguia a inspiração da toponímia (as instalações do AHM situam-se no Largo da Fontinha) e a ligação intelectual à ideia das fontes históricas depositadas e revisitadas neste arquivo. Surgiu na sequência da reinstalação deste arquivo num novo espaço e do trabalho da nova coordenação e gestão deste espólio que, pela primeira, vez passou a ser tratado por técnicos qualificados competentes para proceder ao tratamento dos suportes e da informação. Em 2010, por razões por nós desconhecidas, não se cumpriu o segundo número desta publicação.

#### Colecções

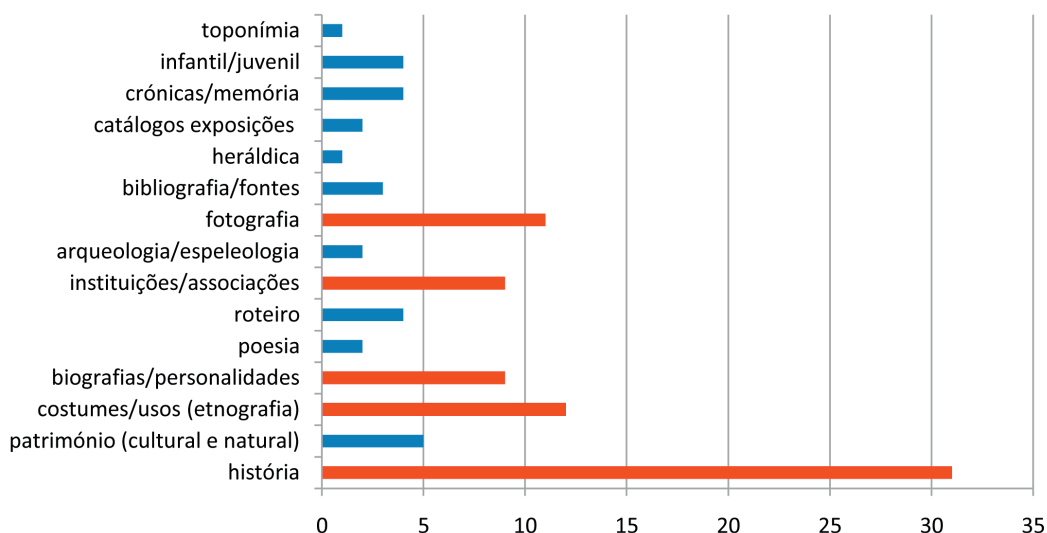
Ainda na entrada do século XXI, a questão das colecções não estava bem definida. Publicava-se de forma mais ou menos aleatória quase todas as monografias, estudos e álbuns fotográficos dentro de uma enorme colecção chamada «Temas Torrejanos». De colecção apenas tinha o nome e o facto de todos se referirem a Torres Novas, o que seria espectável pois o município torrejanos só tem publicado o que se refere ao concelho e localidades historicamente ligadas ou pertencentes ao antigo termo do concelho. A colecção «Temas Torrejanos» não tinha uniformidade gráfica, nem temática, e abrangia as publicações municipais. Em 2006 contava com 20 números publicados. A partir desta data, com a entrada de uma nova equipa de trabalho, a colecção «Temas Torrejanos» caiu em desuso e foi substituída por colecções mais estruturadas: colecção Estudos e Documentos, colecção História e Património, colecção Imagens e Memória. Com a nova composição do GEPE, a par da aparição destas colecções<sup>188</sup>, verifica-se uma maior preocupação com a criação de suportes para o público mais jovem/infantil, tendo sido publicadas desde então algumas obras infantis de “grande” tiragem<sup>189</sup> para oferta às crianças do 1.º ciclo. É de salientar que, entre 1999 e 2008, não se tinha publicado qualquer título dedicado ao público mais jovem. A colecção Estudos e Documentos surgiu em 2005 e conta já com 8 números publicados. Desta colecção fazem parte estudos científicos (até agora nas áreas da história, geografia, sociologia e biologia/paisagismo) e publicação de fontes documentais para a história de Torres Novas. Está vocacionada para o público investigador e estudante, constituindo, portanto, uma colecção de instrumentos de trabalho, vendida a um preço muito barato, quase preço de custo. A

<sup>188</sup> À excepção da colecção Estudos e Documentos que já contava com a publicação de dois títulos.

<sup>189</sup> Na ordem dos 4 mil exemplares.

colecção História e Património, criada em 2009, serve para agrupar todas monografias que versem os temas da história e do património concelhio. Conta apenas com três números publicados. A colecção Território e Sociedade está mais vocacionada para trabalhos de geografia, etnografia e ciências da terra, mas sempre numa perspectiva de abordagens locais e regionais. Ainda não conta com nenhuma entrada, mas existe virtualmente para enquadrar trabalhos nesta área que eventualmente possam surgir. A colecção Imagens e Memória foi criada para agrupar os álbuns que não tinham espaço próprio e que se misturavam *ad hoc* com as monografias de história. Inclui todas as publicações de fotografia e de relatos memoriais da vila de ontem e da cidade /concelho dos dias de hoje. Este género de publicações é muito bem acolhido pelo público, por razões de estética e de identificação da população com a sua terra.<sup>190</sup>

**Gráfico 4**  
**Predominância de temas na edição municipal de livro (1933-2010)**  
[temas/n.º de livros publicados]



Desde 1933, ano de publicação do primeiro livro editado pela Câmara Municipal de Torres Novas, que se verifica uma preferência acentuada pela publicação dos temas da história local (incluem-se fontes históricas), seguida da fotografia e dos temas etnográficos. A história das instituições e associações do concelho e as biografias de personalidades naturais de Torres Novas estão também entre as preferências da edição municipal em Torres Novas, cuja justificação está implícita nas palavras da nota de abertura de João Carlos Lopes em *Torrejanos de Vulto*<sup>191</sup>:

«A história fazem-na os homens. No sentido em que é dos grandes movimentos sociais, económicos e mentais que emergem continuidades e rupturas que constituem o devir histórico. Nessas grandes vagas colectivas que moldam o viver das grandes e pequenas comunidades, acabam por surgir figuras que protagonizam eventos e acrescentam algo de extraordinário ao comum das coisas. E se destacam do colectivo, por obras ou por ideias, e deixam a marca da sua passagem.»<sup>192</sup>

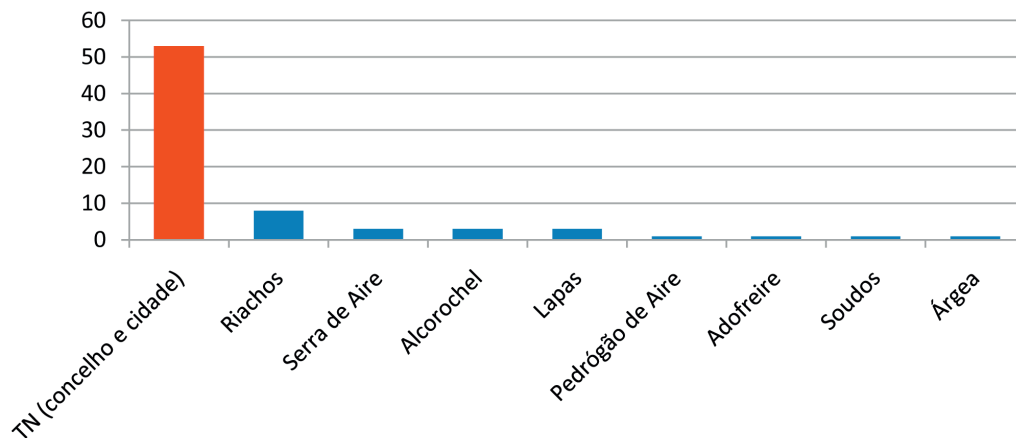
<sup>190</sup> Os álbuns são, por exemplo, os livros mais requeridos para ofertas institucionais.

<sup>191</sup> Joaquim Rodrigues Bicho – *Torrejanos de vulto*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1999.

<sup>192</sup> Idem, *ibidem*, p. 5

**Gráfico 5**  
**Freguesias e zonas do concelho mais trabalhadas pelas edições municipais**

[freguesias/n.º de livros publicados]



Os temas dos livros publicados pelo município de Torres Novas incidem, na sua maioria, na Torres Novas cidade (ou vila), ou na Torres Novas vista como o todo do concelho. Há algumas publicações dedicadas a freguesias e locais, como Riachos, Alcorochel, Lapas, Soudos, Árgea, Adofreire e Pedrógão de Aire. A serra de Aire e Candeeiros recolhe também a atenção do editor, por ser o *ex-libris* do património natural local. A intenção editorial é encontrar diversas perspectivas locais de olhar para os domínios da história, da etnografia e do património concelhio<sup>193</sup>, ora através da fotografia (ex.: *Alcorochel de outros tempos*, *Fotografias antigas de Adofreire*, *Riachos, rostos da terra*, entre outros), das crónicas (*Histórias da nossa gente*, por exemplo) ou das monografias (como é o caso de *Árgea, história e património*, editada em 2005). Uma vez mais, o objectivo destas edições dedicadas às freguesias é recuperar a memória de tradições antigas e fazê-las perpetuar através da escrita, recolher os documentos respeitantes àquela povoação e escrever a história; no fundo, honrar as gentes da terra através de uma obra que eternizará os seus nomes e os dos seus antepassados.

«O livro (...) vem enriquecer a bibliografia respeitante ao concelho e à história e vida das suas gentes. Embora as “histórias” focalizem naturalmente Riachos e os riachenses, parte das situações e dos temas mais marcados em termos etnográficos representam, de certo modo, vivências comuns da tradição mais geral das populações do concelho.»<sup>194</sup>

«...é uma pequena povoação que, pelos seus valores culturais, pela sua história, pelas suas gentes, merece que se lhe dedique um olhar mais aprofundado e se tente salvar do esquecimento tudo aquilo que, através dos tempos, perpetua a memória das coisas e do povo que lhes está ligado. (...) nunca foi feito nenhum trabalho de fundo que reunisse os diversos aspectos da sua história, numa sequência organizada e desenvolvida. (...) dedicamos este livro às boas gentes (...), que lá labutam, à memória de todos aqueles que por ali passaram e contribuíram de algum modo para a sua história, e os vindouros para que aprendam a amar e a respeitar os legados do passado.»<sup>195</sup>

<sup>193</sup> Cf. Apêndice II, tabela 1 e gráfico 4

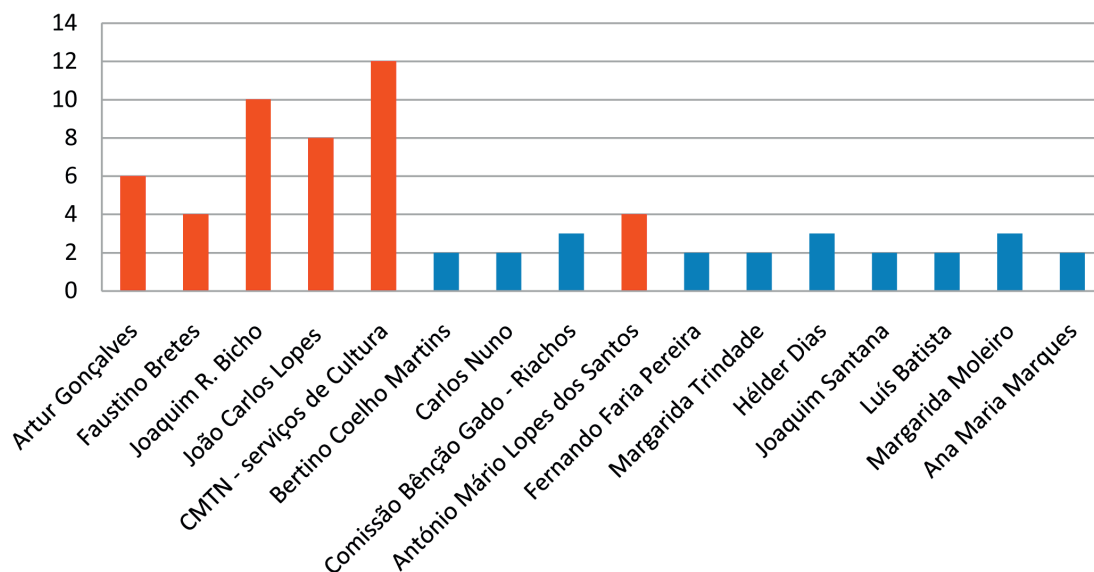
<sup>194</sup> António Rodrigues (presidente da Câmara Municipal de Torres Novas), «Nota do editor» (p. 5), em *Histórias da nossa gente*, publicado em 1999.

<sup>195</sup> Luís Miguel Batista, Maria Helena Maia e Manuela Poitout, «Introdução» (p. 11), *Árgea, história e património*, 2005.

#### d) Autores

Muitos dos autores dos livros editados pelo município de Torres Novas são também colaboradores da revista *Nova Augusta*.<sup>196</sup> Para além dos trabalhos provenientes da autoria de técnicos dos serviços de cultura da Câmara Municipal de Torres Novas (museu, biblioteca, etc.), são as obras da autoria de Joaquim Rodrigues Bicho as que mais contribuíram para o crescimento do acervo desta “editora municipal”. Joaquim Bicho tem publicado obras dedicadas à história e ao património torrejano, com a chancela do município de Torres Novas desde 1987 e é colaborador da revista *Nova Augusta* desde 1982.<sup>197</sup> A seguir a Joaquim Rodrigues Bicho, João Carlos Lopes e António Mário Lopes dos Santos são os autores que mais contribuíram para o aumento dos livros editados pela CMTN, entre o final dos anos 80 e os dias de hoje. António Mário Lopes dos Santos, formado em história, tem contribuído com estudos sobre a história do concelho de Torres Novas e com a publicação de fontes para a história local.<sup>198</sup> João Carlos Lopes, pela sua formação em antropologia, tem trazido, além dos temas da história, outros olhares sobre o quotidiano local e sobre a passagem do tempo pela vila.<sup>199</sup>

**Gráfico 6**  
**Autores com maior número de livros editados pela Câmara Municipal de**  
**Torres Novas**  
(desde 1933 até 2010)



Artur Gonçalves tem 6 livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas que se revestem de interesse por serem os primeiros e pela sua importância para a historiografia local.

Os autores que destacámos (e que no gráfico 4 estão representados a vermelho) são na sua maioria torrejanos. Exceptua-se Artur Gonçalves, nascido em Soure, mas que dedicou grande parte da sua vida à terra onde residiu e trabalhou até ao final da sua vida.

<sup>196</sup> Cf. Apêndice IV, tabela 1 «Autores-editores/autores municipais/colaboradores de jornais»

<sup>197</sup> Ver, neste trabalho, no apêndice II os títulos e descrições das obras publicadas pelo autor.

<sup>198</sup> Ver, neste trabalho, nos apêndices II e III os títulos e descrições das obras publicadas pelo autor.

<sup>199</sup> Ver, neste trabalho, nos apêndices II e III os títulos e descrições das obras publicadas pelo autor.

De um modo geral, os autores das edições municipais de Torres Novas são naturais do concelho. Os que não são têm ligações afectivas ou profissionais à terra<sup>200</sup>.

Dos 48 autores identificados, 31 têm apenas um livro editado pelo município de Torres Novas. Na sua maioria, os autores são formados em História (sendo historiadores, professores ou técnicos municipais). Os autores das edições municipais têm em comum o gosto pela “sua” terra e a vontade de preservar e divulgar o património torrejano. Alguns autores juntam a estes factores o desejo de publicarem um livro como meta de realização pessoal, como se denota nos agradecimentos que fazem na abertura dos seus livros, num misto de humildade e orgulho. A título de exemplo transcrevemos um excerto da nota de abertura de *Lapas, memórias e etnografia*<sup>201</sup>:

«A todos, o meu muito obrigado, pelo incentivo que deram para que fosse possível a edição de mais este modesto trabalho sobre a Terra<sup>202</sup> que nos viu nascer e onde nos fizemos homens, e que, simbolicamente, ofereço a todos os Lapenses e amigos, para os quais esta obra é dirigida.»

### e) Divulgação e distribuição

Todos os livros do Município de Torres Novas são vendidos nas livrarias locais (comércio tradicional e grandes espaços comerciais, como a Bookit) e na recepção da biblioteca municipal. O balcão do Arquivo Histórico Municipal vende alguns títulos, os mais ligados à sua área de trabalho, e o Museu Municipal tem também à venda algumas publicações. As edições do município de Torres Novas têm um carácter eminentemente cultural e não comercial. Assim não se faz publicidade, faz-se antes divulgação através do *site* do Município e folhetos colocados nos equipamentos culturais da cidade e nas livrarias, bem como uma forte aposta na promoção junto de bibliotecas, institutos e universidades (instituições com as quais o GEPE mantém um sistema de permutas, quer para os livros quer para os periódicos; no caso da *Fontinha* as permutas acontecem sobretudo entre arquivos). Todas as publicações entram no sistema de permuta (nacional e internacional) constituindo-se esta frente como uma importante forma de divulgação do património torrejano e dos trabalhos dos investigadores e autores locais (ou dedicados aos temas locais).<sup>203</sup>

Momento importante na vida das edições municipais é a cerimónia de lançamento público. Agendados de acordo com os momentos institucionalmente mais adequados, estes eventos decorrem em ambiente um tanto formal, na presença do presidente da câmara municipal ou de alguém por si delegado (um vereador ou o vice-presidente).<sup>204</sup>

<sup>200</sup> Por exemplo, Fernando Faria Pereira e Margarida Trindade, entre outros. Segundo José Mattoso, o investigador ou estudioso «deve consciencializar-se de que a melhor forma para compreender determinada comunidade, é ele próprio adoptar uma postura vivencial do espaço na mesma, participando de preferência do seu quotidiano.» *Apud* Graça Maria Soares Nunes - «A história regional e local – contributos para o estudo das identidades locais». *Cadernos de sociomuseologia*, 1996, p.73. A autora diz também que «o historiador local bem posicionado e relacionado na comunidade estará apto para a resolução de alguns dos seus problemas, ajudando-a na busca da sua identidade.» (p. 75)

<sup>201</sup> Bertino Coelho Martins – *Lapas, memórias e etnografia*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2001, p. 5.

<sup>202</sup> O uso da maiúscula para referir a “terra” e os seus habitantes revela uma certa reverência e vontade de enaltecer o local e as suas gentes. Nos conteúdos locais é muito recorrente o uso da maiúscula inicial nestes casos (ex.: Vila, Terra, Torrejanos, Lapenses, Riachenses, etc.), mesmo na grafia actual como é o caso da transcrição que aqui se apresenta, proveniente de uma publicação de 2001.

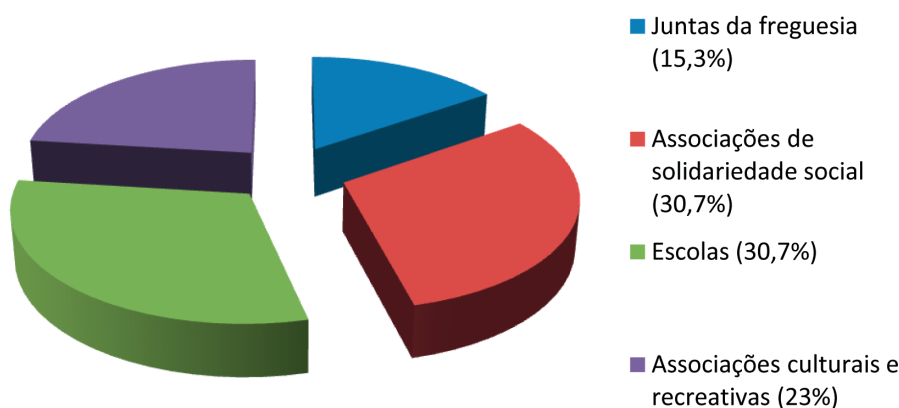
<sup>203</sup> «O desenvolvimento e a divulgação da “NA” são possíveis graças a uma sustentada rede de permutas que inclui grande parte das bibliotecas municipais do país, e ainda as bibliotecas, institutos e centros de investigação universitários.» *Vd.* «Nota de Abertura», *Nova Augusta*, n.º 21/série II, 2009.

<sup>204</sup> Encontramos um certo paralelismo entre o significado dos lançamentos dos livros municipais e o significado que Paul Connerton concede às cerimónias comemorativas em *Como as sociedades recordam*, pp. 47-81.

### 3.3.2 Outros editores institucionais: escolas, associações e outras instituições

Em Torres Novas, a edição institucional (não municipal) conta cerca de 8,2% da edição de livro no concelho. Consideramos, por isso, que este trabalho ficaria incompleto se não referíssemos a existência de livros publicados por algumas instituições locais.

**Gráfico 7**  
**Editores institucionais existentes em Torres Novas**



Os maiores editores institucionais torrejanos são as associações de solidariedade social e as escolas. A Santa Casa da Misericórdia de Torres Novas publicou sob a própria chancela dois livros (em 2003 e em 2006), ambos da autoria de António Mário Lopes dos Santos, sobre a história do convento do Carmo, local que foi também o hospital da Misericórdia de Torres Novas. Ainda na área da assistência social, a Associação de Bombeiros Voluntários de Torres Novas publicou, em 1986, um livro de 78 páginas intitulado *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Torrejanos – 1931-1985, 54 anos ao serviço da comunidade*, da autoria de Ana Maria L. Paiva, e o Centro de Assistência Social de Pedrógão de Aire editou, recentemente, a obra *Centro de assistência paroquial de Pedrógão: percurso de uma instituição de solidariedade 1950-2010*, de Maria Isabel de Carvalho Geada. Das escolas, a “maior editora” é a Escola Secundária Maria Lamas, com três obras publicadas: duas sobre os 50 anos de existência da escola - *Memórias da escola: 50 anos da Escola Industrial de Torres Novas*, de José Tomé, em 2005, e *Memórias 2005-2008: Escola Secundária Maria Lamas*, organização de Liliana Mineiro, em 2008 – e um livrinho, de 79 páginas, que é uma obra colectiva no âmbito do programa «Área Escola» dos alunos do 8.º e 11.º anos, dos anos lectivos de 1994/1995 e 1997/1998, respectivamente. A Escola Secundária Artur Gonçalves publicou, em 2009, um livro dedicado à doçaria tradicional, organizado pelos alunos do 12.º ano, e a Escola Prática de Polícia editou, em 1990, *Escola Prática de Cavalaria: cem anos de fotografia 1890-1980* que retrata a história desta instituição. Em terceiro lugar surgem as associações culturais e recreativas, todas elas pertencentes à freguesia de Riachos: a Bênção do Gado – Associação Cultural e a Sociedade Velha Filarmónica Riachense. A junta da freguesia de Assentis e a junta da Freguesia do Salvador editaram livros sobre a história de cada uma das freguesias. Ao que sabemos, os presidentes de outras juntas pretendem seguir estes exemplos. Talvez daqui a pouco tempo haja mais umas quantas publicações a juntar a estas duas. Os livros editados por instituições, a que tivemos acesso através do catálogo da biblioteca municipal, datam das últimas décadas do século XX e da primeira do século XXI (1984-2010). Do ano 2000

para cá verificou-se um aumento estrondoso no número de publicações institucionais, sendo maior o número de obras publicadas entre 2000 e 2010 (8 títulos) do que todas as existentes entre 1984 e 1999 (5 títulos). Não sabemos se haverá publicações perdidas nas bibliotecas das associações ou das escolas que tenham sido efectuadas à sua conta. Acreditamos que, caso as instituições as considerassem de interesse, teriam doado um exemplar à BMTN, por orgulho na sua história e na obra editada.

De um modo geral, podemos observar que a edição institucional surge como meio de marcar efemérides, representar a identidade de determinada associação/instituição através da fixação da memória da sua história, das suas imagens de vida e os relatos dos que por lá passaram.

A edição institucional serve a associação/instituição mas também o seu território e as suas gentes, num misto de orgulho entre as suas várias camadas identitárias<sup>205</sup>. Tomemos como exemplo a obra *Centro de assistência paroquial de Pedrógão: percurso de uma instituição de solidariedade 1950-2010*: é simultaneamente, uma publicação de exultação do aniversário da associação, uma ode à freguesia e às personalidades de Pedrógão, e uma realização para a autora, uma das “filhas” da terra.

### 3.4 Edição de autor e pequenas editoras locais

A edição de autor é aquela que é custeada pelo próprio autor, que designámos, por isso, de autor-editor ou auto-editor.<sup>206</sup> Mas, nesta parte, dedicaremos também alguma atenção à edição por parte de pequenas editoras. Estas são, muitas vezes, apenas uma camuflagem do nome do autor (como é o caso da editora Âmagô da Questão). Além destes casos, as pequenas editoras locais são constituídas por pequenas empresas de grafismo (como a Digital Texto), livrarias (exemplo da Ponte Editora, pertencente à livraria Ponte do Raro) e jornais locais (o *Jornal Torrejano* e jornal *O Almonda*). Tratámo-las em conjunto com a edição de autor por verificarmos que as características técnicas das suas edições, bem como os conteúdos, são muito semelhantes. Os pequenos editores vivem ainda a «verdadeira paixão do editor», esquecendo que, actualmente, um livro é um produto em competição feroz num espaço onde convivem grandes e pequenos editores e floresce uma panóplia de formatos e suportes de leituras, uns mais antigos, outros mais modernos.<sup>207</sup>

<sup>205</sup> Segundo Joseph D. Straubhaar (em «Making sense of world television. Hybridization or multilayered cultural identities?» *World television. From global to local*. Thousand Oaks (Califórnia): SAGE Publications, 2007), cada indivíduo contém em si estas múltiplas camadas («multiple layers of identity and culture»); primeiramente definidas pelo espaço e tempo das suas vivências (cultura e língua, principalmente); em segundo lugar, através das camadas relacionadas com o seu grupo social de pertença e a sua classe económica e, depois, todas as outras camadas referentes ao género, à faixa etária e a todo «um conjunto crescente de complexas camadas identitárias» (pp. 226-228)

<sup>206</sup> O *Dicionário do Livro* (2008) diz-nos que uma pessoa ou instituição particular que assume a responsabilidade de uma determinada edição é um “editor privado”. A definição não é suficiente para caracterizar o auto-editor, pois também o editor de uma editora comercial será um editor privado. O termo “editor privado” utiliza-se, portanto, em oposição a “editor oficial” ou “público”. Vd. *Dicionário do Livro*, p. 438. Por isso, optámos por recorrer ao uso dos termos “autor-editor” (pp.119-120) e “auto-editor” (p.117) consagrados no *Dicionário do Livro* (2008).

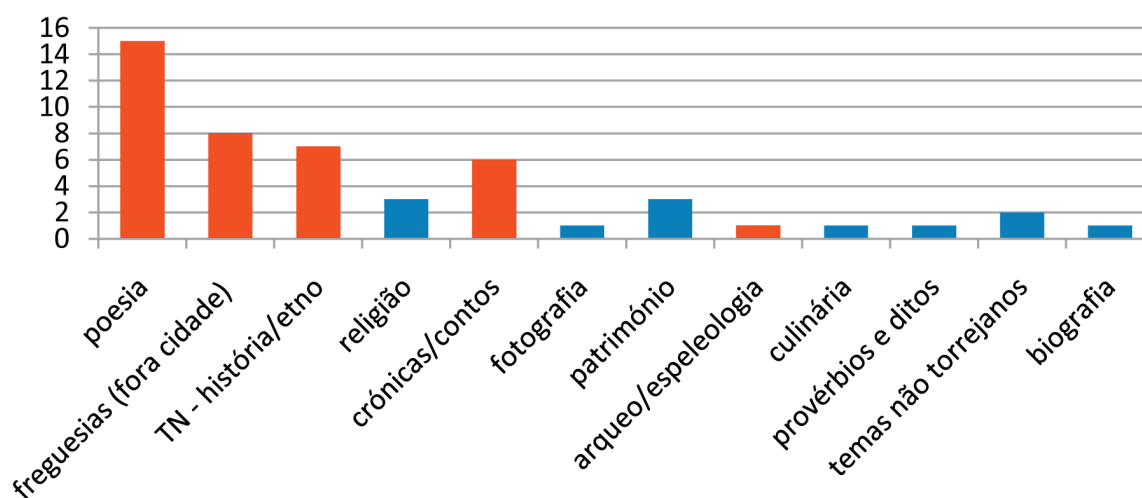
<sup>207</sup> Por exemplo, o livro (em papel), áudio-livro, *ipad*, *reader* Sony, *e-book*, *kindle*, *pc*... Recorremos às palavras do Professor Nunes Carneiro no Colóquio de Gestão Editorial [15 de Abril de 2010 – painel 2 («O marketing enquanto ferramenta de apoio à gestão»)] para sustentar esta ideia do novo mundo de competição feroz em que o livro se move actualmente: «Perante esta panóplia de suportes, irá o negócio mudar? Sim. O modelo de negócio vai mudar. A maneira como o livro é vendido e distribuído vai mudar. Haverá maior diversificação da oferta devido a uma convergência de formatos/suportes.»



### a) Temas

Na edição de autor e nas publicações das pequenas editoras, em Torres Novas, predomina o gosto pela edição de poesia. Seguem-se os temas relacionados com as freguesias rurais e a etnografia, os costumes e a história locais (também da Torres Novas cidade). As crónicas e contos são o quarto género preferido dos autores-editores (e das pequenas editoras locais).

**Gráfico 8**  
**Predominância de temas publicados pelas pequenas editoras locais e pelos autores-editores**



Pela observação dos dados recolhidos, podemos concluir que as pequenas editoras publicam, sobretudo, trabalhos marcadamente “de autor”, à semelhança do que se passa na *auto-édition*, onde se denota, genericamente, o amor do autor-editor à sua terra, a ambição de uma realização pessoal, de um sonho, e a crença no “dom da escrita” do autor.

«Sonhos, quantos sonhos! / Palavras de acordar os mortos / na rota da luz que os olhos enche / a construir frases, poemas / aéreos, fluidos, fosforescentes / sobre as marés de sombra. // Ah, como é bom rememorar / os livros a desbravar matagais! / Páginas, mancheias de semente / a empolar no solo e foram haste, espiga / seara ondulante, / certeza ao sol da vida!»

Duarte da Piedade, «O nosso sonho permanece», em *A teu lado*<sup>208</sup> (p. 83)

«não tardes a regressar / à terra onde nasceste / leva os teus feitos e os louros / as cartas por escrever / e as palavras nunca ditas / leva a dor guardada / e a luz e a tua voz / leva sonhos lágrimas e sentidos / e leva as flores / que a tua terra ainda conserva / por entre as pedras e o pó / um espaço para canteiros // não deixes de voltar imaculado / aos recantos da memória / dos mágicos dias descuidados / quando a tua terra era todo o mundo / ainda que a voz da tua terra / não recorde as letras do teu nome // (...) //faz desse teu berço

<sup>208</sup> Edição do autor, apoiada pela Câmara Municipal de Torres Novas e pela Junta da Freguesia da Brogueira, ano 2000.



/ onde abriste as frestas do tempo / o esquife final / imola nele o longo exílio / e verás  
que nessa hora / a tua terra saberá que foste vivo / e há-de receber-te junto ao peito.»

António Lúcio Vieira, «origens», em *3 poetas, 30 poemas* (p. 43)<sup>209</sup>

O predomínio da poesia neste tipo de edições pode dever-se a uma preferência dos autores (a par das crónicas e dos contos), prende-se com aspirações literárias e a percepção do prestígio social da poesia, mas também pelo facto da política municipal de edição rejeitar este tipo de trabalhos, o que os relega para o plano da edição de autor e das pequenas editoras locais.

## **b) Autores**

Ao correremos a lista dos autores-editores ou dos autores locais que publicam os seus opúsculos nas pequenas editoras torrejanas, em confronto com a listagem das edições municipais (revista *Nova Augusta* e livros), percebemos facilmente que muitos nomes coincidem em ambas as listas: 35,5% dos autores já publicaram trabalhos com a chancela municipal e 37,7% participa ou já participou na revista *Nova Augusta*, pelo menos uma vez.

Vários autores estão ou já estiveram ligados aos departamentos de cultura da autarquia, como são os casos de António Mário Lopes dos Santos (antigo director da biblioteca municipal), João Carlos Lopes (também ex-director do departamento de cultura e da BMTN), Jorge Fazenda (assessor para a cultura). Ana Maria Marques, Margarida Moleiro, Margarida Trindade, Elvira Marques e Luís Dias são funcionários do departamento de cultura da CMTN e muitos dos autores locais são professores, por exemplo: Jorge Maia, Messias Oliveira, António Mário, José Ricardo Costa, Eduardo Bento, José Ricardo, Miguel Sentieiro, entre outros).

Boa parte dos autores de livros (cerca de 48,8%) é ou já foi colaborador de jornais locais: João Carlos Lopes, Joaquim Rodrigues Bicho, Jorge Maia, António Mário, José Ricardo Costa, Eduardo Bento, Margarida Moleiro, Miguel Sentieiro, Jorge Fazenda, entre outros.

Na sua maioria os autores publicam apenas um livro. João Carlos Lopes é o autor que mais tem editado por sua conta (7 títulos desde 1989), sendo também um dos que mais publicou através da chancela municipal (8 títulos e 4 participações na revista *Nova Augusta*). Além disto, João Carlos Lopes fundou o actual *Jornal Torrejano*, onde colabora assiduamente desde meados dos anos 90.

António Chora Barroso, José Duarte da Piedade e António Mário Lopes dos Santos editaram 3 títulos cada, ficando em segundo lugar na escala dos que mais editam em Torres Novas, por sua conta ou através de pequenas editoras. Duarte da Piedade e António Lopes dos Santos geralmente recorreram a apoios à edição, ora a entidades públicas, ora a pequenas editoras privadas, mas João Carlos Lopes não tem contado com quaisquer apoios financeiros à edição. António Mário Lopes dos Santos é também um dos maiores colaboradores da revista<sup>210</sup>, e, tal como José da Piedade, tem alguns livros publicados pelo município de Torres Novas<sup>211</sup>.

Os autores locais, que editam os seus livros ou os fazem editar através de pequenas editoras locais, trocam elogios entre si, em jeito de prefácios e aberturas laudatórias nos livros uns dos outros. Eduardo Bento e António Mário Lopes dos Santos são os mais escolhidos para prefaciarem obras, o que corrobora o seu reconhecimento enquanto autores locais.

<sup>209</sup> Edição de autor, 2007.

<sup>210</sup> *Nova Augusta* Cf. apêndice I, tabela 1; apêndice IV, tabela 1

<sup>211</sup> Cf. apêndice IV, tabela 1

Em comum estes autores têm o gosto pela escrita, o amor à sua terra e a coragem de assumir os seus “riscos” no papel: se a escrita já exige certa bravura, deixar que sejam públicos e para sempre grafados no papel os nossos pensamentos e o nosso labor criativo é pura audácia.<sup>212</sup>

Não podemos deixar de referir a existência de autores (de naturalidade ou residência) torrejanos que, por motivos económicos (ou outros<sup>213</sup>), publicam em outros locais como Chamusca, Alcanena, Lisboa, Fátima ou até mesmo fora do país, como é o caso de José Brites, emigrante nos Estados Unidos da América. O que importa destacar em relação a estes autores é que, embora a sua obra não seja produzida no concelho de Torres Novas, ela é divulgada e vendida em Torres Novas, contribuindo assim para fortalecer o conjunto de autores torrejanos e fazendo parte das escolhas locais de leitura, sendo alguns deles, inclusivamente, colaboradores dos jornais locais e das edições municipais. No catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes encontrámos alguns nomes que exemplificam o sobredito, a saber: Maria Zableta, Duarte da Piedade, António Lúcio Vieira, José Brites, Messias Martinho, Maria Sarmiento, António Mário Lopes dos Santos, Emília Duque, Zuzarte Reis, Gracinda Gaspar, Maria Angelina Soares, Eduardo Bento, Maria do Céu Faria, Francisco dos Santos Costa.

### **c) Distribuição**

As publicações provenientes da edição de autor ou de pequenas editoras locais são oferecidas e vendidas entre os amigos do autor e o seu núcleo de conhecimentos. Os livros são também vendidos nas livrarias locais e, caso o autor o solicite, na biblioteca municipal, à qual o autor geralmente oferece um ou dois exemplares.

---

<sup>212</sup> «Escrever é um acto de rebeldia» disse o escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, reflectindo sobre a escrita e o poder (político), em entrevista ao jornal *O País on-line*, em 15 de Abril de 2008 [ver texto integral em <http://www.opais.co.mz/index.php/entrevistas/76-entrevistas/105-escrever-e-um-acto-de-rebeldia.html>]

<sup>213</sup> Laborais, de residência, etc.



#### **4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Em Torres Novas, a actividade editorial desenrola-se em duas frentes: a edição de jornais e a edição de livros. A primeira está já estudada e por isso obteve, neste estudo, um lugar meramente indicativo e introdutório. Trata-se da primeira actividade de trabalho de edição sistemática e regular em Torres Novas. Desde meados do século XIX que a imprensa torrejana veiculava ideias, servia de *ágora* onde se debatiam as questões desta *pólis* e ia dando a conhecer o quotidiano da vila. Quanto à edição de livro, até à data ainda nunca estudada, podemos tecer as seguintes conclusões:

- A edição local de livro divide-se por quatro editores: o município de Torres Novas, as instituições locais, os autores-editores e as pequenas editoras locais.
- A edição municipal de livro pesa cerca de 58,9% no total de edições publicadas em Torres Novas (89 títulos); a edição de autor e das pequenas editoras conta com 31,1% (47 títulos) do total de livros editados em Torres Novas e a edição de cariz institucional representa 9,2% (14 títulos).
- O impulso editorial da Câmara Municipal de Torres Novas, durante a década de 1930, deve-se, em grande medida, a Gustavo Pinto Lopes, fundador da biblioteca-museu, e à acção do então presidente da câmara, Carlos Azevedo Mendes.
- No campo da edição municipal, destaca-se o pioneirismo das edições dos anos 30, das obras de Artur Gonçalves, a publicação da revista de cultura *Nova Augusta* (em 1962), e a sua manutenção até aos nossos dias, e o vanguardismo da criação (no final do século XX) de um gabinete dedicado à investigação dos temas locais, ao planeamento e produção editorial de obras sobre o concelho.
- O município de Torres Novas edita, sobretudo, obras de temática histórica e temas da etnografia local.
- Os livros municipais são maioritariamente dedicados a Torres Novas (cidade/vila ou concelho), havendo, todavia, alguns títulos dedicados a algumas freguesias do concelho e ao património natural (serra de Aire).<sup>214</sup>
- Os autores dos livros editados pelo município de Torres Novas são, na sua maioria, naturais do concelho, ou mantêm relações de afectividade com o território em causa.
- A maior parte dos autores das edições municipais são colaboradores da revista *Nova Augusta*.
- Genericamente, podemos afirmar que os coordenadores das edições municipais de Torres Novas, são e os directores da revista *Nova Augusta* são, até 2008, os directores da biblioteca municipal Gustavo Pinto Lopes.
- Quase metade dos autores que publicam em regime de “edição de autor” ou através de pequenas editoras locais colaboram ou já colaboraram com os jornais locais, 35,5% já publicaram trabalhos com a chancela municipal e 37,7% participa ou já participou na revista *Nova Augusta* (pelo menos uma vez).
- No campo da edição de autor e das pequenas editoras locais, a poesia é o género mais publicado.
- O livro impresso mantém um estatuto único, pela sua história e pelas suas características singulares como o manuseamento fácil, a mobilidade e o acesso directo, sem necessidade de intermediários: para ler um livro é preciso apenas um leitor. A imutabilidade e durabilidade dos conteúdos grafados em suporte papel opõem-se às características do digital [com todas as suas vantagens (e desvantagens)]. Por estes motivos, o livro constitui-se como um objecto de desejo para os leitores e de sonho para os escritores, sejam eles reputados autores internacionais ou apenas homens e mulheres conhecidos na sua rua, na sua terra. A edição de autor realiza o seu autor e dá-o a conhecer ao seu pequeno mercado.

<sup>214</sup> «O livro municipal sofre de um pecado original. Nasceu diferente, marcado pela singularidade da sua localidade, carregando a ousadia de o afirmar – um fardo para toda a vida! Paradoxo dos paradoxos, a sua mais-valia, a sua identidade, a sua imagem de marca, que o torna único e imprescindível, é a sua maldição.» *Vd. Artur Sá da Costa, op. cit., p. 569*

- As pequenas editoras locais são constituídas por pequenas empresas tipográficas, livrarias e jornais.
- Os maiores editores institucionais torrejanos são as associações de solidariedade social e as escolas.
- A partir dos anos 80 a actividade editorial em Torres Novas torna-se mais dinâmica, mas será a partir da segunda metade dos anos 90 que se verifica maior número de títulos editados.
- As cerimónias de lançamento de livros ao público são momentos formais, que seguem determinados rituais protocolares. Nestas cerimónias reforçam-se os valores defendidos na política editorial local: preservação do património local no sentido de legar às gerações vindouras uma memória daquela comunidade.<sup>215</sup>
- A atitude de inércia que se verificou durante o Estado Novo no que concerne à edição de jornais (e outros conteúdos/produtos editoriais) reflectiu-se a nível local, como confirma a existência de apenas um jornal (*O Almonda*) e a fraca capacidade crítica na edição de livros. Na época, ao município cabia promover a “sã leitura” e outras que promovessem os feitos heróicos da pátria lusa.
- É impossível dissociar a ascensão da disciplina da história local (a partir dos anos 80) nas universidades do aumento de edições de cariz local (a admissão de técnicos licenciados, provenientes das universidades onde a história local era abordada e considerada, tornou os serviços municipais mais dinâmicos em relação à preservação e divulgação dos temas da história, geografia e etnografia locais).
- As políticas nacionais de apoio à cultura e de dinamização dos hábitos de leitura, em voga desde os anos 90, bem como o ambiente cultural nacional, reflectem-se a nível local, ora através das actividades na biblioteca municipal, ora na publicação local de livros, sobretudo ao nível da edição municipal.
- A «edição desempenha um papel central na vida cultural, intelectual e educativa de uma nação»<sup>216</sup> e as edições municipais representam também o entendimento do poder autárquico em relação a este papel.
- «Produzir ideias, inovar, é bem mais complexo do que fazer auto-estradas e estádios de futebol»<sup>217</sup>, mas diríamos antes que são grandezas incomparáveis e é certo que se o poder local não o entender assim e olhar para gabinetes como o GEPE como sectores onde o lucro imediato não se avista, então será o fim destes pequenos nichos de promoção da cultura local.
- A existência de um serviço dedicado a produzir livros, sem fins comerciais, pode ser vista como um “atentado” às regras da gestão editorial. Mas as edições municipais, no nosso ponto de vista, têm de se colocar um pouco à margem do circuito editorial “normal”<sup>218</sup>, pois os seus objectivos, muito além da vertente comercial/empresarial, deverão passar, no nosso entender, pela construção de uma linha de consolidação da memória de um território, através da salvaguarda do seu património: uma forma de serviço público só possível se garantido por instituições e/ou associações onde o fito primordial é servir a comunidade (como é o caso das autarquias locais)<sup>219</sup>.

<sup>215</sup> Os lançamentos de livros são mais uma forma de celebração da identidade torrejana. Sobre o significado das cerimónias comemorativas veja-se Paul Connerton, *Como as sociedades recordam*, pp. 47-81.

<sup>216</sup> Relatório Mundial de Informação da UNESCO (1997) citado por Jorge Manuel Martins, op. cit., p. 53.

<sup>217</sup> Manuel Pinho citado por Jorge Manuel Martins, op. cit., p.79.

<sup>218</sup> Entenda-se a editora enquanto empresa.

<sup>219</sup> Esta nossa tese pode ser questionada com base nas novas perspectivas sobre a gestão municipal, onde se debatem as questões da rentabilidade dos bens culturais.

- Perante as condicionantes económicas actuais, a tecnologia poderá garantir a manutenção da edição municipal de livros, através da edição a pedido (*print-on-demand*), dos *e-books*, da digitalização de obras antigas e da sua disponibilização *on-line*, entre tantas e variadas formas que poderão representar um novo olhar sobre a forma de editar a nível local, e significar maior volume de leitores, descentralizados da realidade local (a *Web* abre as portas a uma vastidão de leitores de todo o mundo).
- O caso da edilidade torrejana é um exemplo da vontade de salvaguardar o património cultural material e imaterial de uma região, através da publicação dos resultados das investigações da história, da arqueologia, das personalidades, do quotidiano e dos costumes das gentes, garantindo a fixação da memória torrejana. A protecção da herança cultural de uma região garantirá a manutenção/construção da identidade das suas gentes, que se reconhecerá nos monumentos, na toponímia, na gastronomia, nos costumes da sua terra.



## **5. CONCLUSÕES**

«A existência de relações, práticas e posicionamentos de um conjunto de actores, individuais e institucionais, entre si e face a outros, que conhece substanciação formal e informal em espaços concretos, visíveis e identificáveis territorialmente, e em espaços abstractos, não menos reais e fundados em ligações económicas e de partilha de identidade e de outras características sociais.»<sup>220</sup>

**1.** Observar a actividade editorial num determinado território<sup>221</sup> obriga-nos a olhar para a edição a partir de características próprias àquele espaço e aos seus agentes, compreendendo a dinâmica destas relações à escala local e mediante as suas características económicas e sociais. As práticas editoriais locais reflectem a dedicação e a predisposição de uma comunidade para se posicionar de forma activa face ao labor de editor e através dele expressar as suas maneiras de sentir o mundo, de olhar para o seu território e para aqueles que lá vivem, de recordar o passado daquela terra e dos seus conterrâneos, ora através da imprensa, ora através da publicação de livros.<sup>222</sup> A edição local é um palco privilegiado para observar as contingências e as subtilezas a que o objecto publicado está sujeito, devido à “carga” memorial e identitária que estas publicações carregam consigo.<sup>223</sup>

«Como pensar, num mundo como este, a experiência da localidade, entendendo por tal a experiência de vida num espaço e num tempo específicos, que nos pertencem e ao mesmo tempo nos transcendem?»<sup>224</sup>

**2.** A edição local é, a este nível, um espaço privilegiado para o desenvolvimento de construções identitárias.<sup>225</sup> Sentimo-nos, assim, impelidos a reflectir sobre teorias da identidade, das representações sociais<sup>226</sup> e da memória, o que nos conduziu a pesquisar outras pistas para a análise dos conteúdos identitários, à luz do pensamento de Henri Tajfel<sup>227</sup> e Moscovici<sup>228</sup>, para as teorias da identidade social

<sup>220</sup> Nuno Medeiros – *Edição e Editores. O mundo do livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa: ICS, 2010, p. 261

<sup>221</sup> Espaço apropriado por um grupo de indivíduos que estabelecem aí diversas actividades e relações sociais. Originalmente a ideia de território prende-se com a propriedade da terra, a terra que está cultivada, onde se produz algo. Actualmente, os territórios são também espaços abstractos, imaginários, inseridos no contexto da produção de ideias e de discursos. *Vd.* José d’Assunção Barros – «História, espaço e tempo. Interações necessárias». *Varia Historia*, 2006, pp. 460-475.

<sup>222</sup> A edição como espaço social complexo «constituído por um conjunto de agentes que actuam como construtores activos na esfera das ideias e da cultura escrita através de uma matriz prescritiva e selectiva da sua intervenção no livro, infundindo-lhe uma identidade própria que extravasa o texto na sua estrita acepção autoral.» *Vd.* Nuno Medeiros – *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N.º 85. Lisboa: CES, Junho 2009, p. 131

<sup>223</sup> *Idem*, ibidem, p. 132: «O livro e, mais latamente, o objecto publicado obedecem, nesta medida, a um jogo subtil e plástico, por vezes turbulento, de ligações, reciprocidades, posições e interesses, aspectos promotores de intervenção estratégica sobre o objecto textual a editar, quer do ponto de vista dos princípios, quer do ponto de vista do mercado de leitores.»

<sup>224</sup> Luís Cunha - «Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário», p.4

<sup>225</sup> As edições locais, em nosso entender, preenchem os quatro campos do processo identitário de Breakwell (1986/1992): auto-estima (o valor e o orgulho social), a continuidade (uma ligação no espaço entre o passado e o presente), a distintividade (os indivíduos sentem-se únicos na diferenciação em relação aos outros, sentem-se especiais), e o controlo (os indivíduos sentem-se confiantes para resolver as adversidades próprias do seu ambiente). [tomámos conhecimento do processo identitário de Breakwell a partir do estudo de Ana Loureiro e Ana Filipa Príncipe «Identidade local e identidade nacional: estudo comparativo das populações de Ponta Delgada e Lisboa» (2002)

<sup>226</sup> As representações enquanto fenómenos cognitivos, ligados a quadros ideológicos, culturais e científicos. As representações sociais são partilhadas por um conjunto de indivíduos, são o resultado da actividade cognitiva e simbólica de um grupo social e constituem-se como guias para a comunicação e para a acção. *Vide* Rosa Cabecinhas, «Investigar representações sociais...», pp. 54-55.

<sup>227</sup> H. Tajfel – «La catégorisation sociale». In S. Moscovici (ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale* (Vol. 1) [Paris]: Larousse Université, 1972. *Vd.*, também, do mesmo autor (H. Tajfel) «Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança». In *Mudança Social e Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, pp. 13-24.

<sup>228</sup> S. Moscovici – «The history and actuality of social representations». In U. Flick (ed.), *The Psychology of the social*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 209-247

e das representações sociais, e Halbwachs e Paul Connerton, para o tema da memória social<sup>229</sup>. Afinal, são as narrativas dos acontecimentos passados que os fazem perdurar ou cair no esquecimento<sup>230</sup>, e é assim que vamos construindo e entendendo o nosso mundo. As edições locais são a tela onde se podem bordar essas narrativas, construindo, ponto a ponto, uma memória colectiva pertença de determinada comunidade.<sup>231</sup> No caso torrejano, a diversidade temática abrangida pelas edições municipais revela particular atenção e preocupação em preencher todas as gavetas da construção identitária, através da publicação de estudos não só de história, mas também da etnografia (e afins), de biografias de personalidades locais e da publicação das imagens antigas e recentes da vila/cidade, marcando a noção do passar do tempo, do legado geracional, inventando uma memória comum.<sup>232</sup>

Podemos, então, olhar para o campo das edições locais como objecto que transporta em si a bagagem cultural de determinado território, mas será, com certeza, mais estimulante entender o campo das edições locais como plano em construção, activo e participativo na estruturação e na expressão da cultura de determinado território.<sup>233</sup>

«O negócio da edição de livros é, por natureza, pequeno, descentralizado, improvisado, pessoal; mais bem desempenhado por pequenos grupos de pessoas com afinidades, devotadas ao seu ofício (...). Hoje a actividade editorial está à beira de uma grande transformação que promete muita oportunidade para inovar: muita tentativa, muito erro, muita melhora.»<sup>234</sup>

**3.** A era pós-moderna<sup>235</sup>, marcada pela personalização, pela diferenciação, pela autonomia, caracteriza-se pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, valores que exigem novas formas de ler (e de

<sup>229</sup> É através do sentido de pertença a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir, localizar, evocar e preservar as suas memórias: «toda a recordação tem o outro como referência». Reconhecer-se inserido num grupo ou com ele se identificar, portanto, é um pré-requisito para que uma memória social possa ser partilhada. Halbwachs, 1990 *Apud* Laécio Rodrigues, «Estado, mídia e nacionalidade...»

<sup>230</sup> *Vd.* Marc Augé – As formas do esquecimento. Almada: Íman, 2001. É curioso e interessante ter em conta não só o que é escrito, narrado, e publicado, mas também o que é omitido. «A tendência da percepção dos sujeitos (mesmo a dos investigadores) é isolar os elementos significativos do plano que lhes dá o próprio sentido. É precisamente nesse enorme plano esquecido que se encontra muitas vezes o sentido dos lugares tomados como referências, como nos lembra Augé» – *Vd.* José Carlos Pinto da Costa, *Ser de Carlão...*, 2002, p. 12, nota de rodapé 19. *Vd.* Marc Augé – As formas do esquecimento. Almada: Íman, 2001.

<sup>231</sup> Se tivermos em conta os conceitos de Paul Connerton sobre a memória colectiva, facilmente verificamos que entendemos o mundo através de acontecimentos passados que guardamos como referência: as guerras, as mortes, os conflitos diversos que «estruturam a biografia da nação» (B. Anderson, 2005, p. 268).

<sup>232</sup> «constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões. *Vd.* Paul Connerton, *Como as sociedades recordam*, p.3

<sup>233</sup> António José Saraiva define a cultura como algo partilhado por um grupo, a ideia de cultura como produto: «produto do desejo humano» [Em *Cultura*. Coleção «O que é?». Lisboa: Difusão cultural, 1993, p.55.] Mas, por outro lado, em nosso entender, podemos compreender a cultura não como produto, mas antes como processo, como construção permanente, portanto, não sendo mais do que uma abstracção artificial, uma vez que esta só pode existir na interactividade entre os indivíduos, logo não se pode possuir. Nesta nossa visão do conceito, cultura é um processo, algo que se vai fazendo, que se vai moldando e não uma coisa fixa: é flexível, plural, dinâmica e fluida. Este é também o sentido em que os Estudos Culturais interpretam a cultura: «A cultura é entendida como activamente produzida através de processos complexos (...) que acontecem em todos os níveis do social e a todo o momento no espaço dos processos culturais» [Vd. Ann Gray, 2009, p. 12] e é neste âmbito que incluímos o estudo das edições locais como expressão da cultura popular. Não é nossa intenção neste trabalho entrar em debate sobre os Estudos Culturais, todavia deixamos algumas referências-chave desta área de estudo como E. P. Thompson, Stuart Hall e Raymond William.

<sup>234</sup> Jason Epstein – *O negócio do livro*. Rio de Janeiro: Editora record, 2002, p. 19.

<sup>235</sup> Pós-moderna ou hipermoderna? – Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles discutem e descrevem a sociedade actual, considerando que o estágio pós-moderno já foi ultrapassado por um novo paradigma a que designam hipermoderno. *Vd.* Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles – *Os tempo hipermodernos*. Lisboa: Edições 70, 2011.

consumir) mais consentâneas com os modelos editoriais digitais e com a comunicação (de grande e livre expansão) em rede. A internet e as novas tecnologias estão a desenhar cenários completamente novos, onde os processos de digitalização supõem a desvinculação física dos conteúdos no que respeita ao suporte. Aos editores cabe reinventar a actividade editorial aproveitando os benefícios e as potencialidades do digital. A internet enquanto fenómeno social significa um campo de oportunidades para o sector livreiro, obrigando à reconstrução da cadeia de valor. O novo modelo de mercado é o mercado de nichos e subnichos, que abre espaço a uma cultura de nichos, à era da «microcultura»<sup>236</sup>. A internet e os suportes de leitura digital representam «a oportunidade para produzir novos serviços para interesses, locais e comunidades específicos, como sites e jornais “hiperlocais”»<sup>237</sup>. A expansão global destes instrumentos de comunicação baseados em conteúdos digitais permite que «o pequeno seja o novo grande»<sup>238</sup>. Sabendo que a sociedade de leitores está cada vez mais fragmentada e que a edição local representa um desses fragmentos, não será vantajoso para os pequenos editores e para os editores institucionais locais a abertura aos novos suportes de edição digital e à sua dimensão global? A produção de livros electrónicos/digitais e de jornais digitais poderá responder às questões económicas que assombram o sector editorial local, mas se no caso dos jornais parece simples o futuro da produção e da difusão *on-line*, no caso dos livros, sobretudo no que respeita à edição institucional, coloca-se a questão da “perenidade vs efemeridade” dos conteúdos: manterá a obra editada em suporte digital o peso simbólico de marco, de eternização através do cunho no papel, da edição enquanto memória? A resposta não a podemos prever, no entanto, tendo em conta o que diz Lipovetsky<sup>239</sup> na sua análise da sociedade actual, somos levados a crer que as actividades perenes de celebração e de reconhecimento do passado serão substituídos por actividades e momentos de estímulos emocionais perenes, recreativos e imediatos.<sup>240</sup>

Perante o avanço do “global” teme-se o colapso das iniciativas locais, sobretudo ao nível destes pequenos nichos culturais como são as edições de jornais e livros. A falta de expressão da edição de autor, as políticas economicistas estatais (e municipais) e as questões que se têm colocado sobre o fim da imprensa local poderão pôr em causa esta *traditio*<sup>241</sup> local? A edição de conteúdos de cariz local (históricos, etnográficos, literários, informativos ou jornalísticos), em papel ou noutro qualquer suporte, é uma realidade a garantir hoje e no futuro. As edições locais promovem, através de documentos escritos ou de imagens do passado (fotografias) o reencontro entre o Hoje e o Ontem de determinada comunidade. As editoras comerciais, sediadas nas grandes cidades, não têm obviamente interesse em publicar monografias eminentemente locais. Parece-nos assim natural que sejam os agentes locais, públicos e privados, a manter e a garantir a preservação desta “tradição” local de transmissão das identidades através de materiais editados em forma de livro ou periódicos, em suporte papel ou digital<sup>242</sup>.

<sup>236</sup> Manuel Gil e Fco. Javier Jiménez *El nuevo paradigma del sector del libro*. Madrid: Trama editorial, 2008,

<sup>237</sup> Jeff Jarvis – *O que faria o Google?* Lisboa: Gestão Plus Edições, 2010, p. 152.

<sup>238</sup> Idem, *ibidem*

<sup>239</sup> Gilles Lipovetsky, op. cit.

<sup>240</sup> «O antigo estilo solene e “sedentário” das comemorações, que visava inscrever de maneira permanente na memória dos próximos locais do passado, recua em benefício de um estilo “frívolo” e efémero que se limita apenas ao instante da comemoração: colóquios, concertos, exposições, *happenings*, espectáculos, desfiles criativos» Vd. Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles – *Os tempos hipermodernos*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 92 [Lipovetsky alude ao artigo de Pierre Nora, «L’ère des commémorations», publicado em *Les lieux de mémoire* (Paris: Gallimard, 1997, pp. 4688-4699).]

<sup>241</sup> No sentido de «tradição» como transmissão do passado (valores, práticas, etc.) para as gerações vindouras.

<sup>242</sup> Na pesquisa de Isa Maria Freire («Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.», 2006), investigadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o tema da identidade cultural foi posto «como possibilidade de inclusão digital, favorecendo o treinamento nas tecnologias intelectuais para produção de conteúdos que representem valores, tradições e saberes da cultura local». (p.64)

Os fenómenos de globalização<sup>243</sup> poderiam levar-nos a imaginar uma estandardização dos modelos, no entanto, as culturas locais reagem a esta “normalização” adaptando-se às novas forças e às mudanças e é no “local” que «a globalização se expressa concretamente e assume especificidades»<sup>244</sup>. Não estranhámos por isso o aparecimento de movimentos pela compra de produtos locais ou pela manutenção de marcas definidas como locais ou regionais, movimentos difundidos através da *web* (sob rótulos como *keep trade local* ou *buy local*) e que pugnam pela diferenciação do produto local, não contra a ideia e as vantagens do global, mas pela necessidade de reencontro com sistemas económicos mais justos, aproveitando as fontes regionais e garantindo estratégias comunitárias de desenvolvimento local.<sup>245</sup> Ir ao encontro do “local” é rever-se ou reencontrar-se com as suas características mais próximas e a partir das quais se revelam imagens identitárias imediatas, de revisão e de redescoberta das raízes do passado, essenciais para a estrutura das nossas sociedades da “hipermodernidade”<sup>246</sup>.

«A identidade social de um indivíduo está ligada ao reconhecimento da sua pertença a certos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo que resulta dessa pertença.»<sup>247</sup>

4. O valor da diversidade cultural (reconhecido pela UNESCO) é, nas sociedades pós-modernas, a base para o reconhecimento do direito à identidade cultural e multicultural na nova arquitectura global. As novas políticas de comunicação dos contextos legislativos das sociedades da pós-modernidade consagram valores emergentes como a diversidade cultural, para cimentar o desenvolvimento cultural a par do desenvolvimento dos mercados, da inovação tecnológica, da criação de riqueza e emprego. A identidade de um indivíduo não se restringe apenas a uma característica. Nessa sua pertença a grupos que se distinguem por características tão diversas como a língua, a religião, o género, as habilitações académicas, etc., o indivíduo deseja e procura interesses de acordo com cada um desses grupos. Cada vez mais o cidadão manifesta exigência perante os *media* e os seus conteúdos: exigência de acesso e de participação. As pessoas preferem adaptar os formatos globais às suas realidades/pessoas locais, continuando a preferir reverem-se em determinados conteúdos do que em qualquer género importado de países (ou locais) com os quais não têm qualquer ligação cultural.<sup>248</sup> É por isto que muitos autores preferem, em vez dos termos global ou local, denominar por *glocal* estes movimentos de conhecimento e adaptação do global às realidades locais, muito evidente, por exemplo, nos formatos televisivos.<sup>249</sup>

<sup>243</sup> Stuart Hall (2006, p. 18) sugere que ao falarmos de globalização e identidades devemos ter em conta as mudanças do mundo pós-moderno, tendo em atenção conceitos como descontinuidade, fragmentação, ruptura e deslocamento, segundo as obras de Giddens, Harvey e Laclau.

<sup>244</sup> Albagli, 1999, p.189 *Apud* Isa Maria Freire – «Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.», 2006, p.59

<sup>245</sup> Movimentos como o *Buy local first* [<http://www.localfirst.org/index>] ou o ILSR – Institute for local-self reliance [<http://www.ilsr.org/about.html>]

<sup>246</sup> Segundo Gilles Lipovetsky, «a hipermodernidade não é estruturada por um presente absoluto, mas sim por um *presente paradoxal*, um presente que não pára de exumar e de “redescobrir” o passado.» *Vd.* Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles – *Os tempos hipermodernos*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 90.

<sup>247</sup> Henri Tajfel, 1972

<sup>248</sup> «Os continentes europeu e americano são os maiores importadores de [conteúdos e formatos] média. Mas as pessoas do mundo passam mais tempo [a consumir] os seus próprios [produtos] média do que os produtos importados. (...) Por todo o mundo, a maior parte das pessoas preferem, na maior parte das vezes, serem “entretidas” e informadas pelas pessoas da sua própria cultura e nação.» *Vd.* Jeremy Tunstall, *The media were american*, 2008 (parte 1 - pp. 1-5) [tradução nossa].

<sup>249</sup> «A maior parte das pessoas, pelo mundo fora, prefere ser “entretida” por pessoas que se parecem consigo, que falam da mesma maneira, que dizem as mesmas piadas, que se comportam da mesma forma, jogam os mesmos jogos e têm as mesmas crenças (e formas de ver o mundo) que elas próprias. As pessoas preferem [assistir] às notícias nacionais (do seu país), os seus políticos, o tempo [a meteorologia do seu país] e o seu futebol e outros desportos.» *Vd.* Tunstall, *The media were american*, p. XIV «Introdução» [tradução nossa]

«Se, por um lado, o mundo se vem transformando numa enorme metrópole que consome os mesmos produtos e ideias, a sua incorporação não se faz sem que eles se modifiquem. Ou seja, o processo hermenêutico não pode fazer-se senão com a cultura local e, desse ponto de vista, também a globalização implica heterogeneidade.»<sup>250</sup>

**5.** A existência das edições locais garante a manutenção dos lugares (físicos e abstractos) históricos, essenciais na conservação da identidade de determinada população (de forma positiva) que lhe confere uma certa continuidade com o passado da sua terra e dos seus antepassados.<sup>251</sup> O conceito de identidade local tem a ver também com o «contexto e ambiente em que vivemos, podendo satisfazer necessidades biológicas, psicológicas e sociais de um indivíduo»<sup>252</sup>. As edições locais permitem constituir um repositório destas vivências, de realidades e de «mundos imaginários que dão sentido às coisas e consistência aos laços sociais, mundos onde se constrói a história, mas onde, também, se sedimentam as memórias colectivas»<sup>253</sup>.

---

<sup>250</sup> Luís Cunha «Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário», p.3

<sup>251</sup> Ana Loureiro e Ana Filipa Príncipe (2002, p. 2) revelam o estudo de Devine-Wright e Lyons, 1997, sobre a identidade nacional irlandesa onde mostram a importância dos locais históricos para a conservação da identidade.

<sup>252</sup> Ana Loureiro e Ana Filipa Príncipe (2002, p. 2) recorrendo à definição do conceito “identidade local” de Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983) em «Place identity: physical world socialisation of the self.» *Journal of Environmental Psychology*, 3, pp. 57-83.

<sup>253</sup> Luís Cunha, op. cit., p. 3

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



## **Livros, imprensa e edição**

ABREU, Carlos – «A edição institucional em Portugal. Uma análise estrutural 1989-1994.» *Páginas. Arquivos e bibliotecas*. [s.l]: Gabinete de Estudos a&b, 2002.

ANSELMO, Artur – *Estudos de história do livro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

\_\_\_\_\_ – *Livros e mentalidades*. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.

APEL – *Hábitos de Leitura*. Lisboa: APEL, 2005. (disponível em PDF em [http://www.apel.pt/gest\\_cnt\\_upload/editor/File/apel/estudos\\_estatisticas/Relatorio\\_HabitosLeitura.pdf](http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/Relatorio_HabitosLeitura.pdf))

BARTÓLOME, Manuel e VIDAL CAMPOS, María *Escritos y dichos sobre el libro*. Barcelona: Edhasa, 2000.

BASSY, Alain-Marie – «L'edition en marche». In Roger Chartier e Henri-Jean Martin (dir.), *Histoire de l'edition française. 4 - le livre concurrence: 1900-1950*. Paris: Promodis y Fayard, 1991, pp. 615-620.

BORELLI, Silvia – «Livros, editoras, leitores. Leitura e cultura popular de massa no Brasil». *Revista de história das ideias*. [s.l]:[s.n.], 1999, 20, pp. 445-470.

BOURDIEU, Pierre e Roger Chartier – «La lecture: une pratique culturelle – débat entre Pierre Bourdieu et Roger Chartier». In Roger Chartier (dir.), *Pratiques de la lecture*. Paris: Peyot e Rivages, 1993, pp. 277-306.

BRAGA, Isabel Mendes Drumond – *Revistas portuguesas de história regional: estudos*. Cascais: Patrimonia, 2003.

\_\_\_\_\_ – «Historiografia Universitária sobre Temáticas Regionais Insulares (1974-2000)». *Isleña*, n.º 34. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais, 2004, pp. 4-20.

\_\_\_\_\_ – «Poder local e historiografia universitária sobre temáticas regionais.». *Brigantia*, vol. 26. Bragança: [Assembleia Municipal], 2006, pp. 675-691

CABECINHAS, Rosa; Lima, M.E.O. & Chaves, A.M. (2006) «Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história», in Miranda, J. & João, M. I. (Eds.) (2006) *Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta, 2006, pp. 67-92. Disponível na versão PDF (acessível on-line em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6165/1/Cabecinhas-Lima-Chaves-2006.pdf>) cujas páginas estão numeradas de 1 a 29.

CARVALHO, Alberto – «Uma radiografia do mercado editorial». *Prelo*, 14, 1987, pp. 7-12.

CASTRO, F. L. de – «Percurso de um editor». In C. Azevedo, *A censura de Salazar e Marcelo Caetano. Imprensa, teatro, cinema, televisão, radiodifusão, livro*. Lisboa: Caminho, 1999, pp. 526-544.

CHARTIER, Roger – *A ordem dos livros*. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

CLARK, Gilles e Angus Philips – *Inside book publishing*. New York: Routledge, 4<sup>th</sup> ed, 2008.

CONCELLO DA CORUÑA (CONCELLARÍA DE CULTURA)/REAL ACADEMIA GALEGA  
*A Coruña na creación do libro galego*. 1810-2010 Bicentenario da publicación do primeiro libro en galego. Corunha: Concello da Coruña (Concellaría de Cultura)/Real Academia Galega, 2010 [desdobrável da exposición *A Coruña na creación do libro galego*]

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR – *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, n.º 22. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, Abril 2003.

\_\_\_\_\_ – *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*, n.º 25. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, Outubro 2005.

\_\_\_\_\_ – *Boletim Cultural e informativo da Câmara Municipal de Tomar*, n.º 1. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1981.

COSTA, Artur Sá da – «I - Livro municipal, o mal amado das políticas culturais». *Boletim Cultural*. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2009, pp. 555-569.

COSTA, Manuel – «Boletim Cultural da Póvoa de Varzim. Um projecto editorial cinquentenário». *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008 (n.º 42, pp. 251-297).

\_\_\_\_\_ – *A actividade editorial do Município da Póvoa de Varzim*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.

COSTA CASAS, Xóan e Mercedes Queixas Zas *Carvalho Calero: de puño e letra*. Corunha: Concello da Coruña (Concellaría de Cultura)/AS.PG, 2010. [brochura da exposição *A Coruña na creación do libro galego*]

CURTO, D. R. – *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

DAVIES, Gill – *Book comissioning and acquisition* New York: Routledge, 2<sup>nd</sup> ed., 2004.

ECO, Umberto e Jean-Claude Carrière [conversa conduzida por Jean-Philippe de Tonnac] – *A obsessão do fogo*. Lisboa: Difel, 2009.

*EL SECTOR EDITORIAL ESPAÑOL - Informe sobre el sector editorial español en el año 2005*. PDF disponível WWW:URL<[http://www.federacioneditores.org/0\\_Resources/Documentos/SECTOR\\_EDIT\\_ESPANOL\\_2005.pdf](http://www.federacioneditores.org/0_Resources/Documentos/SECTOR_EDIT_ESPANOL_2005.pdf)> [consultado em 07/02/2011]

ENTIDADE REGULADORA PARA A COMUNICACAO SOCIAL - *Imprensa Local e Regional em Portugal*. [s.l]: Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2010. PDF disponível em WWW:URL< <http://www.erc.pt/documentos/ERCImprensaLocaleRegionalfinal.pdf>> [consultado em 07/02/2011]

EPSTEIN, Jason – *O negócio do livro. Passado, presente e futuro do mercado editorial*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002. [1.ª edição; 2001]

ESCARPIT, Robert – «Édition». *Encyclopaedia Universalis*, 5. Paris: Encyclopaedia Universalis, 1980, pp. 956-961.

FARIA, Maria Isabel e Maria da Graça Pericão – *Dicionário do livro – da escrita ao livro electrónico*. Lisboa: Edições Almedina, 2008.

FERREIRA, Paulo – «O lugar da imprensa local e regional nas políticas da comunicação». *Livro de actas 4.º SOPCOM...* PDF disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/ferreira-paulo-lugar-imprensa-local-regional-politicas-comunicacao.pdf> [consultado em 07/02/2011]

FILHO, Plínio Martins (org.) – *Livros, editoras & projectos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

FIOLHAIS, Carlos – «O futuro do livro e das bibliotecas», *De Rerum Natura* [blog], 15.04.2010, on-line em WWW:URL< <http://dererummundi.blogspot.com/2010/04/o-futuro-dos-livros-e-das-bibliotecas.html>> [acedido a 17/04/2010]

FONDO DE CULTURA ECONÓMICA *Congreso internacional del mundo del libro. Memoria*. Tomás Granados Salinas (coord.). Ajusco (México): Fondo de Cultura Económica, 2009.

FONSECA, Pedro – «Tendência é para compra de fragmentos de informação», *DN Artes*, 23.04.2010, disponibilizado on-line em WWW:URL<[http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1551230&seccao=Livros](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1551230&seccao=Livros)> [acedido a 12/05/2010]

\_\_\_\_\_ – «Uma década de livros electrónicos em Portugal», *DN Artes*, 23.04.2010, disponibilizado on-line em WWW:URL<[http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1551231&seccao=Livros](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1551231&seccao=Livros)> [acedido 12/05/2010]

\_\_\_\_\_ – «No Dia Internacional do Livro, José Afonso Furtado em entrevista», *Contra factos & argumentos* (blog), 23/04/2010, on-line em WWW:URL< <http://contrafactos.blogspot.com/2010/04/no-dia-internacional-do-livro-jose.html>> [acedido a 12/05/2010]

FOUCHÉ, Pascal – «L'édition littéraire, 1914-1950», in Roger Chatier e Henri-Jean Martin (dir.), *Histoire de l'édition française. 4 – Le livre concurrence: 1900-1950*. Paris: Promodis e Fayard, 1991, 210-258 [2ª ed.; 1986].

FREITAS, Eduardo de; José Luís Casanova e Nuno de Almeida Alves – *Hábitos de leitura. Um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: D. Quixote, 1997.

FUNDACIÓN GERMÁN SÁNCHEZ RUIPÉREZ *Conversaciones com editores en primera persona*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006.

FURTADO, José Afonso – *A edição de livros e a gestão estratégica*. Lisboa: Booktailors, 2008.

\_\_\_\_\_ – *Do papel ao pixel. Do impresso ao digital: continuidade e transformações*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

\_\_\_\_\_ – «No cinquentenário do Boletim Cultural da Póvoa de Varzim». *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2008 [n.º 42, pp. 97-101].

\_\_\_\_\_ – *O que é o livro?* Lisboa: 1996.

\_\_\_\_\_ – *Os livros e as leituras – novas tecnologias da informação*. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.

\_\_\_\_\_ – *O papel e o pixel*. Lisboa: Ariadne, 2007.

\_\_\_\_\_ – *A edição de livros e a gestão estratégica*. Lisboa: Booktailors, 2009.

GEORGE, João Pedro – *O meio literário português (1960/1998). Prémios literários, escritores e acontecimentos*. [Algés]: Difel, [D.L. 2002].

GIL, Manuel e Fco. Javier Jiménez – *El nuevo paradigma del sector del libro*. Madrid: Trama Editorial, 2008.

GUEDES, Fernando – *O livro como tema. História, cultura, indústria*. Lisboa: Verbo, 2001.

JARVIS, Jeff – *O que faria o Google?* Lisboa: Gestão Plus Edições, 2010.

J.E.M – «Vem aí uma verdadeira revolução cultural no mundo dos livros», *DN Artes*, 23.04.2010, edição on-line, em WWW:URL< [http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=1551232&seccao=Livros](http://dn.sapo.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=1551232&seccao=Livros)> [acedido a 12/05/2010]

«O futuro dos jornais», mesa redonda promovida pela hemeroteca municipal de Lisboa PDF acessível WWW:URL<<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/HIPP/FuturoJornais.pdf>> [acedido em 28/02/2011]

OMNIBUS QUANTUM – *Estudo de hábitos de leitura e compra de livros* (encomenda da APEL), 2004. PDF disponível em WWW:URL< [http://www.apel.pt/gest\\_cnt\\_upload/editor/File/apel/estudos\\_estatisticas/Habitos%20de%20Leitura%202004.pdf](http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/apel/estudos_estatisticas/Habitos%20de%20Leitura%202004.pdf)> [acedido a 18/01/2011]

MARTINS, Jorge M. – *As profissões do livro: editores e gráficos, críticos e livreiros*. [Lisboa]: Verbo, 2005.

MEDEIROS, Nuno – «Cavalheiros, mercadores ou centauros? Traços de actividade e sentido de si dos editores». In AAVV, *Comunidades de leitura. Cinco estudos de sociologia da cultura*. Lisboa: Colibri, 2009, pp. 23-61.

\_\_\_\_\_ – «Edição e editores nos anos 30 e 40: mercado do livro, acção cultural e tensões» in A P. Pita e L. Trindade (coord.), *Transformações do campo cultural português (1900-1950)*. Coimbra: Ariadne, 2005, pp. 129-159.

\_\_\_\_\_ – «Problematizar o objecto consagrado: definindo o livro como ideia e materialidade através da edição». *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*. 24, 1-15.

\_\_\_\_\_ – «Editores e livreiros: que papéis de mediação para o livro?» in *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX* [textos universitários de ciências sociais e humanas, direcção de Diogo Ramada Curto]. [s.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2006, pp. 341-386.

\_\_\_\_\_ *Edição e Editores. O mundo do livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa: ICS, 2010.

MELO, Daniel «As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)». *Análise Social*, vol. XL (174), 2005, pp. 65-86. PDF acessível em WWW:URL< <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n174/n174a03.pdf>> [acedido em 11/03/2011]

MENDES, Susana da Silva – Relatório do estágio em edição realizado na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto da Póvoa do Varzim. Apresentado à Universidade de Aveiro para a obtenção do grau de mestre em Estudos Editoriais. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.

MICHON, Jacques (dir.) *Histoire de l'édition littéraire au Québec au XXème siècle. La naissance de l'éditeur 1900-1939* (cap.I I – L'auteur-editeur). Québec: Éditions Fides, 1999, pp. 41-74.

MINISTÉRIO DE CULTURA *Panorámica de la edición española de libros 2009. Análisis sectorial del libro*. Madrid: Ministério de Cultura/Secretaría General Técnica (Subdirección General de Publicaciones, Información y Documentación), 2009.

MOLEIRO, Margarida «Comprar livros em Torres Novas. Resultados de um inquérito». *Nova Augusta*, nº 19. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2007, p. 231

MÓNICA, Maria Filomena «Ler e poder: debate sobre a educação popular nas primeiras décadas do século XX». *Análise Social*, vol. XVI (63), 1980 3.º, pp. 499-518. PDF acessível em WWW:URL<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223996537J4mEJ0mb1Tn90RZ7.pdf>> [acedido em 11/03/2011]

MOREIRA, Vital – «Revistas culturais regionais». *Vértice*. Coimbra: Março/Abril, 1982, pp. 195-201; Jan-Fev. 1983, pp. 82-84.

NEAVILL, Gordon «Role of the publisher in the dissemination of knowledge». *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 421. [s.l.]: [s.n.], 1975, pp. 23-33.

NEVES, José Soares – «Despesas dos municípios com cultura [1986-2003]» Disponível em WWW:URL<[www.oac.pt/menuobservatorio.htm](http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm)> [consultado em 10/12/2009]

OLLENDORFF, Michel (dir.) *Le métier de libraire. La producción de l'assortiment*. [s.l.]: Éditions du Cercle de la Librairie, 2006.

PIMENTEL, Manuel *Manual del editor. Cómo funciona la moderna industria editorial*. [s.l.]: Berenice, 2007.

RAMOS, Rui - «A nação intelectual», in José Mattoso (coord.) *História de Portugal*. [s.l.]: Estampa, [D.L. 1994] (vol. 6)

RADWAY, Janice – *A feeling for books. The book-of-the-month club, literary taste, and middle-class desire*. Chapel Hill/London: University of North Carolina Press, 1997.

SÁNCHEZ VIGIL, Juan Miguel *La edición en España. Industria cultural por excelência. Historia, processo, gestión, documentación*. Gijón: Ediciones TREA, S.L., 2009.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – «A elite intelectual e a difusão do livro nos meados do século XIX.» *Análise Social*, vol. XXVII (116-117), 1992 (2.º/3.º), pp. 539-546. PDF acessível em WWW:URL<[http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122305435\\_4S1zSK1gt0Ms00NP2.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122305435_4S1zSK1gt0Ms00NP2.pdf)> [acedido em 11/03/2011]

SANTOS, Sofia – *Imprensa regional. Temas, problemas e estratégias da informação local*. Lisboa: Livros Horizonte/Centro de Investigação Média e Jornalismo, 2007.

SERRANO, Anabela «A biblioteca digital ou o acesso global». *Páginas. Arquivos & bibliotecas*, n.º 6. Lisboa: Gabinete de Estudos *a&b*, 2001.

SERRAS, José Martinho Gaspar (dir.) – *Zahara*. Abrantes: Palha de Abrantes/Centro de Estudos de História Local, 2003-2009 [n.º 2 – n.º 14]

SOARES, Franquelim Neiva – «Póvoa de Varzim, boletim cultural, balanço do cinquentenário». *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2009 (vol. 42, pp. 225-249).

SOARES, Tânia de Moraes – *Os meios de comunicação social portugueses Online*. Lisboa: Escolar Editora, 2006.

TORGAL, Luís Reis e Amadeu de Carvalho Homem – «Ideologia salazarista e “cultura popular”» — análise da biblioteca de uma casa do povo». *Análise Social*, vol. XVIII (72-73-74), 1982, 3.º-4.º-5.º, pp. 1437-1464. PDF acessível em WWW:URL< <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223461458E5qGJ9ug4Nv82YZ7.pdf>> [acedido em 11/03/2011]

UNESCO – *Profession: Editeur. Édition et gestion*. Québec/Paris: Éditions Hurtubise, 1993. [edição original: *The Business of Book Publishing. A Management Training Course*. Londres/Paris: Book House Training Centre/UNESCO, 1990.]

UNESCO – *Profession: Editeur. Promotion, vente et distribution*. Québec/Paris: Éditions Hurtubise, 1995. [edição original: *Book promotion, sales and Distribution. A Management Training Course*. Londres/Paris: Book House Training Centre/UNESCO, 1991.]

VALE, Francisco – *Autores, editores e leitores*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

VILLAR, Jorge – *Las edades del libro. Una crónica de la edición mundial*. Madrid: Debate, 2002.

SANCHEZ VIGIL, Juan Miguel – *La edición en España. Industria cultural por excelência. Historia, proceso, gestión, documentación*. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, S.L., 2009.

SOARES, José Neves (coord.) - «Inquérito ao sector livreiro. Apresentação da sessão pública do projecto “Inquérito ao sector do livro” (resultados preliminares)». Lisboa: Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal, 25 de Janeiro de 2008 – PDF acessível em WWW:URL< <http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>> [consultado em 21/02/2011]

ZAID, Gabriel – *Livros de mais. Ler e publicar na era da abundância*. Lisboa: Temas e debates, 2008.

### **Torres Novas**

BICHO, Joaquim Rodrigues – *Torrejanos de vulto*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1999, pp.15-19.

\_\_\_\_\_ – *Toponímia da cidade de Torres Novas*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2000.

GONÇALVES, Artur – *Torrejanos Ilustres*. Torres Novas: ed. O Almonda, 1993 (2.ª ed.). [1.ª ed., C.M.T.N., 1933]

\_\_\_\_\_ – *Anais de Torres Novas*. Torres Novas: ed. O Almonda, 1986 (2.ª ed.). [1.ª ed., C.M.T.N., 1939]



\_\_\_\_\_ – *Memórias de Torres Novas*. Torres Novas: ed. O Almonda, 1990 (2.<sup>a</sup> ed.). [1.<sup>a</sup> ed., C.M.T.N., 1937]

\_\_\_\_\_ – *Mosaico Torrejano. Miscelânea de retalhos do passado e do presente de Torres Novas para memoração no futuro*. Torres Novas: ed. O Almonda, 1999 (3.<sup>a</sup> ed.). [1.<sup>a</sup> ed., C.M.T.N., 1936]

MUNICÍPIO DE TORRES NOVAS – *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008.

\_\_\_\_\_ – *Nova Augusta*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 1962-2009. [n.º 1, série I – n.º 22, série II]

\_\_\_\_\_ – «Gustavo de Bivar Pinto Lopes – o fundador». *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008, pp.33-44.

\_\_\_\_\_ – «Directores da Biblioteca Municipal de Torres Novas». *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, 1937-2008*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2008, pp. 45-52.

SANTOS, António Mário Lopes dos — *Torres Novas nos finais do século XIX. Subsídios históricos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1994.

\_\_\_\_\_ – «A imprensa regional no concelho de Torres Novas (1853-1926)». *Nova Augusta*, n.º 5. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1991, pp. 68-84.

\_\_\_\_\_ – «A imprensa anarquista torrejana.» *Nova Augusta*, n.º 22. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2010, pp. 111-144.

\_\_\_\_\_ – «A última frase da imprensa torrejana em Torres Novas (1926-1932)». *Nova Augusta. Edição comemorativa dos 100 anos da República*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2010, pp. 165-190.

### **História local, identidades e temas afins**

ALBERGARIA, Aline Aparecida e Felipe José Santiago – «Construindo as identidades locais: a experiência do PED-UFOP no ensino de História» PDF disponível em WWW:URL<<http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/edu16.pdf>> [consultado em 10/02/2011]

BARBOSA, Agnaldo de Sousa – «A propósito de um estatuto para a história local e regional: algumas reflexões». Comunicação apresentada na mesa redonda «Redescobrir o Brasil: os desafios da História Local e Regional, na XII Semana de História da UNESP/Franca. Outubro de 1998. PDF disponível em WWW:URL< [http://www.franca.unesp.br/PROPOSITO\\_REGIONAL.pdf](http://www.franca.unesp.br/PROPOSITO_REGIONAL.pdf)> [consultado em 10/02/2011]

BARROS, José d'Assunção – «Espaço e tempo – territórios do historiador. Interações necessárias.» *Varia historia*. Belo Horizonte: [s.n.], 2006, vol. 22, n.º 36, pp. 460-475. PDF disponível em WWW:URL< <http://www.seer.univale.br/index.php/UNIHISTORIA/article/view/6/5>> [acedido a 10/02/2011]

\_\_\_\_\_ – «História, região e espacialidade». *Revista da História Regional*, 2005, pp. 95-129. PDF disponível em WWW:URL< [http://www.4shared.com/document/86TnBKKc/Histria\\_Regio\\_e\\_Espacialidade\\_.html](http://www.4shared.com/document/86TnBKKc/Histria_Regio_e_Espacialidade_.html)> [acedido a 10/02/2011]



BRANDÃO, M. Fátima e Rui Graça Feijó «Entre textos e contextos: os estudos de comunidade e as suas fontes históricas». *Análise Social*, vol. XX (83), 1984-4.º, pp. 489-503. PDF acessível em WWW:URL<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223475271Y6pQA9ys5Id91IR8.pdf> > [acedido em 11/03/2011]

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim – «Considerações sobre história regional». PDF disponível em WWW:URL<[http://www.saberes.edu.br/arquivos/texto\\_aldieris.pdf](http://www.saberes.edu.br/arquivos/texto_aldieris.pdf)> [acedido a 10/05/2010]

COSTA, José Carlos Pinto da costa – *Ser de Carlão. O espaço de pertença e as representações da identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural*. Dissertação de mestrado em Antropologia apresentada à Universidade do Minho (ICS). PDF disponível em WWW:URL< <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/669>> [acedido a 10/05/2010]

ELMIR, Cláudio Pereira – «O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local?». *Fórum Escala e legitimidade no saber histórico: desafios da pesquisa na pós-graduação*. UNISINOS, 26 de Agosto de 2003. PDF disponível em WWW:URL< [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_historia/vol10n8/19historian10vol8\\_artigo13.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/19historian10vol8_artigo13.pdf)> [acedido a 10/05/2010]

ESTEVES, João Pissarra (org.) – *Comunicação e identidades sociais*. Lisboa: Livros Horizonte/Centro de Investigação Média e Jornalismo, 2008.

FIGUEIREDO, António Mesquita de – *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933. Disponível em WWW:URL< [http://purl.pt/249/3/b-11047-v\\_PDF/b-11047-v\\_PDF\\_24-C-R0100/b-11047-v\\_0000\\_capa-425\\_t24-C-R0100.pdf](http://purl.pt/249/3/b-11047-v_PDF/b-11047-v_PDF_24-C-R0100/b-11047-v_0000_capa-425_t24-C-R0100.pdf) > [consultado em 28/12/2009]

FREIRE, Isa Maria – «Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.» Brasília, 2006, pp. 58-67 PDDF disponível em WWW:URL<[http://www.isafreire.pro.br/FREIRE\\_acesso\\_info\\_06.pdf](http://www.isafreire.pro.br/FREIRE_acesso_info_06.pdf) > [acedido em 25.01.2011]

COELHO, P. M. Laranjo – *As Monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*. Lisboa: A.C.L., 1935.

LIPOVETSKY, Gilles e Sébastien Charles – *Os tempos hipermodernos*. Lisboa: edições 70, 2011.

LOUREIRO, Ana e Ana Filipa Príncipe – «Identidade local e identidade nacional: estudo comparativo das populações de Ponta Delgada e Lisboa.» Universidade de Évora, 9-10 Maio de 2002. PDF disponível em WWW:URL< [http://www.ecomuseu-azores.org/saojorge/images/stories/Recursos\\_Online/Popular\\_/IdentidAores\\_Nacional\\_cpia.pdf](http://www.ecomuseu-azores.org/saojorge/images/stories/Recursos_Online/Popular_/IdentidAores_Nacional_cpia.pdf)> [acedido a 10/05/2010]

MARTINS, Moisés – *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto: Autor/Edições Afrontamento, 1990.

MATOS, Álvaro e Raul Rasga (coord.) – *Primeiras jornadas de História Local e Regional*. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

MENESES, Avelino de Freitas de «As histórias nacional, regional e local nos programas e manuais

escolares dos ensinos básico e secundário». Comunicação proferida nos *Encontros sobre manuais escolares*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 13/14 de Setembro de 2000. PDF disponível em WWW:URL< [http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/362/1/Avelino\\_Meneses\\_p703-719.pdf](http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/362/1/Avelino_Meneses_p703-719.pdf)> [acedido a 10/05/2010]

MOSCOVICI, S. – «The history and actuality of social representations». In U. Flick (Ed.) – *The Psychology of the social*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 209-247.

NUNES, Graça Maria – «A história regional e local – contributos para o estudo das identidades locais.» *Cardernos de Sociomuseologia*, 1996, N.º 8, pp. 71-81. PDF disponível WWW:URL<http://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/282> [acedido a 10/05/2010]

RAMOS, Rui (coord.) – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

SARAIVA, António José – *Cultura*. Coleção «O que é?». Lisboa: Difusão Cultural, 1993.

SWENEY, Mark – «Internet overtakes television to become biggest advertising sector in the UK», *The Guardian*, 30/09/2009, edição on-line em WWW:URL< <http://www.guardian.co.uk/media/2009/sep/30/internet-biggest-uk-advertising-sector>> [acedido a 10/05/2010]

TAJFEL, H. – «La catégorisation sociale». In: S. Moscovici (ed), *Introduction à la Psychologie Sociale* (Vol. 1) [Paris]: Larousse Université, 1972.

\_\_\_\_\_ – «Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança». In *Mudança Social e Psicologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, pp. 13-24.

TORGAL, Luís Reis – «História... Que história? Algumas reflexões introdutórias à temática da história local e regional.» *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1987, pp. 843-867.

## **Metodologia**

CEIA, Carlos – *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. Lisboa: Editorial Presença, 2008. [7.<sup>a</sup> ed.]

DEVEREUX, Georges – *L'angoisse de la méthode*. Paris: Flammarion, 1980.

ECO, Umberto – *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença, 2009 (15.<sup>a</sup> edição).

GRAY, Ann – *Research practice for cultural studies. Ethnographic methods and lived cultures*. London: Sage, 2009 [1.<sup>a</sup> ed. 2003].

QUIVY, Raymond e LucVan Campenhoudt – *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 2005.

SOARES, José Neves (coord.) – «Inquérito ao sector livreiro. Apresentação da sessão pública do projecto “Inquérito ao sector do livro” (resultados preliminares)». Lisboa: Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal, 25 de Janeiro de 2008 – PDF acessível em WWW:URL< <http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>> [consultado em 21 de Fevereiro de 2011]

## SÍTIOS NA INTERNET

Biblioteca Nacional de Portugal WWW:URL<[www.bn.pt](http://www.bn.pt)>

Município de Torres Novas WWW:URL<[www.cm-torresnovas.pt](http://www.cm-torresnovas.pt)>

Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes WWW:URL<<http://biblioteca.cm-torresnovas.pt/portalweb>>

Ministério da Cultura – França: Relatório sobre a edição pública em França em 2008 WWW:URL<[www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Rapport\\_editionpublique\\_2008.pdf](http://www.culture.gouv.fr/culture/guides/dll/Rapport_editionpublique_2008.pdf)> [20 de Fevereiro de 2011]

Observatório das Actividades Culturais (Portugal) –[WWW:URL<www.oac.pt/menuobservatorio.htm>](http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm) [acedido em 12/02/2011]

Biblioteca Nacional do Brasil – WWW:URL<http://www.bn.br/portal/>

Câmara Brasileira do Livro WWW:URL<[www.cbl.org.br/](http://www.cbl.org.br/)>

Sindicato Nacional de Editores e Livreiros (Brasil) WWW:URL<[www.snel.org.br/ui/default.aspx](http://www.snel.org.br/ui/default.aspx)>

Associação Portuguesa de Editores e Livreiros WWW:URL[www.apel.pt/](http://www.apel.pt/)

## FONTES

### Orais

João Carlos Lopes (GEPE – CMTN)

Joaquim Rodrigues Bicho (investigador autodidacta local)

Margarida Nunes (funcionária da Biblioteca Municipal de Torres Novas desde 1984)

João Godinho (Gráfica Almondina)

Rosa Moita (Ex-funcionária do GCI-CMTN, responsável pela renovação do *layout* da revista *Nova Augusta* em 2007)

Sofia Ferreira (GCI-CMTN)

Fátima Coelho (funcionária do Departamento de Informática à data da abertura da página do Município de Torres Novas na internet, actual funcionária da Biblioteca Municipal de Torres Novas)

### Escritas

#### Arquivo Histórico Municipal

##### Actas da Câmara Municipal de Torres Novas

«Livro de Actas da Câmara Municipal de Torres Novas» - Sessão ordinária de 10 de Maio de 1944

«Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas», Sessão de 24 de Fevereiro de 1981 – 3 de Novembro de 1981

«Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas», Sessões de 6 de Julho de 1982 – 20 de Setembro de 1982

«Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas», Sessões de 3 de Abril de 1984 - 26 de Junho de 1984

«Livro de actas da Câmara Municipal de Torres Novas», Sessões de 25 de Julho de 1984 – 25 de Setembro de 1984

### **Periódicos**

*Nova Augusta*. N.ºs 1 (Série I) – 22 (Série II)/1962-2010

*O Almonda*, 24/I/1959

*O Almonda*, 10/05/1985

*O Almonda*, 1984

*O Almonda*, 1991

*O Riachense*

*O Mirante*

### **Arquivos intermédio e corrente do GEPE**

### **Arquivos intermédio e corrente do GCI**

### **Legislação**

- Lei do Preço Fixo Decreto-Lei n.º 176/96, de 21 de Setembro (revogada pelo Decreto-Lei n.º 216/2000, de 2 de Setembro)
- Lei da Imprensa – Lei n.º 2/99 de 13 de Janeiro
- Quadro de competências e regime jurídico de funcionamento dos órgãos dos municípios e das freguesias Lei n.º 5-A/2002, de 11 de Janeiro
- Estatuto da Imprensa Regional Decreto-Lei n.º 106/88

## **APÊNDICES**

#### APÊNDICE I – REVISTAS DE CULTURA MUNICIPAIS: A *NOVA AUGUSTA*

- Tabela 1 – Revista municipal de cultura *Nova Augusta* (1962-2010)
- Tabela 2 – Artigos e temas da revista *Nova Augusta* (1962-2010)
- Tabela 3 – Número de participações dos colaboradores da revista *Nova Augusta* (1962-2010)
- Biografias breves dos directores da revista *Nova Augusta*

#### APÊNDICE II – EDIÇÃO INSTITUCIONAL

- Tabela 1 – Livros editados pela Câmara Municipal de Torres Novas (1933-2010)
- Tabela 2 – Livros publicados por editores institucionais (1984-2010)

#### APÊNDICE III\_ EDIÇÃO DE AUTOR E PEQUENAS EDITORAS

- Tabela 1 – listagem dos livros editados, no concelho de Torres Novas (pequenas editoras e edição de autor)

#### APÊNDICE IV – AUTORES LOCAIS

- Tabela 1 – Autores-editores/Autores municipais/colaboradores de jornais
- Tabela 2 – Notas biográficas dos autores que mais contribuíram para a edição de livros e artigos no concelho de Torres Novas

## **APÊNDICE I**





**Tabela 1**  
**Revista municipal de cultura**  
*Nova Augusta (1962-2010)*

## REVISTA MUNICIPAL DE CULTURA NOVA AUGUSTA (1962-2010)

N.º	Série	Ano	Págs.	Formato (cm)	Encadernação	Preço €	Colaboradores	Titulos dos artigos	Sinopses	Palavras-chave
1	I	1962	107	17x23,5	Capa mole	2,5	Brigadeiro Lino Valente, Fernando Cunha, Maria Augusta Serra, Manuel S. Pinho, Augusto Mendes, Maria Noémia Leitão, Frederico Lopes Júnior, Luís Machado Drumond, Reis Brasil, Ruy Galvão de Carvalho, Faustino Bretes, José Lopes dos Santos, António Borga, Eduino de Jesus, Borges dos Santos, Judite Navarro, Maria Lúcia Vassalo	<p>Pórtico, «Palavras de saudação e júbilo», «Nótula sobre a arqueologia de Torres Novas», «Duas cartas de José Estêvão», «Valorização da pessoa humana», «Kafka e o absurdo», «A tradição, condutora dos povos», «Festas do Espírito Santo», «Antero de Quental – o poeta e o homem de acção», «Os poetas açorianos e a música», «Preito», «Adoração», «Animalidade», «Salmo Misterioso», «Joaquim o filósofo», «memórias de um candeiro», «Tentações», «De rebus pluribus – Comemorações do XXV aniversário da Biblioteca e Museu Municipal (sessão de abertura e reportagem fotográfica)»</p>	<p>O primeiro número da <i>Nova Augusta</i> é composto de um conjunto diversificado de artigos que versam sobre a história, arqueologia e etnografia de Torres Novas, alguns textos sobre os Açores e de autores açorianos e um terceiro conjunto, literário, em que participam autores torrejanos. Em «Nótula sobre a arqueologia de Torres Novas», Maria Augusta Serra descreve as investigações arqueológicas por ela conduzidas no concelho de Torres Novas. Manuel S. Pinho dá a conhecer em «História da Nossa Terra» as cartas de José Estêvão Coelho de Magalhães, personagem que participou na preparação do pronunciamento militar que pretendia derrubar o governo de Costa Cabral e que viria a ser designado de «Revolta de Torres Novas». Em «A valorização da Pessoa Humana», Augusto Mendes exalta a importância, para a Torres Novas da época, da fundação de dois colégios – o Colégio Andrade Corvo e o Colégio de Santa Maria. Segue-se um ensaio literário de Maria Noémia Leitão sobre a obra de Kafka. Num outro ensaio, designado «A tradição, condutora dos povos», Frederico Lopes Júnior empreende uma reflexão filosófica sobre a «Tradição» para os açorianos, de como mantém unido um povo que emigrou e se repartiu por vastos e longínquos territórios. Luís Machado Drumond relata as «Festas do Divino Espírito Santo» na ilha Terceira. «Antero de Quental. Poeta e Homem de Acção» é sobre o homem e a obra poética de Antero de Quental. Ruy Galvão de Carvalho, em</p>	<p>História, arqueologia, etnografia, Torres Novas, Açores, poesia, ficção, literatura, estudos, ensaios, paleolítico, José Estêvão de Magalhães, filosofia, Kafka, tradição, Terceira, festas do Espírito Santo, Antero de Quental, século XX, século XIX, música, XXV aniversário da Biblioteca Municipal, XXV aniversário do Museu Municipal, 1962, Carlos Reis, Manuel Simões Pinho, fotografias</p>

2	1	1963	142	17x23,5	Capa mole	Esgotado; disponível para consulta na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (Torres Novas)	Fernando Cunha, Armando de Lucena, António M. Gonçalves, Maria Adelaide Lima Cruz, Alsácia Fontes Machado, Maria Emília Mexia Santos, Virgínia Victorino, Eduarda Lapa, A. Borges dos Santos, Armando Côrtes-Rodrigues, Arminda Lage, Fernando de Pamplona, Elisa Nery de Oliveira, José Carlos Cardoso, José-Alberto Marques, António Mário Santos, José S. da Costa, Afonso do Paço, Maria Augusta Serra, Amaral de Melo, Matilde Rosa Araújo, Jorge Ramos, A. Borges dos	Pórtico, «Carlos Reis na pintura, na aula, na sociedade», «Carlos Reis, director dos museus nacionais», «Recordação da Lousã», «A mestre Carlos Reis», «Carlos Reis e a Lousã», «Duas Palavras», «A minha homenagem», «Carlos Reis e Fialho», «Grito das Ilhas», «Naquele dia», «Cântico de amor», «Três sonetos», «Amor», «Obsessão em círculo», «Autopoema», «Tréguas para a cidade possível», «Areia do Mar», «Vila Cardílio, estação romana de Torres Novas», «Nótulas sobre arqueologia de Torres Novas», «Breves reflexões sobre a história das artes plásticas», «Pássaros e flores», «A errata do tipógrafo e do autor», <i>De rebus pluribus</i> , «Comemorações do XXV aniversário da Biblioteca e do Museu», reproduções de quadros de Carlos Reis, reportagem fotográfica (comemorações do XXV aniversário da biblioteca e do museu)	«Os Poetas Açorianos e a Música» divulga alguns sonetos de poetas açorianos inspirados em compositores ou obras musicais. Segue-se um capítulo contendo alguns poemas de Faustino Bretes, José Lopes dos Santos, António Borge, Eduino de Jesus e Borges dos Santos e textos de ficção literária de Judith Navarro, Maria Lúcia Namorado e António Borge. A encerrar este primeiro número da <i>Nova Augusta</i> , o seu director, Alberto Borges dos Santos, escreve um artigo comemorativo do XXV aniversário da Biblioteca e Museu Municipal, faz uma referência ao trabalho do Grupo Prót-Torres Novas e apresenta o programa das comemorações do centenário do nascimento do pintor Carlos Reis. Outras notícias dão conta de uma visita do Círculo de Estudos Arqueológicos e do falecimento de Manuel Simões Pinho.	Carlos Reis, pintor, século XIX, século XX, naturalismo, arte, história da arte, Torres Novas, Lousã, museus, poesia, Artur Bual, ficção, Francisco Nuno, desenho, Comemoração s aniversário da biblioteca, comemoração s aniversário do museu, biblioteca municipal,
---	---	------	-----	---------	-----------	---	---	--	--	---



1	II	1981	80	17x23,5	Capa mole	Esgotado; disponível para consulta na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (Torres Novas)	José Manuel Carraça da Silva, João António Marques Ferreira, José Ribeiro Sineiro, Faustino Bretes, António Mário Lopes dos Santos, Lúcio Vieira, Francisco Nuno O. Rodrigues, Manuel Gonçalves, Antero Guerra Inácio, Luis Godinho Maurício	«Dezoito anos depois», «A Rata Cega», «Subsídios para a história do cinema em Torres Novas», «Torres Novas sobre o seu remoto passado», «Caracterização do concelho de Torres Novas pela sua imprensa (1907-1910)», «De nós, Helena, de novo», «Dois sonetos em torno da mudança ou repensando Camões», «Sem título», «Jardim de Torres Novas», «A gena, a clara e o grande ovo», «Arquiversus», «Política autárquica – debate sobre os grandes problemas do concelho, com a participação de Casimiro Pereira (AD), António Canais (APU) e Vítor Constantino (PS)», «Autarcas de Torres Novas»	comemorativas referidas. A fechar, duas notas sobre pintores cujas obras foram reproduzidas nesta revista, uma sobre Artur Bual e outra sobre Francisco Nuno, uma fotografia de Maria Amélia da Costa Nery e uma reprodução do quadro “Camélias” de Eduarda Lapa.	Rata Cega, Torres Novas, história, caminho de ferro, Alcanena, Rua Serpa Pinto, cinema, século XIX, século XX, Teatro Virgínia, cultura, sociedade, agricultura, imprensa, indústria, mercado, comércio, salários, contos, literatura, ficção, sonetos, poesia, Camões, gravura, desenho, banda desenhada, política autárquica, habitação, terminais rodoviários e ferroviário,
---	----	------	----	---------	-----------	---	--	--	---	---

2	II	1982	128	17x23,5	Capa mole	1,5	<p>António Mário Lopes dos Santos, Faustino Bretes, Francisco Canais Rocha, José Manuel Carraça da Silva, Francisco Cândido Rodrigues Costa, Joaquim Rodrigues Bicho, Pedro Manuel Natal da Luz, José António Falcão, Carlos Ribeiro, José Alberto Marques, Luís G. Maurício, Judith Navarro, Maria Lúcia Namorado, José Ribeiro Sineiro, Maria Teresa M. M. Pais, Antero Guerra Inácio, Manuel Maria Mota Gonçalves, João Alfaro, Maria Idalina Fernandes do Vale e Pina, Célia Maria Salvador Barroca, Joaquim Lopes Santana, Augusto do Souto Barreiros, Álvaro Almeida dos Santos</p>	<p>«Ideário Republicano na Imprensa Regional do Concelho de Torres Novas (1907-1910)», «Do poder judicial em Torres Novas», «Para a história do movimento operário em Torres Novas 1908-1912», «População, eleitores, deputados (Torres Novas, 1894)», «Memória breve sobre Villa Cardílio», «Pinceladas Torrejanas – O vizinho do bairro», «O folclore ribatejano da zona de transição da lezíria para a charneca», «Do cancionero popular de Santos (Concelho de Mação)», «Folclore é pobreza», «poesia de neutros versus prosa da paz», «Memórias do labirinto», «Poemas», «Bandeira», «Renúncia», «Esculturas em madeira», «Passagem silenciosa nos vestígios de outras passagens», pintura, «aguarela», «Torres Novas», «Auto-retrato», «1.º Encontro de folcloristas do Ribatejo», «O papel do folclore no desenvolvimento cultural da juventude», «Rachos, seus usos e costumes através dos tempos», «O Ribatejo: o traje, a dança e o canto», «Como deve ser feita a recolha do traje, danças e cantares», «Os grupos folclóricos e o seu papel na defesa das tradições populares portuguesas», «Autarcas do concelho de Torres Novas, eleições autárquicas (resultados – Torres Novas)»</p>	<p>uma entrevista sobre “política autárquica” ao presidente e vereadores da Câmara Municipal.</p>	<p>despoluição do rio Almonda, corrupção, desporto, entrevista, dívida camarária</p> <p>Século XX, século XIX, república, imprensa, Torres Novas, poder judicial, tribunal, movimento operário, sociedade, história, republicanos, socialistas, anarquistas, operariado, associações, população, eleitores, deputados, Villa Cardílio, romanos, arqueologia, folclore, Ribatejo, bairro, “os camponeses”, rancho, danças, cantares, cancionero, Mação, poesia, literatura, ficção, romance, José</p>
---	----	------	-----	---------	-----------	-----	---	--	---	--





3/4	II	1983/ 84	128	17x23,5	Capa mole	1,5	<p>J. Robalo Pombo, Joaquim Rodrigues Bicho, Faustino Bretes, Pedro Manuel Natal da Luz, Joaquim Lopes Santana, Carlos Ribeiro, José António Falcão, Alberto Aires da Silva Vitorino, José Ribeiro Sineiro, Mário Leão, Maria Lúcia Namorado, Ivone Mendes S. B. de Figueiredo, Judith Navarro, José d'Abreu Lopes, João Caetano, Guilherme Sarmento Pinto, Luís G. Maurício</p>	<p>«Azulejaria Torrejana», «Meio Século ao serviço da Educação», «A propósito ... general J. A. Ferreira Dias», «O Folclore Ribatejano da Zona de Transição da Lezíria para a Charneca», «O trabalho rural, os Cânticos e as Danças Folclóricas», «Tradição», «Tradição relacionada com o Caga-lume», «Rio Almonda: herança da natureza que o homem teima em destruir», «Pinceladas Torrejanas – Vila de Colinas e Mirantes», «Esculturas em madeira», «Tratado da escola taumática de Torres Novas», «Magnitude: em rememoração de Artur Gonçalves», «A Fanguetra», «De longe IV – Ao meu pai», «O Luva», «Recordação dum veterano», «Sobre nós!», «O Diálogo»</p>	<p>Abre-se esta edição com um artigo da autoria de Robalo Pombo dedicado ao azulejo, sua história e curiosidades sobre o assunto. Os casos de peças artísticas torrejanas são abordados com mais pormenor, a par de uma pequena simulação de imagens dos painéis de azulejos mais representativos (pela sua antiguidade) e mais valiosos, em termos artísticos. O artigo de Joaquim Rodrigues Bicho faz uma resenha sobre a história do colégio de Santa Maria, sito em Torres Novas. Faustino Bretes traça uma breve biografia do general Joaquim Augusto Ferreira Dias. A partir da observação do Rancho da Casa do Povo de Torres Novas, Pedro Natal da Luz reflecte sobre o folclore ribatejano, nas suas particularidades decorrentes da diversidade geográfica da região. Ainda no âmbito do folclore, Joaquim Lopes Santana escreve acerca do trabalho rural, dos cânticos e das danças de outros tempos. Carlos Ribeiro recupera num pequeno artigo a tradição do aguadeiro e José Falcão as tradições relacionadas com os pirilâmpas. Sobre a poluição do rio Almonda são dedicadas algumas páginas que visam soluções para a sua revitalização. Nesta edição ainda há espaço para pensar a vila a partir das suas cinco colinas, num artigo de J. R. Bicho. As esculturas de José Ribeiro Sineiro ocupam as páginas centrais desta publicação. Mário Leão recorda a escola taumática de Torres Novas, publicando o tratado que servia de manual aos alunos. «A fanguetra» é o conto de Maria Lúcia Namorado que aborda as dificuldades dos trabalhadores rurais do concelho. Também Judith Navarro, Ivone Mendes de Figueiredo e José d'Abreu Lopes publicam os seus contos nesta edição da <i>N.A.</i> «Sobre nós» é o título das pranchas de BD de J.</p>	<p>Azulejaria, Torres Novas, século XVI, século XVII, romanos, capela de Nossa Senhora do Vale, capela de Santo António, Igreja da Misericórdia, século XVIII, colégios, colégio de João de Deus, colégio de Santa Maria, Congregação de S. José de Cluny, General Joaquim Augusto Ferreira Dias, século XIX, folclore, Ribatejo, lezíria, charneca, etnografia, trajes, danças, cantares, trabalho rural, tradição, aguadeiros, David da Água, rio Almonda, natureza, poluição, colinas,</p>
-----	----	-------------	-----	---------	-----------	-----	--	---	---	---

5	II	1991	120	17x23,5	Capa mole	4	<p>José Machado Lopes, Joaquim Rodrigues Bicho, Eduardo Bento, Francisco Canais Rocha, Pedro Manuel Natal da Luz, Francisco Correia, António Mário Lopes dos Santos, Lucília Verdelho da Costa, António Canelas</p>	<p>«Torres Novas na Ocupação Romana», «Acção Assistencial de Confrarias e Misericórdias», «Luís Sigé – Uma presença Renascentista em Torres Novas», «Torres Novas nos Primórdios da Industrialização (séc. XVIII-XIX)», «O período liberal em Torres Novas», «Andrade Corvo – homem público e cidadão», «A imprensa regional no concelho de Torres Novas (1853-1926)», «O movimento social na região de Torres Novas (1862-1926)», «Movimento associativo em Torres Novas»</p>	<p>Caetano. Guilherme Pinto analisa as ofertas de emprego em Torres Novas. A encerrar, «O diálogo», pranchas humorísticas de Luís Maurício.</p>	<p>miradouros, escultura, José Ribeiro Sineiro, tauromaquia, ficção, literatura, romance, banda desenhada, sociedade, empregos</p>	<p>Torres Novas, Romanos, Vila Cardílio, mosaicos, Confrarias, Misericórdias, hospitais, albergarias, gafarias, século XIII, século XVI, rodados expostos, lar das raparigas, centros de dia, Luísa Sigé, século XV, Renascimento, humanismo, indústria, industrialização o, século XVIII, século XIX, Casa Nery, Companhia Nacional de Fiação e Tecidos, Fábrica Grande,</p>
---	----	------	-----	---------	-----------	---	---	--	---	--	---

									Fábrica de Papel do Almonda, Fábrica de José Baptista Ramos de Deus, revolução de 1820, Regeneração, José Vasconcelos Correia, Andrade Corvo, biografia, genealogia, imprensa, século XX, Ecco Torrejano, Janota Almondino, A Monarquia, O Jornal Torrejano, O Imparcial, Serpa Pinto, A Renascença, O Povo de Alcanena, O Jornal de Torres novas, O Comercio de Torres Novas, O Almonda, A Era Nova, o Riachense, O Alerta, O Binóculo, O Foco, O
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

6	II	1992	144	17x23,5	Capa mole	5	<p>Joaquim Oliveira Caetano, Maria Helena da Cruz Coelho, Luis Alexandre Pereira da Silva, José António Fernandes Camelo, José Duque Simões, Joaquim Fernando Gorjão Duarte, Francisco Martins, José Augusto Tavares, António Ventura</p>	<p>«As comemorações», «Discursos e abertura e encerramento das comemorações», «A pintura em Torres Novas nos séculos XVI e XVII», «O concelho de Torres Novas em tempos de crescimento e consolidação de um Reino», «A estética, a psicofísica e a crítica literária de João Mendes», «Evocação de António Prestes», «Nesta Torre (representação cénica)», «1º Foral de Torres Novas (peça de teatro)», «O circo chegou», «Um bom negócio», Amanhecer dos séculos», «Poema quase abstracto para um tema quase concreto», Roteiro</p>	<p>Passadas as comemorações do VIII Centenário do Primeiro Foral de Torres Novas, a revista <i>Nova Augusta</i> apresenta um breve registo do que aconteceu, reunindo as conferências proferidas durante as Comemorações, o texto de representação cénica medieval, os trabalhos premiados no Torneio Literário, e uma resenha cronológica dos actos realizados. Dos discursos de abertura das comemorações fazem parte o do Presidente da República, o do Presidente da Câmara, o do Bispo de Santarém e o do</p>	<p>Operário, O Futuro de Aleanena, Movimento social, história, sociedade, economia, proletariado, associações, Carlos Reis, pintura, história da arte, naturalismo, associativismo, Clube Torrejano, Teatro Virgínia, banda Operária, bombeiros Voluntários, Clube Desportivo de Torres novas, Choral Phydellus, associações.</p>	<p>Comemoração s do VIII Centenário do Primeiro Foral de Torres Novas, história, torneio literário, património, teatro, fotografia, manifesto à</p>
---	----	------	-----	---------	-----------	---	---	--	--	---	---



7	II	1993	254	17x23,5	Capa mole	5	<p>Francisco Canais Rocha, João Zilhão, João Maurício, Pedro Souto, José Júlio Antunes, João Carlos Lopes, Joaquim Rodrigues Bicho, António Fernando Coelho, Elsa Tavares, Carlos Ribeiro, Eduardo Bento, Borges Simão, Carlos Simão Nuno, Vítor Pereira da Rosa, Bertino Coelho Martins, José Brites, Guilherme António, Carlos Nuno, António Mário Lopes dos Santos, Luís Godinho Maurício, Maria Fernanda Pinto, Maria Zabeita</p>	<p>«A morte prematura do círculo católico dos operários torrejanos», «lazedas arqueológicas do sistema cársico da nascente do Almonda», «Freguesias ou paróquias», «Pinceladas torrejanas: moinhos de vento», «O cânlamo e a sua cultura na região», «As lavadeiras: evocação», «As visitas paroquiais – a propósito da publicação de “Visitas XVII-XVIII” de Isaias da Rosa Pereira», «Historiografia Torrejana: breve abordagem», «Tanoaria, esse velho mister», «Maria Lamas – a vida como Vale dos Encantos é possível», «Materiais cerâmicos no Museu Agrícola de Riachos», «O Islão e a mulher», «Injustiça impedida por moleira torrejana», «A alaga dos figos», «O país dos cegos», «O Ti Zé da Dica», «Um poema de amor», «Ex-percurso», «Nas margens do meu rio», «Pela Tarde», «Nova Augusta: 31 anos em índice»</p>	<p>O número 7 da revista <i>Nova Augusta</i> marca um momento de viragem na história da publicação, pela quantidade e qualidade dos trabalhos que ora se apresentam. Francisco Canais Rocha, que se tem dedicado às questões do movimento operário e da industrialização, aborda de forma inédita a existência do Círculo Católico dos Operários Torrejanos. João Zilhão, Pedro Souto e João Maurício registam os resultados das intervenções arqueológicas que sucessivamente se realizaram na Gruta da Nascente do Almonda. António Fernando Coelho revisita «As Visitas Paroquiais de Torres Novas», chamando a atenção para a importância que assumem no conhecimento da história do comportamento religioso e das atitudes mentais das nossas comunidades. «Tanoaria, esse velho mister» constitui um exaustivo levantamento etnográfico de Tavares. João Carlos Lopes procura em «Historiografia torrejana» fazer o balanço breve do que até hoje foi escrito sobre o passado de Torres Novas. Eduardo Bento e Borges Simão escrevem sobre uma obra de</p>	<p>Vieira, Domingos Vieira Serrão, 1190, século XII, idade média, psicocrítica, estética, António Prestes, poesia, autos, fotografia, visita presidencial, Mário Soares</p> <p>Século XX, Igreja, operários, sociedade, democracia cristã, católicos, liberais, socialistas, freguesias, paróquias, Torres Novas, moinhos de vento, lavadeiras, rio Almonda, século XVII, século XVIII, visitas paroquiais, Isaias da Rosa Pereira, historiografia, século XIX, Manuel Simões Pinho, Artur Gonçalves,</p>
---	----	------	-----	---------	-----------	---	---	---	--	---

8	II	1994	224	17x23,5	Capa mole	5	<p>António Mário Lopes dos Santos, Artur Corte Real, Câmara Municipal de Torres Novas, Carlos Nuno Reis Nunes Ferreira, Carlos Ribeiro, Eduardo Bento, Francisco Canais Rocha, Joaquim Rodrigues Bicho, José Alberto Matos da Silva, Lídia Maria Rodrigues Neves, Luis Godinho Maurício, Maria Fernanda Pinto, Maria Madalena Pinto, Marta Nunes Ferreira, Vítor Maia e Costa</p>	<p>«O cânhamo e a sua cultura na região», «Subsídios de lactação – elementos para o estudo de mães solteiras nos finais do século XIX», «Os mosaicos de Villa Cardílio, tentativa de descrição», «Casa Mogo de Melo “Utilidade desconhecida”», «José Ribeiro – a invenção do corpo», «Roteiro de Carlos Reis na Lousã», «Carlos Reis e Torres Novas», «Castelo de Torres novas – Sondagem arqueológica – relatório preliminar», «Torres Novas e o atentado a João Chagas (1915)», «Intervenção arqueológica de emergência na Quinta da Silva», «Génesis», «A Torres Novas – Vila do passado», «Pensamento irrequieto», banda desenhada, índices</p>	<p>Maria Lamas e Carlos Simão Nuno surpreende-nos com um interessante trabalho sobre olaria tradicional, a partir de materiais cerâmicos existentes no Museu Agrícola de Riachos. Vítor Pereira da Rosa fala da mulher no contexto da cultura e da sociedade islâmicas, levantando-nos a entender que numa área onde a presença dos mouros deixou marcas bem evidentes, a região de Torres Novas deverá reconhecer a contribuição desta herança na formação da sua ancestralidade. Num conjunto de textos de poesia e ficção assume particular destaque uma pequena colecção de poemas de António Mário Lopes dos Santos.</p> <p>As páginas finais são ocupadas com os índices das revistas anteriores</p>	<p>Francisco Xavier de Arez e Vasconcelos, Maria Lamas, Vale dos Encantos, Museu Agrícola de Riachos, cerâmica, olaria, louça, Islão, Marrocos, religião, cultura, moleira, século XVI, figo, ficção, contos, poesia</p>
								<p>A <i>Nova Augusta</i> de 1994 apresenta-se dividida em duas partes: Estudos e ensaios; poesia e ficção.</p> <p>Estudos e ensaios: Num momento em que a agricultura e as políticas agrícolas assumiam particular destaque ao nível da discussão pública, merece particular atenção o artigo de Joaquim Rodrigues Bicho «O cânhamo e a sua cultura na região», um trabalho que revela pormenores curiosos e interessantes como foi o aproveitamento das potencialidades locais para a produção do cânhamo por alturas da II Guerra Mundial, quando se demonstrava difícil a sua importação de Itália. Lídia Neves inaugura o estudo sobre mães solteiras. Marta Nunes Ferreira estuda exaustivamente os mosaicos de Villa Cardílio, tentativa de certo modo inédita, pois eram até aqui conhecidos apenas estudos relativos a aspectos particulares ou emblemáticos. No</p>	<p>Cânhamo, século XIX, século XX, rio Almonda, Companhia Nacional de Fiação e Tecidos, história, mulher, mãe, Villa Cardílio, romanos, mosaicos, sítios arqueológicos, Casa Mogo de Melo, escultura, José Ribeiro, arte, Carlos Reis, Lousã, Torres Novas,</p>	



9	II	1995	200	17x23,5	Capa mole	5	Ana Lúcia Farinha, Joaquim Rodrigues Bicho, João Pedro Cunha Ribeiro, João Maurício, Pedro Souto, Mário Rui Silvestre, Carlos Ribeiro, Ana Maria Marques, Ana Catarina Pinto, António Mário dos Santos, Luís Godinho Maurício, Maria Fernanda Pinto, Maria Madalena	«Acheias para a história dos moinhos de água de Torres Novas», «C.N. de Fiação e Tecidos – 150 anos de Actividade», «O Paleolítico Inferior na região de Torres Novas e outras partes correlativas», «O traje e representação», «O marqués de Torres Novas e outras partes correlatas», «O traje e a representação», «Passado e futuro do Museu Municipal», «Ter e saber», «marketing político: o voto jovem em Torres Novas», «Périplo de Ulisses», «Poesia», «Epopeia», «Ribatejo – meu	momento em que a casa Mogo de Melo iniciou nova vida, findas as obras de restauro, Carlos Ribeiro, recorda tudo quanto ela acolheu ao longo de décadas. Eduardo Bento, por sua vez, parte à descoberta da obra escultórica de José Ribeiro. Os aspectos desconhecidos da criação artística de Carlos Reis na Lousã, e do modo como ela é ainda hoje visível em velhos candeiros, portões, fontes e outras estruturas, é o que nos propõem José Matos da Silva e Vítor Maia. Continuando a temática Carlos Reis, Carlos Nuno Ferreira interessou-se pela ligação de Carlos Reis à sua terra natal, e deixa-nos o resultado de uma Conferência que soube cativar quantos o escutaram. Carlos Ribeiro revela-nos, ainda, um apontamento curioso: o atentado a João Chagas e as incidências do evento em Torres Novas. Os trabalhos arqueológicos realizados no castelo de Torres Novas e na Quinta da Silva ficam arquivados nesta edição da <i>NA</i> . Na segunda parte, <i>poesia e ficção</i> , conta-se com os contributos de António Mário Lopes dos Santos, Maria Fernanda Pinto, Maria Madalena Pinto e Luís Maurício, que nos traz o Tó Novas e as suas divertidas histórias em BD. As páginas finais são ocupadas com os índices das revistas anteriores.	castelo., arqueologia, João Chagas, República, Quinta da Silva, espólio arqueológico, poesia, banda desenhada, índice
								«Acheias para a história dos moinhos de água de Torres Novas», «C.N. de Fiação e Tecidos – 150 anos de Actividade», «O Paleolítico Inferior na região de Torres Novas e outras partes correlativas», «O traje e representação», «O marqués de Torres Novas e outras partes correlatas», «O traje e a representação», «Passado e futuro do Museu Municipal», «Ter e saber», «marketing político: o voto jovem em Torres Novas», «Périplo de Ulisses», «Poesia», «Epopeia», «Ribatejo – meu	A revista <i>Nova Augusta</i> n.º 9 foi lançada em ambiente de júbilo motivado pela pequena vitória que foi conseguir publicar cinco números sem interrupções, desde 1991. Esta <i>Nova Augusta</i> divide-se em duas partes: estudos e ensaios e poesia e ficção. Estudos e ensaios: A abrir esta publicação temos um escrito inédito, datado de 1969, de Ana Lúcia Farinha, sócia da Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos, que constitui uma memória histórica dos moinhos do rio	Século XIX, século XX, Torres Novas, Companhia Nacional de Fiação e Tecidos, história contemporânea a, Mezíões, moinhos do Duque,



Pinto, Élia Filipe, Guilherme António, João Carlos Lopes	poema», «A minha mão», «Excelência», índices.	<p>Almonda. Joaquim Rodrigues Bicho traça as linhas gerais do percurso mais que centenário da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos.</p> <p>«O Marquês de Torres Novas e outras partes correlatas» é o ensaio de Mário Rui Silvestre que nos revela episódios desconhecidos relacionados com os amores de D. João de Lencastre, Marquês de Torres Novas, por D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva.</p> <p>Ana Maria Marques em «Ter e saber – para uma caracterização sociológica do Concelho de Torres Novas» persegue o objectivo de saber até que ponto o meio familiar de origem condiciona o sucesso escolar e aptidão para actividades de índole cultural. Carlos Ribeiro fala do trajo e representação e Ana Catarina Pinto traz-nos um estudo de marketing político, abordando, sobretudo, o voto jovem em Torres Novas.</p> <p>A história do museu municipal é passada em revista, por João Carlos Lopes, num momento em que o seu futuro dependia de medidas concretas e inequívocas. Para o estudo do Paleolítico Inferior da região de Torres Novas, mais uma vez, se pode contar com o contributo de João Pedro da Cunha Ribeiro, João Maurício e Pedro Souto.</p> <p>Poesia e ficção: António Mário Lopes dos Santos, Luís Maurício, Guilherme António, Maria Madalena Pinto, Maria Fernanda Pinto e Élia Filipe oferecem-nos prosas e versos. As páginas finais são ocupadas com os índices das revistas anteriores</p>	<p>moínho do Açude, moínhos do Caldeirão, moínhos dos Pimentéis, arqueologia, paleolítico inferior, Ramalhosa, Brogueira, Casatelo Velho, Riachos, Casével, Martim Ladrão, Chancelaria, mato de Miranda, Pedrogão, A-do-freire, D. João de Lencastre, Marquês de Torres Novas, século XVI, folclore, Museu Municipal, sociologia, níveis de instrução, caracterização socioeconómica da população, apências culturais, marketing, voto, eleições, marketing político,</p>
--	--	--	---

10	II	1996	143	17x23,5	Capa mole	5	Joaquim Rodrigues Bicho, Francisco Canais Rocha, Júlio M. Roque Carreira, Carolina Michaëlis de Vasconcelos	«Moinho dos Gafos», «Para a história da resistência ao fascismo em Torres Novas», «A necrópole megalítica das Lapas», «As ocupações das Idades do Cobre e do Bronze da Lapa da Bugalheira», «Materiais da Idade do Bronze da Gruta da nascente do Almonda», «A infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas», «Nova Augusta: 34 anos em índice»	Neste número da <i>Nova Augusta</i> são apresentados vários estudos que cumprem a promessa de se trazer anualmente à superfície um pouco do que se vai escrevendo e investigando acerca da história e da cultura torrejana. Joaquim Rodrigues Bicho oferece-nos mais uma memória, desta vez relativa ao Moinho dos Gafos. Um património secular a que não soubemos dar o melhor caminho. Francisco Canais Rocha escolhe como objecto de estudo a história da resistência ao fascismo em Torres Novas, entre 1945 e 1961, elaborando um ensaio no qual se destaca o papel do associativismo torrejano na politização do movimento anti-fascista local. A <i>Nova Augusta</i> n.º 10 apresenta ainda três trabalhos relativos ao património arqueológico do concelho da autoria de Júlio Roque, investigador ligado ao Museu dos Serviços Geológicos. Nestes trabalhos estão relatadas as primeiras intervenções em Lapas, na Lapa da Bugalheira e na Gruta da Nascente do Almonda. É de referir a importância documental das fotografias referentes às escavações de Lapas, até então desconhecidas dos torrejanos. Finalmente, e a pretexto da reedição da obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «A Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas», transcreve-se a parte relativa à torrejana ilustre Luisa Sigéa. No final, ficam os 32 anos da revista <i>Nova Augusta</i> revistos em índice, um contributo relevante para os que se dedicam à pesquisa de temas torrejanos.	poesia, ficção Arqueologia, Torres Novas, história contemporânea, Lapas, século XX, fascismo, Moinho dos Gafos, resistência, espólio arqueológico, Luisa Sigéa, século XVI, renascimento
11	II	1999	224	17x23,5	Capa mole	5	João Pedro Cunha Ribeiro, João Maurício, Pedro Souto, António Carolino Rodrigues, Luís Osterbeck, Júlio M.	«O Paleolítico Inferior na região de Torres Novas Elementos para o seu estudo», «Contribuição para o conhecimento do Paleolítico Inferior do Concelho de Torres Novas», «Para a Revisão da Neolitização	A revista <i>Nova Augusta</i> n.º 11 reservou-se, inteiramente, a estudos de arqueologia. Esta edição da <i>N.A.</i> estava prevista para o momento da abertura do núcleo Pré-História e Romanização do Museu	Arqueologia, Pré-história, romanização, romanos, Paleolítico



12	II	2000	246	17x23,5	Capa mole	5	<p>Rita Sáez, Joaquim Rodrigues Bicho, Sandra Correia, Carlos Borges Simão, Paulo Renato, António F. Carvalho, M.ª João Jacinto, Cidália Duarte, João Maurício, Pedro Souto, Sandra Lourenço, Gertrudes Zambujo, José Borralho, Carlos Ribeiro, Ana Maria Marques</p>	<p>«Nossa Senhora do Ó de Torres Novas», «A banda Operária Torrejana e a Fábrica Grande», «Convento de Santo António», «Linguajar torrejano nas personagens que lhe dão vida nos contos de António Borge», «Lapa dos namorados (Pedrógão, Torres Novas): Estudos dos materiais arqueológicos», «Intervenção arqueológica na Igreja da Misericórdia», Relatório arqueológico sobre a Estrutura de combustão de Barreiros (Riachos)», «O boieiro», «O associativismo, discursos, paradoxos e sonhos, uma reflexão inspirada em teorias do poder e da reciprocidade»</p>	<p>Na transição do milénio, a <i>Nova Augusta</i> reúne um conjunto de trabalhos que, de alguma forma, contribuem para o reforço da identidade local. Rita Sáez estuda a imagem de Nossa Senhora do Ó de Torres Novas, que se encontra no Museu Municipal de Carlos Reis, abordando as questões da origem, culto e aspectos artísticos. Em «A Banda Operária Torrejana e a Fábrica Grande» Joaquim Rodrigues Bicho faz o historial da Banda, enquanto integrada na Companhia Nacional da Fiação e Tecidos. Participa ainda com um segundo artigo, sobre a referida companhia em que são abordados os vários processos mecânicos da “fiação do cânhamo”.</p> <p>Sandra Correia, num trabalho intitulado</p>	<p>pena d'água, gruta do almonda, Laranjal de Cabeço de Pias, Gruta das Lapas, espeleologia, Lapa da Bugalheira, Buraca da Moura, Rexaldia, Lapa amarela, Quinta da Romeira, Ferrarias, Castro do Chão do Castelo, Casal da Santo Antoninho da Caveira, Casais da Igreja</p> <p>História, Torres Novas, arte sacra, Nossa Senhora do Ó, século XIV, século XV, Idade Média, século XVI, Renascimento, museu municipal, Virgem, Banda Operária, filarmónicas, Companhia Nacional de</p>
----	----	------	-----	---------	-----------	---	---	---	--	--

[illegible]

13	II	2001	160	17x23,5	Capa mole	5	Joaquim Rodrigues Bicho, A. M. Dias Diogo, António J. Nunes Monteiro, Júlio Manuel Pereira, Faustino Bretes, Jorge Manuel Salgado Simões, Carlos Ribeiro	«Artur Gonçalves, actor e ensaiador», «Miradouros do Concelho», «Anforas Romanas de Villa Cardílio (Torres Novas)», «Fonte Santa II, Breve notícia de uma ocupação do Neolítico Final/Calcolítico nas proximidades de Torres Novas», «Teatro, Cinema e Filarmónica», «Paisagem protegida do figueiral torrejano? (Um estudo de geografia do turismo)», «Modas de roda», «Grupo Pró-Torres Novas»	antropológica, o papel desempenhado pelas colectividades e associações no seio da comunidade, partindo das motivações dos dirigentes e das suas opiniões a respeito do associativismo.	espólio arqueológicos , S. Pedro, esqueletos, enterramentos , Riachos, sítios arqueológicos , Cascalheira, Barreiros, espólio arqueológico, Pré-História, proto-história, romanos, Idade do Ferro, boieiro, trabalho rural, bois, lavar, associativism, filarmónicas, dirigentes
								Este número da <i>Nova Augusta</i> inclui temas de história local, arqueologia, etnografia e sobre aquela que foi a grande riqueza da região: o figo. Todos os artigos têm como denominador comum contribuir para a definição e divulgação da identidade cultural torrejana. Joaquim Rodrigues Bicho homenageia Artur Gonçalves, investigador da história de Torres Novas, revelando a sua faceta de ensaiador de peças de teatro muito ligado ao movimento associativo de cultura e recreação – «Artur Gonçalves, actor e ensaiador». Joaquim Bicho elabora, ainda, num segundo artigo, um roteiro descritivo de alguns dos mais emblemáticos miradouros do nosso concelho. A <i>Nova Augusta</i> n.º 13 publica duas colaborações no âmbito da arqueologia. Um estudo (já publicado pela revista <i>Conimbriga</i> , n.º 38, 1999) de A. M. Dias Diogo e António J. Nunes Monteiro,	antropológica, o papel desempenhado pelas colectividades e associações no seio da comunidade, partindo das motivações dos dirigentes e das suas opiniões a respeito do associativismo.	espólio arqueológicos , S. Pedro, esqueletos, enterramentos , Riachos, sítios arqueológicos , Cascalheira, Barreiros, espólio arqueológico, Pré-História, proto-história, romanos, Idade do Ferro, boieiro, trabalho rural, bois, lavar, associativism, filarmónicas, dirigentes

									arqueólogos, sobre as ânforas romanas, descobertas entre 1980 e 88, de Villa Cardílio, e um artigo de Júlio Manuel Pereira que apresenta as principais conclusões sobre a importância da ocupação do sítio Fonte Santa II no período Neolítico-final/Calcolítico. Não querendo deixar passar em claro o aniversário do nascimento de Faustino Bretes (2002), a <i>N. A.</i> publica um artigo inédito deste torrejano: um conjunto de textos sobre o teatro, o cinema e a flarmónica torrejanos. Trata-se de uma carta escrita pelo autor e enviada à professora Maria Manuela Poitout, que gentilmente a ofereceu à Biblioteca de Torres Novas. Jorge Salgado Simões traz-nos uma proposta muito interessante de aproveitamento de um recurso natural de relevo para a identidade da região de Torres Novas: o figueiral. O autor equaciona um projecto de paisagem protegida para uma das áreas de figueiral, projecto que integraria actividades e serviços específicos de protecção e preservação. Por fim, Carlos Ribeiro alerta para o desuso em que caíram as modas de roda, parte integrante de uma tradição que divertia a juventude de outros tempos, e Joaquim Rodrigues Bicho descreve o percurso do Grupo Pró-Torres Novas.	· Fonte Santa, Ribeiro do Serradinho, Almonda, teatro, cinema, flarmónica, animatógrafo, figueiral, geografia, turismo, paisagem, cantares, folclore, danças, grupo pró-Torres Novas
14	II	2002	236	17x23,5	Capa mole	5	Carlos Trincão Marques, Jorge Salgado Simões, Paulo Renato, Joaquim Rodrigues Bicho, Sandra Lourenço, Júlio Manuel Pereira, Joaquim Rodrigues Bicho, Sandra Lourenço, Carlos Ribeiro, Jorge Serra de Sousa	«Riachos – uma terra com nome próprio!», «Estrutura produtiva do concelho de Torres Novas», «A obra de mestre entalhador Manuel da Silva, na vila do Almonda (1685-1695)», «Colégio de Andrade Corvo – Memória breve de uma longa vida», «A ocupação medieval na Rua Tenente Valadim n.ºs 1 e 3 (Torres Novas)», «Um habitat do paleolítico Médio – a Quinta do Minhoto II (Riachos, Torres Novas). Breve apresentação», «Os Botas», «Considerações sobre o “Atlas” Folclórico», «Relatório de	A <i>Nova Augusta</i> n.º 14 comemora o 65.º aniversário da biblioteca e os quarenta anos decorridos desde o lançamento da primeira revista <i>Nova Augusta</i> , em 1962. A edição de 2002 inicia-se com um artigo intitulado «Riachos – uma terra com nome próprio!», de autoria de Carlos Trincão Marques, um texto apresentado nas comemorações da passagem de aniversário da elevação de Riachos a vila. Jorge Salgado Simões traz-nos uma abordagem acerca da realidade industrial do concelho	Riachos, vila, século XX, história contemporânea a, Torres Novas, década de 60, anos 70, anos 80, anos 90, estrutura produtiva, população

progresso dos trabalhos da Quinta de S. Brás», «Nova Augusta em índice»	de Torres Novas num artigo cujo título reflecte o problema: «Estrutura produtiva do Concelho de Torres Novas – Desindustrialização ou reindustrialização?». «O mestre entalhador Manuel da Silva, na vila do Almonda (1685-1695)», é a proposta de Paulo Gregório Renato para desvendar o trabalho executado em Torres Novas por um artista de mérito nacional no século XVII, o mestre entalhador Manuel da Silva. Joaquim Rodrigues Bicho reaviva a memória do colégio Andrade Corvo através de um artigo sobre esta instituição, no artigo «Colégio Andrade Corvo – Memória breve de uma longa vida». Num segundo artigo, o autor escreve sobre a presença dos Botas em Torres Novas, cuja força de trabalho se revelou muito produtiva nas faíscas agrícolas da apanha do figo e da azeitona. Carlos Ribeiro propõe a criação de um «Atlas Folclórico» para o concelho de Torres Novas, e muito mais do que curiosa, a proposta é inovadora. No âmbito da arqueologia, a N.º 4 de 2002 reserva três artigos: «A ocupação medieval na Rua Tenente Valadim, n.ºs 1 e 3», é o título do estudo de Sandra Lourenço, de um dos dois troços da muralha medieval torrejana. Júlio Manuel Pereira apresenta um breve estudo dos trabalhos realizados na «Quinta do Minhoto II», uma estação arqueológica do Paleolítico Médio. O relatório de Jorge de Serra Sousa encerra o ciclo de arqueologia desta revista com o relatório de progresso dos trabalhos de intervenção na Quinta de S. Brás.	activa, empresas, emprego, estabelecimentos, indústria, século XVII, Idade Moderna igreja da Misericórdia, igreja do Salvador, igreja de Santiago, retábulo, arquitectura religiosa, arte sacra, mestre Manuel da Silva, talha dourada, entalhador, história, história da arte, demografia, Colégio Andrade Corvo, ensino, João de Andrade Corvo, Rua Tenente Valadim, arqueologia, arqueologia, século XII, século XIII, sítios arqueológicos, Quinta do Minhoto, Paleolítico





16	II	2004	196	17x23,5	Capa mole	5	<p>Marta Tamagnini, Joaquim Rodrigues Bicho, Paulo Renato Gregório, António Mário Lopes dos Santos, Margarida Moleiro, Carlos Ribeiro, Dias Driego, João Catarino, Margarida Teodora Trindade</p>	<p>«Revestimento azulejar da capela da Senhora Sant'Anna», «Da igreja de S. Pedro de Torres novas no 1.º quarel do século XX», «O presépio de Machado de Castro na igreja da Misericórdia de Torres Novas», «Convento do Espírito Santo – últimos dias», «Painel de Gil Pais: um estudo iconográfico e iconológico», «Cerâmicas de duas estações arqueológicas</p>	<p>«Revestimento azulejar da capela da Senhora Sant'Anna», Joaquim Rodrigues Bicho, por sua vez, debruça-se sobre as questões «Da igreja de S. Pedro</p>	<p>A riqueza do património artístico torrejano domina grande parte dos artigos apresentados na 16.ª edição da revista de cultura do Município de Torres Novas. Maria Tamagnini Mendes ocupa-se do estudo do «Revestimento azulejar da capela da Senhora Sant'Anna», Joaquim Rodrigues Bicho, por sua vez, debruça-se sobre as questões «Da igreja de S. Pedro</p>	<p>desde o primeiro burgo até à expansão da vila. José Alberto Borralho faz um apontamento acerca da existência de um túmulo em Guadalupe, Espanha, onde está enterrada D. Maria de Guadalupe Lencastre e Cardenas, Duquesa de Arcos, Aveiro, e VI Marquesa da vila de Torres Novas. Jorge Salgado Simões apresenta-nos as suas «Novas notas demográficas do concelho», a partir dos resultados divulgados em Outubro de 2002, pelo Instituto Nacional de Estatística, referentes aos Censos 2001. A fechar esta edição, Jorge Simões e Ana Sofia Pereira revelam-nos as «Portas abertas para um passado fechado», reflectindo sobre o património arquitectónico do centro histórico. Uma tentativa de chamar a atenção para a necessidade de reabilitar o centro histórico da cidade.</p>	<p>século XIX, século XX, Guerra Colonial, Estado Novo, 1961, O Almonda, ultramar, madrinhas de guerra, lendas, castelo, povoado, urbanismo, urbe, Idade Média, Rossio de S. Sebastião, Marquesa de Torres Novas, D. Maria Guadalupe Lencastre, arca tumular, lápide, festividades, D. Maria I, século XVIII, 1734, 1735, Idade Moderna, cidade, mutações, Torres Novas</p>	<p>Património, arte sacra, azulejos, Capela de Santa Ana, Vargos, conservação e restauro, igreja de S.</p>
----	----	------	-----	---------	-----------	---	---	--	--	---	--	---	--

17	II	2005	230	17x23,5	Capa mole	5	Ricardo Raimundo, Gonçalves dos Santos, Joaquim Rodrigues Bicho, Armando Borralho, Margarida Trindade, Vasco Rosa Silva, António Mário Lopes dos Santos, A. M. Dias Diogo, Bruno F. da Silva, Jorge Serra de	do concelho de Torres Novas», «O livro das visitas da igreja do Salvador de Torres Novas», «Os gaiteros»	de Torres Novas no 1.º quartel do século XX» e, seguindo a temática do património artístico-religioso, Paulo Renato Gregório analisa pormenorizadamente «O presépio de Machado de Castro na igreja da Misericórdia de Torres Novas». António Mário Lopes dos Santos, num artigo intitulado «Convento do Espírito Santo – últimos dias», retrata o contexto vivido aquando do encerramento desta casa de religiosas franciscanas. Mantendo-se o registo do tema património, o artigo «Painel de Gil Pais: um estudo iconográfico e iconológico», de Margarida Moleiro, desconstrói figurativamente o painel de Gil Pais enquadrando-o na mentalidade da época. Falta ainda falar nos contributos de Carlos Ribeiro, que nos apresenta um artigo sobre a figura do gaitero que animava as festas populares, e de Dias Diogo e João Catarino com um trabalho no âmbito da arqueologia denominado «Cerâmicas de duas estações arqueológicas do concelho de Torres Novas». Margarida Teodora Trindade apresenta neste número da <i>N/4</i> uma síntese das suas deduções tendo por base a transcrição e análise efectuada ao Livro das Visitações da Igreja do Salvador.	Pedro, século XX, história contemporânea, a, presépio, Machado de Castro, igreja da Misericórdia, século XVIII, Idade Moderna, Natal, século XIX, Convento do Espírito Santo, Gil Pais, Estado Novo, Jorge Colaço, Companhia das Fábricas de Cerâmica Lusitânia, Praça 5 de Outubro, brasões, Castelo Velho de Riachos, cerâmicas, Chão do Castelo, Fungulvaz, História, história da arte, museografia, Varela Raimundo abre a revista com o artigo «Sentir Mal do Sacramento da Penitência: o processo do Frei Salvador da Assunção». Ricardo Raimundo expõe o desenrolar de dois processos inquisitoriais (1696 e 1724) contra este religioso, oriundo de Lapas, contra este religioso, sexualmente várias mulheres durante o
----	----	------	-----	---------	-----------	---	--	--	---	---

Sousa, Luís Mota Figueira	torreiano para a História da astronomia portuguesa», «Cristãos-novos torrejanos na época dos Filipes», «Notícia de achados romanos nos concelhos de Torres Novas e Alcanena», «Relatório de progresso dos trabalhos da Quinta de S. Brás», «Análise de documentação visual na prática de gestão museográfica do Museu Agrícola de Riachos: proposta metodológica»	<p>acto confessional. O segundo artigo, «Subsídios para o conhecimento da produção artística de Carlos Reis», é de autoria de Diana Gonçalves dos Santos. Neste artigo, para além de aspectos biográficos e outros referentes à arte pictórica deste torreiano, a autora revela uma extensa lista das obras de Carlos Reis, com mais de trezentos títulos.</p> <p>«O Bairro de Santo António: sociedade e economia entre 1936 e 1950» é o artigo onde Joaquim Rodrigues Bicho deixa alguns apontamentos sobre a vida social e económica deste bairro torreiano: um retrato real de uma época marcada por situações adversas como foram os conflitos bélicos e a consequente recessão. Neste artigo encontra-se, ainda, um rol dos estabelecimentos e serviços existentes no bairro nessa altura. Armando Borralho contribui para este número da <i>Nova Augusta</i> com o artigo «Os últimos ferradores de Torres Novas, o cavalo e as artes equestres na 1.ª metade do século XX». O cavalo, as artes e os ofícios ligados à arte equestre dão o mote a este texto que recorda a vila de Torres Novas até 1957, anos em que existia um forte núcleo de profissões relacionadas com o cavalo devido à presença de vários aquartelamentos de cavalaria.</p> <p>Margarida Teodora Trindade, após ter publicado um artigo dedutivo e analítico sobre ao conteúdo documental fornecido pelo Livro das Visitações da Igreja do Salvador de Torres Novas (1566-1591), divulga, neste número, a primeira parte da transcrição deste manuscrito. «Manuel de Figueiredo, contribuiu de um torreiano para a história da astronomia portuguesa», é o título do artigo de Vasco Rosa da Silva. O autor faz uma análise minuciosa das interpretações astronómicas de Manuel</p>	<p>Confissão, Sacramento, Penitência, Carlos Reis, pintura, século XIX, século XX, história contemporânea, a, bairro de Santo António, Torres Novas, sociedade, economia, 1936, 1950, II Guerra Mundial, recessão, estabelecimen to, serviços, ferradores, cavalo, arte equestre, igreja do Salvador, século XVI, livro de visitasões, excomunhão, penas, Manuel de Figueiredo, cosmografia, astronomia, comunidade cristãos-novos, Alcanena, romanos, achados arqueológicos, relatórios arqueológicos</p>
---------------------------	---	--	--

18	II	2006	360	17x23,5	Capa mole	10	Marco Liberato, Vasco Jorge da Silva Rosa, Magda Sofia Alves dos Santos, Ricardo Varela Raimundo, Carlos Carreira, Jorge	«Antroponímia do Concelho de Torres Novas nos finais da Idade Média», «As matas da Serra de Aire na Torres Novas dos séculos XV-XVI», «saber e poder assinar em Torres Novas (1670-1790): modalidades e assimetrias», «Um passado islâmico em Torres Novas»,	de Figueiredo, cosmógrafo-mor no reinado de Filipe II. António Mário Lopes dos Santos apresenta um trabalho baseado na transcrição da carta régia de Filipe IV (1630) dirigida ao Corregedor de Santarém, instruindo-o a respeito da cobrança de fincas impostas aos cristãos-novos. «Cristãos-novos torrejanos na época dos Filipes» é o título deste artigo onde António Mário perspectiva social e economicamente a comunidade de cristãos-novos. Os dois trabalhos de arqueologia publicados na <i>Nova Augusta</i> n.º 17 intitulam-se «Notícia de achados romanos nos concelhos de Torres Novas e Alcanena», de A. M. Dias Diogo e Bruno F. da Silva, e <i>Relatório de progresso dos trabalhos da Quinta de S. Brás (2000)</i> , de Jorge Serra de Sousa. Referem-se respectivamente aos achados romanos encontrados nas estações arqueológicas de Fontainhas e do Marrujo (Parceiros da Igreja e Bugalhos), e a segunda campanha de escavações no arqueo-sítio de S. Brás, na freguesia do Paço.	Os artigos deste ano giram nas esferas da história, história da arte, arqueologia, literatura e geografia. No âmbito da história medieval Marco Liberato revela-nos dados interessantes para o estudo da antroponímia em Torres Novas, Joaquim Clemente faz a ponte entre as Cortes de	, sítios arqueológicos, Quinta de S. Brás, Parceiros da Igreja, Bugalhos, Fontainhas, Marrujo, Paço, museus, Museu Agrícola de Riachos, fotografia, iconologia
----	----	------	-----	---------	-----------	----	--	--	--	--	--

19	II	2007	432	21x22	Capa mole	10	salgado Simões, Joaquim Rodrigues Bicho, Margarida Moleiro, Diana Gonçalves dos Santos, António Mário Lopes dos Santos, Eduardo bento, Margarida Teodora Trindade, Joaquim Francisco de Sousa Clemente, Jorge Serra de Sousa, Sandra Lourenço, Gertrudes Zambuio, Marco Serra de Sousa, António Carolino, Ramiro Joaquim	«Donut Urbano ou a dialéctica da cidade com o seu centro histórico», «A Igreja em Torres Novas no primeiro quartel do século XX», «Breves notas sobre o Tombo da Alcaldaria-mor da Vila de Torres Novas», «Obras de Carlos Reis no Museu de Torres Novas. Testemunhos da permanência de um gosto», «Subsídios para a história da fundação do convento do Espírito Santo», «A lenda de Martim Regos – uma vida que, de Torres Novas, se reparte pelo mundo», «Transcrição do Livro das Visitações da Igreja do Salvador – Parte II», «Torres Novas e a Crise nacional de 1383-1385», «Trabalhos de monitorização na estação de Villa Cardillium (Torres Novas)», 2005 em revista, <i>Nova Augusta</i> em índice	1380 e a crise dinástica de 1383-1385, e Vasco da Silva desvenda o mundo da caça nas matas da Serra d'Aire. Margarida Teodora Trindade, António Mário Lopes dos Santos e Margarida Moleiro, a partir da transcrição de documentos antigos, traçam percursos para a história da Vila, e Ricardo Varela Raimundo explora os índices de alfabetização da população torrejana nos séculos XVII e XVIII. Da história contemporânea encarregou-se Joaquim Rodrigues Bicho, que se debruçou sobre os conflitos Igreja-Estado, no primeiro quartel do século XX. Para a história da arte, Diana Gonçalves dos Santos deixa-nos o seu contributo sobre a figura e a obra pictórica do pintor Carlos Reis. Entre a história e a arqueologia, Carlos Carreira conduz-nos aos indícios do eventual passado islâmico de Torres Novas. A Villa Cardilio é o tema do relatório de trabalho de 6 profissionais de arqueologia, conservação e restauro que aí efectuaram várias intervenções.	antroponímia, Serra d'aire, caça, centro histórico, Igreja, alcaldaria, Tombo, Carlos Reis, pintura, museu, convento do espírito santo, Martim Regos, Pedro Canais, Livro das visitasões da igreja do Salvador, Villa Cardillium
							António Mário Lopes dos Santos, Maria Elvira Marques Teixeira, Manuela Poitout, Ricardo Varela Raimundo, Luís Batista, Margarida Teodora Trindade, Jorge Salgado Simões, Vasco Jorge Rosa da Silva, Joaquim Rodrigues Bicho, Ana Maria Marques, Margarida Moleiro, Paulo Oliveira, José Gonçalves, Armandina Silva, Susana David, Cláudia Costa, Filipa Rodrigues, Teresa Costa, Gonçalo Lopes, Carlos Carreira, Luís Mota Figueira, Andrea	«A ascensão do povo miúdo ao poder autárquico no concelho de Torres Novas»; «Lavradores com ciência – a filoxera nas vinhas de Torres Novas (1874-1914)»; «Emanicipação do Entroncamento do concelho de Torres Novas, em 1926»; «A economia torrejana a partir dos seus testamentos (1680-1790)»; «A Confraria do Santíssimo Sacramento de Árgae»; «Transcrição do Livro das Visitações da Igreja do Salvador de Torres Novas (1566-1591) – Parte III»; «José Manuel Pereira de Oliveira. Percursos e contributos de um geógrafo»; «João José Dantas Souto Rodrigues, um cientista de Torres Novas»; «Pe. José Maya dos Santos no cinquentenário da sua morte»; «Dos primeiros agrupamentos musicais ao nascimento do Choral Phydellius: dinâmica	A revista do ano 2007 é visivelmente diferente das anteriores: tem uma nova cara, um novo formato, um interior mais cuidado. A renovação da <i>N.A.</i> ocorre da vontade de apresentar os colaboradores e leitores com uma publicação de maior qualidade gráfica, equiparada à qualidade dos artigos apresentados, comemorando, assim, os 45 anos de existência da revista, a publicação anual (ininterrupta) desde há 9 anos e a cada vez maior contribuição dos investigadores das mais diversas áreas de estudo. A <i>Nova Augusta</i> N.º19 oferece uma multiplicidade de estudos sobre o concelho de Torres Novas da autoria não só de investigadores torrejanos, mas também de académicos de vários pontos do país, nomeadamente da Universidade de Lisboa, da Universidade de Coimbra,	Torres Novas, história, arte, personalidade, religião, arqueologia, arqueologia industrial, recensões críticas, índices, 2006, estudos sociais, cortes, D. João IV, doze, mestres, poder autárquico, século XVII,



Martins, Diana Gonçalves dos Santos	<p>associativa musical no concelho de Torres Novas (1850-1957); «Comprar livros em Torres Novas. Resultados de um inquérito»; «As influências arquitetónicas da Casa-Estúdio de Carlos Relvas. Linhas de pesquisa»; «O Senhor Jesus dos Lavradores, um percurso de contestação, pesquisa e análise»; «Um tear de Kay da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas»; «A intervenção arqueológica no n.º 121 da Rua Carlos Reis (Torres Novas). Primeiros resultados»; «Um cantil almóada em Torres Novas»; «Os 3 dirhams do Museu Municipal Carlos Reis»; «Os fumos da Casa da Mina e da Índia – vestígios manuelinos encontrados no concelho de Torres Nova»; «Arte rupestre no concelho de Torres Novas: a Lapa dos Coelho»; «REIS, Pedro Carlos – Carlos Reis. Lisboa: ADC Edições, [d.l. 2006], 383»; «2006 em revista»; «Nova Augusta em índice»</p>	<p>da Universidade do Porto e da Universidade de Évora. A partir deste número, o município de Torres Novas passou a convidar, também, os investigadores dos concelhos limítrofes a participar com artigos que reflectissem as ligações históricas entre os concelhos. Além desta novidade, a <i>N.A.</i> oferece uma nova disposição dos artigos que agora se agrupam em secções temáticas bem definidas e que, este ano, são as seguintes: História, Personalidades, Estudos Sociais, Arte, Religião, Arqueologia Industrial, Arqueologia e Recensões Críticas, inaugurada com uma reflexão sobre a obra de Pedro Reis intitulada <i>Carlos Reis</i>. Merece especial realce a secção Personalidades, pela importância que concede aos torrejanos que se distinguiram nos diversos domínios das ciências, das artes e das letras. Este ano os trabalhos recaem sobre a vida e obra do geógrafo José Manuel Pereira de Oliveira, do cientista João José Dantas Souto Rodrigues e do P.º José Maya dos Santos (assinalando também os 50 anos da sua morte). A fechar: a rubrica «2006 em revista», onde “se passa revista” aos momentos mais marcantes do ano 2006, em Torres Novas.</p>	<p>oficiais mecânicos, século XIX, floxera, vinhas, lavradores, Dantas Pimenta, Entroncament o, emancipação, século XX, Árgea, testamentos, século XVIII, economia, visitasões, Salvador, século XVI, geografia, José Manuel Pereira de Oliveira, João José Dantas Souto Rodrigues, Pe. José Maya dos Santos, Choral Phydellius, Orfeon, livros, Carlos Relvas, fotografia, tear, Kay, Carlos Reis, almóada, cantil, dirhams, museu, manuelino, Quinta de Caniços,</p>
-------------------------------------	---	---	--

20	II	2008	324	21x22	Capa mole	10	<p>António Mário Lopes dos Santos, Maria Elvira Marques Teixeira, Joana Catarina Pereira Rosa, Luís Batista, Vasco J. R. da Silva, Diana Gonçalves dos Santos, António Ribeiro, Paulo Oliveira, Joaquim Rodrigues Bicho, Margarida Moleiro, João Tereso, Gonçalo Lopes, Luis Mota Figueira</p>	<p>«A Misericórdia de Torres Novas. Da sua fundação, os primeiros tempos»; «O Foral Novo de Torres Novas no contexto da reforma manuelina dos forais»; «Relógios de sol em Torres Novas»; «A evolução dos revestimentos artísticos em interiores sacros privados do concelho de Torres Novas (séculos XVIII-XIX)»; «As obras na Cardiga durante os priorados de Fr. António Lisboa e Fr. Pedro Moniz»; «Andrade Corvo e o ensino artístico. Da fundação das Academias de Belas Artes à reacção romântica (1836-1856)»; «Carlos Cacho, físico nuclear. Contributo biográfico»; «Em memória de Artur Gonçalves»; «O Julgamento do Bacalhau, a cíclica viagem de condenado a salvador: práticas no concelho de Torres Novas»; «Acerca de um cabo de faca medieval em Torres Novas»; «Gestão Museológica, turismo cultural e salvaguarda do património: a importância da Carta Internacional do Turismo Cultural Autárquico»; «2007 em revista»; «Nova Augusta em índice»</p>	<p>No ano 2008 inaugura-se a rubrica «Ideias e Debates». Nos temas da história, António Mário Lopes dos Santos e Maria Elvira Marques Teixeira trabalham sobre assuntos do século XVI. António Mário L. Santos revela os trócos (documentais) percorridos até à fundação da Misericórdia de Torres Novas e Maria Elvira Teixeira estuda o Foral atribuído, por D. Manuel I, a Torres Novas, em 1510. Nos estudos de história da arte Diana Santos e Luis Batista visitam as quintas e casas nobres de Torres Novas e região envolvente: um para analisar os revestimentos artísticos das capelas privadas do concelho de Torres Novas (séculos XVIII-XIX), outro para investigar as obras da Quinta da Cardiga entre 1529 e 1630. António Ribeiro escreve sobre o ensino artístico no Portugal de oitocentos, abalado pela greve académica de 1844 e a reivindicação da reforma dos programas e dos métodos, destacando a publicação de um texto crítico de Andrade Corvo sobre a ausência de conhecimentos estéticos no ensino artístico. A preparar a dissertação de doutoramento no âmbito da história das ciências, Vasco J. da Silva percorreu os espaços públicos e privados do concelho em busca de relógios de sol. Da pesquisa exaustiva resultou um artigo sobre os relógios de sol da Quinta de Caniços, de Alqueidão e do castelo de Torres Novas. Comemorando o 102.º aniversário do nascimento de Artur Gonçalves, publica-se, pela pena de Joaquim Rodrigues Bicho, uma breve biografia do homem que mais escreveu sobre a história da vila e sobre os</p>	<p>rupestre, Lapa dos Coelhos, Carlos Reis</p> <p>História, da história da arte, património, personalidade s, arqueologia, estudos sociais, foral, Torres Novas, Misericórdia, museus, capelas, Cardiga, Andrade Corvo, Carlos Cacho, Artur Gonçalves, Relógios de sol, Julgamento do Bacalhau</p>
----	----	------	-----	-------	-----------	----	--	---	---	--



21	II	2009							<p>torrejanos ilustres, revelou contributos preciosos para o estudo da toponímia local, do património edificado, da história do funcionalismo municipal, entre outros assuntos.</p> <p>Se Artur Gonçalves é já nome bem conhecido por estas terras, o de Carlos Cacho não o é. Por isso, Paulo Oliveira revela a vida e obra deste reputado físico nuclear do século XX, natural de Golegã. Bastante afamado era o Enterro do Bacalhau que por cá se fazia nas freguesias de Lapas, Riachos, Zibreira, Pedrógão, Parceiros da Igreja, Árgaea e até na Vila. Margarida Moleiro tenta desvendar as origens e as formas destas práticas no concelho: os textos, as personagens e os locais.</p> <p>E por fim, uma faca em ferro, de grandes dimensões, que ainda conserva parte do cabo original em madeira dá o mote para o artigo de arqueologia de Gonçalo Lopes e João Tereso. Quase não se conhecem exemplares de facas medievais encontradas em contexto arqueológico, o que confere a este achado carácter de raridade.</p> <p>Pela primeira vez, a <i>N.A.</i> concede espaço à publicação de textos argumentativos sobre os temas da cultura. Luís Mota Figueira abre a secção Ideias e Debates com questões em torno da aplicação da Carta Internacional do Turismo Cultural nas autarquias.</p> <p>Os assuntos mais marcantes do ano 2007 encerram a revista, na rubrica «...em revista».</p>	História, história da arte, património, personalidade
									<p>«Torres Novas e a Crise de Independência»; «Torres Novas e a invasão francesa de Portugal (1810-1811)»; «Da má indolência, e péssima educação ao sentir mal da Santa Fé Católica e Lei Evangelica: o processo de Rafael Mendes Franco»;</p>	<p>Um périplo pela história de Torres Novas, personalidades e quotidiano da vila entre os séculos XIV e XXI, é a proposta desta edição da <i>Nova Augusta</i>. Vários são os temas de estudo dos investigadores que colaboram neste número, como diferentes</p>

Diana Gonçalves dos Santos, Franklin Pereira, Paulo Renato Ermitão Gregório, Carlos Leitão Carreira, Joaquim Rodrigues Bicho, João Carlos Lopes, António Ribeiro, Luis Miguel Preto Batista, Cláudia Costa, Gonçalo Lopes, Luis Mota Figueira										«Epígrafes tumulares da igreja do Salvador, de Torres Novas»; «Memorial de João Filipe Gouveya – um militar português na Índia ao tempo do governador António César de Vasconcelos Correia, 1.º conde de Torres Novas(1863)»; «Murmúrios pétreos: escultura pública de João Cutileiro em Torres Novas»; «Identidade e marcas de cultura – a propósito de uma cadeira em couro lavrado na igreja de Santa Eufêmia da Chancelaria»; «O retábulo perdido de Gaspar Soares»; «Ceuta, um laço lusófono»; «A Fontinha. A fonte, a horta e o rio»; «Torres Novas, 1909: o primeiro jogo de futebol»; «Contributo para o estudo da obra literária de Andrade Corvo: o modo dramático. Acto primeiro – os dramas de actualidade»; «Maria Clementina Relvas e a sua Quinta da Barroca»; «Proposta de um instrumento de gestão do património arqueológico de Torres Novas»; «Património, museologia e turismo cultural: questões e propostas»; 2008 em revista: <i>Nova Augusta</i> em índice	são os métodos e os objectivos de cada um. Mas, autores e abordagens convergem no fio de (re)conhecer e redescobrir Torres Novas. Através de elementos artísticos da vila de Ontem e da cidade de Hoje, como o retábulo quinhentista de Gaspar Soares, uma rara cadeira do século XVI, os “padrões henriquinos” do Estado Novo ou a arte urbana contemporânea de João Cutileiro, descobrimos outras faces de Torres Novas e das relações da vila/cidade com os artistas e com as artes, reflexos da cultura e do pensamento de cada época. As epígrafes tumulares da igreja do Salvador revelam jogos genealógicos e hierárquicos da sociedade torrejana dos séculos XIV ao século XVIII. O processo de Rafael Mendes Franco denuncia as práticas inquisitoriais, abrindo portas para o conhecimento da mentalidade, das práticas sociais e da geografia da vila setecentista. O diário do general Jean-Jacques Pelet serve de ponto de partida para o desenho da vila no início do século XIX e revela algumas consequências da presença francesa na região. O memorial de João Filipe Gouveya (oficial de artilharia portuguesa), relatando as experiências vividas durante as viagens e a permanência em espaços do Oriente português, é, no domínio da história social, um ponto de interesse para a compreensão do legado histórico-cultural da presença portuguesa no Oriente. A partir do manuscrito de Gouveya, é possível aproximarmo-nos dos frágeis equilíbrios estabelecidos entre os poderes de maior ou menor centralidade, no tempo em que era governador da Índia portuguesa (Goa) António César Vasconcelos Correia, 1.º conde de Torres Novas (1855-1864), remetendo transversalmente para a complexa rede de	arqueologia, estudos sociais, Torres Novas, Salvador, epígrafes, Relvas, João Cutileiro, Fontinha, Andrade Corvo, Chancelaria, Índia, Goa, inquisição, independência, invasões francesas, Pelet, futebol, Clube Desportivo de Torres Novas.
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---

estruturas económicas e administrativas do Estado da fragmentada Índia portuguesa da 2.ª metade do século XIX. O ambiente cultural das últimas décadas de oitocentos é traçado na obra de Andrade Corvo, onde o drama de actualidade denuncia os vícios e as paixões da sociedade burguesa do Portugal do século XIX. Da política e administração do reino ficam, ainda, as reacções, a nível concelhio, da crise de independência do século XVI, filtradas a partir de documentação do Cartório Notarial de Torres Novas, presente no Arquivo Distrital de Santarém. Para o retrato da sociedade torrejana do século XX, o topónimo Fontinha é o mote de um relato espontâneo das vivências nas margens do rio Almonda, no início e meados de Novecentos, e uma notícia centenária do <i>Jornal Torrejano</i> (27/04/1909) faz ecoar a história do primeiro jogo de futebol realizado em Torres Novas. O esboço do retrato socioeconómico do concelho é rematado com a biografia de Maria Clementina Relvas, irmã de José Relvas e filha do fotógrafo Carlos Relvas, e com a relação de bens e trabalhadores da sua Quinta da Barroca. Nesta edição, seguindo-se a linha do ano anterior, há espaço para discutir as questões da gestão do património arqueológico, da museologia e do turismo cultural. Nas últimas páginas, na habitual rubrica «...em revista» resumiram-se, a partir da imprensa regional, os factos locais mais relevantes do ano de 2008. Por fim, e para quem procura algo mais sobre temas torrejanos, apresenta-se a listagem dos índices da <i>N.A.</i> , do n.º 1 (1962) ao número 20 (2008). E é assim que a revista <i>Nova Augusta</i> se
--

22	II	2010	288	21x22	Capa mole	10	Ricardo Varela Raimundo, Vasco Jorge Rosa da Silva, Manuela Poitout, António Mário Lopes dos Santos, João Lizardo, Franklin Pereira, Ana Maria Marques, Joaquim Rodrigues Bicho,	«Da “desonra” ao Matrimónio e do Matrimónio à “desonra”: os processos de Jerónimo Correia e Páscoa Rodrigues na Inquisição de Lisboa (1651-1654)»; «Serra de Aire em 1758»; «A questão da estrada de Árgaea nos anos trinta do século passado: polémicas, exoneração de presidentes e envolvimento dos municípios»; «A imprensa	constrói: com colaborações de diversas proveniências geográficas e académicas, todas em torno da história (e das histórias) de Torres Novas e do seu termo. É de salientar o crescimento das participações de investigadores de reconhecido grau académico, das universidades do Minho, do Porto, de Lisboa, de Coimbra e de Évora, e a persistência das colaborações de investigadores locais. Há a registar, ainda, a abertura da <i>N.A.</i> à primeira participação internacional, proveniente da Universidade da Flórida, pela pena do conceituado historiador, fundador e director do Institute on Napoleon and the French Revolution, professor doutor Donald D. Howard.  O crescimento da <i>N.A.</i> tem sido uma realidade. Essa evolução define-se pela quantidade de artigos apresentados, mas também, e sobretudo, pela qualidade científica dos estudos e pelo reconhecimento dos seus autores. O desenvolvimento e a divulgação da <i>N.A.</i> são possíveis graças a uma sustentada rede de permutas que inclui grande parte das bibliotecas municipais do país, e ainda as bibliotecas, institutos e centros de investigação universitários. Mas devem-se, igualmente, a um projecto editorial de paixão, empenho e compromisso do Município de Torres Novas e de todos quantos se envolvem no processo de concepção, planeamento e produção de cada uma das edições da <i>Nova Augusta</i> .  A edição n.º 22 segue a orientação dos mais recentes números. Na área da investigação histórica as várias participações diversificam-se por temas tão distantes como um processo inquisitorial a um caso de bigamia (século XVII), o papel da Serra de Aire na socioeconomia da região (século XVIII)	História, etnografia, património, personalidade, s, arqueologia, Torres Novas, Árgaea,
----	----	------	-----	-------	-----------	----	---	---	---	--

								<p>Luis Miguel Preto Batista, Marco António Andrade, João Maurício, Pedro Souto</p>	<p>anarquista torrejana»; «A falsa barbacã do castelo de Torres Novas. Algumas notas a respeito de uma estrutura pouco vulgar»; «<i>Equos cursare</i>: uma viagem a partir do festival anual do cavalo na Golegã»; «A nostalgia do camponês: o Rancho Folclórico de Torres Novas no contexto do movimento folclorista ribatejano»; «Figos de Torres Novas»; «Biografia do Pe. Francisco da Cruz (1630-1706)»; «Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura, da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas); contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas no Maciço Calcário Estremenho»; 2009 em revista; <i>Nova Augusta</i> em índice</p>	<p>ou o debate suscitado pela datação das várias intervenções no castelo de Torres Novas ao longo dos séculos. Relativamente ao século XX, dois artigos reflectem, embora com diferentes rumos, aspectos da vida local durante o Estado Novo: o primeiro do alinhamento levanta o véu à polémica em torno da construção da estrada de Argea e do papel dos dois municípios envolvidos, Torres Novas e Barquinha, no nebuloso e demorado processo; o segundo centra-se na imprensa anarquista torrejana, onde à figura ímpar de Faustino Bretes cabe o papel preponderante. A secção termina com uma nota que interessará particularmente aos aficionados da arte de cavalgar. Esta história remonta à época medieval e à pertinência da influência da presença muçulmana nos modos de montar. Na área dos estudos sociais inclui-se uma referência ao movimento folclorista ribatejano e aos aspectos etnográficos da criação e sobrevivência de um dos mais antigos ranchos folclóricos do concelho, o Rancho Folclórico de Torres Novas, no contexto sociopolítico desenhado pelo Estado Novo. A sua publicação é também uma oportunidade para assinalar o facto se manterem em actividade, no concelho de Torres Novas, dois agrupamentos folclóricos com mais de 50 anos de existência. No mesmo capítulo, mas no campo dos recursos agrícolas, chama-se a atenção da importância do figo para a economia do concelho até aos anos 60 do século XX, trazendo ao nosso conhecimento um estudo académico onde os termos utilizados localmente para classificar cada espécie são enquadrados na terminologia e na classificação científicas. Mais uma biografia vem dar corpo há já usual secção dedicada a</p>	<p>Chancelaria, folclore, castelo, Golegã, figo, cavalo, imprensa, serra de Aire, Inquisição.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	---

										<p>personalidades: o padre Francisco da Cruz, confessor e administrador da Quinta da Labruja (concelho da Golegã), foi, igualmente, professor e primeiro confessor do futuro rei D. João V. A secção de Nova Augusta dá voz e relevo desde os seus primeiros números, encerra o rol dos artigos incluídos na edição regular. Duas placas de xisto gravadas, recolhidas na gruta da Buraca de Moura, na Rexaldia, são o pretexto para mais um estudo referente à ocupação dos finais do Neolítico/inícios do Calcolítico na região. Não prescindimos do «2009 em revista», assumindo a utilidade que a sua consulta possa vir a ter para quem pretenda dedicar-se à reconstrução da nossa memória colectiva. Os acontecimentos mais relevantes são resumidos, a partir da consulta da imprensa local, organizados cronologicamente e classificados em grandes temas: sociedade, vida autárquica, cultura e desporto. Para finalizar, encerra-se com o índice de todos os números anteriores.</p> <p>A edição regular, aparentemente mais pequena e com menor número de secções, não esgota a <i>Nova Augusta</i> 2010. O número especial dedicado à República faz parte do mesmo produto editorial e constitui um elemento substancial da revista que este ano se divide em duas.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Torres e Nova República. Nova Augusta - edição comemorativa dos 100 anos da República	II	2010	216	21x22	Capa mole	10	João Carlos Lopes, António Mário Lopes dos Santos, Maria Elvira Marques Teixeira, Margarida Moleiro, Luis Batista	«Torres Novas em 1910»; «A proclamação da República em Torres Novas – transcrição do auto de proclamação da República Portuguesa no concelho de Torres Novas»; «Filiados no Partido Republicano antes da I República, Sócios do Centro Republicano 5 de Outubro, em 2 de Março de 1920»; «Republicanos em 1930»; «As figuras da I República: biografias»; «Outras figuras da I República: notas biográficas»; «Presidentes da Câmara Municipal de Torres Novas na I República»; «A propaganda republicana em Torres Novas»; «A última fase da imprensa republicana em Torres Novas no período da ditadura militar (1926-1932)»; «Informação e contra-informação nos tempos conturbados da I República»	Número especial da revista dedicado à temática «Torres Novas e a República». Um conjunto de trabalhos que ajuda a perceber, por um lado, o que era o concelho em vésperas do golpe militar de 5 de Outubro de 1910 e, por outro, evidência quem foram, em Torres Novas, os protagonistas da utopia republicana.	República, imprensa, Torres Novas, presidentes, câmara municipal, José Relvas, 1910
---	----	------	-----	-------	-----------	----	---	--	---	---

NOTA: Os conteúdos desta tabela foram criados por nós, no âmbito das nossas funções no Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial do Município de Torres Novas, e estão publicados no site do Município de Torres Novas, na página do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial referente ao catálogo da revista *Nova Augusta* [<http://www.cm-torresnovas.pt/pt/contenudos/servicosmunicipais/Gepe/catalogonovaaugusta/>]

**Tabela 2**  
**Artigos e temas da revista *Nova Augusta* (1962-2010)**



<b>Título artigo</b>	<b>Tema</b>	<b>N.º/ série</b>
Pórtico [governador civil de Santarém]	Pórtico*/palavras de saudação e júbilo* - nota de abertura	1/I
Palavras de saudação e de júbilo [presidente da Câmara Municipal]	Pórtico*/palavras de saudação e júbilo* - nota de abertura	1/I
Nótula sobre a arqueologia de Torres Novas	Estudos e ensaios*/arqueologia	1/I
História da nossa terra – duas cartas de José Estêvão	Estudos e ensaios*/história/personalidades	1/I
A valorização da pessoa humana	Estudos e ensaios*/educação /património	1/I
Kafka e o absurdo	Estudos e ensaios*/literatura	1/I
A tradição, condutora dos povos	Estudos e ensaios*/etnografia	1/I
Festas do Espírito Santo	Estudos e ensaios*/etnografia	1/I
Antero de Quental – poeta e homem de acção	Estudos e ensaios*/literatura	1/I
Os poetas açorianos e a música	Estudos e ensaios*/ etnografia	1/I
Preito, ao fundador da biblioteca e do museu municipais	Poesia*/memória	1/I
Adoração	Poesia*	1/I
Animalidade	Poesia*	1/I
Edital	Poesia*	1/I
Salmo misterioso	Poesia*	1/I
Joaquim – O filósofo	Ficção*	1/I
Memórias de um candeeiro	Ficção*	1/I
Tentação (A Maria Lamas)	Ficção*	1/I
Comemorações do XXV aniversário da Biblioteca e Museu Municipal	De Rebus Pluribus*/efemérides	1/I
Grupo Pró-Torres Novas	De Rebus Pluribus*	1/I
Centenário do nascimento de Carlos Reis	De Rebus Pluribus*/efemérides	1/I
O Círculo de Estudos Arqueológicos visita Torres Novas	De Rebus Pluribus*	1/I
Os que morrem	De Rebus Pluribus*/personalidades	1/I
Imagens	Documentário pela imagem*	1/I
Pórtico (presidente da Câmara Municipal)	Pórtico*/nota de abertura	2/I
Carlos Reis, na pintura, na aula, na sociedade	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/personalidades / história da arte	2/I
Carlos Reis, director de museus nacionais	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/personalidades/história da arte	2/I
Recordação da Lousã	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/poesia	2/I
A mestre Carlos Reis	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/poesia	2/I
Carlos Reis e a Lousã	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/memória	2/I
Duas palavras	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/memória	2/I
A minha homenagem	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/memória	2/I
Carlos Reis e Fialho	Centenário de Carlos Reis* – efemérides/recensão literária	2/I
Grito das Ilhas	Poesia*	2/I
Naquele Dia	Poesia*	2/I
Cântico de amor	Poesia*	2/I
Três sonetos	Poesia*	2/I
Amor	Poesia*	2/I
Obsessão em círculo	Poesia*	2/I
Autopoema	Poesia*	2/I

Tréguas para a cidade possível	Poesia*	2/I
Areia do mar	Poesia*	2/I
[Artur Bual]	Pintura	2/I
[Júlio Tuna]	Ilustração	2/I
Vila Cardílio. Estação romana de Torres Novas.	Estudos e nótulas*/arqueologia	2/I
Nótulas sobre a arqueologia de Torres Novas	Estudos e nótulas*/arqueologia	2/I
Breves reflexões sobre a história das artes plásticas	Estudos e nótulas*/história da arte	2/I
Pássaros e flores	Estudos e nótulas*/conto	2/I
A errata do tipógrafo e do autor	Estudos e nótulas*/memória	2/I
[Francisco Nuno]	Desenho	2/I
Comemorações do XXV aniversário da Biblioteca e Museu Municipal	De Rebus Pluribus*/efemérides	2/I
Centenário do nascimento de Carlos Reis	De Rebus Pluribus*/efemérides	2/I
As ruínas romanas de Torres Novas	De Rebus Pluribus*/arqueologia	2/I
Grupo Pró-Torres Novas	De Rebus Pluribus*	2/I
Amigos do museu	De Rebus Pluribus*/museu	2/I
Eduarda Lapa	De Rebus Pluribus*/personalidades	2/I
Os que morrem	De Rebus Pluribus*/personalidades	2/I
Reproduções de alguns quadros de Carlos Reis	Documentário pela imagem*/arte / pintura	2/I
Iconografia sobre Carlos Reis	Documentário pela imagem*/personalidades/história da arte	2/I
[Fotos das comemorações do aniversário da biblioteca-museu]	Vária*/efemérides	2/I
[Fotos da sessão de homenagem a Gustavo Pinto Lopes]	Vária*/ efemérides	2/I
[Foto – Artur Bual]	Vária*/personalidades	2/I
[Foto – Francisco Nuno]	Vária*/personalidades	2/I
[Foto –D. Maria Amélia da Costa Nery]	Vária*/personalidades	2/I
[Foto trabalho de Eduarda Lapa]	Vária*/personalidades	2/I
Dezoito anos depois	Nota de abertura	1/II
A rata cega	História	1/II
Subsídios para a história do cinema em Torres Novas	História	1/II
Torres Novas, sobre o seu remoto passado	História	1/II
Caracterização do concelho de Torres Novas pela sua imprensa (1907-1910)	História	1/II
De Nós, Helena, de novo (conto)	Conto*	1/II
Dois sonetos em torno da mudança	Poesia	1/II
Sem título	Gravura*	1/II
Jardim de Torres Novas	Gravura*	1/II
A gema, a clara e o grande ovo	Gravura*	1/II
Arquiversus	Banda desenhada*	1/II
Política autárquica – debate sobre os grandes problemas do concelho, com a participação de Casimiro Pereira (AD), António Canais (APU) e Vítor Constantino (PS)	Sociedade/vida autárquica	1/II
Autarcas de Torres Novas	Sociedade/vida autárquica	1/II
Ideário republicano na imprensa regional de Torres Novas (1907-1910)	História	2/II
Do poder Judicial em Torres Novas	História	2/II
Para a história do movimento operário em Torres Novas 1908-1912	História	2/II
População, eleitores, deputados (Torres Novas, 1894)	História	2/II
Memória breve sobre Vila Cardílio	Arqueologia/história	2/II
Pinceladas torrejanas – O vizinho dob	Memória/etnografia	2/II
O folclore ribatejano da zona de transição da lezíria	Folclore/etnografia	2/II

para a charneca		
Do cancioneiro popular de santos (concelho de Mação)	Folclore/etnografia	2/II
Folclore é pobreza	Folclore/etnografia	2/II
Poesia de neutrões versus prosa de paz	Poesia	2/II
Memórias do labirinto	Poesia	2/II
Poemas	Poesia	2/II
A bandeira	Conto	2/II
Renúncia	Conto	2/II
[José Ribeiro Sineiro]	Escultura	2/II
Passagem silenciosa nos vestígios de outras passagens	Pintura	2/II
[Antero Guerra Inácio]	Pintura	2/II
[Manuela Maria Mota Gonçalves]	Aquarela	2/II
Torres Novas	Desenho	2/II
[JoãoAlfaro]	Pintura	2/II
Auto-Retrato	Desenho	2/II
1.º Encontro de Folcloristas do Ribatejo (Comunicações)	Iconografia/folclore/etnografia	2/II
O papel do folclore no desenvolvimento cultural da juventude	Folclore/etnografia	2/II
Riachos, seus usos e costumes através dos tempos	Folclore/etnografia	2/II
O Ribatejo: o traje; a dança e o canto	Folclore/etnografia	2/II
Como deve ser feita a recolha do traje, danças e cantares	Folclore/etnografia	2/II
Os grupos folclóricos e o seu papel na defesa das tradições populares portuguesas	Folclore/ Etnografia	2/II
Autarcas do concelho de Torres Novas	Sociedade/vida autárquica	2/II
Eleições autárquicas (resultados - Torres Novas)	Sociedade/vida autárquica	2/II
Azulejaria torrejana	Arte /azulejaria	3-4/II
Meio século ao serviço da educação	Património/história	3-4/II
A propósito ... General J. A. Ferreira Dias	Personalidades/memória	3-4/II
O folclore ribatejano da zona de transição da lezíria para a charneca	Folclore/etnografia	3-4/II
O trabalho rural, os cânticos e as danças folclóricas	Folclore/etnografia	3-4/II
Tradição	Folclore/etnografia	3-4/II
Tradição relacionada com o caga-lume	Etnografia	3-4/II
Rio Almonda: herança da natureza que o homem teima em destruir	Memória	3-4/II
Pinceladas torrejanas – vila de colinas e mirantes	Memória/geografia local	3-4/II
Esculturas em madeira	Arte/escultura	3-4/II
Tratado da escola tauromáquica de Torres Novas	Tauromaquia	3-4/II
Magnitude: em rememoração de Artur Gonçalves	Personalidades	3-4/II
A fangueira	Literatura/conto	3-4/II
De longe IV – Ao meu pai	Ensaio literário	3-4/II
«O Luva»	Conto	3-4/II
Recordação dum veterano	Memória/poesia	3-4/II
Banda desenhada: Sobre nós!	Banda desenhada	3-4/II
Análise de conteúdo das ofertas de emprego dirigidas às várias categorias profissionais – classes sociais (Diário de Notícias/Expresso)	Sociologia/jornalismo	3-4/II
Banda Desenhada: O diálogo	Banda desenhada	3-4/II
Torres Novas na ocupação romana	História	5/II
Acção assistencial de confrarias e misericórdias	História	5/II
Luísa Sigéa – Uma presença renascentista em Torres Novas	Personalidades	5/II
Torres Novas nos primórdios da industrialização (Séc. XVIII - XIX)	História	5/II

O período liberal em Torres Novas	História	5/II
Andrade Corvo – Homem público e cidadão	Personalidades	5/II
A imprensa regional no concelho de Torres Novas (1853-1926)	História	5/II
O movimento social na região de Torres Novas (1862-1926)	História	5/II
Carlos Reis e o naturalismo do século XIX	História da arte/personalidades	5/II
Movimento associativo em Torres Novas	Antropologia	5/II
Pórtico	Nota de abertura	6/II
As comemorações (resenha cronológica)	Cronologia local/efemérides	6/II
Discursos de abertura das comemorações (presidente da república; presidente da câmara; bispo de Santarém; representante da comissão coordenadora)	VIII Centenário do Foral/efemérides	6/II
Discursos de encerramento das comemorações (presidente da câmara; representante da comissão coordenadora)	VIII Centenário do Foral/efemérides	6/II
Conferências: A Pintura em Torres Novas nos séculos XVI e XVII; O concelho de Torres Novas em tempos de crescimento e consolidação de um Reino; A estética, a psicocrítica e a crítica literária de João Mendes; Evocação de António Prestes	VIII Centenário do Foral/efemérides	6/II
“Nesta Torre” (representação cénica)	VIII Centenário do Foral/efemérides/teatro	6/II
Torneio literário	VIII Centenário do Foral/efemérides/literatura	6/II
Roteiro fotográfico da visita presidencial	VIII Centenário do Foral/efemérides/documentário fotográfico	6/II
Introdução	Nota de abertura	7/II
A morte prematura do Círculo Católico dos Operários Torrejanos	Estudos e ensaios*/história	7/II
Jazidas arqueológicas do sistema cársico da nascente do Almonda	Estudos e ensaios*/história	7/II
Freguesias ou paróquias	Estudos e ensaios*/história	7/II
Pinceladas torrejanas: moinhos de vento	Estudos e ensaios*/etnografia /Memória	7/II
As lavadeiras: evocação	Estudos e ensaios*/etnografia /Memória	7/II
As visitas paroquiais – A propósito da publicação de “Visitas Paroquiais na Região de Torres Novas, Séc. XVII-XVIII”, de Isaías da Rosa Pereira	Estudos e ensaios*/história	7/II
Historiografia Torrejana: Breve abordagem	Estudos e ensaios*/história	7/II
Tanoaria, esse velho mester	Estudos e ensaios*/etnografia/história	7/II
Maria Lamas – A vida como Vale dos Encantos é possível	Estudos e ensaios*/personalidades	7/II
Materiais cerâmicos no Museu Agrícola de Riachos	Estudos e ensaios*/museu/etnografia/história	7/II
O Islão e a mulher	Estudos e ensaios*/sociologia ??	7/II
Injustiça impedida por moleira torrejana	Poesia e ficção*	7/II
A alaga dos figos	Poesia e ficção*	7/II
O país dos cegos	Poesia e ficção*	7/II
O Ti Zé da Dica	Poesia e ficção*	7/II
Um poema de amor	Poesia e ficção*	7/II
Ex-Percurso	Poesia e ficção*	7/II
Nas margens do meu rio	Poesia e ficção*	7/II
Pela tarde	Poesia e Ficção*	7/II
<i>Nova Augusta</i> : 31 anos em índice	Índices	7/II
Introdução	Nota de abertura	8/II
O cânhamo e a sua cultura na região	Estudos e ensaios*/etnografia/memória	8/II

Subsídios de lactação - Elementos para o estudo de mães solteiras nos finais do séc. XIX	Estudos e ensaios*/história	8/II
Os mosaicos de Villa Cardílio, tentativa de descrição	Estudos e ensaios*/arqueologia/história da arte ??	8/II
Casa Mogo de Melo «Utilidade desconhecida»	Estudos e ensaios/património/história/museu	8/II
José Ribeiro – A invenção do corpo	Estudos e ensaios*/personalidades/arte	8/II
Roteiro de Carlos Reis na Lousã	Estudos e ensaios*/personalidades	8/II
Carlos Reis e Torres Novas	Estudos e ensaios*/personalidades	8/II
Castelo de Torres Novas – Sondagem arqueológica – Relatório preliminar	Estudos e ensaios*/arqueologia	8/II
Torres Novas e o atentado a João Chagas (1915)	Estudos e ensaios*/personalidades	8/II
Intervenção arqueológica de emergência na Quinta da Silva	Estudos e ensaios*/arqueologia	8/II
Génesis	Poesia e ficção*	8/II
A Torres Novas – vila do passado	Poesia e ficção*	8/II
Pensamento irrequieto	Poesia e ficção*	8/II
Banda desenhada	Poesia e ficção* / BD	8/II
Índices	Índices	8/II
Editorial	Nota de abertura	9/II
Achegas para a história dos moinhos de água de Torres Novas	Estudos e ensaios*/história/etnografia	9/II
C. N. de Fiação e Tecidos – 150 anos de actividade	Estudos e ensaios*/história	9/II
O paleolítico inferior na região de Torres Novas – novos elementos para o seu estudo	Estudos e ensaios*/arqueologia	9/II
O marquês de Torres Novas e outras partes correlativas	Estudos e ensaios*/personalidades	9/II
O traje e a representação	Estudos e ensaios*/folclore/etnografia	9/II
Passado e futuro do Museu Municipal	Estudos e ensaios*/museu	9/II
Ter e saber	Estudos e ensaios*	9/II
Marketing político: o voto jovem em Torres Novas	Estudos e ensaios*/vida autárquica/sociologia/marketing	9/II
Périplo de Ulisses	Poesia e ficção*	9/II
Poesia	Poesia e ficção*	9/II
Epopéia	Poesia e ficção*	9/II
Ribatejo – meu poema	Poesia e ficção*	9/II
A minha mão	Poesia e ficção*	9/II
Excelência	Poesia e ficção*	9/II
Índices	Índices	9/II
Nota de abertura	Nota de abertura	10/II
O moinho dos gafos	Etnografia	10/II
Para a história da resistência ao fascismo em Torres Novas 1941-1961	História	10/II
A necrópole megalítica das Lapas	Pré-história	10/II
As ocupações das Idades do Cobre e do Bronze da Gruta da Nascente do Almonda	Pré-história	10/II
A infanta D. Maria de Portugal e as suas damas	História	10/II
<i>Nova Augusta</i> : 34 anos em índice	Índices	10/II
Nota de abertura	Nota de abertura	11/II
O Paleolítico Inferior na região de Torres Novas. novos elementos para o seu estudo	Estudos*/arqueologia	11/II
Contribuição para o conhecimento do Paleolítico Inferior do concelho de Torres Novas	Estudos*/arqueologia	11/II
Para a Revisão da Neolitização da Região de Torres Novas	Estudos*/arqueologia	11/II
A necrópole megalítica das Lapas (Torres Novas)	Estudos*/arqueologia	11/II



Três povoados fortificados do concelho de Torres Novas	Estudos*/arqueologia	11/II
A Villa Cardílio	Estudos*/arqueologia	11/II
Elementos culturais de Villa Cardílio	Estudos*/arqueologia	11/II
Contributo para o conhecimento da romanização no concelho de Torres Novas	Estudos*/arqueologia	11/II
A mineração romana: exploração de materiais não metálicos	Estudos*/ Arqueologia	11/II
Sínteses	Estudos* /Arqueologia	11/II
Nota de abertura	Nota de abertura	12/II
Nossa Senhora do Ó em Torres Novas	História de arte	12/II
A Banda Operária Torrejana e a Fábrica Grande	História	12/II
A fiação do cânhamo	Etnografia	12/II
Convento de Santo António	História	12/II
O linguajar torrejano nas personagens que lhe dão vida nos contos de António Borga	Literatura	12/II
O azulejo como elemento transfigurador dos espaços arquitectónicos. O caso do revestimento azulejar da igreja da Misericórdia de Torres Novas	História da arte	12/II
Lapa dos namorados (Pedrógão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos	Arqueologia	12/II
Intervenção arqueológica na igreja da Misericórdia	Arqueologia	12/II
Relatório arqueológico sobre a estrutura de combustão de Barreiros	Arqueologia	12/II
O boieiro	Etnografia	12/II
O associativismo; discursos; paradoxos e sonhos. Uma reflexão inspirada em teorias do poder e da reciprocidade	Antropologia	12/II
Nota de abertura	Nota de abertura	13/II
Artur Gonçalves, actor e ensaiador	Personalidades	13/II
Miradouros do concelho	Património	13/II
Ánforas romanas de «Villa Cardílio», Torres Novas	Arqueologia	13/II
Fonte Santa II. Breve notícia de uma ocupação de Neolítico Final/Calcolítico nas proximidades de Torres Novas	Arqueologia	13/II
Teatro, cinema e filarmónica	História	13/II
Paisagem protegida do figueiral torrejano? (Um estudo de geografia do turismo)	Geografia/património natural	13/II
Modas de roda	Folclore/etnografia	13/II
Grupo Pró-Torres Novas	Memória/história/sociedade	13/II
Nota de abertura	Nota de abertura	14/II
Riachos – uma terra com nome próprio!	Geografia/etnografia	14/II
Estrutura produtiva do concelho de Torres Novas. Desindustrialização ou reindustrialização?	Geografia/demografia	14/II
A obra do mestre entalhador Manuel da Silva, na vila do Almonda (1685-1695)	História da arte	14/II
Colégio de Andrade Corvo. Memória breve de uma longa vida.	Personalidades	14/II
A ocupação medieval na Rua Tenente Valadim, n.º 1 e 3 (Torres Novas)	Arqueologia	14/II
Um <i>habitat</i> do Paleolítico Médio - a Quinta do Minhoto II (Riachos, Torres Novas). Breve apresentação	Arqueologia	14/II
Os “Botas”	Etnografia/sociedade	14/II
Considerações sobre o “Atlas” Folclórico	Folclore/etnografia	14/II
Relatório de progresso dos trabalhos da Quinta de S.	Arqueologia	14/II

Brás (1999)		
Nota de abertura	Nota de abertura	15/II
O espólio do Dr. Carlos Azevedo Mendes no Museu Municipal	Museu/património	15/II
Notas demográficas do concelho	Demografia	15/II
Uma fiação de algodão em Torres Novas	Etnografia/memória	15/II
Os primeiros seis meses da guerra colonial na imprensa torrejana	História	15/II
Torres Novas – Sinais urbanos: do medievo ao moderno	História	15/II
Rossio de S. Sebastião: as suas memórias	Memória/história	15/II
Torres Novas num túmulo do santuário de Nossa Senhora de Guadalupe em Espanha	História da arte	15/II
Torres Novas, terra de festas	Etnografia/memória	15/II
Portas abertas para um passado fechado	Fotografia	15/II
Nota de abertura	Nota de abertura	16/II
Cerâmicas de duas estações arqueológicas do concelho de Torres Novas (Castelo Velho de Riachos e Chão do Castelo, Fungalvaz)	Arqueologia	16/II
O livro das visitas da igreja do Salvador de Torres Novas	História	16/II
O revestimento azulejar da Capela da Senhora Sant'Anna	História da arte	16/II
Os gaiteiros	Etnografia	16/II
Da igreja de S. Pedro de Torres Novas do 1.º quartel do século XX	História/património	16/II
O painel de Gil Pais: estudo iconográfico e iconológico	História/história da arte	16/II
O presépio de Machado de Castro na igreja da Misericórdia de Torres Novas	História/história da arte	16/II
Convento do Espírito Santo – os últimos dias	História/património	16/II
Nota de abertura	Nota de abertura	17/II
Sentir mal do sacramento da penitência. O processo de Frei Salvador da Ressurreição	História	17/II
Subsídios para o conhecimento da produção artística de Carlos Reis	História da arte	17/II
O bairro de Santo António. Sociedade e economia entre 1936 e 1952.	Memória/sociedade	17/II
Os últimos ferradores de Torres Novas. O cavalo e as artes equestres na 1.ª metade do século XX	Etnografia/sociedade	17/II
Transcrição «Livro das visitas da igreja do Salvador de Torres Novas» - Parte I	História	17/II
Manuel de Figueiredo. Contributo de um torrejano para a história da astronomia portuguesa	Personalidades/história	17/II
Cristãos-novos torrejanos na época dos Filipes	História	17/II
Notícias de achados romanos nos concelhos de Torres Novas e Alcanena	Arqueologia	17/II
Relatório de progresso dos trabalhos da Quinta de S. Brás (2000)	Arqueologia	17/II
Análise de documentação visual na prática de gestão museográfica do Museu Agrícola de Riachos. Proposta Metodológica.	Museu/património	17/II
Nota de abertura	Nota de abertura	18/II
Antroponímia do concelho de Torres Novas nos finais da Idade Média	História	18/II
As matas da Serra de Aire na Torres Novas dos séculos XV-XVI	História/património natural	18/II

Saber e poder assinar em Torres Novas (1670-1790): modalidades e assimetrias	História	18/II
Um passado islâmico em Torres Novas (contributo para o seu estudo)	História	18/II
Donut urbano ou a dialéctica da cidade com o seu centro histórico	Geografia	18/II
A Igreja em Torres Novas no primeiro quartel do século XX	História	18/II
Breves notas sobre o Tombo da Alcaidaria-mor da Vila de Torres Novas	História	18/II
Obras de Carlos Reis no Museu de Torres Novas. Testemunhos da permanência de um gosto	História da arte/museu/património	18/II
Nota de abertura	Nota de abertura*	19/II
A ascensão do povo miúdo ao poder autárquico no concelho de Torres Novas no reinado de D. João IV	História*	19/II
Lavradores com ciência – a filoxera nas vinhas de Torres Novas (1874-1914)	História*	19/II
Emancipação do Entroncamento do concelho de torres Novas, em 1926	História*	19/II
A economia torrejana a partir dos seus testamentos (1680-1790)	História*	19/II
A Confraria do Santíssimo Sacramento de Árgea	História*	19/II
Transcrição do «Livro das Visitações da Igreja do Salvador de Torres Novas » (1566-1591) – Parte III	História*	19/II
José Manuel Pereira de Oliveira. Percurso e contributos de um geógrafo torrejano.	Personalidades*	19/II
João José Dantas Souto Rodrigues, um cientista de Torres Novas.	Personalidades*	19/II
P.º José Maya dos Santos no cinquentenário da sua morte	Personalidades*	19/II
Dos primeiros agrupamentos musicais ao nascimento do Choral Phydellius: dinâmica associativa musical no concelho de Torres Novas (1850-1957)	Estudos sociais *	19/II
Comprar livros em Torres Novas. Resultados de um inquérito.	Estudos sociais*	19/II
As influências arquitectónicas da Casa-Estúdio de Carlos Relvas. Linhas de Pesquisa	Arte*	19/II
O Senhor Jesus dos Lavradores, um percurso de contestação, pesquisa e análise.	Religião*	19/II
Um tear de Kay da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas	Arqueologia industrial*	19/II
A intervenção arqueológica no n.º 121 da Rua Carlos Reis (Torres Novas). Primeiros resultados.	Arqueologia*	19/II
Um cantil almoáda em Torres Novas	Arqueologia*	19/II
Os 3 dirhams do Museu Municipal Carlos Reis	Arqueologia*	19/II
Os fumos da Casa da Mina e da Índia – vestígios manuelinos encontrados no concelho de Torres Novas	Arqueologia*	19/II
Arte rupestre no concelho de Torres Novas: a Lapa dos Coelhoos	Arqueologia*	19/II
REIS, Pedro Carlos – <i>Carlos Reis</i> . Lisboa: ADC Edições, [D.L.2006], 383pp.	Recensões críticas*	19/II
2006 em revista	Anais do concelho	19/II
<i>Nova Augusta</i> em índice	Índices	19/II
Nota de abertura	Nota de abertura*	20/II
A Misericórdia de Torres Novas. Da sua fundação, os primeiros tempos.	História*	20/II
O foral novo de Torres Novas no contexto da	História*	20/II



reforma manuelina dos forais		
Relógios de sol em Torres Novas	História das ciências*	20/II
A evolução dos revestimentos artísticos em interiores em interiores sacros privados do concelho de Torres Novas [séculos XVIII-XIX]	História da arte *	20/II
As obras na Cardiga durante os priorados de Fr. António Lisboa e Fr. Pedro Moniz	História da arte*	20/II
Andrade Corvo e o ensino artístico. Da fundação das Academias de Belas Artes à reacção romântica.	História da arte*	20/II
Carlos Cacho, físico nuclear. Contributo biográfico.	Personalidades*	20/II
Em memória de Artur Gonçalves	Personalidades*	20/II
O Julgamento do Bacalhau, a cíclica viagem de condenado a salvador: práticas no concelho de Torres Novas	Estudos sociais*	20/II
Acerca de um cabo de faca medieval em Torres Novas	Arqueologia*	20/II
Gestão museológica, turismo cultural e salvaguarda do património: a importância da Carta Internacional do turismo Cultural no território autárquico	Património*	20/II
Nota de abertura	Nota de abertura*	21/II
Torres Novas e a crise da independência	História*	21/II
Torres Novas e a invasão francesa de Portugal (1810-1811)	História*	21/II
Da «má indolência, e péssima educação» ao «sentir mal da Santa Fé Catholica e Lei Evangélica»: o processo de Rafael Mendes Franco	História*	21/II
Epígrafes tumulares da igreja do Salvador, de Torres Novas	História*	21/II
Memorial de João Filipe Gouveia – um militar português na Índia ao tempo do governador António César de Vasconcelos Correia, 1.º Conde de Torres Novas (1863)	História*	21/II
Murmúrios pétreos: escultura pública de João Cutileiro em Torres Novas	História da arte*	21/II
Identidade e marcas de cultura – a propósito de uma cadeira em couro lavrado na igreja de Santa Eufémia da Chancelaria (Torres Novas)	História da arte*	21/II
O retábulo perdido de Gaspar Soares	História da arte*	21/II
“Ceuta”, um laço lusófono	História da arte*	21/II
A Fontinha. A fonte, a horta e o rio.	Estudos sociais*	21/II
Torres Novas, 1909: o primeiro jogo de futebol	Estudos sociais*	21/II
Contributo para o estudo da obra literária de Andrade Corvo: o modo dramático. Acto primeiro – os dramas de actualidade	Estudos literários*	21/II
Maria Clementina Relvas e a sua Quinta da Barroca	Personalidades*	21/II
Proposta de um instrumento de gestão do património arqueológico de Torres Novas	Arqueologia*	21/II
Património, museologia e turismo cultural: questões e propostas	Património*	21/II
2008 em revista	Anais do concelho	21/II
Nova Augusta em índice	Índices	21/II
Da «desonra» ao Matrimónio e do Matrimónio à «desonra»	História*	22/II
Serra de Aire em 1758	História*	22/II
A questão da estrada de Árgea nos anos trinta do século passado	História*	22/II
A imprensa anarquista torrejana	História*	22/II

A falsa barbacã do castelo de Torres Novas. Algumas notas...	História*	22/II
Equos cursare: uma viagem a partir do festival anual do cavalo na Golegã	História*	22/II
A nostalgia do camponês	Etno grafias*	22/II
Figos de Torres Novas	Etno grafias*	22/II
Biografia do P. <sup>o</sup> Francisco da Cruz (1630-1706)	Personalidades*	22/II
Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas)	Arqueologia*	22/II
2008 em revista	Anais do concelho	22/II
Torres Novas em 1910	História	Edição especial
A proclamação da República em Torres Novas	História	Edição especial
Os republicanos	Personalidades/história	Edição especial
As figuras da I República	Personalidades	Edição especial
Presidentes da Câmara Municipal de Torres Novas	História	Edição especial
A propaganda republicana em Torres Novas	História	Edição especial
A última fase da imprensa republicana em Torres Novas no período da ditadura militar	História	Edição especial
Informação e contra-informação nos tempos conturbados da I República	História	Edição especial

FONTES: revista *Nova Augusta*, de 1962 a 2010 [n.º 1 (série I) – n.º 22 (série II) + edição comemorativa dos 100 anos da implantação da República]

\*Assinalámos com \* as referências das próprias publicações; sempre que necessário, acrescentámos a nossa divisão temática pois, muitas vezes, a segmentação proposta pelo editor não é suficientemente clara.



**Tabela 3**

**Número de participações dos colaboradores da revista**  
*Nova Augusta* (1962-2010)

Nome do colaborador	N.º/série em que participa	Total de participações
Afonso do Paço	2/I	1
Alberto Aires da Silva Vitorino	3-4/II	1
Alsácia Fontes Machado	2/I	1
Álvaro Almeida Santos	2/II	1
A. M. Dias Diogo	13/II; 16/II; 17/II	3
Amaral de Melo	2/I	1
Ana Catarina Pinto	9/II	1
Ana Lídia Gonçalves Farinha	9/II	1
Ana Maria Marques	9/II; 12/II; 19/II; 22/II	4
Ana Sofia Pereira	15/II	
Andrea Martins	19/II	1
Antero Guerra Inácio	1/II; 2/II	2
António Borge	1/I	2**
António Canelas	5/II	1
António Carolino Rodrigues	11/II; 18/II	2
António F. Carvalho	12/II	1
António Fernando Coelho	7/II	1
António Manuel Gonçalves*	2/I	1
António Mário Lopes dos Santos	2/I; 1/II; 2/II; 5/II; 7/II; 8/II; 9/II; 16/II; 17/II; 18/II; 19/II; 20/II; 21/II; 22/II; Especial República	19**  ** duas no número 1/II e no 2/II e 3 no número especial República
António Nunes Monteiro	11/II; 13/II	2
António Ribeiro	20/II; 21/II	2
Armandina Silva	19/II	1
Armando Borralho	17/II	1
Armando Côrtes-Rodrigues	2/I	1
Armando de Lucena	1/I	1
Arminda Lage	2/I	1
Augusto do Souto Barreiros	2/II	1
Augusto Mendes	1/I	1
Bertino Coelho Martins	7/II	1
Borges dos Santos	1/I; 2/I	2
Bruno F. Silva	17/II	1
Carlos Borges Simão	7/II; 12/II	2
Carlos Carreira	18/II; 19/II; 21/II	3
Carlos Nuno	7/II	1
Carlos Nuno Reis Nunes Ferreira (penso que será o mesmo que Carlos Nuno)	8/II	1
Carlos Ribeiro	2/II; 3-4/II; 7/II; 8/II; 9/II; 12/II; 13/II; 14/II; 15/II; 16/II	10
Carlos Simões Nuno	7/II	1
Carlos Trincão Marques	14/II	1
Carolina Michaëlis de Vasconcelos	10/II	1*  *trata-se da publicação de um texto seu, <i>post-mortem</i>
Célia Maria Barroca	2/II	1
Cidália Duarte	12/II	1
Cláudia Costa	19/II; 21/II	2
Cláudia Plácido Castro	15/II	1
Diana Gonçalves dos Santos	17/II; 18/II; 19/II; 20/II; 21/II	5
Donald Horward	21/II	1

Eduarda Lapa	2/I	1
Eduardo Bento	5/II; 6/II; 7/II; 8/II;18/II	5* * no número 7/II em parceria com Borges Simão
Eduíno Jesus	1/I	1
Élia Filipe	9/II	1
Elsa Tavares	7/II	1
Faustino Bretes	1/I; 1/II; 2/II;3-4/II;13/II*  *trata-se da publicação de um texto seu, <i>post-mortem</i>	6* *Duas publicações num só número
Fernando C. S. Real	11/II	1
Fernando de Pamplona	2/I	1
Filipa Rodrigues	19/II	1
Francisco Canais Rocha	2/II; 5/II; 7/II; 8/II; 10/II	5
Francisco Cândido Costa	2/II	1
Francisco Nuno Rodrigues	1/II	1
Franklin Pereira	21/II, 22/II	2
Frederico Lopes Júnior	1/I	1
Gertrudes Zambujo	12/II; 18/II	2
Gonçalo Lopes	19/II; 20/II; 21/II	3* *duas participações no número 19 (uma em parceria e outra individual)
Guilherme António	7/II; 9/II	1
Guilherme Pinto	3-4/II	1
Ivone Mendes Figueiredo	3-4/II	1
João Alfaro	2/II	1
João António Marques Ferreira	1/II	1
João Caetano	3-4/II	1
João Carlos Lopes	7/II; 9/II; 21/II; especial República	5* *duas participações no número especial República
João Catarino	16/II	1
João Lizardo	22/II	1
João Manuel Ferraz Gaspar Gama	11/II	1
João Maurício	7/II; 11/II; 12/II;22/II	4
João Pedro Cunha-Ribeiro	9/II; 11/II	1
João Tereso	20/II	1
João Zilhão	7/II	1
Joaquim Francisco de Sousa Clemente	18/II	1
Joaquim Lopes Santana	2/II; 3-4/II	2
Joaquim Oliveira Caetano	6/II	1
Joaquim Ramiro	18/II	1
Joaquim Rodrigues Bicho	2/II; 3-4/II; 5/II; 7/II; 8/II; 9/II; 10/II; 12/II; 13/II; 14/II; 15/II; 16/II; 17/II; 18/II; 19/II; 20/II; 21/II; 22/II	23* *duas participações nos números 12/II, 14/II e 15/II; três participações no número 13/II
Joana Rosa	20/II	1
Jorge Manuel Salgado Simões	13/II; 14/II; 15/II; 18/II;19/II	6* *duas participações no número 15, em

		parceria com Ana Sofia Pereira
Jorge Manuel Serra de Sousa	11/II;14/II; 17/II; 18/II	5* *duas participações em 10/II
Jorge Ramos	2/I	1
José Alberto Borralho	15/II	1
José Alberto Marques	2/I; 2/II	2
José Alberto Matos da Silva	8/II	1
José António Falcão	2/II; 3-4/II	2
José António Fernandes Camelo	6/II	1
José Brites	7/II	1
José Carlos Cardoso	2/I	1
José d'Abreu Lopes	3-4/II	1
José Gonçalves	19/II	1
José Júlio Antunes	7/II	1
José Lopes dos Santos	1/I	1
José Machado Lopes	5/II	1
José Manuel Carraça da Silva	2/II	1
José Maria Marques	2/II	1
José Ribeiro Sineiro	1/II; 2/II; 3-4/II	3
José S. da Costa	2/I	1
Judith Navarro	1/I; 2/II;3-4/II	3
Júlio M. Roque Carreira	10/II; 11/II	4* * três participações no número 10/II
Júlio Manuel Pereira	13/II; 14/II	2
Lídia Maria Rodrigues Neves	8/II	1
Lucília Verdelho da Costa	5/II	1
Lúcio Vieira	1/II	1
Luís Alexandre Pereira da Silva	6/II	1
Luís Batista	19/II; 20/II; 21/II; 22/II; especial República	5
Luís Godinho Maurício	1/II; 2/II; 3-4/II; 7/II; 8/II; 9/II	6
Luís Machado Drumond	1/I	1
Luís Mota Figueira	17/II; 19/II; 20/II; 21/II	4
Luís Oosterbeck	11/II	1
Manuel Gonçalves	1/II	1
Manuel Maria Gonçalves (não sabemos se é o mesmo que Manuel Gonçalves)	2/II	1
Manuel S. Pinho	1/I	1
Manuela Poitout	19/II;22/II	2
Marco Andrade	22/II	1
Marco de Sousa	18/II	1
Marco Liberato	18/II	1
Margarida Moleiro	15/II; 16/II; 18/II;19/II; 20/II;22/II	6
Margarida Teodora Trindade	16/II;17/II; 18/II;19/II	3
Maria Adelaide de Lima Cruz	2/I	1
Maria Augusta Serra	1/I; 2/I	2
Maria Elisa Nery de Oliveira	2/I	1
Maria Elvira Marques Teixeira	19/II; 20/II; 21/II; especial República	5* *duas participações no número especial República
Maria Emília Santos	2/I	1
Maria Fernanda Pinto	7/II; 8/II; 9/II	3
Maria Helena da Cruz Coelho	6/II	1

Maria Idalina Vale e Pina	2/II	1
Maria João Jacinto	12/II	1
Maria Lúcia Namorado	2/II; 3-4/II	2
Maria Lúcia Vassalo	1/I	1
Maria Madalena Pinto	8/II; 9/II	2
Maria Noémia Leitão	1/I	1
Maria Teresa Pais	2/II	1
Maria Zableta	7/II	1
Mário Leão	3-4/II	1
Mário Rui Silvestre	9/II	1
Marta Nunes Ferreira	8/II	1
Marta Tamagnini Mendes	16/II	1
Matilde Rosa Araújo	2/I	1
Paulo Oliveira	20/II	1
Paulo Renato Ermitão Gregório	12/II; 14/II; 15/II; 16/II; 21/II	5
Pedro Manuel Natal da Luz	2/II; 3-4/II; 5/II	3
Pedro Souto	7/II, 11/II; 12/II; 22/II	4
Reis Brasil	1/I	1
Ricardo Varela Raimundo	17/II; 18/II; 19/II; 21/II; 22/II	5
Rita Sáez	12/II	1
Robalo Pombo	3-4/II	1
Rodrigues Crespo	2/I	1
Ruy Galvão de Carvalho	1/I	1
Sandra Correia	12/II	1
Sandra Lourenço	12/II; 14/II; 18/II	3
Susana David	19/II	1
Teresa Costa	19/II	1
Vasco Jorge Rosa da Silva	17/II; 18/II; 19/II; 20/II; 21/II; 22/II	6
Virgínia Victorino	2/I	1
Vítor M. Pereira da Rosa	7/II	1

Fonte: *Nova Augusta*, de 1962 a 2010 [ n.º 1, série I – n.º 22, série II + número comemorativo dos 100 anos da implantação da República].





**Biografias breves dos directores da revista**  
*Nova Augusta*

### **Alberto Borges dos Santos**

Fundador da revista *Nova Augusta*

Director da Biblioteca Municipal entre 1959 e 1963

Director da revista *Nova Augusta* de 1962 a 1963

Nomeado pela Câmara em Janeiro de 1959, manteve as suas funções de director da biblioteca e do museu municipais até ao final de 1963, quando é colocado no Ministério da Educação, na dependência da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional. Licenciado em Letras pela Universidade de Lisboa, era açoriano, nascido em 1921 na Praia da Vitória (Ilha Terceira). Foi professor na Escola Industrial de Torres Novas, colaborador do jornal *O Almonda*, assinando a secção «Artes e Letras», director da revista *Atlântida* e autor das obras *Apontamentos sobre Mouzinho*, *Perfil de um Apóstolo do Século XX*, *Esta Luz... Esta Cor...* e *Ideia do Ensino Técnico Profissional* (Conferência).<sup>254</sup>

À frente da Biblioteca e do Museu, lutou por melhores instalações e promoveu actividades culturais e de homenagem a personagens ilustres torrejanos como Gustavo Pinto Lopes, Carlos Reis e Padre Cândido de Azevedo Mendes. Editou os dois primeiros números da revista *Nova Augusta* e adquiriu obras novas, quer para a Biblioteca quer para o Museu.

Na *N.A.* destaca-se por ser o fundador e por ter inaugurado uma política de permutas de edições com outras bibliotecas/instituições. A sua influência é preponderante no que respeita aos laços intelectuais estabelecidos nesta altura entre a comunidade intelectual/cultural torrejana e terceirense. A criação da *Nova Augusta*, a par com outras iniciativas da sua responsabilidade como a organização de conferências, as comemorações do XXV aniversário da B.M.T.N. revela a sua abertura intelectual e a vontade de criar algo de substancial na vida cultural da vila. A criação da rubrica «De rebus pluribus» é reveladora da argúcia intelectual de que era dotado, entendendo claramente o papel da *Nova Augusta*, não apenas como veículo dos temas da cultura torrejana, mas também como meio de fixar a memória de um tempo, como arquivo coevo, como memória futura dos factos mais relevantes do ano.<sup>255</sup>

<sup>254</sup> Notas recolhidas por Ana Maria Marques (técnica superior do GEPE) em *O Almonda*, ano XLI, n.º 2064, 24/I/1959, para a publicação «Directores da Biblioteca Municipal de Torres Novas». *Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, 1937-2008* (Torres Novas, 2008).

<sup>255</sup> Anos mais tarde, João Carlos Lopes repescou esta ideia, abrindo a rubrica «...em revista», onde os factos mais importantes do ano são “passados em revista”.

### **José Manuel Carraça da Silva**

Director da B.M.T.N. entre 1980 e 1985

Director da *N.A.* de 1981 a 1984

Foi nomeado director da Biblioteca Municipal em Fevereiro de 1980, cargo que assumiu até Março de 1985 quando “obrigações de carácter profissional” o impediram de continuar, assegurando a colaboração até que novo director fosse nomeado.<sup>256</sup> Na altura em que assumiu funções na Biblioteca estava a terminar a sua licenciatura e tinha desenvolvido um trabalho sobre a utilização e dinamização da Biblioteca. Licenciado e mestre em história, colaborou na revista *Nova Augusta*, em 1982, com um artigo intitulado «População, Eleitores, Deputados (Torres Novas, 1894)».

Deve-se-lhe o mérito de ter sido o responsável pela reedição da *Nova Augusta*, em 1981, quase vinte anos após a publicação do último número.

Durante os anos da sua direcção, a *N.A.* mantém o ar eclético das primeiras edições dos anos 60, com espaço para temas diversos desde a poesia, o desenho e o conto, mas é-lhe conferida, agora, uma carga ligeiramente mais científica, dando-se maior atenção à história e à etnografia.

De realçar a importância concedida ao espaço dedicado à política autárquica. É compreensível, tendo em conta o contexto sociopolítico da época. Todavia, é louvável o seu esforço em fixar no papel as ideias dos vereadores e do presidente de Câmara em funções, bem como o nome dos autarcas da época (Câmara Municipal, Assembleia e Conselho municipais e presidentes das juntas das freguesias). No fundo, manteve-se a tradicional *N.A.* mas renovada pelos ventos de mudança contemporâneos. A sociedade que se abria nos anos 80 era em tudo diferente da dos anos 60 e disciplinas da história regional e local eram agora levadas de forma mais séria. Mas nada melhor do que as palavras do próprio Carraça da Silva para descrever as motivações, intenções e esperanças na reedição da segunda série da *Nova Augusta*:

«Dezoito anos de silêncio marcam o reaparecimento de “Nova Augusta”. Neste espaço, o país mudou, a democracia implantou-se, as regiões afirmaram-se, as gentes assumiram-se.

A dialéctica da mudança, misto de ruptura e continuidade, exige a transformação, mas assegura a permanência dos elementos e valores que, para além de acidentes conjunturais, nos identificam com uma obra colectiva, com uma língua, com um território. “Nova Augusta” surge, assim, como ideia do passado, realização do presente, projecto do futuro.

Aberta à investigação histórica, à produção artística e literária, à informação, “Nova Augusta” pretende-se um espaço de encontro e debate de ideias, uma memória do concelho, um estímulo.

Editar este número foi, para todos os que o tornaram possível, um desafio. Manter no futuro uma publicação regular, pelo menos anual, é um imperativo.

/ José Manuel Carraça da Silva»<sup>257</sup>

<sup>256</sup> *O Almonda*, ano LXVI, n.º 3469, 10/05/1985, p. 6

<sup>257</sup> *Nova Augusta*, n.º 1, série II, p. 2.

## João Carlos Lopes

Director da BMTN entre 1990 e 1996

Chefe da Divisão de Bibliotecas e Museus de 1996 a 2007

Coordenador do GEPE desde 2008

Director da *N.A.* de 1991 a 2003

Natural de Torres Novas (1959), foi nomeado por despacho do presidente da Câmara em Abril de 1990, exercendo já funções na área da cultura na Câmara Municipal de Torres Novas. Em 1996, por inerência do cargo do chefe de divisão, continua como responsável da biblioteca. No seu percurso profissional registe-se ainda que assumiu a direcção do departamento de Cultura entre 1999 e 2004. Durante a sua gestão, a biblioteca expandiu-se, tanto ao nível do seu espaço físico como pela integração de novas valências, como a sala de audiovisuais (vídeos e DVD) e a fonoteca. Promoveu-se a informatização dos fundos bibliográficos e iniciou-se o processo de digitalização de obras de consulta restrita ou reservada. É autor de obras no âmbito da etnografia e história local, como *Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII*, *A Confraria dos Lavradores de Torres Novas*, *Amarelos – Apontamentos para a história do Clube Desportivo de Torres Novas*, *Clube Desportivo de Torres Novas – Uma História de Oitenta Anos* e *Alcorochel de Outros Tempos*.

Enquanto director da *N.A.*, retomou a publicação periódica desta revista de cultura em 1991, tendo impulsionado, também, a publicação regular de obras de interesse local em diversas áreas, desde a história à etnografia, ciências sociais, literatura, etc.

João Carlos Lopes é o fundador do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial (GEPE), assumindo até hoje a função de coordenador deste serviço.

Ouvimos, na primeira pessoa, a história da sua chegada à Câmara Municipal, a excitação da reedição da *N.A.* (depois de 7 anos de inactividade), as dificuldades na manutenção da periodicidade regular da revista e a sua “luta” pela implantação de um serviço inteiramente dedicado à edição dentro da orgânica da C.M.T.N.

«Cheguei à Câmara Municipal [de Torres Novas] em 1989 para organizar, no terreno, as actividades que deveriam ser esboçadas pela comissão para as comemorações do Foral [1190-1990]. É preciso registar que, nessa altura, a “cultura” não existia nem como “sector” ou mesmo “gabinete”. Também não havia pessoal na cultura, portanto. Uma única pessoa. Era preciso, de facto, vir alguém para promover as actividades que se desenhavam.<sup>258</sup> Quando digo promover, falo em realizá-las de facto, levá-las à prática, em todas as suas fases, porque todas as outras pessoas tinham as suas actividades profissionais.

Logo em 1989, no período em que se planearam as actividades das comemorações, se julgou por bem editar um número da *Nova Augusta* alusivo às comemorações. A ideia surgiu no seio da comissão, não me recordo se da minha parte se da parte de Joaquim Bicho. Seja como for, naquela altura em concreto não se pensava claramente em retomar a *N.A.* nos moldes em que foi retomada, até porque a actividade da comissão esgotar-se-ia no final de 1991, como previsto. A *N.A.* era uma coisa sentida como mais ou menos “acabada”

<sup>258</sup> De 1986 a 1997 regista-se uma evolução muito positiva nas despesas dos municípios com a cultura. Cf. José Soares Neves - *Despesas dos Municípios com Cultura*, 2005. Vd. <[www.oac.pt/menuobservatorio.htm](http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm)>

naqueles finais de 80, porque as tentativas de 83/84 se tinham gorado. Portanto, era vista mais ou menos como aqueles jornais que só se publicam em momentos festivos. Foi essa a ideia. E publicou-se, então, uma revista com as conferências, para que as mesmas ficassem “registadas”. Também, ainda no seio da comissão, pensou-se que, já agora, não se perdia nada em publicar mais uma edição com a memória das comemorações, para efeitos de “arquivo”.<sup>259</sup> E assim foi. A comissão dissolvera-se, entretanto, findas as actividades.

Depois disso, coube-me a iniciativa estritamente pessoal de manter a publicação da *N.A.* até 1996. Eu próprio fazia a prospecção dos textos, encontrava os colaboradores, planificava e fazia a paginação, enviava para a gráfica... Também garantia o mesmo tipo de tarefas relativas aos livros que se começaram a publicar e que deram corpo a um programa editorial com alguma sequência e que havia de justificar, mais tarde, a criação do GEPE.»

João Carlos Lopes<sup>260</sup>

Durante a sua direcção, as permutas da *Nova Augusta* fizeram-se com maior critério e responsabilidade, privilegiando as bibliotecas e museus do país. Graças aos seus vastos conhecimentos sobre Torres Novas e à sua facilidade em mover-se no meio torrejano, reuniu uma panóplia de investigadores locais em torno da causa *N.A.* e conseguiu, com o seu dom de editor, restaurar a *N.A.*, através de participações mais substanciais, começando a delinear-se um rumo de maior cientificidade e regularidade para a publicação. Entre 1996 e 1999 assistiu-se a um hiato na publicação da *N.A.* devido a dificuldades na organização de uma edição que se queria inteiramente dedicada a um tema, a arqueologia. Primeiro, houve dificuldade em recolher artigos de arqueologia sobre o concelho; depois, os inconvenientes do incumprimento dos prazos de entrega dos trabalhos, o que terá atrasado a composição da revista; finalmente, era difícil garantir recursos humanos dedicados à montagem da revista.

Em 1999, tendo conseguido encontrar meios humanos para constituir uma frente de trabalho vocacionada para a edição de livros, João Carlos Lopes conseguiu, finalmente, fazer reaparecer a *N.A.*, com o tão desejado número especial de arqueologia. Desde então, a *Nova Augusta* tem-se publicado ininterruptamente, com regularidade anual e com um número crescente de participações (quantitativa e qualitativamente). João Carlos Lopes mantém-se, ainda hoje, à frente do GEPE, embora não assuma a direcção editorial da revista desde 2004, mas é a ele que cabe o papel de “conselheiro” das técnicas que têm assumido o cargo. A decisão de passar a direcção editorial para as mãos das técnicas do Gabinete foi sua e insere-se na sua linha de autonomização e responsabilização de técnicos competentes na área editorial.

<sup>259</sup> Estamos a falar dos números 5 (1991) e 6 (1992) da *Nova Augusta*.

<sup>260</sup> Em entrevista em Dezembro de 2009, Torres Novas.

### **Direcção editorial/2004**

Margarida Teodora Trindade e Luísa Martins

Ambas técnicas do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial, desde a sua fundação no ano de 2000 e até 2004. Luísa Martins é técnica de Comunicação e Relações Públicas e Margarida Trindade é técnica superior de História dos quadros do Município de Torres Novas. Foram estas duas pessoas que começaram a trabalhar exclusivamente no sector das publicações, inaugurando o funcionamento do GEPE. A sua prestação enquanto directoras da revista prendeu-se, sobretudo, com aspectos técnicos e administrativos, não se registando qualquer intervenção a nível conceptual durante o ano da sua direcção. Enquanto técnicas, e depois enquanto responsáveis pela revista, tiveram um papel essencial na manutenção da garantia da periodicidade da *Nova Augusta*, assegurando a sua publicação anual, ininterrupta, entre 1999 e o ano de 2005.

### **Direcção editorial/2005**

Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial

Dois mil e cinco foi o ano em que o Gabinete ficou a trabalhar apenas com uma técnica efectiva. A direcção ficou então registada na ficha técnica como sendo do Gabinete de Estudos e Planeamento. Na realidade, a revista foi dirigida por João Carlos Lopes, embora as questões técnico-administrativas tenham ficado a cargo da única técnica a exercer funções na época no GEPE. É um ano em que nada de novo há a registar, mas é de louvar a continuidade do trabalho e a manutenção da periodicidade regular, mesmo em momentos mais conturbados para o GEPE.

### **Direcção editorial/2006-2007**

Ana Maria Marques e Margarida Moleiro

Desde 2006 que estas duas técnicas compõem o mapa de pessoal do GEPE, em conjunto com João Carlos Lopes. Margarida Moleiro é técnica superior de História (que se tem vindo a especializar na área editorial) e Ana Maria Marques é técnica superior de Acção Cultural, licenciada em Antropologia<sup>261</sup>. Esta equipa do GEPE, estável e coesa, tem demonstrado nova dinâmica no sector editorial do Município e deu novo ânimo à revista *Nova Augusta*.

Em 2006, esta equipa reintroduziu na *N.A.* a rubrica «*Nova Augusta* em índice», que se havia perdido em 1995. «*Nova Augusta* em índice» consiste na listagem de todos índices das revistas publicadas, o que constitui um excelente instrumento de trabalho para os investigadores (público-alvo), um trabalho de memorial (de arquivo) e, por outro lado, um facilitador da compra (sobretudo numa altura em que a *N.A.* ainda não ocupava lugar na página da internet da Câmara Municipal, nem em sítio próprio).

No ano 2007, a nova equipa decidiu dotar a *N.A.* de nova cara, adequando-a às novas linhas do *design* editorial e tornando-a mais apelativa quer para os leitores quer para os colaboradores.

Assim, em conjunto com o Gabinete de Comunicação e Imagem do Município de Torres Novas, desenhou-se um novo *layout* para a *N.A.* Introduziu-se, também, nesta altura, uma nova rubrica com o objectivo de construir os “anais do Município”: trata-se de uma súmula dos eventos mais importantes do ano anterior ao da publicação da revista. A primeira edição desta rubrica foi o «2006 em revista». Com o «...em revista» assegura-se a continuidade do diário do concelho, uma vez que Artur Gonçalves havia publicado os *Anais de Torres Novas* até 1939 e o *Jornal Torrejano* havia

<sup>261</sup> Além das suas funções no GEPE, assume a coordenação dos Serviços de Apoio ao Associativismo do Município de Torres Novas.

recolhido os acontecimentos mais importantes do século XX no seu *Caderno do Século*, faltava uma publicação que fosse registando, anualmente, o que ia acontecendo. Coube à *N. A.* fazê-lo, ficando apenas, assim, por registar os acontecimentos decorridos entre 2000 e 2006. Esta rubrica representa um importante contributo para todos os estudiosos e (meros) interessados na história e na vida de Torres Novas e dos torrejanos.

Com o novo *layout*, aproveitou-se para tornar a edição da *N.A.* mais profissional e dotada de um cunho mais científico. Elaborou-se, então, um conjunto de normas para a apresentação dos trabalhos à redacção. A criação das normas mais não foi do que o consolidar de uma série de práticas e o reforçar do carácter científico da publicação.

Em Maio de 2007, a revista *Nova Augusta* passou a constar das páginas da internet. Inaugurou-se, assim, um novo caminho na divulgação da revista e no seu alcance. Hoje, qualquer investigador, em qualquer parte do mundo, tem acesso aos índices da *N.A.*, desde o primeiro ao último número editado. A página do GEPE no *site* do Município de Torres Novas constituiu uma abertura do gabinete a novos interessados e a saída da *N.A.* do núcleo torrejano/ribatejano para o país e para o mundo.

Também no ano 2007 a direcção da revista lançou a proposta de abertura do âmbito dos trabalhos não só a estudos torrejanos, mas também acerca de concelhos que estivessem geográfica e historicamente ligados a Torres Novas. O convite foi lançado a vários investigadores dos concelhos de Torres Novas (como habitualmente), do Entroncamento, de Alcanena, de Ourém e da Golegã, que aceitaram com agrado e que têm colaborado nas edições que se seguiram. Com os seus contributos, a *N.A.* começa a perder o cunho de revista estritamente local para ser uma revista regional de cultura.

### **Direcção editorial desde 2008**

Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial

A direcção editorial da revista *Nova Augusta* é composta pela equipa do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial do Município de Torres Novas [GEPE – já referida no ponto anterior e amplamente descrita no ponto 7.2 deste trabalho (subcapítulo «A equipa»)], sendo, no entanto, o director da revista o presidente da Câmara Municipal, título meramente honorífico. De acordo com a política do Município, os nomes da equipa do GEPE foram suprimidos da ficha técnica e passou a constar o nome do Gabinete. No entanto, a equipa é a mesma, o que significa que a direcção editorial está nas mãos dos mesmos técnicos (Ana Maria Marques, João Carlos Lopes e Margarida Moleiro). Com esta equipa na direcção editorial, a *N.A.* mantém uma linha de abertura à comunidade científica nacional e internacional, bem como aos investigadores locais. O sistema de permutas tem sido analisado com maior atenção, de modo a focar-se numa divulgação especializada e menos na dispersão por locais de menor interesse em termos da estratégia de publicação/divulgação da *N.A.* Se antes se enviavam revistas para todas as bibliotecas, hoje continua a fazer-se esse envio, mas tentando não esquecer os centros de investigação universitária e institutos onde a *N.A.* poderá ser vista e reconhecida de outra forma. No ano 2009 registam-se as propostas desta direcção para criar um sítio na internet dedicado apenas à *Nova Augusta*, onde se pudessem publicar os artigos em formato electrónico, e para certificar a *N.A.* através da chancela de académicos reconhecidos no meio (só assim a *N.A.* se assumirá definitivamente como uma revista científica de investigação).





## **APÊNDICE II**



**Tabela 1**

**Livros editados pela Câmara Municipal de  
Torres Novas (1933-2010)**

EDIÇÃO MUNICIPAL												
Seriação	Título	Autor	Data	Obs.	Colecção N.º	N.º págs.	Formato (cm)	Encadernação	Preço (€)	Edição	Sinopse	Palavras-chave
1	Torrejanos Ilustres em letras, ciências, armas, religião, etc.	Artur Gonçalves	1933	Embora na folha de rosto se leia como data de edição 1933, no colofón lê-se «1.ª edição acabada de imprimir em Barcelos nas Oficinas da Companhia Editora do Minho no dia 6 de Outubro e 1934»  Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal.		570	16x23	Capa mole	10	1.ª edição 1933 - Câmara Municipal de Torres Novas; 2.ª edição do jornal <i>O Almonda</i> - 1993	Artur Gonçalves, não sendo torrejano, viveu cerca de 24 anos em Torres Novas, dedicando-se a uma vasta recolha em bibliotecas e arquivos sobre a história de Torres Novas. Até aos dias de hoje, podemos considerá-lo como o maior investigador da História torrejana, sobretudo se tivermos em conta o volume das suas obras e o pouco tempo em que foram redigidas. Hoje as obras de Artur Gonçalves constituem-se, ainda, como referência para o estudo da história local torrejana: desde os tempos mais remotos até aos inícios do século XX, Artur Gonçalves delineou o percurso da vila e registou os torrejanos mais ilustres. <i>Torrejanos Ilustres</i> constitui-se, segundo Artur Gonçalves, como consagração póstuma dos torrejanos que mais se destacaram nos vários domínios, das letras às armas (alcaides, poetas, cientistas, médicos, entre outros), até à década de 1930. A reedição do jornal <i>O Almonda</i> acrescenta à primeira edição as biografias de outros torrejanos que Artur Gonçalves havia publicado numa obra editada ulteriormente (1937).	Torres Novas, torrejanos, personalidade s, alcaides, poetas, cientistas, médicos, biografias, século XII, século XIII, século XIV, século XV, século XVI, século XVII, século XVIII, século XIX, século XX
2	Torres Novas. Subsídios para a sua História	Artur Gonçalves	1935			408	16x23	Capa mole	10	1.ª edição 1935 - Câmara Municipal de Torres Novas; 2.ª edição 1987 – jornal <i>O Almonda</i> ;	Partindo da ideia de compilar os textos publicados nos jornais <i>O Almonda e O Torrejano</i> , Artur Gonçalves desenvolve os apontamentos recolhidos e publica-os, não como uma “História de Torres Novas”, pela pretensão do termo, mas como subsídios para essa História. Nesta obra o autor faz o percurso da História da vila desde as origens de Torres Novas, as guerras com Castela, as Invasões	História, Torres Novas, castelo, fortificações, lendas, invasões árabes, rainhas, infantas, Casa de Aveiro.









												Rossio do Carmo, Procissão dos Passos, quintas, Cortes, abastecimento s de água, fontes, absolutismo, constitucionalismo, escolas, ensino, colégios, século XIX, século XX
5	Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém - 1936	Artur Gonçalves	1937	Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal.		132	22x29,5	Capa mole	Esgotado	1.ª	Obra sobre a I Exposição-Feira de Santarém (1936), dando especial destaque à participação torrejana no evento. Contém o programa e fotografias.	Ribatejo, exposição, anos 30, século XX
5	Anais Torrejanos	Artur Gonçalves	1939	Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal.		230	16x23	Capa mole	Esgotado	1.ª edição 1939 - Câmara Municipal de Torres Novas; 2.ª (edição do jornal O Almonda - 1986	Artur Gonçalves passa em revista os acontecimentos mais marcantes ocorridos entre os anos de 1215 e 1938. A coordenação dos anais foi feita obedecendo aos períodos dos diversos reinados com o intuito de delimitar mais facilmente as épocas. Em apêndice, Artur Gonçalves deixa a biografia do torrejano D. Manuel da Conceição Santos, arcebispo de Évora. (A 2.ª edição adenda chamando a atenção e corrigindo algumas imprecisões que o texto tinha, um artigo do jornal <i>O Almonda</i> sobre Artur Gonçalves e alguma bibliografia do autor.)	Torres Novas, efemérides, anais, 1215-1938, século XIII, século XIV, século XV, século XVI, século XVII, século XVIII, século XIX, século XX, D. Manuel da Conceição, arcebispo de Évora
6	Torres Novas: ontem e hoje	Augusto Durão Alves	1942	Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal.		84	15x21	Capa mole	Esgotado	1.ª	História, etnografia, indústria, vida associativa, instituições de beneficência e assistência, instrução, educação e cultura. No último capítulo revelam-se os aspectos turísticos da Torres Novas do início da década de 40 (século XX)	Turismo, Torres Novas, roteiro, história, anos 40

7	Carlos Reis	Artur Gonçalves e Gustavo de Bivar Pinto Lopes	1942			122	23x30	Cartonada	Esgotado	1. <sup>a</sup>	Artur Gonçalves, à data da sua morte, deixou o manuscrito da biografia de Carlos Reis até Fevereiro de 1933. A Câmara Municipal de Torres Novas, ao pretender editar esta biografia, encarregou Gustavo de Bivar Pinto Lopes de a actualizar e completar. Acompanha esta biografia a resenha das críticas da imprensa portuguesa, que a obra de Carlos Reis mereceu, e um álbum de reproduções de alguns dos seus quadros	Carlos Reis, biografia, pintura
8	Poesias	José Lopes dos Santos	1972	Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal	184	12,5x17,5	Capa mole	1,5	Esgotado	1. <sup>a</sup>	José Lopes dos Santos foi comerciante de profissão, aprendeu como autodidacta todo o seu saber como escritor e poeta. Figura de intervenção sindical e política, no início da República, foi, também, um homem muito participativo na vida associativa local. A poesia de José Lopes dos Santos está prenhe de si mesmo enquanto homem de intervenção emocionado com o amor imane na Natureza, na Justiça e no Bem	Poesia, século XX, intervenção política, amor, Natureza, Justiça, Torres Novas
9	Torres Novas, História, Arte e Turismo	Manuel Inez Soares	1972	Esgotado. Disponível para consulta na Biblioteca Municipal	149	15x20,5	Capa mole com badanas		Esgotado	1. <sup>a</sup>	Este livro pretende dar relevo aos aspectos mais marcantes da história de Torres Novas, suas lendas, património, locais de interesse turístico, usos e costumes, festejos tradicionais, paisagem, folclore, etc., sendo que alguns aspectos terão de ser relativizados em função da época em que o livro foi escrito.	Torres Novas, roteiro, lendas, património, turismo, festas, folclore, costumes
10	Lira Íntima	Faustino Bretes*	1982		88	15x21	Capa de cartão	1,5		1. <sup>a</sup>	Entre sonetos e outras composições poéticas, Faustino Bretes ensaia o lirismo do Almonda e outras coisas da terra, louva a Banda Operária Torrejana e deixa-nos entrar na intimidade dos seus sentimentos através dos poemas que dedica aos seus netos e às suas filhas. A sua poesia respira o fervor idealista e a sua alma de lutador	Almonda, Torres Novas, sonetos, poesia
11	A centenária filarmónica torrejana (elementos para	Faustino Bretes	1986		124	15x21	Capa mole	2,5		1. <sup>a</sup>	Das origens aos anos oitenta do século XX, Faustino Bretes traça o percurso da Banda Operária Torrejana e dá-nos a conhecer os nomes e as datas de criação	Finais do século XIX, século XX, Banda



15	Foros de Torres Novas	Armando Pereira da Silva	1990				Temas Torrejanos	32	15x21	Capa mole	Esgotado	1. <sup>a</sup>	documentos são precedidos de uma breve apresentação para uma melhor compreensão dos mesmos, e de outros, relativos à Carta de Foral de Torres Novas de 1190. O valor histórico dos foros e costumes é crucial como fonte auxiliar para a compreensão da comunidade torrejana à luz da época (XIII-XIV). Trata-se de uma compilação do direito local que abrange normas de direito político, administrativo e normas de processo, direito penal, e também da organização fiscal e económica. Os Foros de Torres Novas são das poucas colectâneas deste género existentes no país nos finais do século XIII, inícios do século XIV.	Século XIII, Torres Novas, história, século XIV, foros, costumes, direito local, direito político, direito fiscal, processo penal
16	Gruta do Almonda: dois anos de escavações	João Zilhão	1990				Temas Torrejanos	42	15x21	Capa mole	Esgotado	1. <sup>a</sup>	Em Maio de 1989 foi assinado um protocolo entre a Câmara Municipal de Torres Novas e João Zilhão, o qual passou a enquadrar toda a intervenção arqueológica na área do concelho. A presente publicação reúne os Relatórios das Campanhas Arqueológicas realizadas na gruta do Almonda, referentes aos anos de 1988 e 1989. Pretende, assim, fazer um balanço do trabalho efectuado, trazendo a público o interesse científico de que se reveste	Espeleologia, arqueologia, Almonda, grutas, gruta do Almonda, 1988, 1989, século XX
17	Torres Novas Ontem	Comissão das Comemorações do VIII Centenário do Foral de Torres Novas	1990					284	30,5x24	Capa dura com badanas	Esgotado	1. <sup>a</sup>	Sob o desejo de reviver acontecimentos, recordar pessoas e lembrar sítios de outrora, nasceu esta compilação de imagens de Torres Novas. Neste álbum comemorativo do VIII centenário do Foral de Torres Novas, deambula-se entre o castelo, o rio, as praças, as ruas e largos da “vila”; percorre-se os mercados e feiras e descobre-se o rosto dos operários, das crianças e de famílias. Entre a vida no campo, as festas, os transportes e as escolas, evoca-se a “vila” de ontem.	Fotografia, Torres Novas, património, século XIX, século XX

18	Alcorochel: usos e tradições	Guilherme António	1991		Temas Torrejanos	66	15x21	Capa mole	Esgotado	1.ª	Alcorochel – usos e tradições trata-se de um contributo no sentido de enriquecer a bibliografia disponível sobre temas de carácter etnográfico relativos ao concelho de Torres Novas. Neste livro estão representados quadros do passado de Alcorochel, que nos revelam velhos costumes e tradições, figuras típicas, factos do imaginário colectivo, prosas e versos, espaços e ambientes de antigamente.	Alcorochel, tradição, costumes, etnografia, imaginário colectivo
19	Lapas - História e tradições	Bertino Coelho Martins	1991		Temas Torrejanos	174	14,5x20,5	Capa mole	Esgotado	1.ª	Esta obra, resultado da compilação das crónicas do autor publicadas no jornal <i>O Almonda</i> , representa um significativo contributo para a “história local”. A pesquisa de Bertino Coelho Martins não é, apenas, fruto de erudição, é a visão de quem bem conhece a sua terra natal – Lapas. Através de uma prosa clara e acessível, Bertino Coelho Martins guia-nos pelos caminhos da história, do património e das tradições de Lapas.	Lapas, História, tradição, património
20	O Berço da Memória 15/5/1906 – 15/5/1991	Carlos Nuno	1991		Temas Torrejanos	24	22x24	Capa mole; costido a arame	2,5	1.ª	Nas comemorações do VIII centenário da atribuição do primeiro Foral de Torres Novas por D. Sancho I, entendeu a Câmara Municipal e a Junta da Freguesia da Brogueira prestar homenagem a Humberto Delgado. Este pequeno livro integra-se nessa homenagem de memória ao “General sem Medo”, evocado assim através de poemas, fotografias e os testemunhos daqueles que partilharam a infância e outros momentos da sua vida	Humberto Delgado, Brogueira, 1906, 1969, século XX, Iva Delgado, poesia, fotografia, testemunhos, memória, Campanha eleitoral 1958
21	Torres Novas – bibliografia analítica	João Carlos Lopes	1991		Temas Torrejanos	76	15x21	Capa mole	Esgotado	1	De forma sistemática e acessível, este livro reúne a bibliografia existente acerca de Torres Novas ou de assuntos respeitantes à cidade/concelho. Esta compilação vem facilitar o acesso às matérias e temas torrejanos, sobretudo aos estudantes mas também aos investigadores locais. Não se trata de um recolha definitiva, todavia abarca a	Torres Novas, bibliografia

22	Torres Novas numa carta de Sá de Miranda	Augusto Moita de Deus	1991				34	15x21	Capa mole; costido a arame	1,5	1	maioria do que até à data de 1991 foi escrito sobre Torres Novas, dentro dos limites do interesse científico ou cultural. Vários autores têm atribuído ao príncipe D. Afonso, mais tarde segundo do nome, a conquista definitiva de Torres Novas. Moita de Deus recusa tal hipótese, já que o herdeiro de D. Sancho I não teria mais de cinco anos. Mas admite que a reconquista tenha sido feita por Martim Moniz. E através da carta escrita por Sá de Miranda a seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, descendente de Martim Moniz, que o autor chega a esta conclusão. A carta do poeta responde a uma solicitação do cunhado, que pretendia ver defendido o seu brasão de nove torres que elevava a sua ascendência a Martim Moniz.	Sá de Miranda, Torres Novas, séculos XV, século XVI, Manuel Machado de Azevedo, Martim Moniz, conquista de Torres Novas, século XII
23	Pinceladas torrejanas – história e etnografia	Joaquim Rodrigues Bicho	1992	Esgotado. Disponível na Biblioteca Municipal para consulta.	Temas Torrejanos	211	14,5x21	Capa mole	Esgotado	1. <sup>a</sup>		Pinceladas Torrejanas foi escrito num espaço de tempo que se estendeu desde 1966 a 1992. Na sua maioria, os apontamentos para estas Pinceladas foram sendo reproduzidos no jornal O Almonda. Joaquim Rodrigues Bicho reúne nestas Pinceladas Torrejanas temas da etnografia, património, religiosidade popular entre várias curiosidades sobre Torres Novas	Etnografia, Torres Novas, Património, Religiosidade, Popular, curiosidades
24	Visitas paroquiais na região de Torres Novas (séc. XVII-XVIII)	Isaías da Rosa Pereira	1992		Temas Torrejanos	88	15x21	Capa mole	2,5	1. <sup>a</sup>		As visitas paroquiais constituem documentos históricos de valor inestimável. Através destes documentos são-nos dados a conhecer os pecados e vícios que eventualmente existissem nas paroquias para serem denunciados ao visitador, bem como os nomes dos visitadores, os seus cargos e irmandades. Além destas informações, muitas outras elementos de relevo para a história das paroquias se podem recolher: estatísticas populacionais, remunerações, cultura e distribuição dos párocos, existência de casas religiosas, estado dos templos, entre	Inquirição, irmandades, visitas, história, Igreja, Torres Novas, séculos XII, século XVIII

											outras. Esta edição contempla dois estudos anteriormente publicados, o «Livro dos Capítulos da Vesta da Igreja de São Tiago da Villa de Torres Novas que começa no anno de (1)677» pela revista <i>Lumen</i> (em 1964) e «As visitas paroquiais como fonte histórica» pela <i>Revista da Faculdade de Letras de Lisboa</i> (em 1973).	Arquivo Histórico Municipal, finais do século XX, Biblioteca Municipal, Livros de Actas da Câmara, Registos de Escritura de Foros da Câmara, Registos de Receita e Despesa, Ordenanças, Coimas, Foral Novo, D. Manuel I, hemeroteca, fototeca
25	Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas	Câmara Municipal de Torres Novas	1993			20	15x21	Capa mole; cosido a arame	1	1.ª	O Arquivo Histórico Municipal está sediado desde 1990 em instalações do edifício da Biblioteca Municipal, integra sobretudo a massa documental produzida pela administração autárquica a partir do início do século XIX. Do Arquivo Histórico Municipal fazem parte os Livros de Actas da Câmara, Registos de Escritura de Foros da Câmara, Registos de Receita e Despesa, Registo de Ordenanças e Registos de Coimas, para além do Foral Novo de D. Manuel I que está à guarda do Museu Municipal. Têm interesse, ainda, os fundos relativos a Colectividades de Recreio e Cultura, a Instituições Religiosas e a espólios particulares. A hemeroteca e a fototeca são ainda dois interessantes pólos de interesse deste acervo.	Arquivo Histórico Municipal, finais do século XX, Biblioteca Municipal, Livros de Actas da Câmara, Registos de Escritura de Foros da Câmara, Registos de Receita e Despesa, Ordenanças, Coimas, Foral Novo, D. Manuel I, hemeroteca, fototeca
26	Pedroção d’Aire e Carlos Reis. O Largo das Eiras	Carlos Nuno Ferreira	1993			20	15x21	Capa mole; cosido a arame	1	1.ª	Editado no âmbito da exposição “Carlos Reis e a atemporalidade de uma pintura portuguesa”, este pequeno livro é uma homenagem ao pintor que reflecte a sua relação de afectividade para com aldeia de Pedroção d’ Aire.	Pedroção d’Aire, Carlos Reis, Largo das Eiras
27	Riachos, rostos da terra	Comissão Executiva e Comissão de Cultura da	1993			226	30,5x23	Capa mole	Esgotado	1.ª	<i>Riachos, rostos da terra</i> é o resultado de uma recolha de fotografias cujo tempo se estende entre o fim do século XIX e meados do século XX. Nestas fotografias	Riachos, fotografia, final do século XIX, inícios

		Festa da Bênção do Gado, 1993		Lopes, Joaquim Farinha Madeira e Joaquim Pereira  Esgotado. Disponível na Biblioteca Municipal para consulta.								revelam-se as paisagens, onde o rio marca presença, o trabalho do valador e do gadanheiro, do poceiro, do serrador, de muitos que complementam, através dos seus ofícios, o mundo rural. A eira e a festa são elementos que aqui também estão representados como símbolos de fragmentos de um tempo que já passou. Não se trata de uma foto-biografia, não se procurou contemplar as mudanças da vida de Riachos, mas as fotografias tentam abarcar os principais traços das vivências das gentes de Riachos: o quotidiano, a vida colectiva e a família.	do século XX, paisagens, rio, mundo rural, etnografia, tradição
28	Alcorochel de outros tempos	João Carlos Lopes	1994		214	22x24	Capa mole com badanas	12,5	1.ª	Seleção de fotografias de um período compreendido entre o princípio do século XX e a década de cinquenta deste século. Estas fotografias são o retrato da aldeia de Alcorochel e das suas gentes. A família, o casamento, o trabalho, a mocidade, as festividades e as brincadeiras, são os temas documentados neste espólio fotográfico cedido por diversas pessoas que entre si partilham estas memórias.	Fotografia, etnografia, costumes, tradição, Alcorochel, século XX		
29	Brasões do Município de Torres Novas	Câmara Municipal de Torres Novas	1994		36	11x15	Capa mole, cosido a arame		1.ª	O município de Torres Novas foi o primeiro dos médios e grandes concelhos de Portugal a possuir a heráldica de todas as suas freguesias. Este livrinho pretende dar a conhecer, a todos os munícipes, os brasões das freguesias do concelho, numa perspectiva de divulgação do património histórico e cultural de Torres Novas.	Torres Novas, heráldica		
30	Canções da Liberdade	João Carlos Lopes	1994		62	20,5x30	Capa mole	1,5	1.ª	<i>Canções da Liberdade</i> é o catálogo da exposição comemorativa do 20.º aniversário do 25 de Abril. Fichas da PIDE, páginas do jornal <i>Avante!</i> e os relatórios confidenciais da Legião Portuguesa documentam um processo de anos de luta por uma sociedade mais livre, e as fotografias recordam as manifestações de rua e as pinturas murais da Praça 5 de Outubro. Com esta iniciativa, a Câmara Municipal de Torres	Fotografia, estado novo, 25 de Abril, PIDE, resistência		



31	Catálogo de Periódicos	Biblioteca Municipal de Torres Novas	1994			118	15x21	Capa mole	1,5	1. <sup>a</sup>	Novas quis homenagear todos quantos, no concelho, se haviam empenhado na luta pela conquista da liberdade. Após transformações operadas na estrutura física da biblioteca, iniciadas em 1993, foi possível reabilitar o fundo de periódicos. Feita a classificação possível do acervo, instalado, finalmente, em condições aceitáveis, criou-se a Sala de Leitura de Periódicos. O presente catálogo faz um apanhado da situação do acervo de periódicos em Julho de 1994.	Acervo, periódicos, biblioteca
32	Torres Novas nos finais do séc. XIX. Subsídios históricos	António Mário Lopes dos Santos	1994		Temas Torrejanos	144	15x21	Capa mole	7,5	1. <sup>a</sup>	Através desta obra somos levados a fazer um percurso pela vida política e cultural torrejana, no século XIX. A instrução pública, o matadouro, os edifícios públicos, a população, o teatro e o jornalismo são alguns dos temas abordados. O capítulo dedicado à questão do jornalismo foca o impulso da imprensa regional no concelho, conduzindo a um estudo mais abrangente de caracterização do concelho pela sua imprensa.	Século XIX, imprensa regional, Torres Novas, ensino, jornalismo
33	O município de Torres Novas entre a vitória do Liberalismo e a Regeneração	António Mário Lopes dos Santos	1996		Temas Torrejanos	190	15x21	Capa mole com badanas	7,5	1. <sup>a</sup>	No momento da vitória definitiva do liberalismo, o município de Torres Novas não tinha posses para fazer face aos encargos com o salário do secretário da Câmara e muito menos para obras. A asfixia financeira era tal que a Câmara vira-se obrigada a pedir aos lavradores e aos cingeleiros “carradas” de pedra para o arranjo das estradas. É este quadro que a obra de António Mário Lopes dos Santos regista, a partir da análise sistemática da administração da autarquia torrejana entre 1834 e 1851. O autor passa em revista assuntos como os domínios da administração pública, da política partidária local, da economia, da situação militar e judicial do concelho entre outros, fazendo uma observação atenta dos quinze executivos municipais que preencheram quase vinte anos da	Liberalismo, Torres Novas, 1834-1851, século XIX, administração pública, política, história,

34	Imagens do Homem, Idades de Deus	Museu Municipal de Torres Novas – Núcleo de Arte Sacra Conceção, organização e pesquisa documental: João Carlos Lopes Textos: Artur Gonçalves, João Carlos Lopes, Joaquim Rodrigues Bicho e Vítor Serrão	1996	Fotografia: Manuel José Palma e Museu Municipal de Torres Novas		88	21x30	Capa mole	2,5	1.ª	história oitocentista torrejana. A propósito da criação do Núcleo de Arte Sacra, o Museu Municipal de Torres Novas editou este catálogo de grande qualidade gráfica. Pintura e escultura sacra bem como as procissões e festas religiosas deram conteúdo a esta exposição. As expressões do religioso abriram, então em 1996, um espaço novo dentro do Museu Municipal: um espaço de preservação da identidade de Torres Novas através das manifestações de cariz religioso.	Museu Municipal Carlos Reis, núcleo de arte sacra, escultura sacra, pintura sacra, procissões, festas religiosas
35	A Fábrica Grande	Joaquim Rodrigues Bicho	1997		Temas Torrejanos	222	15x20,5	Capa mole com badanas	5	1.ª	Joaquim Rodrigues Bicho reconstrói a história da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, desde 1845 até à década de 80 do século XX, numa análise extensiva do seu património imobiliário, etapas de desenvolvimento, aspectos da produção, comercialização, prémios, intervenção social e homens que impulsionaram a sua expansão.	Companhia nacional de Fiação e Tecidos, século XIX, século XX, 1845, património, Torres Novas, intervenção social
36	As últimas tabernas de Torres Novas, um olhar sobre o passado	João Carlos Lopes	1997			64	16x29,5	Capa mole	2,5	1.ª	À data de edição deste pequeno livro, existiam ainda dez tabernas em Torres Novas. Não querendo perder a memória deste fenómeno de dimensão económica, sociológica e cultural, foi traçado este percurso pelas tabernas do concelho nos últimos 150 anos. A partir das fontes orais e escritas disponíveis, o autor faz uma breve análise à evolução do número de tabernas entre 1852 e 1970 e à distribuição espacial dos	Etnografia, fotografia, Torres Novas, taberna, século XIX, século XX

												estabelecimentos. As últimas páginas do livro foram reservadas para um breve catálogo fotográfico das últimas tabernas de Torres Novas.	
37	Histórias da nossa gente	Manuel Carvalho Simões	1998			Temas Torrejados	160	15x25	Capa mole com badanas	5	1.ª	Manuel Carvalho Simões reúne, nesta obra, um conjunto de crónicas publicadas no jornal <i>O Riachense</i> , entre 1980 e 1998. São histórias de outros tempos e relatos emotivos do quotidiano das gentes de Riachos, organizadas por temas que vão desde as profissões e da vida no campo, às crenças e aos costumes	Riachos, quotidiano, século XX, etnografia, costumes
38	A confraria medieval de Alcorochel (O compromisso e o tombo dos seus bens)	Marco Manuel Pires	1999			Temas Torrejados	128	15x21	capa mole com badanas	5	1.ª	Houve no nosso país, nos séculos XII a XV, uma série de instituições de irmandades e confrarias destinadas à prática de obras piedosas, que mantinham à sua custa albergarias, hospícios, enfermarias, gafarias, etc. A documentação relativa a estas instituições de cariz assistencial oferece um manancial de informação muito relevante para o conhecimento da sociedade medieval portuguesa nos domínios da toponímia, antroponímia, antropologia, das práticas e representações culturais e para perceber a organização das pequenas comunidades rurais. Marco Pires transcreve e comenta o tombo da confraria de Alcorochel, uma das mais antigas de Torres Novas (1212). O documento original encontra-se em fac-símile no final da obra. (O tombo da confraria de Alcorochel faz parte do Tombo das Capelas de Torres Novas - Núcleo Antigo n.º 275 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo)	Século XII, século XIII, século XIV, século XV, confrarias, instituições assistenciais, Idade Média, Alcorochel
39	Histórias azuis e verdes do bunhal	Fernando Faria Pereira	1999			Temas Torrejados	106	14,5x20,5	Capa mole com badanas	7,5	1.ª	Fernando Faria Pereira, embora nascido em Lisboa, está ligado a Torres Novas por laços familiares. Histórias Azuis e Verdes do bunhal são textos inéditos que têm como pano de fundo a ruralidade da Quinta do Paul. O carácter etnográfico	Paul do Boquilobo, etnografia, literatura

										perpassa as narrativas mas é pela construção ficcional que o autor ultrapassa o registo meramente documental e descritivo.	
40	Torrejanos de vulto	Joaquim Rodrigues Bicho	1999	(1993 - 1. <sup>a</sup> edição; 140 pp.)	Temas Torrejanos	144	15x20,5	Capa mole	10	2. <sup>a</sup> (edição aumentada)	Torrejanos, personalidade s, século XIX, século XX, figuras políticas, cientistas, artistas
41	Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII. As memórias paroquiais.	João Carlos Lopes	1999	1. <sup>a</sup> edição Ámago da Questão/ 2. <sup>a</sup> edição - Câmara Municipal de Torres Novas		296	20x13	Capa mole com badanas	10	2. <sup>a</sup>	Torres Novas, século XVIII
42	A bênção do gado no concelho de Torres Novas	António Lúcio Vieira, Margarida Trindade, João Carlos Lopes	2000			46	22x24	Capa mole, cosida a arame	2,5	1. <sup>a</sup>	Bênção do gado, etnografia, Lapas, Riachos, boieiro
43	A mãe sob a última tamareira de Agosto	Hugo Santos	2000	Ilustrações: Manuela Pinheiro		62	20x25	Capa mole com badanas	7,5	1. <sup>a</sup>	Romance, prosa poética, literatura



46	Pinceladas torrejanas	Joaquim Rodrigues Bicho	2000	(1.ª edição 1992)		228	22x31	Capa dura (forrada a tecido)	15	2.ª	<p><i>Pinceladas torrejanas</i> foi escrito num espaço de tempo que se estendeu desde 1966 a 1999. Na sua maioria, os apontamentos para estas <i>Pinceladas</i> foram sendo reproduzidos no jornal <i>O Almonda</i>. Joaquim Rodrigues Bicho reúne nesta obra temas da etnografia, património, religiosidade popular entre várias curiosidades sobre Torres Novas. Esta obra está bastante documentada em termos iconográficos: cerca de oitenta fotografias ilustram vários aspectos da “vila” até à primeira metade do século XX.</p>	Torres Novas, etnografia, religiosidade popular, património, fotografias, castelo, cruzeiros, avenida marginal, Carlos Reis, igreja de Santa Maria, pontes, fontes, lavadeiras, mercado, feiras, ceifas, figo, matança do porco, cânhamo, amolador, bolinhos, linho, moinhos, termos regionais, serra, Senhor Jesus, culto mariano, S. Sebastião, Procissão dos Passos, Festa do Vale, ex-votos, nichos, cantigas de Natal, Fátima, rainha Santa Isabel, torrejanos de vulto, Salão do Salvador, comboio
47	Toponímia da	Joaquim	2000			238	21x30	Capa mole com	10	1.ª	No roteiro toponímico de Torres Novas, Roteiro,	

	cidade de Torres Novas	Rodrigues Bicho							badanas				pode o leitor encontrar notas sobre a localização de cada arruamento (bairro, confrontações) e a data da reunião de câmara em que o topónimo foi deliberado. Para cada topónimo dá-se a conhecer o seu historial, eventuais topónimos anteriores e as biografias das personalidades que lhes dão nome, quando for caso disso. Nalguns são ainda mencionados factos relevantes da memória de cada rua, largo, avenida, etc.	Torres Novas, ruas, avenidas, largos, travessas, bairros, mapas, topónimos, história, biografia, personalidade
48	Torres Novas – Memórias da História – Roteiro	João Carlos Lopes, Luísa Martins e Margarida Teodora	2000	Fotografia: José A. Borralho	54	17x25	Capa mole; cosido a arame	2,5	1.ª	À passagem do 810.º aniversário da fundação do concelho, a Câmara Municipal de Torres Novas edita este roteiro. Percorrendo os caminhos mais antigos, os edifícios e zonas de maior interesse histórico, o roteiro de Torres Novas vai-nos dando a conhecer, através de pequenos textos, a história de cada edifício, igreja ou rua. Os textos constantes neste roteiro encontram-se sintetizados em pequenas placas nos locais a que se referem.	Roteiro, zona histórica, edifícios históricos, Torres Novas, igrejas, ruas			
49	Confrarias medievais da região de Torres Novas – os bens e os compromissos		2001	Transcrição paleográfica: Leonor Damas Lopes Introdução: Margarida Teodora Trindade	564	15x21	Capa mole com badanas	7,5	1.ª	<i>Confrarias medievais da região de Torres Novas</i> trata-se da transcrição do Tombo das Capelas de Torres Novas, de 1502. Este documento faz parte do conjunto de fontes mais importantes para a historiografia de Torres Novas. O Tombo das Capelas regista os compromissos e bens das confrarias medievais do antigo termo torrejano, o património da gafaria, do próprio concelho e de capelas particulares. Deste modo, este legado proporciona fontes de informação que contribuem para uma reconstituição da vila quinhentista quanto à definição do espaço urbano, confrontações territoriais, toponímia, antroponímia, profissões, famílias, etc.	Confrarias, Idade Média, compromissos, Torres Novas, Igreja, toponímia, antroponímia, História, século XVI			
50	Lapas, memórias e	Bertino Coelho	2001		214	14x20,5	Capa mole com badanas	5	1.ª	Bertino Coelho Martins conduz-nos pela freguesia de Lapas: pelos seus lugares,	Lapas, tradição,			





54	A Igreja da Misericórdia de Torres Novas – um estudo monográfico (1572-1700)	Paulo Renato Ermitão Gregório	2003					182	19x27	Capa mole com badanas	15	1. <sup>a</sup>	com o intuito maior de preservar na memória dos torrejanos a sua história e costumes. Nesta obra, Joaquim Bicho dá a conhecer o património artístico do concelho, sem qualquer pretensão de avaliação artística, mas com a finalidade de despertar interesse sobre estas questões.	azulejaria, Torres Novas
				Temas Torrejanos									Esta monografia de Paulo Renato Gregório resulta da sua dissertação de Mestrado em História da Arte, aduzida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em Dezembro de 2002. Paulo Renato aborda o papel da Misericórdia no seio da vida torrejana e propõe-nos uma análise arquitectónica e um percurso pela primeira decoração (1639-45), pela grande campanha decorativa de 1668 a 1701 e as modificações posteriores. Os apensos documental e fotográfico valorizam esta obra: trata-se de cerca de 52 páginas de documentação proveniente do Livro das Visitações e dos Livros de Despesa e Receita da Misericórdia, bem como fotografias e plantas da igreja. No final, o autor apresenta-nos, ainda, um cronograma, a bibliografia e fontes consultadas.	Misericórdia, História, Torres Novas, arquitectura
55	Cingeleiros, boieiros e camponeses de Riachos	Joaquim Santana	2003					190	14,5x20,5	Capa mole com badanas	10	1. <sup>a</sup>	Joaquim Santana deixa-nos o seu testemunho de uma faceta da realidade etnográfica riachense. Os pormenores da vida do Boieiro, do Valador, da Eira e referências concretas, incluindo diálogos da vida real e um glossário de termos actualmente em desuso, revelam os aspectos da vida rural, as raízes mais profundas das gentes de Riachos.	Etnografia, boieiro, Riachos, século XX, camponeses
56	Salão do Salvador – meio século de actividade cultural em	Joaquim Rodrigues Bicho	2003					144	17x29,5	Capa mole com badanas	15	1. <sup>a</sup>	O salão do Salvador foi um local de convívio social onde as relações interpersonais ultrapassaram a mera convivência. Assim, o salão constituiu-se como foco irradiador de humanismo e	Espaço cultural, convívio, lazer, século XX, Salvador

Torres Novas	Soudos – memórias do passado, depoimentos do presente	Vitor Manuel Lucas Rosa	2003						206	15x21	Capa mole com badanas	8	1.ª	<p>Entre 1933 e os finais dos anos 80, altura em que se verificava um crescente desinteresse pelo salão, este espaço foi pólo de actividade teatral, desportiva e, sobretudo, socio-religiosa. O salão ruiu no ano de 2001, todavia, a sua memória conservar-se-á através desta obra de Joaquim Bicho, onde se faz o percurso de vida deste espaço e se dá a conhecer os obreiros deste movimento. Em anexo são publicados alguns cartazes e programas das actividades do salão do Salvador.</p> <p>Vitor Lucas Rosa apresenta uma recolha do património, das tradições, da gastronomia e de muitos outros temas que conferem identidade própria a Soudos. Esta obra percorre temas tão diversos desde as origens históricas da terra, a vida religiosa, a toponímia, os equipamentos sociais, a fauna e a flora, a cultura e o desporto, contribuindo, assim, de forma significativa, para o conhecimento desta aldeia do concelho de Torres Novas. No final da obra um apêndice fotográfico recorda velhos tempos, conservando na memória gentes e momentos relevantes para a terra.</p>	Património, tradições, etnografia, fotografia, Soudos
57	Soudos – memórias do passado, depoimentos do presente	Vitor Manuel Lucas Rosa	2003						206	15x21	Capa mole com badanas	8	1.ª	<p>Bênção do gado, imagens da festa de Riachos é uma compilação de fotografias e cartazes desta festa desde os inícios do século XX.</p> <p>A festa da bênção do gado tornou-se o emblema da comunidade riachense. A festa de devoção a S. Silvestre, sobretudo a componente de maior expressividade que era o cortejo da bênção do gado, apresenta-se como instrumento crucial para devolver a Riachos o tipicismo de aldeia de boieiros. O desfile do ano 2000 constituiu a consagração da figura do cingeleiro como símbolo de Riachos agrícola e ribatejano, e a recuperação da</p>	Fotografia, Riachos, religião, etnografia
58	Bênção do gado, imagens da festa de Riachos	Associação Cultural Bênção do Gado	2004						150	27x23	Capa mole	10	1.ª	<p>Bênção do gado, imagens da festa de Riachos é uma compilação de fotografias e cartazes desta festa desde os inícios do século XX.</p> <p>A festa da bênção do gado tornou-se o emblema da comunidade riachense. A festa de devoção a S. Silvestre, sobretudo a componente de maior expressividade que era o cortejo da bênção do gado, apresenta-se como instrumento crucial para devolver a Riachos o tipicismo de aldeia de boieiros. O desfile do ano 2000 constituiu a consagração da figura do cingeleiro como símbolo de Riachos agrícola e ribatejano, e a recuperação da</p>	Fotografia, Riachos, religião, etnografia

										lenda do Senhor Jesus dos Lavradores, através da criação do carro alegórico de abertura do cortejo.		
59	Esquecidos da morte – forçados de Riachos	António José de Amaral de Oliveira	2004			112	15x21	capa mole com badanas	5	1. <sup>a</sup>	Movido pela vontade de compilar tudo o que havia reunido da história dos grupos de forçados que foram sendo criados na vila de Riachos, António José de Oliveira fez este pequeno livro de memórias das suas vivências enquanto forçado.	Forçados, Riachos
60	Fotografias antigas de Lapas. Retratos da aldeia	Câmara Municipal de Torres Novas	2004		Temas Torrejados	114	24x22	Capa mole com badanas	10	1. <sup>a</sup>	Na concepção desta obra esteve a ideia de perpetuar a memória de um passado colectivo através da fotografia. As vivências do trabalho e de vida, fortemente marcadas pelo Rio Almonda, e alguns rostos do passado, captados pela objectiva, constituem-se como parte integrante do património cultural da freguesia de Lapas, resgatado por esta edição. Foi com a colaboração de algumas pessoas e instituições, em especial o Museu Agrícola de Riachos, que se reuniu este espólio fotográfico que hoje nos proporciona avivar os modos de vida de outros tempos. Fotografias antigas de Lapas, focando a identidade própria da freguesia, desde o final do século XIX às primeiras décadas do século XX, abrem caminhos para uma percepção mais ampla do património paisagístico e cultural de Torres Novas.	Lapas, fotografia, etnografia, final do século XIX, século XX, costumes, tradição
61	Sociedade Velha Filarmónica Riachense, 120 anos	Sociedade Velha Filarmónica Riachense	2004			78	25x23	Capa mole com badanas	10	1. <sup>a</sup>	Após um processo de recolha e selecção de fotografias e informações, a Sociedade Velha Filarmónica compôs este livro que assinala os 120 anos de existência desta colectividade. Revelando as vivências, contributos e personalidades, as fotografias deste álbum revestem-se da memória de convívios e actuações desde os primeiros tempos de existência da banda até aos dias de hoje.	Bandas filarmónicas, fotografia, Riachos, final do século XIX, século XX
62	Torres Novas, mudanças do século	Câmara Municipal de Torres Novas	2004			136	23x25	Capa mole com badanas	10	1. <sup>a</sup>	A partir de uma selecção de fotografias de Torres Novas, datadas do final do século XIX e princípios do século XX,	Fotografia, Torres Novas, final do século

63	Árgea, história e património	Maria Helena Maia, Maria Manuela Poitout, Luís Baptista	2005					382	17x24	Capa mole	10	1. <sup>a</sup>	consideradas significativas no que respeita à imagem da “vila”, contrapós-se, directamente, fotografias actuais captadas dos mesmo ângulos. Não se trata de um registo completo das mutações ocorridas durante um século. Trata-se de acompanhar alguns aspectos da transformação arquitectónica e paisagística, de pequena vila até à ascensão a cidade, nos últimos quinze anos do século XX. Três autores, Maria Helena Maia, Manuela Poitout e Luís Baptista, juntaram-se e uniram esforços para construir esta monografia dedicada a Árgea, reunindo os diversos aspectos da sua história, numa sequência organizada e desenvolvida. As gentes, a história, o património, as tradições religiosas e populares e as tradições orais desta aldeia são os temas centrais desta obra a que os seus autores se dedicaram, com o auxílio da população argense, pelo simples gosto à terra.	Árgea, história, património, etnografia, religiosidade popular, festas, tradição	XIX, princípios do século XX, arquitectura, paisagem
64	Cerâmicas modernas do Palácio Mogo de Melo de Torres Novas	Carlos Carreira	2005					112	20x28	Capa mole	5	1. <sup>a</sup>	O material exumado no decorrer das obras de restauro do Palácio Mogo de Melo (edifício setecentista) assume-se como testemunho privilegiado para a compreensão deste espaço antes da construção do palácio. Além do significado que estas cerâmicas encerram em si no âmbito da História da Arte Portuguesa, o estudo pode ir muito mais além face à raridade destas e à importância de que se reveste este produto na história socioeconómica nacional e europeia. Os objectivos de Carlos Carreira vão para além da contextualização cronológica do arqueológico em questão, procurando através da investigação material contribuir para o conhecimento da História Moderna de Torres Novas	Arqueologia, Palácio Mogo de Melo, cerâmicas, cerâmica vermelha, faiança portuguesa, porcelana chinesa, século XVIII, História Moderna, História da Arte	

65	Torres Novas industrial: 1784-1999	Filipa Oliveira	2005		Estudos e documentos/ N.º 2	132	20x28	Capa mole	5	1.ª	O trabalho de Filipa Oliveira é o resultado de um estudo que tem como objectivo interpretar as alterações registadas ao nível da instalação da indústria transformadora em Torres Novas. Trata-se de uma análise da relação entre a evolução da localização industrial e o desenvolvimento da estrutura espacial da urbe, entre 1784 e 1999	
66	Colectânea de Textos de Autores Torrejanos (séculos XV-XX)	Joaquim Rodrigues Bicho	2006			528	16x23	Capa mole	15	1.ª	<p>A <i>Colectânea de Textos de Autores Torrejanos</i> é fruto de um exaustivo trabalho de recolha e compilação de Joaquim Rodrigues Bicho. Nesta obra, o autor reúne matéria de índole literária, biográfica, histórica e cultural, partindo de escritores/autores torrejanos e das suas obras publicadas. Os autores aqui coligidos viveram, e escreveram, entre os séculos XV e XX e têm em comum, apenas, o facto de terem nascido em Torres Novas.</p> <p>Torrejanos, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, personalidade s, Frei João Álvares, António Prestes, Jerónimo Ribeiro Soares, Simão Machado, Manuel de Figueiredo, Frei Gaspar dos Reis, António Gomes de Oliveira, Frei Manuel da Assunção, Frei Lourenço Craveiro, António Pimenta, Francisco Pimenta, Francisco de Arez e</p>	



											Martins, Maria Lúcia Namorado, João Mendes, Diamantino Martins, Maria Elisa Nery de Oliveira, Chora Barroso, António André de Morais, António Galvão Furtado, Brites de Sousa e Melo, Clemente Lopes, Sôror Francisca da Coluna, Gaspar Pires de Figueiredo, Jacinto da Silva de Oliveira, Rosendo Matias de Sá
67	Humberto Delgado, um exemplo que o crime não apaga	Duarte da Piedade	2006			56	15,5x21	Capa mole	5	1.ª	Narrativa ficcionada dos últimos dias da vida do General Humberto Delgado.
68	Torres Novas, memória e costumes	Joaquim Rodrigues Bicho	2006			272	25 x 22	Capa mole com badanas	20	1.ª	O quotidiano da vila dos anos 30 e 40 do século XX. Os bairros, o comércio, os jogos de infância, os casamentos e festas retratados pela memória de Joaquim





																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																															</
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	----

72	Traslado autêntico da medição, demarcação e tombo da Alcaldaria-mor da Vila de Torres Novas e suas pertenças [1790-1793]							2008	Transcrição, introdução, índices e notas: Margarida Moleiro	Estudos e Documentos/N.º4	136	28 x 20	Capa mole	4	1.ª	documentos, pelo que se encontra descrita, em termos arquivísticos, como “Miscelânea”. (...) Na organização desta síntese, optou-se essencialmente por seguir três tópicos: o autor; os documentos que compõem as Memórias; e, finalmente, enquadramento das Memórias para a história da Vila de Torres Novas numa dinâmica de circulação de informações, que, especialmente no campo literário, foram progressivamente (com maior expressão depois da década de 1740) revelando a adesão de Portugal ao pensamento iluminista, de que estes textos são, simultaneamente, manifestação e resultado.» In Memórias para a história da vila de Torres Novas [1745-46], pp. 9-10 «...A importância histórica do documento que temos em mãos não podia ser mantida para erudição de apenas alguns. “O Traslado autêntico da medição, demarcação e tombo da Alcaldaria-mor da Vila de Torres Novas e suas pertenças” é uma importante fonte para os investigadores da história, economia e sociedade do final de setecentos...» A publicação que se apresenta estrutura-se em duas partes: «A primeira parte trata das questões da forma e teor do documento, através de uma apresentação física do Tombo e dos assuntos nele contidos. Preocupamo-nos, também, nesta parte, em enquadrar a produção do diploma no contexto administrativo e jurídico da época – entre linhas de continuidade e ruptura – e tentámos, ainda, compreender até que ponto este documento fez parte das fontes estudadas para a construção de uma historiografia local. A segunda parte dedicamo-la à transcrição integral do documento, da terceira parte fazem parte um glossário	Castelo, alcaidaria, século XVIII, administração, história
----	--	--	--	--	--	--	--	------	---	---------------------------	-----	---------	-----------	---	-----	--	--

											das palavras mais difíceis ou raras que se encontram no documento e que pudessem não ter um significado imediato para o leitor, um índice geral das rubricas contidas no tombo e um índice onomástico. A elaboração dos índices nasceu da necessidade de ordenar nomes e assuntos, durante a fase de estudo do documento. Acreditamos, por isso, que os índices poderão ser instrumentos úteis para a pesquisa e conhecimento do Tombo» In Traslado autêntico da medição, demarcação e tombo da Alcaidaria-mor..., pp. 9-10	
73	Choral Phydellius – 50 anos	Ana Maria Marques	2008			240	28 x27	Capa mole	20	1.ª	Em <i>Choral Phydellius – 50 anos</i> relata-se a história da vida de uma associação cultural torrejana, a partir da memória de alguns dos seus actores, de informações recolhidas através de entrevistas e arquivos da própria colectividade. Os aspectos sociais, mas também artísticos da vida do coro dão forma à narrativa e permitem situar historicamente o percurso do Phydellius no contexto dos acontecimentos sociais e políticos do País nos últimos 50 anos.	Choral Phydellius, associativismo , música, anos 50, século XX, memória
74	Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos	Joaquim Santana	2008			192	23x16	Capa mole	5	1.ª	Em o <i>Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos. As minhas memórias – 1958-2008</i> , Joaquim Santana descreve as recordações de 50 anos dedicados ao trabalho no rancho de Riachos, os primeiros tempos, as recolhas de folclore, os espetáculos, as viagens, as amizades e as emoções vividas.	Folclore, rancho folclórico, Riachos, século XX
75	Torres Novas		2008	Fotografia: Carlos Garcia		96	32 x 23,5 (ao baixo)	Capa dura		1.ª	Album fotográfico da cidade de Torres Novas (novos equipamentos, traços do centro histórico)	Fotografia, Torres Novas, século XXI
76	Biblioteca Municipal de Torres Novas (1937-2008)		2008			62	22x24	Capa mole, agraafado		1.ª	História da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes das origens à mudança para as instalações no largo da Fontinha, no ano 2008. Contém uma biografia do fundador da Biblioteca, Gustavo Pinto Lopes, e de todos os directores da BMTN. Inclui ainda uma lista dos	Biblioteca Municipal, Gustavo Pinto Lopes, século XX/XXI

77	A história da Biblioteca em BD	Hélder Dias	2008			32	20x29 (ao baixo)	Capa mole	5	1. <sup>a</sup>	funcionários da biblioteca desde 1937. A história da BMTN e do seu fundador contada aos mais novos através das pranchas de BD de Hélder Dias.	Biblioteca Municipal, Gustavo Pinto Lopes, séculos XX/XXI
78	Para a história do movimento operário em Torres Novas	Francisco Canais Rocha	2009			224	16x23	Capa mole	10	1. <sup>a</sup>	Torres Novas, de vila agrícola a vila industrial, o processo de industrialização, o movimento social (o associativismo, as condições de trabalho do proletariado, as associações de classe), as primeiras greves, os movimentos operários da Primeira República, as manifestações, as prisões, as lutas dos trabalhadores e a festa do 1.º de Maio, é este o percurso da história do movimento operário na vila de Torres Novas, entre 1862-1926, descrito ao longo das 220 páginas de memórias e história: os tempos em que “fervilhavam diariamente centenas de operários da Casa Nery, dos Claras, do Victor Réquio ou da Fábrica de Tecidos.” <i>Para a história do movimento operário de Torres Novas</i> foi lançado publicamente no dia 1 de Maio de 2009, comemorando-se assim o Dia do Trabalhador.	
79	Aventura na Biblioteca	M. <sup>a</sup> Alexandra Sirgado Rodrigues	2009		Ilustrações: M. <sup>a</sup> Alexandra Sirgado Rodrigues	24	18,5x22	Capa dura	5	1. <sup>a</sup>	Narrativa ficcionada, ritmada e animada por ilustrações coloridas, sobre a Biblioteca: as vivências felizes dos leitores que por lá passam e daqueles que têm o privilégio de trabalhar num lugar tão especial. <i>A Aventura na Biblioteca</i> revela a magia de um local repleto de histórias, imagens e aventuras.	Biblioteca, infantil
80	Cardiga: de comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1536-1630)	Luís Batista	2009		Estudos e Documentos / N.º 6	232	28 x 20	Capa mole	5	1. <sup>a</sup>	A história da Cardiga desde a Reforma da Ordem de Cristo até ao tempo dos Filipes: caracterização geográfica, integrando-a no seu contexto regional; o contexto histórico nacional e regional; a Cardiga na história dos Templários em Portugal; a figura de Frei António de	Cardiga, Torres Novas, Golegã, Entroncament o, Barquinha, XVI, XVII, Templários,

81	As serras de Aire e Candeeiros – A paisagem da pedra	Fernando Pereira	2009					Estudos e Documentos / N.º 7	160	28 x 20	Capa mole	5	1.ª	Um estudo sobre as serras de Aire e Candeeiros: o clima, a geomorfologia, a fauna e a flora, a evolução da paisagem e os elementos de degradação desta.	Serra de Aire e Candeeiros, flora, geografia	Lisboa e a Reforma da Ordem de Cristo (1529); a Cardiga nos dois primeiros reinados da época filipina; a geografia senhorial e a estrutura patrimonial da Comenda/Quinta (partindo do Tombo de 1504); a população e seus comendadores (caracterização social, ligações à Casa Real e à Corte); a exploração económica e a administração patrimonial; a evolução do património edificado e móvel.	Ordem de Cristo
82	O Convento do Espírito Santo de Torres Novas	António Mário Lopes dos Santos	2009					Estudos e Documentos / N.º 8	160	28 x 20	Capa mole	5	1.ª	O Convento do Espírito Santo de Torres Novas (1536-1799) é fruto do trabalho de pesquisa do autor na Academia das Ciências de Lisboa, na Torre do Tombo, no Arquivo Histórico da Misericórdia de Torres Novas e no Arquivo Distrital de Santarém. Desta investigação foi recolhido um manancial documental bastante vasto e substancial para traçar a história do Convento do Espírito Santo de Torres Novas, das suas origens (século XVI) à data da extinção (final do século XVIII). Cartas de doações, processos, contratos de pagamento de dotes, inventários dos bens móveis e imóveis do convento, revelam-nos os nomes das freiras (e outros agentes), a sua naturalidade e os cargos, as receitas e as despesas do convento... Mas só através do cruzamento desta documentação com outras fontes, bibliografia específica e bibliografia de referência da história de Portugal e das	Convento do Espírito Santo, ordem Terceira de São Francisco, Torres Novas, Rua das Freiras, inquisição		



84	Foral de D. Manuel I – 1510 – Torres Novas	Transcrição: Maria Elvira Marques Teixeira	2010	Edição comemorativa dos 500 anos do foral manuelino de Torres Novas			114	20,5x30	Capa dura forrada a tecido	20	1.ª	<p>José Ribeiro Sineiro resgatou espólios particulares e documentação pública diversa e traz a lume os episódios marcantes da história da iluminação pública em Torres Novas.</p> <p>O foral novo de Torres Novas, datado de 1 de Maio de 1510, insere-se processo de reformas do sistema jurídico-administrativo de D. Manuel I (1495-1521) que visava a criação de novos instrumentos governativos uniformizadores. Os forais eram feitos em três cópias autênticas, sendo uma para a Câmara, outra para o senhorio da vila e uma outra para os arquivos da Torre do Tombo. O foral novo de Torres Novas que aqui se edita é a cópia autêntica da Câmara Municipal. É um documento decorado com iluminuras, com encadernação em couro e ferragens, características que o colocam na categoria principal dos forais emanados entre 1500 e 1520, referentes às várias províncias portuguesas. A antiguidade deste diploma e a sua importância na regulamentação da vida quotidiana da vila durante séculos conferem-lhe o estatuto de documento-monumento, símbolo da história de Torres Novas. Pelo seu valor patrimonial, o foral manuelino de Torres Novas faz parte do espólio do Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas).</p>	Foral, D. Manuel I, século XVI, 1510
85	Torres Novas no tempo de D. Manuel I	Textos: Margarida Moleiro Ilustração: Helder Dias	2010	Edição comemorativa dos 500 anos do foral manuelino de Torres Novas			48	20x29	Capa mole	5	1.ª	<p>O quotidiano da vila de Torres Novas, da Idade Média ao tempo de D. Manuel I, é contado aos mais novos através de apontamentos sobre a sociedade medieval, as cartas de foral, as Cortes, as feiras, a agricultura, os artesãos, a geografia e a paisagem torrejana (a importância do rio Almonda e a configuração da vila quinhentista). Neste livro, há tempo ainda para conhecer D.</p>	Foral manuelino, D. Manuel I, Torres Novas, infantil-juvenil

86	O Século da Praça	Margarida Moleiro	2010				120	25x21	Capa mole	10	1.ª	Manuel I e o seu reinado – os descobrimentos, as reformas e o estilo manuelino – e para descobrir a carta de foral concedida por este rei à vila de Torres Novas, a 1 de Maio de 1510. Um livro para ler e brincar com os pais, seguindo as dicas de passeios, jogos e visitas dadas pelos autores.  <i>O Século da Praça</i> percorre os acontecimentos mais marcantes decorridos entre 1909 e 2009 na praça que é hoje designada como sendo do 5 de Outubro: a inauguração, a implantação da república, as recepções às mais altas individualidades de Estado, as manifestações religiosas e políticas, as primeiras festas da cidade... Uma vasta selecção iconográfica, que compõe o capítulo «Imagens da Praça», ilustra e documenta a passagem do tempo e a Praça nas suas vertentes económica, política e social, do final do século XIX ao final da primeira década do século XXI. As imagens publicadas provêm, na sua maioria, da fototeca do Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas, sendo outras propriedade do Museu Municipal Carlos Reis, do Museu Agrícola de Riachos e, outras ainda, dos espólios pessoais de Joaquim Rodrigues Bicho e João Carlos Lopes.	Torres Novas, século XX, Praça 5 de Outubro
87	-----	Jorge Pinheiro	2010					12 x 17 (ao alto)	Capa mole	3	1.ª	Testemunhos e imagens de Torres Novas, dos tempos que ainda reconhecemos e que ligam as três ou quatro gerações que definem aquilo que nos é contemporâneo.	Torres Novas, século XX
88	Rancho Folclórico de Torres Novas. Memorial. 1958-2008	Ana Marques e Carlos Ribeiro	2010				264	16x23	Capa mole		1.ª	Album fotográfico e documental ilustrativo de meio século de vida da colectividade. Contém também excertos de entrevistas aos fundadores, registos das principais actuações do rancho, corpos sociais, listagens de membros, músicos e ensaiadores, entre outros aspectos de uma memória que une duas	Rancho Folclórico de Torres Novas, século XX



89	Torres Novas na Primeira República	António Mário Lopes dos Santos	1992 (1. <sup>a</sup> ed.); 2010 (2. <sup>a</sup> ed.)		Temas Torrejães	320	15x21	Capa mole	10	1. <sup>a</sup> ed. 1992; 2. <sup>a</sup> 2010 (as mesmas características técnicas)	Este livro reúne vários trabalhos publicados em <i>O Almonda</i> , entre 1982 e 1987, em série intitulada «Subsídios para a História da primeira República no Concelho de Torres Novas». <i>Torres Novas na Primeira República</i> faz uma abordagem global e globalizante de um capítulo específico da história local torrejã. Através da consulta da imprensa da época e do acervo documental produzido pela administração local, António Mário traça a história do quotidiano do concelho, integrando-a no contexto histórico da vida da nação durante este período conturbado.	História, Primeira República, Torres Novas, século XX, imprensa
----	------------------------------------	--------------------------------	--	--	-----------------	-----	-------	-----------	----	---	--	---

\* Já em 1981, o município de Torres Novas publicara uma brochura intitulada *Tributo(a) Arzur Gonçalves*, da autoria de *Faustino Bretes* [15x21/22pp.]

**NOTA:** Os conteúdos desta tabela foram criados por nós, no âmbito das nossas funções no Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial do Município de Torres Novas, e estão publicados no *site* do Município de Torres Novas, na página do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial referente ao catálogo das edições municipais. [<http://www.cm-torresnovas.pt/pt/contenudos/servicosmunicipais/Gepe/catalogoedicoes/>]

**Tabela 2**  
**Livros publicados por editores institucionais**  
**(1984-2010)**

Edição institucional em Torres Novas (recolha a partir dos títulos existentes na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes)									
Seriação	Título*	Autor*	Data*	Observações*	N.º págs.*	Formato (cm)*	Encadernação	Editor*	Sinopse/palavras-chave
1	Sociedade Velha Filarmónica Riachense: mais de 100 anos ao serviço da cultura	Manuel Carvalho	1984	Local de edição: Riachos, prefácio Carlos F. Cruz	139	21	Capa mole	[s.n.]*	Sociedade Velha Filarmónica Riachense
2	A freguesia de Assentis: memória breve	Faustino Bretes	1985		87	21	Capa mole	Junta da Freguesia	Assentis, memórias
3	Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Torrejanos – 1931-1985, 54 anos ao serviço da comunidade	Ana Maria L. D. Paiva	1986 [D.L.]	Apresentação de Amílcar Fialho, P.º	78		Capa mole	[s.n.]*	Bombeiros Voluntários Torrejanos
4	Escola prática de cavalaria: cem anos de fotografia 1890-1980	Escola Prática de Cavalaria	1990		123	30	Capa mole	Escola Prática de Cavalaria	Fotografia
5	Heróis que marcham para o inferno	Maria José Moleirinho Moura Ventura	1998	Obra colectiva no âmbito do programa Área Escola dos alunos do 8.º ano, turma F (94/95) e do 11.º ano, turma 1 C (97/98)	79	17	Capa mole	Escola Secundária Maria Lamas	Poesia, conto
6	Cantigas da minha terra. Riachos	Manuel Simões Carvalho	2000	Local de edição: Riachos	95	21	Capa mole	Bênção do Gado - Associação cultural	Riachos
7	Gente de cá	Luís Martins Lopes	2000	Apresentação de Carlos Torné; local de edição: Riachos	205	21	Capa mole	Bênção do gado – associação cultural	Riachos

8	Do Convento do Carmo ao Hospital da Misericórdia de Torres Novas: o manuscrito de Francisco Xavier Rodrigues 1868-1882	António Mário Lopes dos Santos	2003		263	21	Capa mole	Santa Casa da Misericórdia de Torres Novas	História, convento do Carmo
9	Memórias da escola: 50 anos da Escola Industrial de Torres Novas	José Tomé	2005		95	21x23	Capa mole	Escola Secundária Maria Lamas	Escola Secundária Maria Lamas, história, memória
10	O convento do Carmo: subsídios para a história do concelho de Torres Novas	António Mário Lopes dos Santos	2006	Prólogo de Joaquim Francisco de Sousa Clemente	221	21	Capa mole	Santa Casa da Misericórdia de Torres Novas	História
11	Freguesia do Salvador de Torres Novas	Vários	2008		119	25	Capa mole	Junta da Freguesia do Salvador	História, património, associações, etc.
12	Memórias 2005-2008: Escola Secundária Maria Lamas	Liliana Mineiro (org.)	2008		116	21x23	Capa mole	Escola Secundária Maria Lamas	História, memória, escola secundária Maria Lamas
13	Docura torrejana	Alunos do 12.º da Escola Secundária Artur Gonçalves	2009	Prefácio de António Rodrigues; nota de abertura de Natália Filipe	173	24	Capa mole	Escola Secundária de Artur Gonçalves	Receitas tradicionais
14	Centro de assistência paroquial de Pedrógão: percurso de uma instituição de solidariedade 1950-2010	Maria Isabel de Carvalho Geada	2010	Local de edição: Pedrógão	93	21	Capa mole	Centro de Assistência Paroquial de Pedrógão	Monografia

\*Dados recolhidos no catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (segundo as normas bibliográficas apresenta-se apenas a medida da altura do livro). | \*\*Deduzimos que se trata de uma edição da instituição em causa. | NOTA: Em 1969, publicou a Companhia Nacional Fiação e Tecidos um livrinho promocional da empresa. Entendemos que seria um produto de cariz mais publicitário, a divulgar no seio do meio empresarial, e por isso não tinha enquadramento no âmbito desta tabela da edição institucional em Torres Novas. Todavia, não podíamos ignorar a sua existência. *Vd. CNFT – Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: edição da CNFT, 1962.



### **APÊNDICE III**



**Tabela 1**

**Listagem dos livros editados, no concelho de  
Torres Novas – pequenas editoras e edição de autor**



Edição de autor e das pequenas editoras locais (Torres Novas) (recolha a partir do catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes)									
Seriação	Título	Autor	Data	Observações	N.º pág.	Formato (cm)	Encadernação	Editor	Sinopse/palavras-chave
1	Padre Francisco da Silva Geada	Maria da Conceição de Carvalho Geada	[s.d.]	[s.l.]	42	21*	Capa mole	[s.n.]	Pedrógão de Aire, biografia Padre Francisco da Silva Geada
2	A face do tempo	José Alberto Marques	[s.d.] século XX		94	22*	Capa mole	Edição do autor	Poesia
3	Branco, vermelho e ouro: o santo rosário contado às crianças	Agnés Richomme	1947		141	18*	Capa mole	Edição do autor	Religião
4	Riachos, terra do Ribatejo	António Chora Barroso	1954	Local de edição: Riachos	160	18*	Capa mole	Autor	Riachos, usos e costumes, história
5	Amoras silvestres: poesia	Faustino Bretes	1963		61	23*	Capa mole	Edição do autor	Poesia
6	Por exemplo homem	António Mário Lopes dos Santos	1966	Ilustração de Maria Antónia Santos	56	21*	Capa mole	Autor	Poesia ?
7	Apontamentos riachenses	António Chora Barroso	1966	Prefácio Mário Saraiva; pós-fácio José Marques	71	25*	Capa mole	Edição do autor	Riachos, usos e costumes
8	Sol de Outono	Faustino Bretes	1968		76	19*	Capa mole	Autor	Poesia
9	En volvimento	António Lúcio Vieira	1974		67	21*	Capa mole	Autor	Poesia
10	Identificação dum corpo	Hugo Santos	198?	[s.l.]	71	21*	Capa mole	Edição do autor	Poesia
11	À janela: crónicas humorísticas	José Maia dos Santos	1982	Seleção e anotações de Joaquim Rodrigues Bicho	279	21*	Capa mole	O Almonda	Crónicas
12	O trabalho rural e as manifestações	Joaquim Lopes	1983		81	30*	Capa mole	Joaquim Lopes	Etnografia de Riachos



22	Raízes de ditos populares	Noel de Cão Romão	1996		253	14,5x21	Capa mole	Edição do autor	Provérbios, máximas
23	Ao encontro dos homens	José Duarte da Piedade	1996			14,5x21	Capa mole	Edição de autor	Contos
24	A família portuguesa: como educar um filho	António Coelho Fanha	1997		126	15x20,5	Capa mole	Edição do autor	Educação (não referente a TN)
25	Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII: as memórias paroquiais	João Carlos Lopes	1998	1.ª edição A segunda edição é da responsabilidade e do Município de Torres Novas	295	20*	Capa mole	Autor (ed. Âmagô da Questão)	História
26	Memória cristã de Riachos: dos tempos antigos aos nossos dias	José Gonçalves	1999	Apresentação Manuel Pelino Domingues	239	15x20,5		Autor	Riachos, Igreja Católica
27	Lapas e algares da Serra de Santo António maciço calcário estremenho	Fernando Canais	1999		187	24*	Capa dura	Subterra	Geomorfologia, espeleologia, Torres Novas, arqueologia
28	A teu lado	José Duarte da Piedade	2000	Prefácio de António Mário Lopes dos Santos	112	13x20,5	Capa mole	Autor	Poesia
29	A pedra e o sítio dos Santos Mártires: história, tradição e lendas	António Joaquim Mendes Cerejo	2001		45	21*	Capa mole	Autor	Olaia, arqueologia, história, lendas
30	O riso de Sileno e outras crónicas	José Ricardo Costa	2001		208	14,5x21	Capa mole	Jornal Torrejano	Crónicas
31	Roteiro lírico do Almonda	Maria Zableta	2002 [D.L.]		114	20*	Capa mole	Edição do autor	Poesia
32	Alcorochel: momentos	Jorge Moita Fazenda	2003	Fotografia	206	28*	Capa dura	Autor	Fotografia, Alcorochel
33	Uma estrela no chão	José Duarte da Piedade	2003		120	14,5x20,5	Capa mole	Autor	Poesia
34	Pedaços de vidas	Bertino Coelho Martins	2003	Prefácio de Aurélio Lopes	126	24*	Capa mole	Autor	Conto

35	Memórias e sabores	Maria do Céu Freire Sousa Lobo (coord.)	2004		63	15x21	Capa mole; agrafado	[s.n.]	Receitas tradicionais
36	Clube Desportivo de Torres Novas: uma história de 80 anos	João Carlos Lopes	2005	Colaboração de Carlos Ribeiro	127	24x32	Capa mole	Edição do autor	Clube Desportivo de Torres Novas, história
37	Torres Novas: outras histórias à volta da bola	Carlos António Ribeiro	2005	Prefácio de João Carlos Lopes	111	17x23	Capa mole	Edição do autor	Clube Desportivo de Torres Novas, história, memória
38	As folhas da alma	Gracinda Gaspar	2007		64	14,5x20,5	Capa mole	Ponte Editora	Poesia
39	Clube Desportivo de Torres Novas, imagens e números do futebol juvenil, 1947-2007	Carlos António Ribeiro	2007	Colaboração de João Carlos Lopes	112	24x32	Capa mole	João Carlos Lopes	Clube Desportivo de Torres Novas, história
40	3 Poetas, 30 poemas	Maria Sarmento, António Lúcio Vieira, António Mário Lopes dos Santos	2007		64	15x21	Capa mole; agrafada	Edição de autor	Poesia
41	A igreja em Torres Novas no século XX	Joaquim Rodrigues Bicho	2008		446	17x23	Capa mole	Autor e família	História local, religião
42	Poetas torrejanos contemporâneos	António Mário Lopes dos Santos (selecção, prefácio e notas)	2008		277	24*	Capa mole	Ponte Editora	Compilação de poesia
43	Baleiros do Faial	João Carlos Lopes	2008	Fotografia de Abílio Dias e Luís Pavão	155	22x24	Capa mole	Edição do autor	Antropologia, Açores (não referente a TN)
44	Meu amor da América	João Carlos Lopes	2008		63	15x18	Capa mole	Edição do autor	Ensaio literário, história local
45	O neveiro dos dias:	Eduardo	2009		78	14,5x20,5	Capa mole	Ponte	Poesia

46	65 poemas Cem anos do futebol em Torres Novas: vol. 1, das origens à década de 50 do século XX	Bento João Carlos Lopes	2009		79	17x21	Capa mole	Editora Edição do autor	Clube Desportivo de Torres Novas, história
47	Quando os jacarandás da praça florirem em todo o seu esplendor	Ana M. <sup>a</sup> Marques, Jorge Maia, Carlos Tomé, Né Ladeiras, M. <sup>a</sup> Elvira Marques, Jorge Fazenda, Fernando Faria Pereira, José Ricardo, Margarida Moleiro, Margarida Trindade, Miguel Sentieiro, Luís Dias, Isabel Pires	2010		88	17*	Capa mole	Edição de João Carlos Lopes	Conto

\*Dados recolhidos no catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (segundo as normas bibliográficas apresenta-se apenas a medida da altura do livro). | NOTA: Ao longo desta nossa pesquisa verificámos que há autores torrijanos (ou que publicam sobre Torres Novas) que, por razões por nós desconhecidas, editam os seus trabalhos em concelhos limítrofes como Ourém e Alcanena (ex.: Francisco dos Santos Costa - *Rodrigo-Nicho, meu torrão natal na sua concelhia conjuntura*. Fátima: ed. autor, 1995; todas as obras de Maria Zabeleta (poetisa e cançonetista de Alcanena que escolheu Torres Novas como sua terra de residência, tendo ficado muito conhecida na terra, pelas suas cantigas e poemas, sobretudo nos anos 80/90)

## **APÊNDICE IV**



**Tabela 1**  
**Autores-editores/Autores municipais/colaboradores de jornais**



NOTA: Nesta tabela observamos quais os autores-editores que mais publicam em Torres Novas, seja através de edições próprias, do município ou dos jornais locais.

	<b>Autor</b>	<b>Nº de livros publicados EDIÇÃO AUTOR OU PEQ EDITORIA*</b>	<b>Nº de livros publicados EDIÇÃO MUNICIPAL</b>	<b>Tem artigos publicados na revista NOVA AUGUSTA?</b>	<b>Tem artigos publicados na imprensa torrejana?</b>
1	Agnés Richomme	1	0	0	Não
2	Ana Maria Marques	1	2	4	Não
3	António Chora Barroso	3	0	0	Sim
4	António Coelho Fanha	1	0	0	Não
5	António Joaquim Mendes Cerejo	1	0	0	Não
6	António Lúcio Vieira	2	1	0	Sim
7	<b>António Mário Lopes dos Santos</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>Sim</b>
8	Augusto Durão Alves	1	0	0	
9	Bertino Coelho Martins	1	2	1	Sim
10	Carlos António Ribeiro	2	1	10	Sim
11	Carlos Tomé	1	0	0	Sim
12	Eduardo Bento	1	0	5	Sim
13	Faustino Bretes	2	4	6	Sim
14	Fernando Canais	1	0	0	n/d
15	Fernando Faria Pereira	1	2	0	Sim
16	Fernando Rui da Clara Maria	1	0	0	Não
17	Gracinda Gaspar	1	0	0	Sim, poemas
18	Hugo Santos	1	1	0	Sim
19	Isabel Pires	1	0	0	Não
20	<b>João Carlos Lopes</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>Sim</b>
21	Joaquim Lopes Santana	1	2	2	Sim
22	<b>Joaquim Rodrigues Bicho</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>23</b>	<b>Sim</b>
23	Jorge Maia	1	0	0	Sim
24	Jorge Moita Fazenda	1	0	0	Sim
25	José Brites	1	0	1	Sim
26	<b>José Duarte da Piedade</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	Sim
27	José Gonçalves	1	0	1	Sim
28	José Maia dos Santos	1	0	0	Sim
29	José Manuel Bento Sampaio	1	0	0	Não
30	José Ricardo Costa	2	0	0	Sim
31	José Alberto Marques	1		2	Não
32	Luís Filipe Dias	1	0	0	Não
33	M. <sup>a</sup> Elvira Marques	1	1	3	Não
34	Manuel Carvalho Simões	1	1	0	Sim
35	Manuel Simões Pinho	1	0	1	Sim
36	Margarida Moleiro	1	3	5	Sim
37	Margarida Trindade	1	2	3	Não
38	Maria da Conceição de Carvalho Geadá	1	0	0	Não
39	Maria do Céu Freire Sousa Lobo	1	0	0	Não
40	Maria Sarmento	1	0	0	Não
41	Maria Zableta	1	1??	1	Sim
42	Messias Martinho de Oliveira	1	0	0	Sim
43	Miguel Sentieiro	1	0	0	Sim
44	Né Ladeiras	1	0	0	Sim
45	Noel de Ção Romão	1	0	0	Não

\*Fonte: catálogo da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes

NOTA: Grafámos a **bold** os nomes dos autores que mais publicaram em Torres Novas

**Tabela 2**  
**Notas biográficas dos autores torrejanos e daqueles que mais**  
**contribuíram para a edição de livros em Torres Novas**

**Nota explicativa:** nesta tabela figuram notas biográficas acerca de autores torrejanos e autores que não sendo naturais de Torres Novas têm obra publicada no concelho. Poderíamos incluir muitos mais nomes, todavia limitámo-nos aos autores do século XX. Sobre este assunto, veja-se as obras *Colecção de textos de autores torrejanos (séculos XV-XX)* [de Joaquim Rodrigues Bicho, edição Município de Torres Novas, 2006] e *Poetas torrejanos contemporâneos* [de António M. L. dos Santos, Ponte Editora, 2009]. É curioso observar que os autores torrejanos mais reputados e conhecidos, a nível nacional, raramente são publicados por editores locais, nem sequer pelo município.

AUTOR	NOTA BIOGRÁFICA
Ana Maria Marques	Licenciada em Antropologia Social pelo Instituto de Ciências do Trabalho e a Empresa (ISCTE) e mestre em Antropologia - Poder e diferenciação: processos contemporâneos, Ana Marques (n. 1964) é técnica superior dos quadros da Câmara Municipal de Torres Novas e exerce, actualmente, funções no Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial. Tem publicado trabalhos na revista <i>Nova Augusta</i> dedicados sobretudo à história das associações recreativas e culturais de Torres Novas, tema sobre o qual têm incidido os seus estudos.
António Borga	Natural de Lapas, nascido a 29 de Março de 1905, António Borga foi militar da marinha e activista político contra o regime salazarista, o que lhe valeu a prisão em Caxias em 1941. Revela-se como contista no início dos anos 60, tendo publicado os seus trabalhos ao longo desta década. Em Torres Novas, foi o fundador do semanário <i>A Renascença</i> e colaborou em diversos jornais de Lisboa, Porto e em periódicos de cariz regional.
António Chora Barroso	Nasceu em 10 de Abril de 1916 em Riachos (Torres Novas). Era professor, colaborou em várias revistas de educação e dirigiu a escola Manuel da Maia, em Lisboa. Foi um riachense que pugnou sempre pelas coisas da sua terra, tendo participado e fomentado diversas iniciativas em Riachos. Escreveu sobre Riachos e as suas gentes, tendo colaborado também nos periódicos locais. Das suas obras publicadas, destaca-se <i>Riachos, terra do Ribatejo</i> (1954), <i>Apontamentos riachenses</i> (1966) e <i>Riachos. História, costumes, biografias</i> . (1989) Morreu em Lisboa, a 18 de Junho de 1978.
António Lúcio Vieira	Nasceu em Alcanena, a 24 de Janeiro de 1942. Fez os estudos secundários em Torres Novas, onde reside desde então. Frequentou o curso de Relações Públicas, tendo sido durante vários anos o responsável pelo departamento de Comunicação e Relações Públicas do Centro de Estudos Psicotécnicos (Lisboa). Em Torres Novas, destacou-se pelo seu envolvimento na vida associativa local: na direcção do Cineclub e como fundador de vários grupos de teatro. Foi chefe da redacção do jornal <i>O Almonda</i> e director de vários programas de rádio em estações regionais. É autor de canções, peças de teatro e poesia.
António Mário Lopes dos Santos	Nasceu em Torres Novas, em 1942, oriundo de uma família ligada às artes e à política. O seu percurso profissional reflecte as suas origens, revelando as suas qualidades enquanto literato e cidadão politicamente activo: foi director da Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes (1974/75), membro do Conselho Municipal (1978) e da Assembleia Municipal (1980/82); foi, também, membro das comissões autárquicas de História, Ensino, Toponímia e da Geminação com o Município de Ribeira Grande. Fez parte dos órgãos directivos de algumas associações torrejanas, nomeadamente como presidente do Cine-Clube de Torres Novas (1968), como presidente da assembleia-geral da Associação de Defesa do Património Local, presidente da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Torrejanos (199/2001) e membro da direcção da AGIR (2000-2004). Foi sócio-fundador da cooperativa do <i>Jornal Torrejano</i> e há anos que já nos habituámos a vê-lo como cronista dos semanários locais, quer no <i>Jornal Torrejano</i> (há uns anos), quer n' <i>O Almonda</i> e n' <i>O Riachense</i> . Como <b>autor</b> tem trazido a público alguns trabalhos de poesia, mas são as monografias e os artigos de História Local que compõem o grosso da sua obra publicada. Este município publicou já alguns dos seus trabalhos de grande valia para o estudo da história de Torres Novas. Falamos de títulos como <i>O Município de Torres Novas entre a vitória do Liberalismo e a Regeneração</i> e <i>Torres Novas nos finais do século XIX</i> . Tem-se dedicado, também, à pesquisa e recollecção de fontes para a história dos conventos de Torres Novas, tendo já publicado o seu trabalho sobre o Convento do Carmo, em 2006, e uma colectânea de fontes para a história do Convento de Espírito Santo de Torres Novas, na colecção <i>Estudos e Documentos</i> , edição do Município de Torres Novas.
Artur Gonçalves	Natural de Soure (n. 2 de Dezembro de 1868), Artur Gonçalves foi funcionário da câmara de Torres Novas e durante a sua permanência na vila interessou-se de tal forma pela sua história que se dedicou a um notável trabalho de investigação sobre todos os aspectos da história da vila: toponímia, património, genealogia das famílias torrejanas, biografias, arqueologia, etc... A sua obra foi publicada pela Câmara Municipal de Torres Novas, durante a década de 30 do século XX.
Augusto Durão Alves	Nomeado pela Câmara conservador da Biblioteca e Museu Municipais em 23 de Maio de 1944, o Padre Augusto Durão Alves manteve estas funções até à sua morte, em 27 de Março de 1957. Nasceu em Mendiga, concelho de Porto de Mós, a 23 de Abril de 1891. Veio para Torres Novas em 1932, nomeado pároco das freguesias de S. Pedro e Salvador, até que a

	doença o obrigou a abandonar as tarefas paroquiais, sendo nomeado Vigário da Vara e Administrador da Tipografia Gráfica Almondina em 1943. Foi igualmente capelão e professor de filosofia do Colégio de Santa Maria. Será após a morte, em 23 de Abril de 1944, de Gustavo de Bívar Pinto Lopes, que o Padre Durão Alves é convidado para o substituir, por proposta de Carlos de Azevedo Mendes, então Presidente da Câmara Municipal. É ainda nessa altura que a biblioteca toma a designação de Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. Nestas funções destaca-se o seu esforço de catalogação. Será ainda editor e administrador de <i>O Almonda</i> (1956). Escreveu várias obras de carácter didáctico e apostólico, como é o caso da monografia <i>Torres Novas, ontem e hoje</i> (1942), para além de manter uma colaboração regular em <i>O Almonda</i> .
Bertino Coelho Martins	Nasceu em Lapas (Torres Novas) em 1927. Foi operário, músico e trabalhou durante muitos anos na biblioteca municipal de Santarém. Colaborador assíduo da imprensa regional, nomeadamente do jornal <i>O Almonda</i> , esteve ligado ao folclore e foi um observador muito atento da etnografia local. Da sua obra destacamos <i>Lapas: história e tradições</i> (1991), <i>Músicas e danças tradicionais do Ribatejo</i> (1997), <i>Coisas da nossa gente</i> (2000), entre outras.
Cândido de Azevedo Mendes	Nasceu em Soudos, a 17 de Janeiro de 1874. Fez os seus estudos na Companhia de Jesus, tendo-se formado em Teologia na Universidade Gregoriana de Roma (1906). Foi director da revista <i>Brotéria</i> e missionário na Baía, no Brasil. Distinguiu-se como investigador na área da lepidopterologia, tendo deixado vasta obra publicada sobre a sua área de estudo. Pela importância dos seus estudos, o seu nome foi dado a duas espécies de lepidópteros. Foi fundador da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Morreu em 16 de Dezembro de 1943, no Brasil.
Carlos António Ribeiro	Nasceu em Torres Novas, em 1937. Foi funcionário da EDP, mas notabilizou-se pela sua participação em diversas associações torrejanas. Foi um dos fundadores do Rancho Folclórico de Torres Novas em 1958, tendo sido bailador durante muitos anos. Interessou-se pela etnografia e pelas tradições populares do concelho, tendo publicado inúmeros artigos nos jornais locais sobre estes assuntos. Além do folclore, a sua paixão é o futebol. Carlos Ribeiro foi fundador do Tufeiras Futebol Clube, em 1957, tendo sido, também, jogador do Torres Novas Futebol Clube.
Carlos Nuno Ferreira	Médico, natural de Lisboa, residente em Torres Novas por razões familiares, Carlos Nuno é conhecido pelos textos que publicava assiduamente no jornal <i>O Almonda</i> , sendo também habitual colaborador dos periódicos <i>O Riachense</i> e <i>Jornal Torrejano</i> .
Diamantino Martins	Nascido em Zibreira, Torres Novas, a 26 de Julho de 1910, foi o fundador da Revista Portuguesa de Filosofia, tendo colaborado em muitas outras das áreas da teologia, da psicologia e da filosofia, nacionais e estrangeiras. Faleceu em 1979, em Braga. A sua obra nunca foi publicada em Torres Novas.
Eduardo Bento	Eduardo de Jesus Bento nasceu em Abrantes em 1944. Licenciou-se pela Universidade de Coimbra em Filosofia. Cumpriu o serviço militar em Torres Novas, onde reside desde 1968. Foi professor em várias escolas da vila/cidade e tem vários textos publicados na imprensa local. É autor de peças de teatro e de poesia.
Faustino Bretes	Nasceu em Torres Novas a 11 de Outubro de 1902. Frequentou a escola, mas por falta de recursos económicos não pôde prosseguir estudos, tendo ingressado no mundo do trabalho com apenas 13 anos. Distinguiu-se pela sua veia anarco-sindicalista, tendo sido o fundador da União dos Trabalhadores de Torres Novas e do Sindicato Metalúrgico e do da construção civil. Faustino Bretes foi correspondente do jornal <i>A Batalha</i> e de tantos outros periódicos como <i>A Comuna do Povo</i> , <i>Aurora</i> , <i>Tiempos Nuevos</i> (França), <i>O Rebate</i> e <i>A Liberdade</i> . Foi fundador de dois jornais em Torres Novas: <i>O Resgate</i> , em 1925, e, em 1928, a <i>Alma Torrejana</i> . Faustino Bretes era um autodidacta apaixonado também pelos assuntos da história e da cultura torrejanas. Faleceu em 6 de Outubro de 1986.
Fernando Faria Pereira	Nasceu em 1962, Lisboa, mas esteve sempre ligado a Torres Novas por laços familiares. Arquitecto paisagista do Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, tendo já exercido funções na Reserva Natural do Paul do Boquilobo e na Mata Nacional dos Sete Montes. Foi durante anos colaborador assíduo do jornal <i>O Almonda</i> e do <i>Jornal Torrejano</i> , com crónicas dedicadas à natureza. As edições publicadas pelo município de Torres Novas são reflexo do seu amor à terra, à ruralidade e à natureza, primeiro como contista e, depois, num trabalho de cariz mais académico.
Francisco Canais Rocha	Francisco Canais Rocha nasceu em Torres Novas em 1930, onde exerceu as profissões de marceneiro e carpinteiro de moldes. Foi, desde cedo, membro activo das lutas dos trabalhadores e nas campanhas contra a ditadura fascista. Em 1948 aderiu ao MUD juvenil, tendo sido preso pela primeira vez pela PIDE em 1952. Em 1954, já membro do Partido Comunista Português, foi responsável pela sua reorganização em Torres Novas. Foi dirigente da luta sindical e fundador do Sindicato dos Metalúrgicos e das Comissões Concelhia de Torres Novas e Distrital de Santarém, tendo sido eleito, em 1974, coordenador-geral da Intersindical. Em 1961, na clandestinidade, fez parte da delegação dos trabalhadores portugueses ao V Congresso da Federação Sindical Mundial, em Moscovo. Licenciou-se em História (1981) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, instituição que lhe



	conferiu o grau de mestre em História Contemporânea (1990). Publicou várias obras dedicadas à história do movimento operário e sindical em Portugal, incluindo participações em trabalhos colectivos. Francisco Canais Rocha participou na vida associativa local, estando na génese de associações como o Cine-clube de Torres Novas e o Núcleo Campista Raiar da Aurora e, mais recentemente, já na década de 90, da ARPE – Associação de Reformados e Pensionistas de Torres Novas e outras associações.
Francisco Rodrigues	Nascido na Mata em 1873, Francisco Rodrigues, padre jesuíta, fez carreira como professor de línguas e literatura latina e grega. É o autor da <i>História da Companhia de Jesus na Assistência em Portugal</i> (editada em 1942) e de outras obras relacionadas com os jesuítas e a sua missão. Foi sócio fundador e académico de mérito da Academia Portuguesa de História. Faleceu em Braga, a 8 de Março de 1956.
Gustavo Pinto Lopes	O fundador da biblioteca e do museu municipais de Torres Novas (nos anos 30 do século XX), natural de Torres Novas (8 de Abril de 1864), deixou alguns trabalhos publicados, sobretudo na área da antropologia/etnografia das colónias portuguesas em África, aquando da sua permanência por essas terras ao serviço do Estado português. Em Torres Novas, publicou apenas a biografia de Carlos Reis, em parceria com Artur Gonçalves. Morreu em 1944, no dia 23 de Abril, na terra que o vira nascer. A biblioteca municipal de Torres Novas, em homenagem ao seu fundador, ostenta o nome de Gustavo Pinto Lopes.
Hugo Santos	Nasceu em Campo Maior, mas vive em Torres Novas há já muitos anos, onde constituiu família e leccionou nas escolas da cidade. Poeta, contista e romancista reconhecido a nível nacional, autor consagrado com vários prémios literários.
Humberto Delgado	Nasceu em Brogueira (Torres Novas), a 15 de Maio de 1906, e embora se tenha notabilizado pela sua audácia política frente ao regime de Salazar, Humberto Delgado foi também autor de peças (teatro) radiofónicas e históricas, dissertações de cariz militar e discursos políticos. Nenhum dos seus trabalhos foi publicado em Torres Novas. Humberto Delgado foi assassinado em Villa Nueva del Fresno em 1965.
João Carlos Lopes	Natural de Torres Novas (1959), foi nomeado por despacho do presidente da Câmara em Abril de 1990, exercendo já funções na área da cultura na Câmara Municipal de Torres Novas. Em 1996, por inerência do cargo do chefe de divisão, continua como responsável da biblioteca. No seu percurso profissional registou-se ainda que assumiu a direcção do departamento de Cultura entre 1999 e 2004. Durante a sua gestão, a biblioteca expandiu-se, tanto ao nível do seu espaço físico como a integração de novas valências, como a sala de audiovisuais (vídeos e DVD) e a fonoteca. Promoveu-se a informatização dos fundos bibliográficos e iniciou-se o processo de digitalização de obras de consulta restrita ou reservada. É autor de obras no âmbito da etnografia e história local, como <i>Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII, A Confraria dos Lavradores de Torres Novas, Amarelos – Apontamentos para a história do Clube Desportivo de Torres Novas, Clube Desportivo de Torres Novas – Uma História de Oitenta Anos e Alcorochel de Outros Tempos</i> . Enquanto director da <i>N.A.</i> retomou a publicação periódica desta revista de cultura em 1991, tendo impulsionado, também, a publicação regular de obras de interesse local em diversas áreas, desde a história à etnografia, ciências sociais, literatura, etc. João Carlos Lopes é o fundador do Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial (GEPE), assumindo até hoje a função de coordenador deste serviço.
João Rodrigues Mendes	Nasceu em Torres Novas em 5 de Abril de 1910. Este jesuíta licenciou-se em Filosofia e Teologia, sendo reconhecido pelo seu trabalho como professor, crítico e ensaísta. Foi redactor da <i>Brotéria</i> e director-fundador da <i>Verbo Enciclopédia</i> . Faleceu em Braga em 1972 (18 de Novembro). A sua obra nunca foi publicada por um editor de Torres Novas.
Joaquim Lopes Santana	Nasceu a 27 de Setembro de 1934, em Riachos. Frequentou e concluiu o ensino primário na escola primária de Riachos, na Raposa. Desde cedo trabalhou na lavoura, seguindo o exemplo de seus pais e irmãos. De 1964 a 2001 integrou o quadro de pessoal da Câmara Municipal de Torres Novas. Em 1957, juntamente com outros rapazes da sua idade, abraça o projecto de criação do Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos, ao qual se tem dedicado de corpo e alma. Ao longo da vida tem assumido vários cargos de direcção em entidades de cariz etnográfico e de salvaguarda do folclore, no Rancho Folclórico “Os Camponeses” e no Museu Agrícola de Riachos, na escola de folclore, na Associação de Defesa do Folclore da Região dos Templários e na Federação de Folclore Português. Ainda hoje continua ligado a estas entidades, trabalhando de forma activa e desinteressada para o seu desenvolvimento. Joaquim Santana é autor dos livros <i>A Gastronomia das gentes do campo em Riachos e Cingeleiros boeiros e camponeses de Riachos</i> . Já colaborou na revista <i>Nova Augusta</i> e nas edições dos congressos de folclore das regiões de Turismo do Ribatejo e dos Templários. Em o <i>Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos. As minhas memórias – 1958-2008</i> , Joaquim Santana descreve as recordações de 50 anos dedicados ao trabalho no rancho de Riachos, os primeiros tempos, as recolhas de folclore, os espectáculos, as viagens, as amizades e as emoções vividas.
Joaquim Rodrigues Bicho	Nasceu em Torres Novas a 7 de Abril de 1926 e à sua terra tem dedicado numerosos estudos e obras publicadas. Da etnografia ao património artístico, da toponímia à religiosidade popular, tem-se interessado por diversas áreas dos estudos locais. Tendo concluído os estudos secundários no Colégio Andrade Corvo, em Torres Novas, ingressou na Companhia

	Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, S. A., onde trabalhou 48 anos e desempenhou funções directivas. Do percurso não profissional destaca-se a colaboração no semanário “O Almonda”, que mantém desde 1964, e onde foi director durante alguns anos, tendo promovido a reedição de cinco volumes da história de Torres Novas, da autoria de Artur Gonçalves. A sua obra publicada é já vultuosa e nela revela a apetência pelos temas locais, a que a influência da leitura dos livros de Artur Gonçalves não será alheia. Com um estilo muito pessoal e uma escrita irrepreensível, Joaquim Rodrigues Bicho é, certamente, uma referência para todos aqueles que se interessam pelas coisas de Torres Novas. Os seus trabalhos são fruto de recolhas de informação feitas ao longo de anos de pesquisa, e constituem, claramente, o registo dos lugares e dos tempos, filtrado pelo olhar do seu autor. Muitas das suas obras foram editadas pelo Município de Torres Novas, como é o caso de <i>Património Artístico do Concelho de Torres Novas</i> (2. <sup>a</sup> edição revista e aumentada em 2002), <i>A Fábrica Grande</i> (1997), <i>Toponímia da Cidade de Torres Novas</i> (2000), <i>Colectânea de Textos de Autores Torrejanos, Séculos XV – XX</i> (2006) e <i>Torres Novas Memória e Costumes 1936-1950</i> (2006). Outras edições como <i>Templos do Concelho de Torres Novas</i> (ed. O Almonda, 1992) e <i>A Igreja em Torres Novas no século XX</i> . É colaborador assíduo da revista de cultura da Câmara Municipal de Torres Novas, <i>Nova Augusta</i> .
Jorge Maia	Nasceu em 8 de Setembro de 1956, em Meia Via. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Lisboa e foi professor da disciplina na Escola Secundária Maria Lamas, em Torres Novas. Foi durante vários anos cronista do <i>Jornal Torrejano</i> e activo escritor/poeta da blogosfera.
Jorge Pinheiro	Bancário de profissão e membro do Choral Phydellius, nasceu em Torres Novas em 1948. Viveu a infância e a juventude no coração de uma vila que hoje não existe. É desse tempo que falam as suas crónicas publicadas pelo Município de Torres Novas em 2010, seleccionadas a partir do conjunto de textos que tem vindo a publicar no semanário <i>O Almonda</i> , de Torres Novas.
José Brites	Nasceu em Alcorochel em 1945 (7 de Junho) e ingressou na Força Aérea, após os estudos secundários, em 1964, e, posteriormente, na TAP. Emigrou para os Estados Unidos da América onde fez estudos superiores em Educação Bilingue e Estudos Portugueses e Brasileiros. Em 1991, concluiu também os estudos em psicologia e educação, tornando-se conselheiro pedagógico do ensino secundário americano. Fundador da revista <i>Peregrinação</i> e da <i>Fundação Cultural dos Emigrantes</i> . Mantém ligações à sua terra natal e a sua obra está toda editada em português. É autor de poesia, romance, contos, tendo feito algumas incursões pelo estudo da etnografia e da história de Alcorochel.
José Duarte da Piedade	Nasceu a 28 de Fevereiro de 1924 na Brogueira, concelho de Torres Novas. Carpinteiro, como seu avô paterno, seu pai, seus tios e seus irmãos, cedo tomou o gosto pela leitura e algo de grande viria a tocá-lo: as palavras, com que se constroem os sonhos. E com os escritores da sua geração, do Movimento do Neo-realismo, aprendeu o sentido criador e progressivo da arte, designadamente da escrita, que havia de prendê-lo à retratação da vida do seu tempo, reflectido nos seus escritos. Obras do autor: <i>Ao encontro dos homens</i> (contos), 1996; <i>A teu lado</i> (poesia); <i>Uma estrela no chão</i> (poesia), 2003.
José Gonçalves	Natural de Riachos (n. 27 de Agosto de 1949), José Gonçalves tem-se dedicado ao estudo, como autodidacta, das “coisas” de Riachos, tendo sido colaborador de <i>O Almonda</i> e do jornal <i>O Riachense</i> , que dirigiu durante o ano 2006.
José Lopes dos Santos	Nascido em 1889 (19 de Abril) em Torres Novas, José Lopes dos Santos, comerciante, era conhecido pelos dotes poéticos, pela dedicação que emprestava ao associativismo local e pela veia republicana. Morreu, em Torres Novas, a 25 de Novembro de 1972. Ficam para a posteridade as suas crónicas e os seus poemas.
José Maia dos Santos, P. <sup>o</sup>	Nasceu em Torres Novas no dia 29 de Dezembro de 1884. Frequentou o seminário de Santarém e foi ordenado padre em 1909. Foi professor de música e regente de coros. Era um orador distinto e um jornalista muito apreciado do jornal <i>O Almonda</i> . Das suas crónicas ressalta a crítica mordaz aos costumes e uma certa ironia em relação aos assuntos que a autarquia teimava em não resolver. Faleceu a 24 de Novembro de 1957, na terra que o vira nascer.
José Ricardo Costa	Professor de filosofia é cronista habitual do <i>Jornal Torrejano</i> . Publicou algumas das suas crónicas em livro ( <i>O riso de Sileno</i> , edição Jornal Torrejano, 2001), e, em 2010, participou na obra colectiva <i>Quando os jacarandás da praça florirem em todo o seu esplendor</i> .
Judith Navarro	Judite Vitória da Silva nasceu em Torres Novas a 24 de Outubro de 1908. Escrevia folhetins para a Emissora Nacional e colaborou em diversas revistas nacionais e estrangeiras. Foi no romance que se distinguiu, tendo publicado 10 livros (poesia, teatro, infantil, romance) entre 1935 e 1964. A sua obra nunca foi publicada em Torres Novas. Judith Navarro morreu em 11 de Novembro de 1987.
Luís Batista	É licenciado em História e Mestre em História Regional e Local. Colabora com a revista “Nova Augusta” desde 2007. A sua colaboração com as publicações da Câmara Municipal de Torres Novas é um pouco anterior a essa data, uma vez que em 2005 participou, com Manuela Poitout e Maria Helena Maia, na elaboração do livro <i>Árgea. História e Património</i> . Em 2009 publicou, na colecção “Estudos e Documentos”, a sua tese de mestrado intitulada

	<i>Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529-1630).</i>
M. <sup>a</sup> Elisa Nery Oliveira	Nasceu em 1910 em Torres Novas (18 de Abril), é autora de vasta obra poética e infantil. Morreu em 27 de Fevereiro de 1997, sem ter publicado em Torres Novas.
M. <sup>a</sup> Elvira Marques	Natural de Vale de Figueira (Santarém), é licenciada em História e foi coordenadora do arquivo histórico. É, actualmente, a coordenadora do museu municipal de Torres Novas. Publicou dois trabalhos de transcrição de documentos antigos de grande importância para a historiografia do concelho de Torres Novas, editados pelo município torrejano. Participou na obra colectiva <i>Quando os jacarandás da praça florirem em todo o seu esplendor</i> (2010).
Manuel Inez Soares	À data da publicação do livro <i>Torres Novas – história, arte, turismo</i> , pelo município de Torres Novas, era repórter do jornal <i>O Século</i> , local onde iniciou a sua carreira como jornalista profissional em 1967. Já em 1952 havia participado como colaborador desportivo no jornal República. No jornal <i>O Século</i> desempenhava funções como redactor regional.
Manuel Mendes dos Santos	Nasceu em Pé de Cão (Olaia, Torres Novas) em 1876. Fez estudos no seminário de Santarém, tendo-se tornado bispo de Portalegre em 1915 e arcebispo de Évora em 1920. Distinguiu-se pelo seu dinamismo apostólico, tendo sido fundador do Instituto das Servas da Santa Igreja, da Gráfica Eborense e do semanário <i>A Defesa</i> . Morreu em Évora em 1955, tendo legado vasta obra literária dispersa.
Manuel Simões Carvalho	Nasceu em 1931, em Riachos, trabalhou na agricultura e fez a 4 <sup>a</sup> classe já com 21 anos. Tem sido colaborador assíduo do jornal <i>O Riachense</i> com crónicas do quotidiano rural. O município de Torres Novas publicou em 1999, uma compilação de uma selecção de crónicas publicadas nesse periódico entre 1980 e 1998.
Manuel Simões Pinho	Nascido em Riachos em 7 de Novembro de 1900, Manuel Pinho foi funcionário da câmara municipal de Torres Novas, durante cerca de três décadas. Era apaixonado por fotografia e pela rádio. Foi colaborador assíduo do jornal <i>O Almonda</i> , onde escrevia sobre a história de Torres Novas e curiosidades várias relacionadas com a cultura popular local.
Marco Pires	Nasceu em 1961, na freguesia de Pousos, Leiria. É licenciado em História (com pós-graduação em Ciências da Educação). O trabalho que publicou através do Município de Torres Novas, em 1999 (A confraria medieval de Alcorochel), foi efectuado no âmbito da sua licenciatura.
Margarida Moleiro	Licenciada em História, Margarida Moleiro (n. 1982) é técnica superior de História do município de Torres Novas, onde exerce funções no Gabinete de Estudos e Planeamento Editorial. Tem publicado, no âmbito do seu trabalho no GEPE, vários estudos de história local. Colabora, pontualmente, como cronista do <i>Jornal Torrejano</i> .
Margarida Trindade	Licenciada em História, Margarida Trindade (n. 1972) é técnica superior de História do município de Torres Novas, onde exerce funções na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. Publicou alguns trabalhos na revista <i>Nova Augusta</i> , no âmbito da história local, e foi a responsável pela publicação do tomo das confrarias medievais de Torres Novas.
Maria da Conceição de Carvalho Geada e Maria Isabel de Carvalho Geada	Ambas naturais de Pedrógão, as irmãs Geada têm-se dedicado a estudar a história da freguesia e as associações sociais e recreativas pedreguenses.
Maria Lamas	Embora os seus trabalhos nunca tenham sido publicados em Torres Novas, Maria Lamas (n. 1893) é a escritora torrejana mais conhecida a nível nacional quer pelas suas obras de cariz literário, quer pela sua acção política pelos direitos das mulheres em Portugal. Jornalista, conferencista e autora de romances e histórias infantis, Maria Lamas legou-nos vasta obra, publicada entre os anos 20 e meados dos anos 70, do século XX. Morreu em 1983, no dia 6 de Dezembro.
Maria Lúcia Namorado	Nascida em 1909, em Torres Novas, foi autora de vasta obra literária para crianças, publicada entre 1966 e meados dos anos 80. Foi colaboradora de revistas e jornais de cariz pedagógico e doméstico. Em Torres Novas, esteve na origem da criação do Jardim-Escola João de Deus. As suas obras nunca foram publicadas em Torres Novas.
Maria Zableta	Maria Adelaide Ferreira Rodrigues (n. 1934) reside em Torres Novas já há várias décadas, mas é natural de Alcanena. Poetisa local, colabora regularmente nos jornais <i>O Almonda</i> e <i>Alviela</i> .
Mário Martins	Nascido em 17 de Fevereiro de 1908, em Zibreira – Torres Novas, tornou-se jesuíta em 1928, tendo cursado Filosofia e Teologia. Consagrou-se ao estudo da literatura medieval. Foi membro fundador do Centro de Estudos de História Eclesiástica. Deixou vasta produção literária, em livros e revistas, no entanto, nunca publicou nenhum dos seus estudos em Torres Novas. Faleceu em Lisboa, a 30 de Junho de 1990.
Messias Martinho de Oliveira	Natural de Sabugueiro (n. 1947), este professor de filosofia passa a residir em Torres Novas em meados dos anos 70, em virtude da sua condição de docente. Desde então, tem colaborado nos jornais locais com artigos que versam os temas da literatura e de análise da sociedade.
Miguel Sentieiro	Professor natural de Torres Novas, é colaborador assíduo do <i>Jornal Torrejano</i> , tendo publicado já em livro as suas crónicas e participado na obra colectiva <i>Quando os jacarandás da praça....</i>



Paulo Renato Ermitão Gregório	Nasceu em Meia Via, concelho de Torres Novas, em 1962. Licenciou-se em História e Ciências Sociais (ensino de) pela Universidade dos Açores. É professor, mas actualmente exerce o cargo de director do agrupamento de escolas Gil Pais. O Município de Torres Novas publicou em 2003 a sua dissertação de mestrado dedicada à igreja da Misericórdia de Torres Novas.
Rafael Duque	Nascido em Torres Novas (Mata), a 3 de Fevereiro, ministro da Agricultura
Ricardo Varela Raimundo	Natural de Lisboa (n. 1981), Ricardo Raimundo é licenciado em História e mestre em História Moderna. Actualmente é doutorando em História Moderna na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, bolseiro da FCT e investigador colaborador em vários projectos no âmbito da História. Tem publicado, anualmente, na revista <i>Nova Augusta</i> , estudos diversos da história local, tendo publicado a sua tese de mestrado com a chancela editorial do município de Torres Novas.

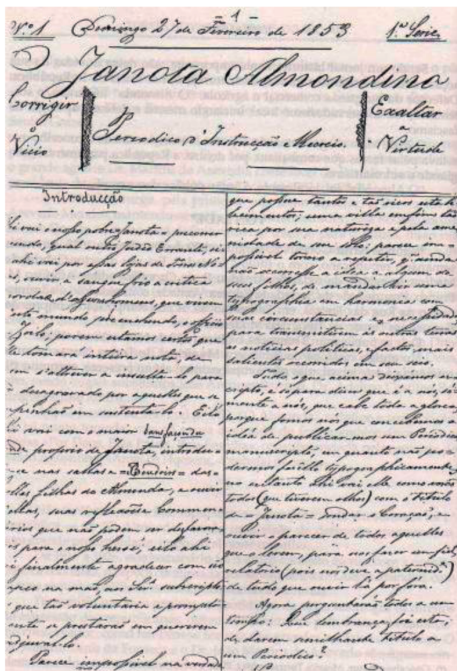




**ANEXO**  
**(Álbum de imagens)**



**Capas dos jornais publicados no concelho de  
Torres Novas desde 1853**



O Janota Almondino (publicado de 27-02-1853 a 10-04-1853) [Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



O Eco Torrejano (publicado de 12-01-1868 a 29-03-1868) [Biblioteca Nacional de Portugal]



*Jornal Torrejano* (publicado de 09-10-1884 a 16-05-1915; desde 1994 existe um jornal com o mesmo título, mas diferente linha editorial) [Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



*Serpa Pinto* (publicado em 09-02-1890 – número único?) [Biblioteca Nacional de Portugal]





*A Renascença* (publicado em duas fases: 20-07-1893/29-04-1894 e 23-06-1929 e 05-04-1931) [Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



*O Imparcial* (após o 1.º ano de publicação muda de nome para *O Realista*. Publicado de 24-11-1899 a 14-07-1901) [Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]





*Jornal de Torres Novas* (publicado em 1904)

[esta fotografia pertence ao arquivo privado de António Mário Lopes dos Santos; existe um exemplar do jornal no Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



*O Povo de Alcanena* (publicado em duas séries: 22-04-1906/13-02-1908 e 30-05-1908 e 13-12-1908) [Biblioteca Nacional de Portugal]





O Comércio de Torres Novas (publicado de 15-11-1907 a 03-03-1909)  
[Biblioteca Nacional de Portugal]



O Almonda (publicado em duas fases: 06-02-1907/04-1908 e 24-11-1918 até hoje)  
[Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]







O Riachense (publicado em duas séries: 01-01-1908/16-12-1909 e 16-03-1978 até hoje) [Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



A Era Nova (publicado de 05-04-1908 a 17-10-1908) [Biblioteca Nacional de Portugal]











*O Binóculo* (publicado de 02-04-1914 a 30-06-1914)  
[Biblioteca Nacional de Portugal]



*O Torrejano* (publicado de 26-12-1915 a 10-02-1918)  
[Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]







*A Mocidade* (publicado de 09-03-1930 a 22-06-1930)  
[Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]



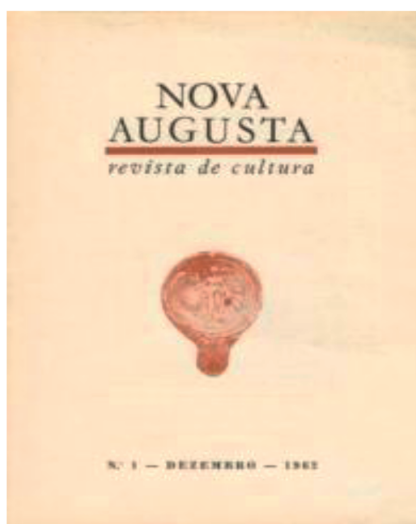
*A Forja* (publicado de 26-04-1976 até 1982)  
[Arquivo Histórico Municipal de Torres Novas]

#### NOTAS:

1. Não encontramos nenhum exemplar dos jornais *A Monarquia* e *A Vontade* (referidos quadro apresentado no corpo do texto, p.35), nem imagens dos mesmos, apenas referências à sua existência nas fontes e bibliografia consultadas.
2. As imagens que aqui reproduzimos foram retiradas das seguintes publicações: *Nova Augusta*, n.º 5. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1991, pp. 68-84 e *Torres Novas nos finais do século XIX. Subsídios históricos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1994, pp.86-109.

**Capas das revistas *Nova Augusta*  
(do número 1 ao número 22  
+ Número comemorativo dos  
100 anos da implantação da República)**

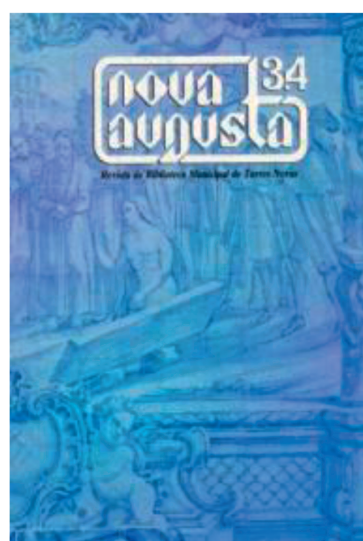
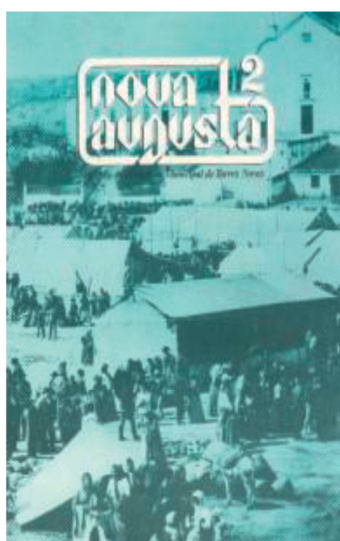
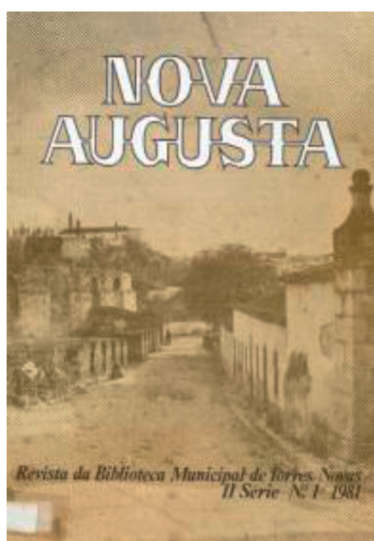




*Nova Augusta* n.º 1, série I, 1962



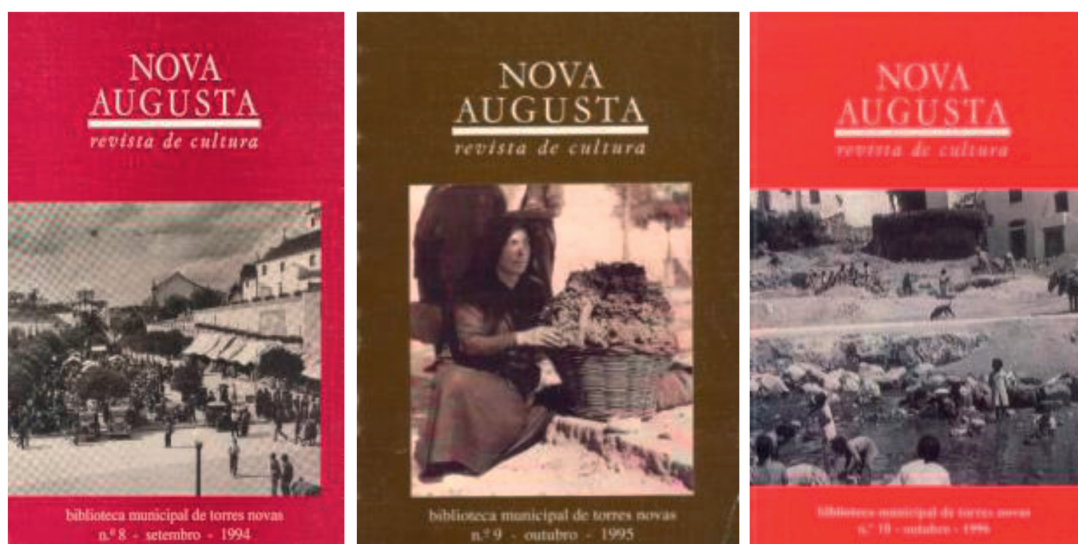
*Nova Augusta* n.º 2, série I, 1963



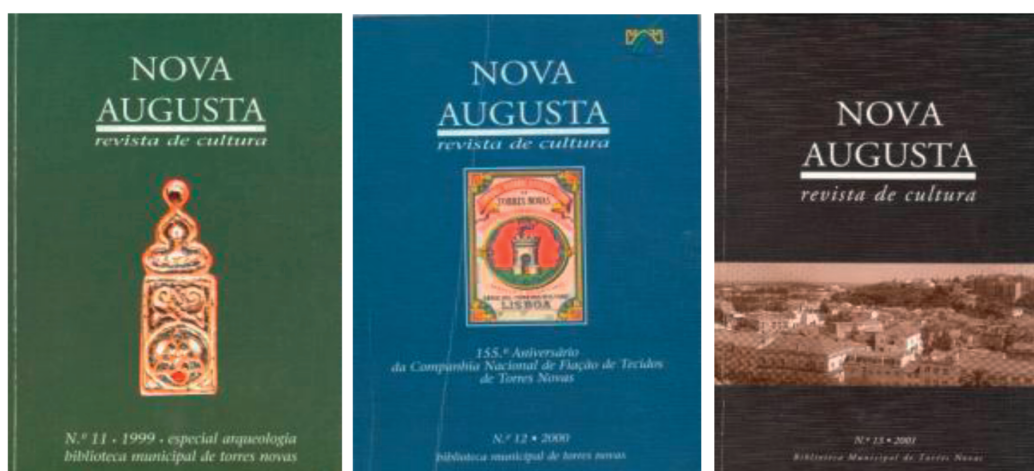
*Nova Augusta* n.ºs 1 (1981), 2 (1982) e 3-4 (1984) da II série



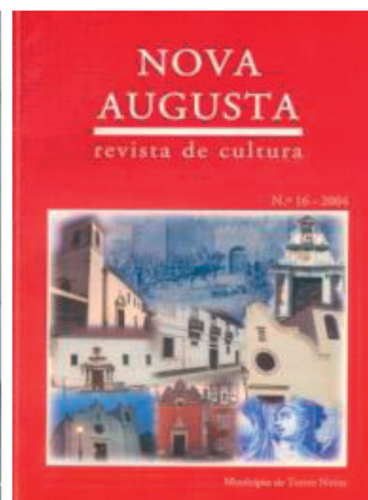
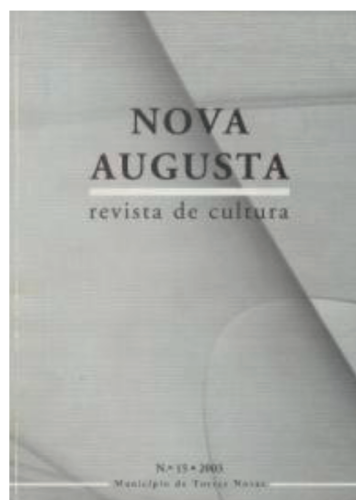
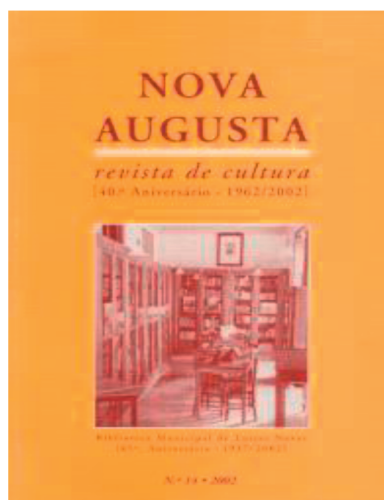
*Nova Augusta* n.ºs 5 (1991), 6 (1992) e 7 (1993) da II série



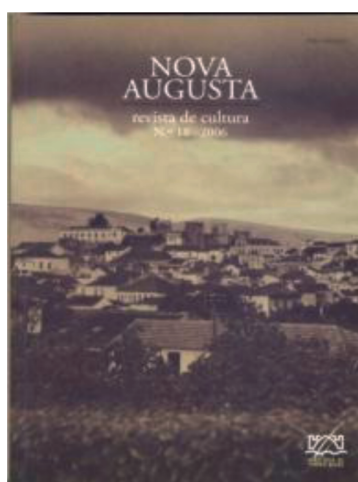
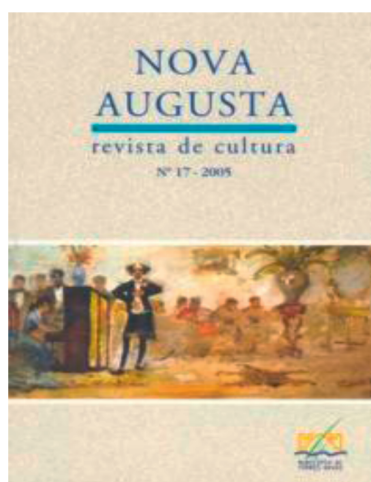
*Nova Augusta* n.ºs 8 (1994), 9 (1995) e 10 (1996) da II série



*Nova Augusta* n.ºs 11 (1999), 12 (2000) e 13 (2001) da II série

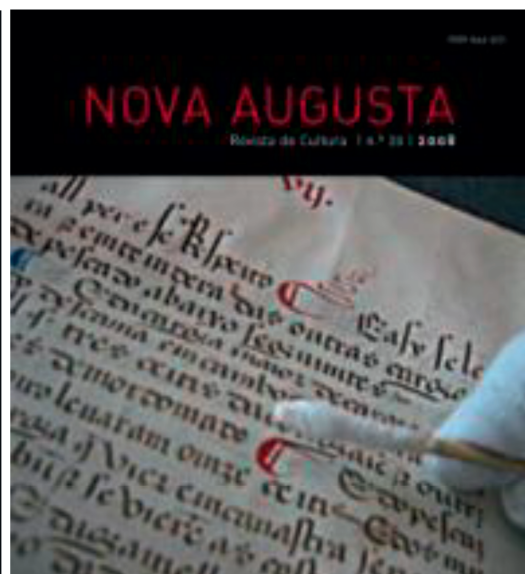
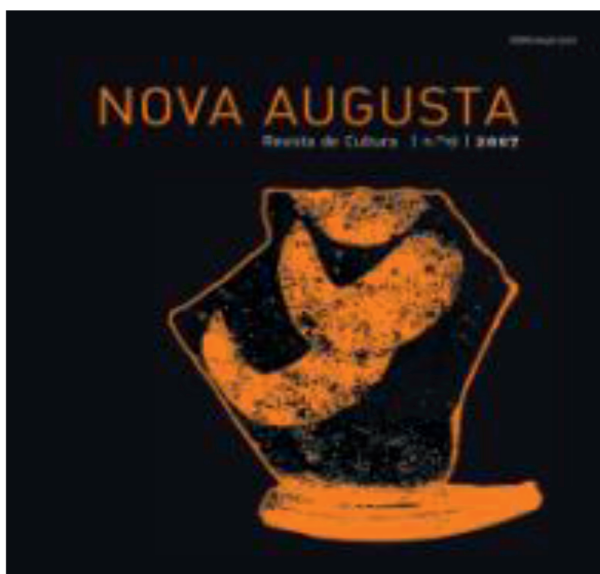


*Nova Augusta* n.ºs 14 (2002), 15 (2003) e 16 (2004) da II série

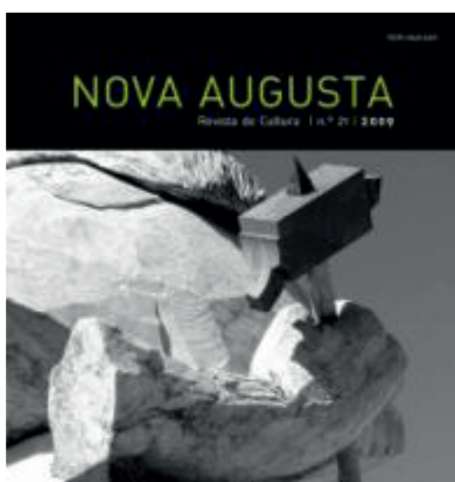


*Nova Augusta* n.ºs 17 (2005) e 18 (2006)





*Nova Augusta* n.ºs 19 (2007) e 20 (2008)



*Nova Augusta* n.º 21 (2009)

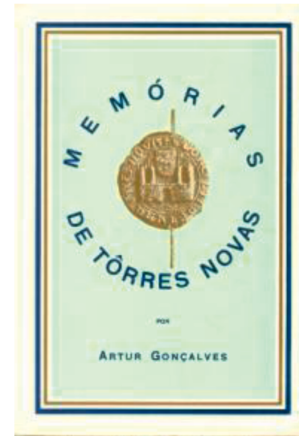


*Nova Augusta* n.º 22 (2010) e *Nova Augusta* – edição comemorativa dos 100 anos da implantação da República Portuguesa (2010)

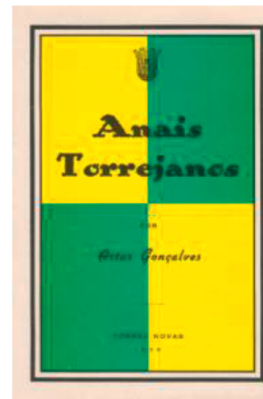
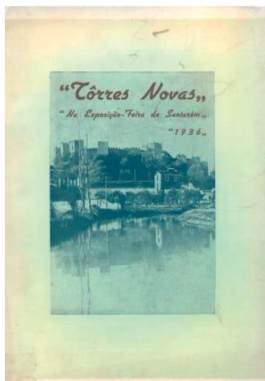
---

NOTA: As imagens que aqui reproduzimos foram, na sua maioria, reproduzidas a partir do catálogo da revista *Nova Augusta*, publicado no *site* do Município de Torres Novas  
[disponível on-line em <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/servicosmunicipais/Gepe/catalogonovaaugusta/>]

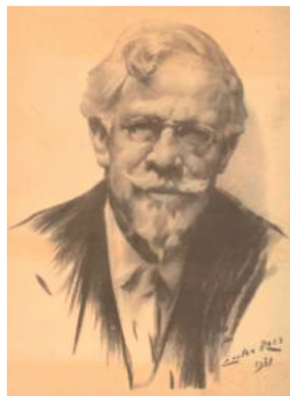
**Capas dos livros editados pela  
Câmara Municipal de Torres Novas  
(de 1933 a 2010)**



*Torrejanos ilustres*, 1933 (16x23cm) | *Mosaico torrejano*, 1936 (16x23cm) | *Memórias de Torres Novas*, 1937 (16x23cm)

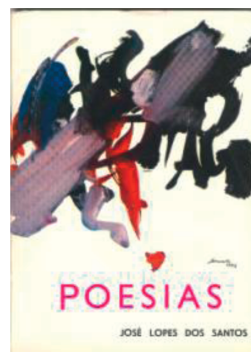


*Torres Novas na Exposição-Feira de Santarém*, 1937 (29x23 cm) | *Torres Novas. Subsídios para a sua história*, 1935 (16x23 cm) | *Anais torrejanos*, 1939 (16x23cm)

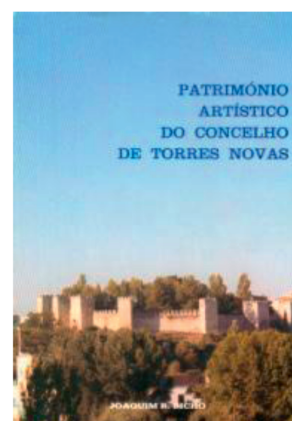


*Torres Novas ontem e hoje*, 1942 (15x21cm) | *Carlos Reis*, 1942 (23x30cm)

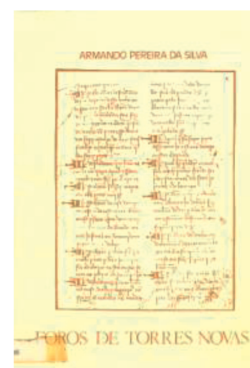




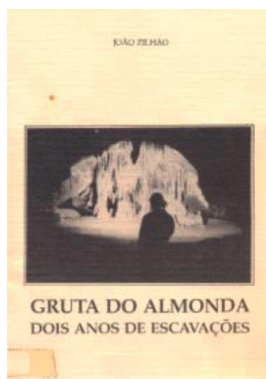
*Torres Novas. História, Arte e Turismo*, 1972 (15x20,5cm) | *Poesias*, 1972 (12,5x17,5cm)



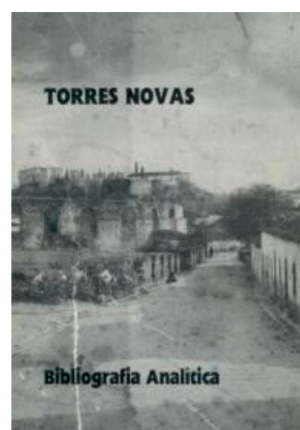
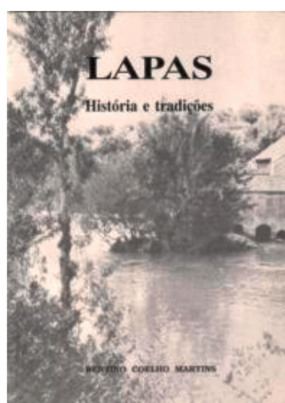
*Lira íntima*, 1982 (15x21cm) | *A centenária filarmónica torrejana* (15x21cm) | *Património artístico do concelho* (1.<sup>a</sup> ed.), 1987 (15x21cm)



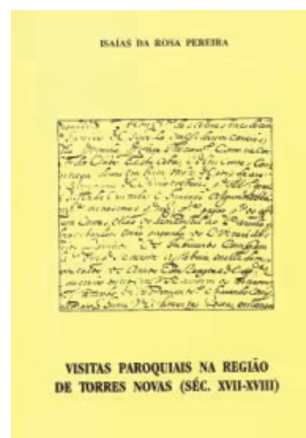
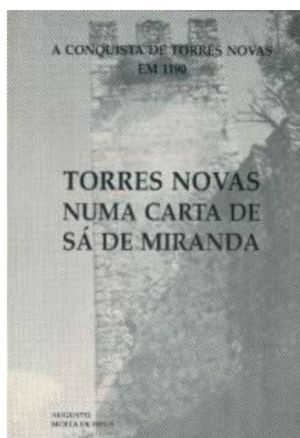
*Roteiro do concelho*, 1987 (17x27cm) | *Foral de Torres Novas 1190*, 1990 (22x31cm) | *Foros de Torres Novas*, 1990 (15x21cm)



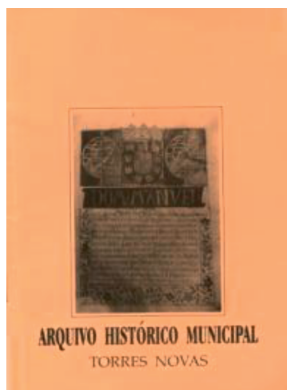
*Gruta do Almonda, dois anos de escavações*, 1990 (15x21cm) | *Torres Novas Ontem*, 1990 (30,5x24cm) | *Alcorochel, usos e tradições*, 1991 (15x21cm)



*Lapas. História e tradições*, 1991 (14,5x20,5cm) | *O berço da memória*, 1991 (22x24cm) | *Torres Novas. Bibliografia analítica*, 1991 (15x21cm)



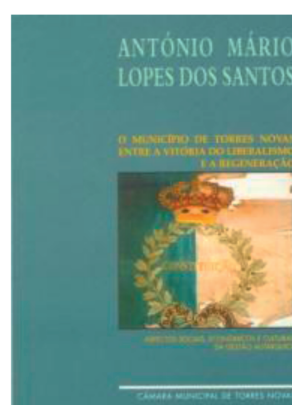
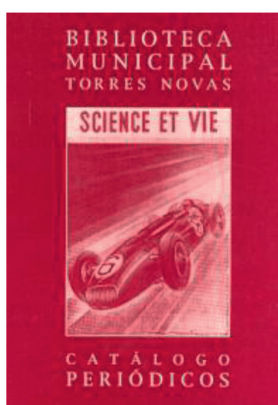
*Torres Novas numa carta de Sá de Miranda*, 1991 (15x21cm) | *Pinceladas torrejanas*, 1992 – 1.<sup>a</sup> ed. (14,5x21cm) | *Visitas paroquiais na região de Torres Novas*, 1992 (15x21cm)



*Arquivo histórico municipal, 1993 (15x21cm) | Pedrógão d'Aire e Carlos Reis, 1993 (15x21cm) | Riachos, rostos da terra, 1993 (30,5x23cm)*

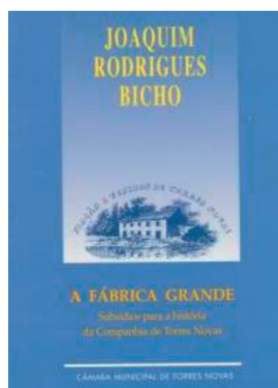
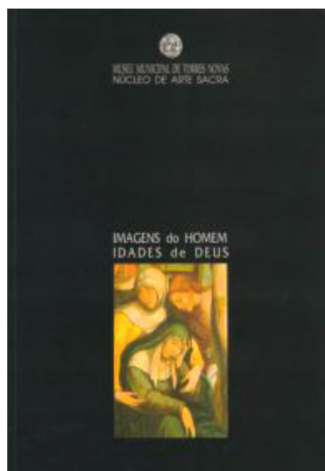


*Alcorochel de outros tempos, 1994 (22x24cm) | Brasões do município, 1994 (11x15cm) | Canções da liberdade, 1994 (20,5x30cm)*

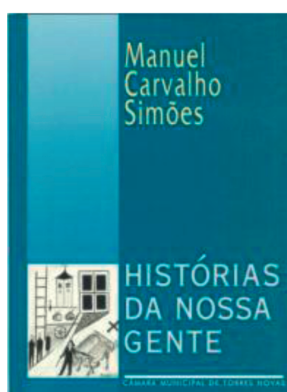


*Catálogo de periódicos, 1994 (15x21cm) | Torres Novas nos finais do séc. XIX, 1994 (15 x21cm) | O município de Torres Novas entre a vitória do Liberalismo e a Regeneração, 1996 (15x21cm)*

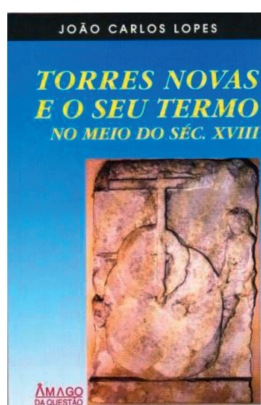




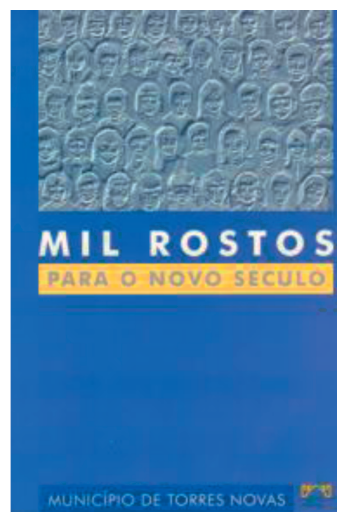
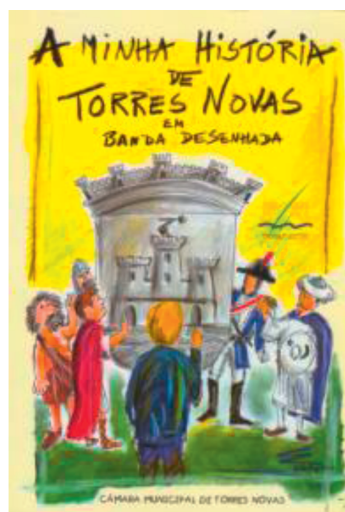
*Imagens do homem, idades de Deus*, 1996 (21x30cm) | *A Fábrica Grande*, 1997 (15x20,5cm) | *As últimas tabernas*, 1997 (16x29,5cm)



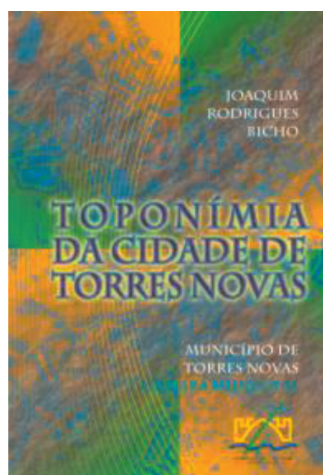
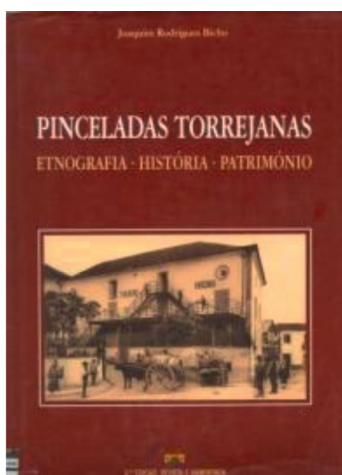
*Histórias da nossa gente*, 1998 (15x25cm) | *A confraria medieval de Alcorochel*, 1999 (15x21cm) | *Histórias azuis e verdes do bunhal*, 1999 (14,5x20,5cm)



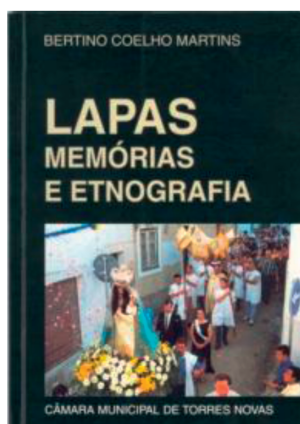
*Torrejanos de vulto*, 1999 (15x20,5cm) | *A bênção do gado no concelho de Torres Novas*, 2000



*A mãe sob a última tamareira...*, 2000 (20x25cm) | *A minha História de Torres Novas em Banda Desenhada*, 2000 (20x29cm) | *Mil Rostos para o Novo Século*, 2000 (21x30cm)



*Pinceladas torrejanas*, 2000 (22x31cm) | *Toponímia da cidade de Torres Novas*, 2000 (21x30cm) | *Torres Novas Memórias da história – roteiro*, 2000 (17x25cm)



*Confrarias Medievais da Região de Torres Novas...*, 2001 (15x21cm) | *Lapas, memórias e etnografia*, 2001 (14x20,5cm) | *Actriz Virgínia – biografia*, 2002 (14,5x20,5cm)

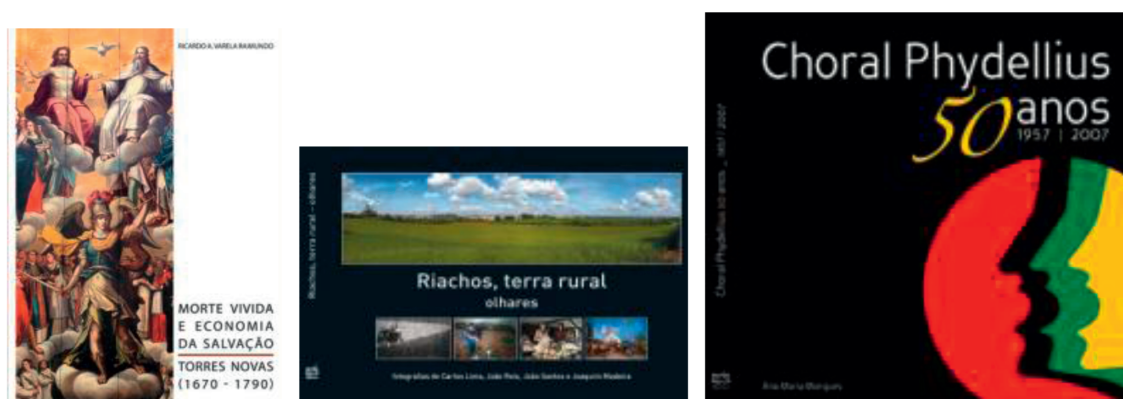




*Sociedade Velha Filarmônica Riachense - 120 anos*, 2004 (25x23cm) | *Torres Novas, mudanças do século*, 2004 (23x25cm) | *Árgea, história e património*, 2005 (17x24)



*Colectânea de Textos de Autores Torrejanos (séculos XV-XX)*, 2006 (16x23cm) | *Humberto Delgado, um exemplo que o crime não apaga*, 2006 (15,5x21cm) | *Torres Novas, memória e costumes 1936-1950*, 2006 (25 x 22cm)



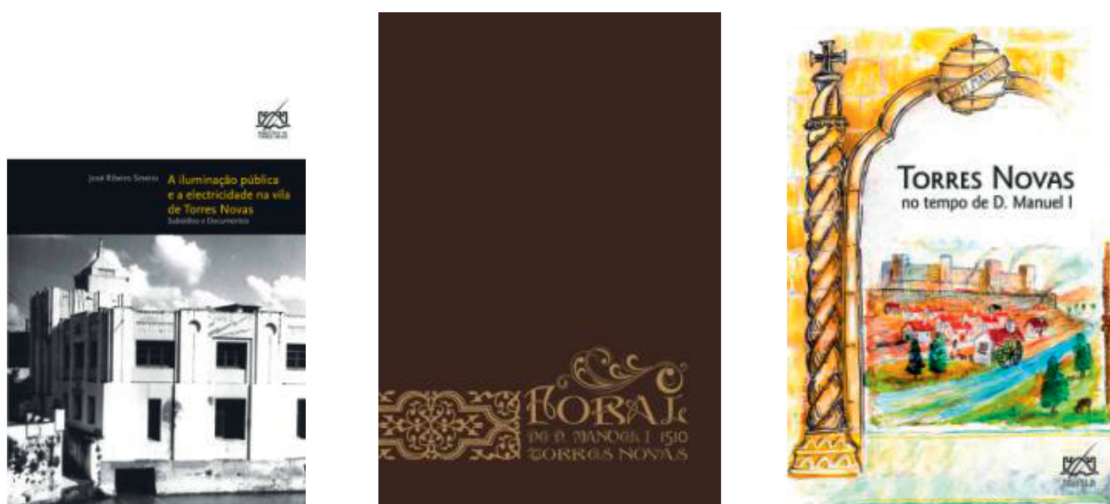
*Morte Viva e Economia da Salvação em Torres Novas (1670-1790)*, 2007 (17 x 24cm) | *Riachos terra rural. Olhares*, 2007 (16x 24,5cm) | *Choral Phydellius – 50 anos*, 2008 (28 x 27)



*Rancho Folclórico “Os Camponeses” de Riachos, 2008 (23x16cm) | Torres Novas, 2008 (32 x 23,5cm) | Biblioteca Municipal de Torres Novas (1937-2008), 2008 (22x24cm)*



*A minha história da Biblioteca em BD, 2008 (20x29cm) | Para a história do movimento operário em Torres Novas, 2009 (16x23cm) | Aventura na biblioteca, 2009 (18,5x22cm)*

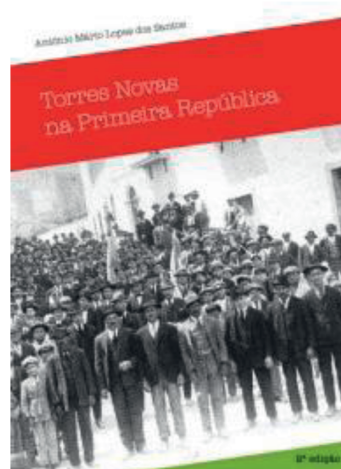
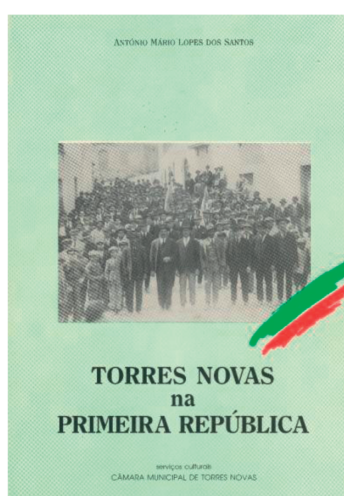


*A iluminação pública e a electricidade na vila de Torres Novas. Subsídios e documentos, 2010 (17x24cm) | Foral de D. Manuel I – 1510 – Torres Novas, 2010 (20,5x30cm) | Torres Novas no tempo de D. Manuel I, 2010 (20x29cm)*





*O Século da Praça*, 2010 (25x21cm) | *Crónicas torrejanas 1*, 2010 (12 x17cm) | *Rancho Folclórico de Torres Novas. Memorial. 1958-2008*, 2010 (16x23 cm)



*Torres Novas na Primeira República*, 1.<sup>a</sup> edição – 1992 (15x21cm) e 2.<sup>a</sup> edição – 2010 (15x21cm)

Colecção Estudos e Documentos (n.ºs 1-8, 2005-2009)



NOTA: As imagens que aqui reproduzimos foram, na sua maioria, reproduzidas a partir do catálogo das edições municipais, publicado no [site](http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/servicosmunicipais/Gepe/catalogoedicoes/) do Município de Torres Novas [disponível on-line em <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/servicosmunicipais/Gepe/catalogoedicoes/>]

